

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
CAMPUS BAURU**

Fábio Bordignon

**“VENHA CÁ” E COMECE A ENSINAR MATEMÁTICA: UMA
HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA REGIÃO DE
BARREIRAS/BA.**

**Bauru
2016**

Fábio Bordignon

**“VENHA CÁ” E COMECE A ENSINAR MATEMÁTICA: UMA
HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA REGIÃO DE
BARREIRAS/BA.**

Dissertação apresentada a FC/Unesp-Bauru
como parte dos requisitos para obtenção do
título de mestre em Educação para Ciência
junto ao Programa de Pós-Graduação em
Educação para Ciência – Área de
concentração em Ensino de Ciências e
Matemática.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Ednéia
Martins Salandim.

Bauru
2016

Bordignon, Fábio.

"Venha Cá" e comece a ensinar matemática : uma história da formação de professores na região de Barreiras-BA / Fábio Bordignon, 2016
212 f. : il.

Orientadora: Maria Ednéia Martins Salandim

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual

Paulista. Faculdade de Ciência, Bauru, 2016

1. Formação de professores. 2. História oral.
3. Legislação educacional. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciência. II. Título.

Comissão avaliadora.

**Prof^ª. Dra. Maria Ednéia Martins Salandim (UNESP/Bauru)
(orientadora)**

Prof^ª. Dra. Déa Nunes Fernandes (IFMA/ Campus Monte Castelo)

Prof^ª. Dra. Ivete Maria Baraldi (UNESP/ Bauru e Rio Claro)

Resultado: APROVADO.

Bauru, 23 de Fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIAS.

A Deus e aos guias espirituais, as forças que sempre me amparam nos momentos bons e ruins da minha vida.

Aos meus pais Gani Matos Bordignon e Celso Bordignon.

A Prof^a Dra. Maria Edneia Martins-Salandim pela orientação, incentivos, cobranças e principalmente pela liberdade criativa na elaboração dessa dissertação, o que considerei fundamental no meu processo de formação como pesquisador.

Ao Prof. Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica por ter feito o convite para que eu viesse fazer a seleção no programa de Educação para Ciência.

Aos membros da banca de qualificação Déa Nunes Fernandes, Ivete Maria Baraldi e Diogo Franco Rios pela leitura do texto e pelas sugestões que ajudaram na qualificação deste trabalho.

Aos depoentes que colaboraram com as entrevistas Alzerita Gomes Dias da Silva, Ana Maria Porto Nascimento, Avany Andrade Porto, Elena Maria Brentano, Édula Fernandes Lima, Ida Rabello Coité Leite e Maria Perpétua Carvalho da Silva.

Aos amigos e familiares que mesmo à distância me apoiaram e torceram pelo êxito deste trabalho. Em especial a minha avó Teresinha Bordignon, minha irmã Fabielle Bordignon.

Aos novos amigos que conheci em Bauru: Matheus, Dani, Douglas, Elieverson, Kristopher, Ralph, Moacir e Neves.

Aos membros do GHOEM- Bauru: Leandro, Kátia, Maria Eliza, Rose, Reinaldo, Estela, Letícia, Andressa, Priscila, Maria Edneia e Vicente (de novo!) pelos momentos de estudo.

Aos demais membros do GHOEM, amigos espalhados pelo Brasil e que a cada encontro é sempre uma oportunidade de trocarmos experiências e confraternizarmos seja em Bauru, Rio Claro, Bélem, ... (em outros locais de congressos).

A Eliana Gomes de Oliveira pelo apoio e principalmente pela disponibilidade para me auxiliar enviando materiais de pesquisa pelo correio.

A todos os meus professores desde a pré-escola até a Pós-Graduação pelos ensinamentos. Em especial, aos professores dessa última fase da minha instrução: Nelson Antônio Pirola, Marcelo Carbone Carneiro, Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis, Wilson Massashiro Yonezawa e novamente a Maria Ednéia Martins Salandim e Antônio Vicente Marafioti Garnica e a professora Laís Parolin Ceccatto pela revisão do texto.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência da UNESP/Bauru. Em especial, a Denise Felipe pela presteza para auxiliar os alunos do programa.

Aos meus amigos/companheiros de trabalho do IFBA- Barreiras. Em especial, aos professores, Anderson Almeida; Neiva Pereira; Samara Pires Farias; Jean Coutinho (BBMP); Gabriel Melo pelas mensagens de apoio enviadas durante meu afastamento e Anderson Pignata Dias Macêdo por ter cedido gentilmente as fotos do acervo de seu avô.

A Direção do IFBA-Barreiras, por ter concedido o afastamento para capacitação. Em especial a DÍciola Figueiredo de Andrade Baqueiro, Maria Conceição Santos e Maria Perpétua Carvalho da Silva.

Aos meus alunos que este trabalho inspire-os na busca pela realização dos sonhos.

Run, rabbit run ¹
Dig that hole, forget the sun
And when at last the work is done
Don't sit down
It's time to dig another one

Trecho de Breathe – Pink Floyd.

¹ Corra, coelho corra
Cave aquele buraco, esqueça o sol
E quando afinal o trabalho estiver feito.
Não se acomode,
É hora de cavar outro.

RESUMO

A presente dissertação conta uma história sobre a formação de professores de Matemática na região de Barreiras-Bahia, antes da institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática, o que vem ocorrendo a partir de 2006. Mobilizando a metodologia da História Oral, foram entrevistadas sete professoras que atuaram e vêm atuando na região desde 1959. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas, textualizadas e autorizadas pelas depoentes, seguindo-se procedimentos já validados pelo grupo de pesquisa GHOEM, que vem empreendendo um trabalho de mapeamento da formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil. Este trabalho é o primeiro dentro do grupo a estudar uma região da Bahia. A partir dos depoimentos dados, foi realizada uma análise narrativa de narrativas, compondo-se outra narração com base nas narrativas dos principais pontos relatados pelas entrevistadas. Nessa narração, destaca-se a história da cidade a partir do surgimento das instituições de ensino, a atuação dos cursos da Escola Normal e, posteriormente, dos cursos de Magistério como formação inicial dessas professoras. Nesta, também se evidencia o fato de que, por conta da falta de professores que ensinassem Matemática, os professores eram capacitados para atuar com a disciplina, substituindo-se a Licenciatura e promovendo-se a adequação aos requisitos da legislação educacional vigente. Por fim, a narrativa ressalta quais foram os cursos, com destaque aos Estudos Adicionais e cursos de treinamento promovidos pela Secretaria Estadual de Educação e outros órgãos públicos. Este trabalho possibilitou compreender os caminhos da formação de professores de Matemática no interior do Brasil, os quais acabaram substituindo os cursos de Licenciatura na área.

Palavras-chave: Formação de Professores, História Oral, Legislação Educacional

ABSTRACT

This research tells a story about the training of mathematics teachers in the region of Barreiras, in the state of Bahia, Brazil, before the institutionalization of Degree courses in Mathematics, which has been taking place since 2006. According to the methodology of Oral History, we have interviewed seven female mathematics teachers who have worked and have been working in the region since 1959. These interviews were recorded, transcribed, textualized and approved by the interviewees. For that, we followed the procedures already validated by GHOEM research group, which has undertaken work to map the training and performance of mathematics teachers in Brazil. This research is the first work to study a region of Bahia in the group. From the given statements, a narrative analysis of narratives was carried out. It consisted of composing another narration based on the narratives of the main facts reported by all interviewees. This narrative presents the city's history from the emergence of educational institutions, the performance of the Normal School courses and Teaching courses later, as initial training of these teachers. Due to lack of teachers to teach Mathematics in the region, the narrative also points out that teachers were trained to act in the discipline, replacing Degree and promoting adaptation to the requirements of the current educational legislation. Finally, it shows which these courses were, especially the Additional Studies and the training courses organized by the local State Board of Education and other public bodies. This work enabled us to understand the paths of mathematics teachers' training in Brazil's countryside, which ended up replacing Degree courses in the area.

Keywords: Teacher Training, Oral History, Educational Legislation

Lista de ilustrações.

Figura 1: Estado da Bahia em relação ao Brasil.

Figura 2: Oeste da Bahia.

Figura 3: Vista área de Barreiras e dos rios.

Figura 4: Municípios da região de Barreiras

Figura 5: Cachoeiras de Barreiras – cachoeira do redondo.

Figura 6: Layout do aplicativo oTranscribe.

Figura 8: Desenho do Mapa da cidade feito durante a entrevista.

Figura 9: Primeira turma do Ginásio Padre Vieira.

Figura 10: Cidade de Barreiras na década 1940.

Figura 11: Professor José Seabra de Lemos.

Figura 12: Mapa de Brasília em relação a Barreiras.

Lista de tabelas

Tabela 1: Dados sobre escolas, matrículas e quantidade de professores por nível de ensino (Fundamental e Médio) na região de Barreiras.

Tabela 2: Rede Estadual – Número de docentes contratados segundo formação detectada.

Tabela 3: Currículo da Escola Normal pela Lei Orgânica de 1946 e da Escola Normal de Barreiras (anexo 2).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	APRESENTAÇÕES.....	16
2.1	Apresentando o pesquisador.....	16
2.2	Apresentando a região de Barreiras.....	20
2.3	Contextualizando a pesquisa	26
3	OUVI DIZER...E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	29
4	TEXTUALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	43
4.1	Professora Elena Maria Brentano.....	43
4.2	Professora Ana Maria Porto Nascimento	73
4.3	Professora Alzerita Gomes Dias da Silva	88
4.4	Professora Ida Rabello Coité Leite	110
4.5	Professora Maria Perpétua Carvalho da Silva	125
4.6	Professora Édula Fernandes Lima	140
4.7	Professora Avany Andrade Porto	148
5	“VENHA CÁ” E COMECE A ENSINAR MATEMÁTICA: UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA REGIÃO DE BARREIRAS.....	153
5.1	Barreiras: uma história do lugar e das instituições de ensino	153
5.2	Escola Normal, Magistério, Ensino Técnico e Ensino Superior: Caminhos na história da formação de professores na região de Barreiras.....	170
5.3	Os cursos de formação para professores de matemática: Das adequações aos requisitos legais para o exercício da docência até os cursos de Licenciatura	184
6	Palavras finais (por hora).....	195
	Referências.....	199
	Anexos	205
	Anexo 1: Cartas de Cessão	205
	Anexo 2: Histórico Escolar da Escola Normal de Barreiras.....	212

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa de mestrado surgiu a partir das experiências que vivenciei ao atuar como professor no Instituto Federal da Bahia (IFBA), *campus* Barreiras, a partir de 2009. Durante os primeiros anos na instituição, comecei a pensar nas possibilidades para a continuidade dos estudos na pós-graduação, pois havia parado meus estudos em um curso de especialização, concluído no ano de 2008. As experiências vivenciadas nos conduziram a pensar sobre a história da formação dos professores que ensinavam Matemática na região, tema que desenvolveremos nesta dissertação.

No Capítulo 1 fazemos as seguintes apresentações: do pesquisador, da região e da questão de pesquisa. Consideramos essas ideias interessantes, pois representam um conjunto de experiências desde a prática profissional na cidade de Curitiba-PR até Bauru-SP e, como esse movimento está presente na trajetória do pesquisador, mostra o caminho dessas viagens pelo universo da pesquisa, as tentativas, o ajuste de ideias. Na sequência, apresentamos dados mais técnicos sobre a região com o auxílio de mapas e imagens que informam o leitor sobre ela, a qual apresenta inúmeros aspectos além do agronegócio — principal fator da explosão demográfica e crescimento econômico da região de Barreiras. Tecnicamente, a região recebe o nome de território de identidade da Bacia do Rio Grande, conforme classificação proposta pelo anuário estatístico da Bahia. Falar de Barreiras é falar de toda uma região que tem nessa cidade o polo econômico e o do setor de serviços. Por fim, apresentamos nessa seção a questão de pesquisa, que é estudar sobre a formação dos professores de Matemática na região de Barreiras, antes da institucionalização dos cursos de Licenciatura, que teve início há uma década (2006). Além desse estudo, a proposta é averiguar como esta pesquisa se insere em um grande projeto desenvolvido pelo Grupo História Oral e Educação Matemática² (GHOEM), para mapear a formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil.

No Capítulo 2 trazemos as concepções metodológicas deste trabalho, caracterizadas por uma metodologia que ocorre em trajetória, a qual não separa os métodos mobilizados dos fundamentos teóricos e que ocorrem ao longo de toda a pesquisa. Mobilizando a história oral, entrevistamos sete professoras que atuaram no

² Grupo de pesquisa constituído no ano de 2002, que reúne pesquisadores de diversas universidades do Brasil. Um dos projetos desse grupo é mapear a formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil, projeto no qual inserimos esta pesquisa.

ensino de Matemática na região, antes de ali existirem os cursos de Licenciatura e, a partir desses depoimentos, constituímos uma narrativa sobre a formação dos professores de Matemática naquele período.

No Capítulo 3 trazemos as sete entrevistas textualizadas e validadas pelas professoras, e esse material é a base para a nossa análise, que ocorre no capítulo seguinte.

No Capítulo 4 escrevemos essa análise narrativa que, com base nos depoimentos e da literatura mobilizada e da identificação de temas que chamaram nossa atenção, permitiu-nos narrar este relato, tematizando a história da cidade a partir do surgimento de instituições de ensino. Tal narrativa conta sobre a primeira escola que ofereceu na região o curso ginásial, local onde estudaram três de nossas entrevistadas. Conta também que tal instituição representou um marco na formação dos alunos da região por mais de 50 anos, até chegar às instituições de ensino técnico e superior, que foram importantes para formar os professores antes dos cursos de licenciatura. Outro tema que aparece é o papel dos cursos de Escola Normal/Magistério, pois todas as entrevistadas são egressas desses cursos, na formação de professores na região. Da mesma forma, procuramos analisar como isso se faz presente de forma marcante na formação de professores no Brasil, mobilizando referências da história da educação brasileira e de alguns trabalhos concluídos dentro do projeto do mapeamento. Por fim, na ausência da licenciatura, procuramos identificar quais cursos foram realizados pelos professores para se adequarem aos requisitos legais dispostos pelas leis educacionais brasileiras, desde 1946, como a Lei Orgânica do Ensino Normal até a última, Lei de Diretrizes e Bases – LDB, que data de 1996. Destacamos aqui o papel dos cursos de estudos adicionais, treinamentos oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação, um curso de aperfeiçoamento promovido pelo CEFET-BA, logo após a chegada dessa instituição na cidade, e dos cursos oferecidos pelo Projeto Rondon.

A escolha do título do Capítulo 4 vem de uma provocação feita pela orientadora professora Dra. Maria Ednéia, que sugeriu que pensássemos em um jogo de palavras para escrever como título do respectivo capítulo, quiçá como título da dissertação. Assim, pensei em uma expressão típica de algumas regiões da Bahia — “venha cá” — muito utilizada quando queremos que alguém nos conte alguma coisa. Dessa forma, nomeamos o capítulo como “Venha cá e comece a ensinar Matemática!”, para marcar esse processo que foi sucedido pela adequação aos requisitos legais. Após a defesa pública, a banca sugeriu que esse título fosse utilizado para a versão final do trabalho,

fazendo referências às expressões utilizadas pelo povo local para determinar atos e locais.

Esclarecemos aos leitores o uso de vozes, ora na 1ª pessoa do singular, ora na 1ª pessoa do plural: para narrar acontecimentos pessoais do pesquisador, foi utilizada a voz no singular e, quando se trata de orientações, foi usada a voz no plural.

Em Palavras Finais retomamos nossas questões de pesquisa e refletimos sobre possibilidades de pesquisas futuras por temas disparados por esta dissertação.

2 APRESENTAÇÕES

Minha vida é andar por esse país

(...)

*Guardando as recordações das terras onde passei
Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei*

(...)

*Chuva e sol, poeira e carvão
Longe de casa sigo o roteiro e mais uma estação*

Os versos de um conhecido forró³ ilustram os movimentos que serão narrados nas apresentações a seguir: do pesquisador, da região e dos temas que serão abordados nesta pesquisa.

2.1 Apresentando o pesquisador

Sou natural de Curitiba-PR, onde vivi até os 28 anos e fiz minha trajetória escolar até a Universidade. Fiz o curso de licenciatura em Matemática, concluído em 2005, e na sequência curso de especialização para professores de Matemática, concluído em 2008 – ambos pela UFPR.

Naquele ano resolvi prestar um concurso público para o antigo CEFET-BA, atual IFBA, instituição na qual ingressei em 2009. Durante uma das etapas do concurso conheci Robério⁴, natural da cidade de Luiz Eduardo Magalhães⁵. Enquanto conversamos sobre a região oeste da Bahia, ele me falou sobre Barreiras e como a cidade-polo da região começava a prosperar economicamente em virtude da produção de grãos — Uma das maiores do Estado da Bahia. Foi nessa conversa que ouvi falar pela primeira vez de Barreiras e recordo que ele me contou que naquela região não havia professores de Matemática com formação específica na área. Apesar das vagas de

³ Transcrição de versos de *A vida do viajante*, de Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, que conta sobre as andanças em turnês pelo Brasil do “rei do baião”.

⁴ Robério Batista da Rocha, o candidato que fez junto comigo a prova de desempenho didático. Atualmente professor do IFBA – *campus* Irecê.

⁵ Luiz Eduardo Magalhães é um município distante 90 km de Barreiras, emancipado no ano 2000, a partir do crescimento do povoado de Mimoso do Oeste. Nos últimos anos tem sido uma das cidades que mais cresce no Brasil, segundo o IBGE.

Matemática no concurso em questão serem para as cidades do extremo sul⁶ baiano – Porto Seguro e Eunápolis –, dois anos depois fui convocado a assumir uma vaga de professor de Matemática no *campus* do IFBA-Barreiras.

O fato de ter aceitado a vaga representou várias mudanças em minha vida. A primeira foi mudar de cidade, impulsionada pela investidura em um cargo público. Naquela época, estava atuando em duas escolas particulares de Curitiba, lecionando para turmas da 8ª série do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. Também era professor das disciplinas de Cálculo Diferencial e Integral 1 e Matemática Financeira para as turmas de Engenharias, nas habilitações de Produção, Mecânica, Ambiental e Administração da Faculdade de Administração e Economia (FAE), ligada a AFESBJ⁷. Atuei em diversas instituições de Curitiba desde 2002, mas destaco aqui minha atuação por dois anos, entre 2006 e 2008, como professor substituto na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), onde lecionei Cálculo Diferencial e Integral para os cursos superiores de Tecnologia em Produção Mecânica, Química Ambiental e Radiologia; Estatística para o curso de Tecnologia em Produção Mecânica; Cálculo Diferencial e Integral 1 e 3; Equações Diferenciais para as turmas de Engenharia Elétrica e Mecânica e a disciplina de Matemática 2, para uma turma de dependência com alunos de diversos cursos na modalidade técnico-integrado ao ensino médio.

Ao ingressar na UTFPR, uma nova perspectiva profissional abriu-se para mim: atuar como professor na universidade pública, obter estabilidade do serviço público, ter a possibilidade de constituir uma carreira estável, além da oportunidade de trabalhar com pesquisa, algo com que, durante a graduação, tive pouco contato. Isso entrou em confronto com a realidade em que vivia na escola particular, na qual estava cada dia mais decepcionado e desgostoso com o meu trabalho. É inegável que a escola particular foi significativa para que adquirisse grande experiência; porém, sentia que não era aquilo que almejava para mim e a cada dia que passava não me realizava profissionalmente.

⁶ O extremo sul da Bahia é ponta do mapa da Bahia, na divisa com o Espírito Santo. Essas cidades distam 60 km uma da outra, sendo Porto Seguro no litoral, onde os navegadores portugueses desembarcaram no Brasil no ano de 1500; e Eunápolis está às margens da rodovia BR-101, importante rodovia brasileira que liga o Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte, percorrendo praticamente a margem da costa litorânea do Brasil.

⁷ Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus – mantenedora do Colégio Bom Jesus e da FAE, onde tinha a maioria da carga horária. A outra instituição em que trabalhava na época era o Colégio Senhora de Fátima, ambos localizados em Curitiba.

Meu contato com pesquisa durante a graduação foi como bolsista do Programa Especial de Treinamento (PET) do curso de Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR), quando comecei a estudar sobre a Teoria dos Quatérnios e Equações Diferenciais durante o ano 2002. Em virtude dos constantes atrasos no pagamento das bolsas, acabei me dedicando mais a ministrar aulas, a fazer estágios em colégios e cursos pré-vestibulares que à pesquisa. Com isso, acabei solicitando o desligamento das atividades do grupo no final daquele ano. Nos anos seguintes, deixei essas questões adormecidas, participei das semanas acadêmicas do curso, assisti a alguns seminários e palestras que ocorriam na Universidade; no entanto, priorizei fazer disciplinas do curso com o intuito de concluí-lo logo para trabalhar em colégios.

Fiz o curso de especialização⁸ mais com o intuito de não ficar parado e já pensar no que fazer após a graduação. Enquanto graduado em Matemática, sempre soube das possibilidades de pós-graduação: Matemática Pura; Matemática Aplicada; Educação Matemática; as famosas áreas afins (Informática, Engenharia etc.). E, no convívio com os professores do departamento da Matemática da UTFPR, percebi que era necessário continuar os estudos para além da especialização em curso à época.

No período que compreende os anos de 2007 a 2010, ocorreram vários concursos públicos decorrentes da expansão promovida pela interiorização das Universidades Federais e da expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, à qual estão vinculados os Institutos Federais (IF). No Paraná, os concursos para os *campi* interioranos da UTFPR exigiam titulação mínima de mestrado para o concurso; já o concurso que fiz para o CEFET-BA exigia apenas a graduação. Fui classificado em 4º lugar e aguardei por dois anos a convocação. Falaremos mais sobre a expansão dos IFs ao longo do texto.

Nesse período, entre o concurso e a convocação, fiz um curso de verão em Álgebra Linear na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 2008. Tal curso mostrou-me que, para fazer uma pós-graduação em Matemática (Pura), uma negociação, que envolveria alguns fatores dos quais não estava disposto a abrir mão, seria exigida de mim, como por exemplo, parar de lecionar por um tempo. Muitos pesquisadores dessa área da Matemática argumentam que há uma incompatibilidade

⁸ Cursei de 2006 a 2007 o curso de especialização para professores de Matemática do ensino fundamental e médio na UFPR. Basicamente o curso era sobre conteúdos de Matemática escolar, com pouquíssima inserção na pesquisa em Educação Matemática. Em uma das disciplinas, li a obra *Didática da Matemática — uma análise da influência francesa*, de Luiz Carlos Pais, da coleção *Tendências em Educação Matemática*, da Editora Autêntica.

entre trabalho em escolas e pós-graduação em Matemática Pura. Porém, isso era algo que não cogitava fazer, pois apesar dos dissabores mencionados anteriormente, lecionar era uma atividade, na época, da qual gostava muito e ainda gosto até hoje.

Ao assumir o cargo no IFBA em 2009, tive a oportunidade de trabalhar pela primeira vez em um curso de Licenciatura em Matemática e, diante desse novo trabalho, novos desafios e novas expectativas surgiram. Uma delas foi a retomada dos estudos, agora em pós-graduação. Contudo, de início resolvi aguardar o cumprimento do Estágio Probatório⁹, para obter a vantagem de afastamento concedida ao servidor público do quadro efetivo para capacitação. No IFBA, além de lecionar as disciplinas para o ensino médio, lecionei algumas disciplinas específicas do curso de Matemática, como por exemplo, Geometria Euclidiana, Cálculo Diferencial e Integral e Álgebra Moderna. Também uma disciplina da Educação Matemática, mais especificamente, Didática da Matemática. O fato de ter lecionado essa disciplina fez com que eu retomasse as leituras pertinentes à área de educação matemática com mais intensidade em relação às leituras realizadas em etapas anteriores da formação.

Considerando as possibilidades de cursar o mestrado e influenciado pelas leituras de textos de autores pesquisadores do campo da Educação Matemática, principalmente daqueles ligados ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEM) da Unesp Rio Claro, evidentemente escolhi, a princípio, esse programa para cursar o mestrado.

No ano de 2012, concluí o Estágio Probatório e fiz a seleção para o programa acima citado pela primeira vez. Confesso que fiquei surpreso por ter meu pré-projeto selecionado, pois o projeto carecia de muitos ajustes. Na ocasião, tive o primeiro contato com o Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM). Na primeira tentativa não fui selecionado, mas tive a impressão de estar no caminho certo.

No final de 2012, tive a oportunidade de cursar disciplinas como aluno especial no programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced-UFBA), por meio de um convênio firmado entre o IFBA e a Faced, com as aulas ocorrendo no *campus* Barreiras. Uma das disciplinas envolvia pesquisa na Educação¹⁰: como organizar um projeto. Com a ideia de estudar a história da formação dos professores de Matemática da região de Barreiras-BA

⁹ A Lei nº 8.112/90, que dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos, prevê que o servidor público tem direito à licença capacitação remunerada após três anos, período chamado de Estágio Probatório.

¹⁰ Disciplina ministrada pelos professores Dr. Jonei Cerqueira Barbosa e Dr. Robinson Moreira Tenório.

(localizada no oeste da Bahia), tema que foi sugerido pelo professor Emerson Rolkouski¹¹ (UFPR), escrevi um novo anteprojeto. Entretanto, este não tinha aderência com nenhuma das linhas do programa da Faced, e isso me levou a uma nova tentativa de ingresso no PPGEM da Unesp Rio Claro, no ano de 2013.

Em comparação ao projeto do ano anterior, constatam-se alguns avanços. Isso viabilizou minha entrada via seleção no programa de Pós-Graduação em Educação para Ciência da Faculdade de Ciências da Unesp Bauru, após processo de seleção, ingresso no programa e vinculação ao GHOEM, no qual encontrei as condições para desenvolver a pesquisa que apresentarei nas próximas páginas.

2.2 Apresentando a região de Barreiras

O Estado da Bahia¹² está localizado na Região Nordeste do Brasil e ocupa uma área de 564.733,177 km², o que corresponde a aproximadamente 7% do território nacional e 36% da Região Nordeste. A população do estado é de pouco mais de 14 milhões de habitantes, distribuídos por 417 municípios.

Figura 1: Estado da Bahia em relação ao Brasil



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bahia>

¹¹ Uma das etapas do processo seletivo do PPGEM é uma carta de recomendação e eu pedi para o professor Emerson, que lecionou a disciplina de Geometria Descritiva no último ano da minha graduação. Por ser egresso do programa e membro do GHOEM, ele me sugeriu essa temática, pois ela está em consonância com projetos do grupo, que constituem importantes fundamentos teóricos da pesquisa.

¹² Os dados a seguir foram tirados dos seguintes documentos oficiais: Anuário Estatístico da Bahia 2012, publicado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI); Censo Demográfico de 2010; e Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, que é uma publicação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PUND Brasil).

Muitas vezes associamos a Bahia às paisagens retratadas nas obras literárias, principalmente as dos escritores Jorge Amado (1912-2001) e Zélia Gattai (1916-2008); também ao carnaval, que arrasta milhões de foliões atrás dos blocos; e aos festejos religiosos, como por exemplo, a lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim. Esses elementos são características de um estado com muita diversidade étnica e cultural, assim como ocorre em nosso país.

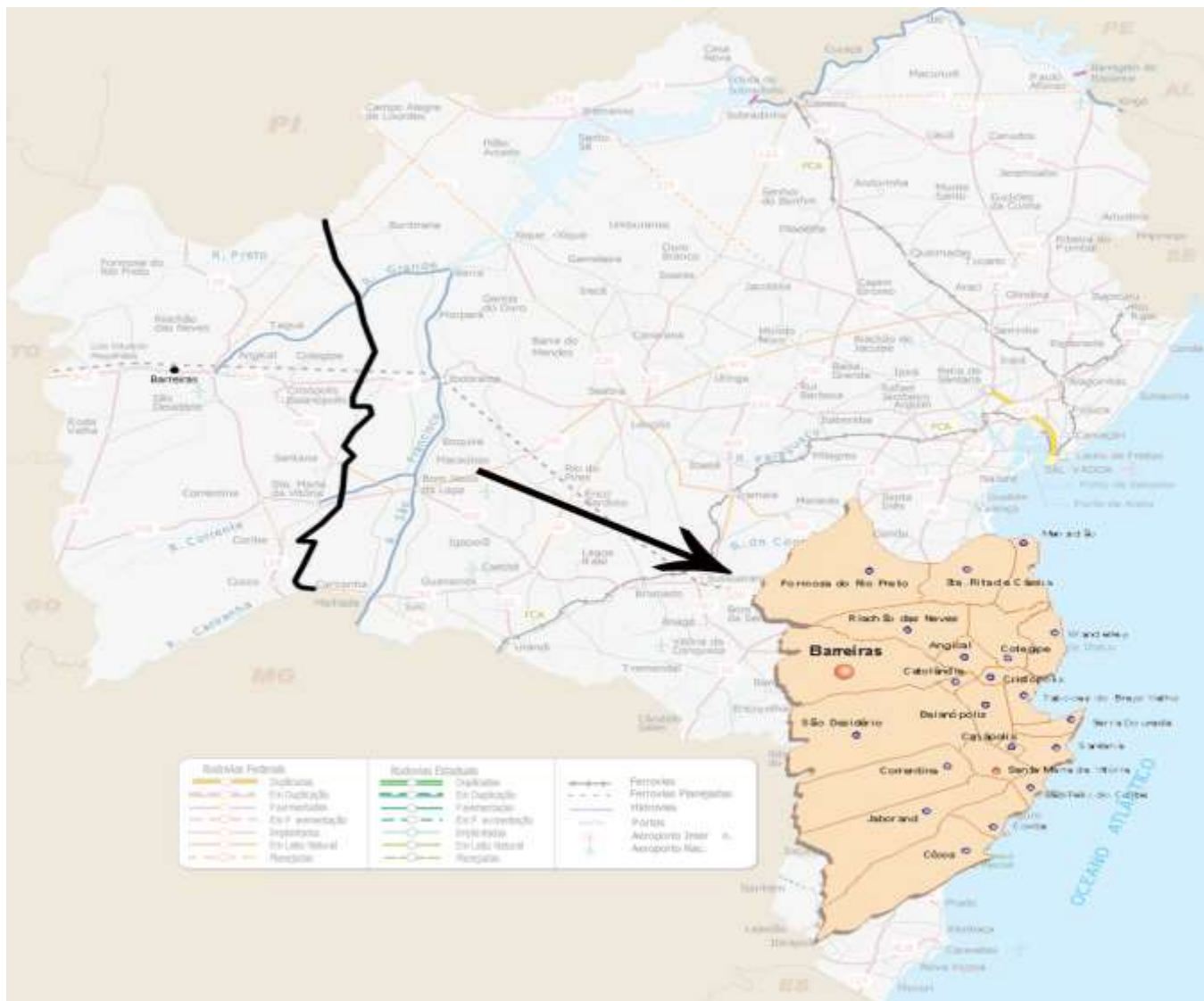
A Bahia apresenta bem definidas as contribuições de três grupos étnicos na composição de sua população: índios, africanos e europeus. De acordo com o último censo demográfico (2010), quase 65% da população declara-se parda. No segmento econômico, a Bahia apresenta um Produto Interno Bruto de mais de 150 bilhões de reais, o que representou, em 2010, 4,1% do PIB Nacional. As atividades que destacamos são: Agropecuária, Indústria e Serviços, das quais se sobressai o setor de Turismo, que atraiu em 2011 mais de 160 mil turistas internacionais, além das belas praias nos quase 1.100 km de costa litorânea. A região da Chapada Diamantina, no interior do estado, também possui diversos atrativos turísticos, entre os quais citamos os Vales do Pati e do Capão, a Gruta do Lapão, o Morro do Pai Inácio e a Cachoeira da Fumaça.

Apesar dessa pujança econômica, a Bahia apresenta baixos indicadores de desenvolvimento social. Por exemplo: o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM)¹³ do estado é de 0,660 (abaixo do Indicador Nacional que é de 0,727), e o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB-2013)¹⁴ está em 3,6 para o ensino fundamental e em 3,5 para o ensino médio (novamente abaixo dos índices nacionais para os níveis de ensino citados — 4,1 e 3,7, respectivamente). Porém, nesta pesquisa, nosso foco está na região de Barreiras (neste texto, também referenciada como território de identidade da Bacia do Rio Grande), que tem a cidade de Barreiras como o maior centro urbano e econômico. Essa cidade está localizada a mais de 900 km da capital (Salvador), na parte oeste do Estado da Bahia, formada pelas terras localizadas à margem esquerda do Rio São Francisco, também conhecido e chamado pelas populações ribeirinhas de Velho Chico. A região oeste, até meados do século XIX, era conhecida como além do São Francisco (BRANDÃO, 2010).

¹³ O IDHM é obtido pela média geométrica dos Índices de Renda, Educação e Longevidade, com pesos iguais.

¹⁴ A fonte dos dados referentes ao IDEB é o site do Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira-MEC/BRASIL).

Figura 2: Oeste em relação ao Estado da Bahia



Fonte: <https://jornaloexpresso.wordpress.com>

A cidade de Barreiras está localizada às margens do Rio Grande, mais precisamente às margens do encontro deste com o Rio de Ondas. Essa cidade representou, no período entre o final do século XIX e início do século XX, um importante centro comercial, pois para essa localidade “afluía o tráfego das tropas goianas, trazendo couros, borrachas, penas de emas e gado, levando em troca tecidos, sal, café e ferramentas para o trabalho rudimentar” (ROCHA, G. 2004, p.141).

Figura 3: Vista aérea de Barreiras e dos rios



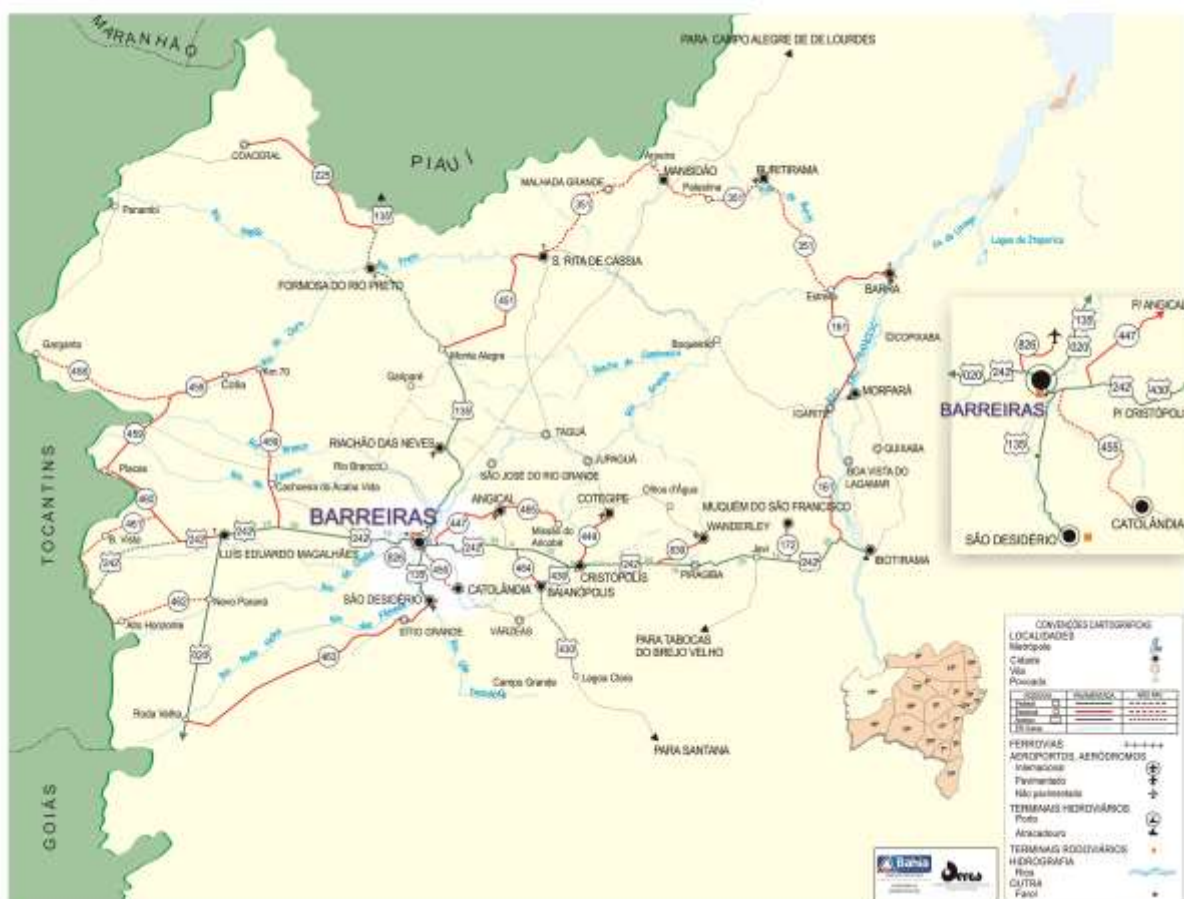
O Rio Grande é um dos principais afluentes da margem esquerda do Rio São Francisco e atravessa o oeste da Bahia no sentido sudoeste-nordeste. Navegando por esse rio, pode-se alcançar o Velho Chico – primeiro a cidade de Barra e, posteriormente, as cidades de Juazeiro e Petrolina. Em seguida as capitais, como por exemplo, Salvador ou Recife, respectivamente. Essa região é chamada, no anuário estatístico da Bahia (BAHIA, 2012), de território de identidade da Bacia do Rio Grande, que é um dos 27 territórios de identidade no qual está dividido o Estado da Bahia, segundo esse documento.

O conceito de territórios de identidade é atribuído ao geógrafo baiano Milton Santos (1926-2001). Ritter (2011) faz uma reflexão epistemológica sobre os conceitos de território, identidade e de território de identidade, afirmando que tais conceitos são uma alternativa que está sendo implementada não apenas no Brasil, mas em vários países da América Latina no que se refere aos conceitos de microrregião, mesorregião. Braga (2010) recorre a Haesbaert¹⁵ para definir território como “espaço relacional ligado ao movimento e às conexões e engloba as dimensões biológica/natural, política (das relações de poder), cultural-simbólica e econômica”.

¹⁵ Haesbaert (2004) definiu as noções de multiterritorialidades e território-rede¹⁵, propostas em *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*.

Assim percebemos a importância do município de Barreiras para a região, configurando-se como centro dessa rede territorial, pois foi nesse local que se estabeleceram, inicialmente, importantes instalações que contribuíram não apenas com a economia da cidade, mas de toda a região. Entre as instituições lá implantadas, citamos a usina hidrelétrica, matadouro, aeroporto, grupo escolar, ginásio, escola técnica, universidade. Outro município importante para a região é Luís Eduardo Magalhães¹⁶, emancipado de Barreiras no ano 2000, a partir do povoado de Mimoso do Oeste. Atualmente é muito comum nos referirmos a esses dois municípios como representantes do território de identidade chamado de Bacia do Rio Grande, uma vez que concentram as atividades nos setores de serviços e indústria.

Figura 4: Municípios da região de Barreiras (Bacia do Rio Grande)



Fonte: <http://www.derba.ba.gov.br/porta/servmapas>

¹⁶ A localidade, bem como outros logradouros, recebeu esse nome em homenagem ao político baiano Luís Eduardo Magalhães (1955-1998).

Os municípios que compõem esse território de identidade são: Angical, Baianópolis, Barreiras, Buritirama, Catolândia, Cotegipe, Cristópolis, Formosa do Rio Preto, Luís Eduardo Magalhães, Mansidão, Riachão das Neves, Santa Rita de Cássia, São Desidério e Wanderley. Esse território ocupa uma área com mais de 75 mil km² e tem uma população com mais de 410 mil habitantes, do qual destacamos as principais atividades que compõem o PIB baiano. A agropecuária está em evidência, pois é a região que contribui com mais ou menos 17 % da receita com as atividades no segmento e garante o 1º lugar entre os 27 territórios. As principais culturas agrícolas de maior produtividade são: a soja, o arroz, o algodão herbáceo. Essa produtividade deve-se ao uso de projetos de irrigação, pois a agricultura irrigável ocupa uma área de quase 70% das terras cultivadas.

Apesar dessa destacada produção, os solos da região são classificados como áreas de aptidão restrita ou regular para as lavouras, porque o clima, segundo a classificação climática de Thornthwaite¹⁷, é considerado subúmido seco, sendo que o bioma predominante é o cerrado. Essas paisagens do cerrado também concentram belezas naturais e de pouca exploração turística, como por exemplo, os Rios de Ondas, de Janeiro, das Fêmeas, das Velhas, com vários balneários, alguns com águas límpidas. Também as Cachoeiras do Acaba-Vida e do Redondo, o Parque da Lagoa Azul, a Gruta do Catão, o Paredão do Deus-Me-Livre e várias outras grutas localizadas principalmente no município de São Desidério. Estas atraem a visita de muitos espeleólogos do Brasil e do mundo. Para se ter uma ideia, no ano de 2013, Barreiras sediou o 32º Congresso Brasileiro de Espeleologia¹⁸.

¹⁷ A classificação climática de Thornthwaite (THORNTHWAITE, 1948), estabelece que planta é um meio físico pelo qual é possível transportar água do solo para a atmosfera, e este sistema de classificação climática é mais apropriado para aplicações agrícolas do que de Köppen. (Rolim, Camargo, Lania e Morais. J. 2007).

¹⁸ Da Geologia: estudo da formação e constituição de grutas e cavernas naturais.

Figura 5: Cachoeira do Redondo- Barreiras/BA



Foto: Acervo pessoal Fábio Bordignon.

2.3 Contextualizando a pesquisa

Quando lecionei a disciplina de Didática da Matemática no IFBA Barreiras, destaco uma atividade como marco inicial para pensar sobre a minha questão de pesquisa. Nessa atividade, os alunos deveriam assistir a uma aula de Matemática na educação básica e produzir um relato do que observaram. Também deveriam aplicar um pequeno questionário para o professor, para obtermos informações a respeito da sua formação, tempo de experiência, conteúdos considerados fáceis ou difíceis de ensinar e o que pensava a respeito de educação matemática.

O que sempre me chamou atenção nos relatos produzidos pelos alunos era o fato de que os professores observados nessa atividade não tinham feito Licenciatura Plena em Matemática ou eram cursistas da Licenciatura em Matemática. Então, surgiu a ideia de investigar a formação dos professores que ensinam a disciplina na cidade de Barreiras, considerando que os cursos de Licenciatura em Matemática na região têm menos de dez anos.

Após alguns ajustes no projeto de pesquisa, decidimos estudar a história da formação de professores de Matemática na região de Barreiras, antes da institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática, e também problematizar e conhecer como ocorria a formação desses professores. Além disso, vinculamos esta pesquisa ao projeto de mapeamento da formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil em desenvolvimento por pesquisadores vinculados ao GHOEM. Esse projeto, desenvolvido pelo GHOEM desde 2003, trata, nas palavras de Garnica

(2004, p.157), “de um projeto de amplo espectro sobre a formação de professores de matemática” e de que, no decorrer dessa primeira década, os trabalhos constituíram importantes relatos sobre o processo histórico de formação dos professores em várias regiões de Brasil.

Pesquisar a formação e a atuação de professores de matemática no Brasil, ao longo do tempo, utilizando testemunhos orais, mas sempre recorrendo também as mais diversificadas fontes, e produzir atos ou efeitos de “mapear”, ou seja, de compor “mapas”. (GOMES, 2014, p.11)

Participando dessas perspectivas de nosso grupo de pesquisa GHOEM, mobilizamos a metodologia da História Oral na realização desta pesquisa, particularmente para produção de narrativas, a partir de entrevistas com professores que ensinam/ensinaram Matemática no contexto citado. Periodizando o processo de implantação dos cursos de Licenciatura em Matemática, foi no ano de 2006 que foi criado o curso no *campus* IX da Universidade do estado da Bahia (Uneb)¹⁹, o primeiro na região. Posteriormente vieram os cursos do IFBA em 2008 e do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal da Bahia (ICADS/UFBA)²⁰ em 2009.

O que chama atenção é que os cursos de Matemática chegaram com certo atraso na região, em comparação com outras regiões do Brasil. Tal constatação ocorreu a partir da leitura dos trabalhos de Martins-Salandim (2012), que estudou a interiorização dos cursos de Licenciatura em Matemática no Estado de São Paulo nos anos 1960. Também estudamos os trabalhos que compõe o projeto do Mapeamento que abordaram as regiões Norte- Nordeste do Brasil, onde destacamos os estudos desenvolvidos por Moraes (2012) que discorreu sobre a formação de professores de Matemática na região de Mossoró-RN, antes da institucionalização do primeiro curso de Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), no ano de 1974. Cury (2011) estudou as instituições que formaram professores de Matemática na região norte do atual estado de Tocantins, a partir dos anos 1970. Também constatamos uma realidade

¹⁹ A *Uneb* é uma instituição multicampi presente em 24 cidades da Bahia. O curso de Licenciatura em Matemática é oferecido, além de Barreiras, nos *campi*: II – Alagoinhas; VI – Caetitê; VII – Senhor do Bonfim; X – Teixeira de Freitas; e XXI – Ipiáú (modalidade EaD).

²⁰ O Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS) é nome do instituto vinculado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), instalado em Barreiras em 2006, dentro do programa de interiorização das Universidades Federais.

bem similar a que encontramos entrevistando os professores de Barreiras. Ao narrar sobre o curso instalado na cidade de Tocantinópolis, aparece a atuação de um centro de formação de professores que, além de oferecer o curso de Magistério, ofertava os cursos de estudos adicionais, que representam uma adequação aos requisitos legais para exercer a docência naquela época e, posteriormente, cursos superiores, mas nenhuma dessas instituições oferecia curso para formar especificamente professores de Matemática.

Para esta pesquisa, entrevistamos sete professoras que atuam/atuaram no ensino de Matemática na região, em um período que se inicia no ano de 1959 (ano em que uma de nossas entrevistadas começou a atuar). Entretanto, elas incluem em suas narrativas períodos bem anteriores quando tratam de suas próprias formações, e esses períodos vêm até o presente momento, pois quatro delas ainda atuam: duas, exclusivamente no ensino superior, uma no ensino fundamental e outra no ensino médio.

A partir dessas entrevistas, elaboramos uma análise narrativa de narrativas. Isso significa, segundo Cury, Souza e Silva (2014), que é uma nova narrativa que torna os dados significativos, destacando o que é singular, não generalizando os fatos. E o papel do pesquisador nesse processo é o de “constituir significados às experiências dos narradores” (*Ibidem*, p.917).

3 OUVI DIZER ... E O PERCURSO METODOLÓGICO

“Aqui não tinha professor formado em Matemática” foi uma frase que ouvi as pessoas dizerem com bastante recorrência à medida que ia sabendo mais a respeito dos professores de Matemática na região de Barreiras. Os autores dessa frase eram os alunos de graduação, os professores que conheci em palestras, seminários, semanas acadêmicas das instituições. Percebi que muitos tiveram outra formação inicial e que posteriormente fizeram curso superior, mas este, inicialmente, não foi a Licenciatura em Matemática. Com isso resolvemos investigar sobre como era a formação dos professores de Matemática na região, antes da institucionalização dos cursos da respectiva Licenciatura em Matemática.

Enquanto idealizava um anteprojeto de pesquisa, cheguei a procurar a Secretaria Municipal de Educação da cidade para saber que dados esse órgão possuía sobre os professores de Matemática e suas respectivas formações. A questão é que não obtive tais dados, pois procurei a Secretaria no início de 2013, uma época de mudança de gestão na Prefeitura, e tal solicitação não foi atendida. Também não tornei a procurar o setor que ficou responsável por fazer o levantamento, pois não houve respostas aos *e-mails* que enviei e nem retorno às ligações telefônicas que fiz. Tal situação marca o que tangenciaremos ao longo desta pesquisa: as interferências de questões políticas no cenário educacional da região de Barreiras.

Diante desse contratempo e tendo feito as primeiras leituras sobre História Oral, a partir do texto *História Oral e Educação Matemática*, de Garnica (2004), concluí que essa era uma possibilidade metodológica viável para desenvolvermos registros a partir da oralidade — documentos que nos auxiliam a compreender uma história sobre determinada temática.

Uma das práticas do nosso grupo, importante de destacar, é o tratamento dado à metodologia, que não é entendida como um conjunto de procedimentos técnico-operacionais, replicado diretamente às outras pesquisas desenvolvidas pelo grupo. A metodologia da pesquisa procura manter a sincronia entre os fundamentos teóricos, os quais norteiam a investigação, e os aspectos mais operacionais de como a pesquisa ocorre. Isso significa que não são etapas disjuntas acontecendo ao longo de todo o processo, o que têm contribuído com a ampliação das perspectivas metodológicas das pesquisas em Educação Matemática. Esse exercício ocorreu continuamente no

procedimento da pesquisa, pois, apesar de gostar de ouvir histórias, saber das coisas ouvindo as pessoas contarem suas experiências foi a primeira experiência com uma produção acadêmica trabalhando com esse ouvir em uma metodologia.

A História Oral pode ser entendida como técnica, método ou disciplina (CURY, 2011). Nessa nossa pesquisa, nós a entendemos como o recurso metodológico mobilizado para constituir fontes de estudos a partir da oralidade (GARNICA, 2004). Ao mobilizar a História Oral neste trabalho, percebemos as “possibilidades alternativas de uma história da Educação Matemática Brasileira” (MARTINS-SALANDIM, 2012, p.50). De fato, dentro dessa dimensão, o problema da pesquisa trata de compreendermos a questão da formação de professores que ensinaram Matemática em uma região do interior do Brasil. E levando em conta que a institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática ocorreu na primeira década deste século, em um período relativamente tardio em comparação a alguns projetos já desenvolvidos pelo projeto do mapeamento.

Uma das características desses trabalhos é que não são exclusivamente de natureza historiográfica/regionalista. Isso significa que as possibilidades para contar as histórias sobre a formação e atuação dos professores de Matemática na região de Barreiras não se encerrarão nesta pesquisa, que é o primeiro trabalho desenvolvido nesse projeto do mapeamento abordando o Estado da Bahia.

A partir da oralidade podemos mobilizar outras fontes que contribuem para a elaboração de uma narrativa sobre a questão proposta. Nesta pesquisa, consideramos a oralidade como disparadora e essencial, pois as depoentes disponibilizaram objetos de seus arquivos pessoais, livros sobre a história da cidade, fotografias, o que tem ajudado nesse processo de escrever uma história a partir das experiências das professoras entrevistadas.

Albuquerque Júnior. (2007) afirma que os homens inventariam a história, pois para o autor “a expressão invenção pode indicar mudanças paradigmáticas no campo da produção do conhecimento e das concepções filosóficas que as embasam” (Ibidem, p.19). Dentro dessa problemática, consideramos a “História como a ciência dos homens, no tempo e vivendo em sociedade” (GARNICA, SOUZA, 2012), a partir da concepção de História de Marc Bloch²¹. A abordagem é pertinente ao problema de pesquisa, por

²¹ Historiador francês e um dos fundadores, junto com Lucien Febvre da Escola dos Anales, que representou um movimento conhecido como Nova História, a partir dos anos de 1930.

entender os processos de formação dos professores em uma região onde, por muito tempo, não houve cursos de Licenciatura em Matemática.

Verena Alberti (2004) aborda as possibilidades de pesquisa envolvendo a História Oral, o fascínio que esta exerce quando constituímos uma fonte, a partir da experiência de um sujeito que vai contando suas vivências naquele contexto onde realizamos as *entre-vistas*. Representa o momento em que contactamos e ouvimos os depoentes contarem suas memórias a partir da condução dessas entrevistas, o que permitirá novas possibilidades de contar essa história fundamentada nessa transmissão oral. E então produzimos significado, buscando uma interpretação mais plausível dessas histórias. Assim decidimos ouvir professores que ensinaram Matemática na região de Barreiras antigamente, a princípio em um período não definido, que foi sendo determinado pelas narrativas que produzimos.

A entrevista é a técnica que utilizamos para constituir uma fonte a partir da narrativa oral das professoras. Souza (2014) define os aspectos técnicos como os procedimentos na realização das entrevistas e os aspectos metodológicos articulados aos procedimentos que dão a fundamentação teórica ao uso da oralidade nas pesquisas do grupo. Nossas depoentes foram as seguintes professoras: Elena Maria Brentano, Ana Maria Porto Nascimento, Alzerita Gomes Dias da Silva, Ida Rabelo Coité Leite, Maria Perpétua Carvalho da Silva, Édula Fernandes Lima e Avany Andrade Porto.

Sobre elas, destacamos algumas características, de que fomos tomando conhecimento à medida que realizávamos as entrevistas: Entrevistamos somente mulheres (por isso passamos a usar a palavra professora), que cursaram o Magistério de 2º Grau como formação inicial. A formação em Licenciatura em Matemática de três delas ocorreu fora de Barreiras — cursaram a Licenciatura em Brasília-DF, Salvador-BA e São Paulo-SP. Outras três fizeram curso superior nas áreas de Licenciatura Curta em Artes Industriais, Técnicas Agrícolas e Pedagogia, e uma cursou Pedagogia e posteriormente Matemática, como aluna da primeira turma da UNEB. Sobre a origem das nossas depoentes: três são nascidas em Barreiras, uma chegou criança à cidade, onde passou boa parte da infância, duas chegaram jovens, por causa de mudanças familiares, e uma chegou em razão de mudança do local de trabalho do esposo. Três delas estão aposentadas e totalmente desvinculadas de atividades profissionais na educação, e uma professora está aposentada pela rede estadual, mas continua atuando na rede municipal de Barreiras — nos anos finais do ensino fundamental. Quatro professoras estão em serviço — duas atuando exclusivamente no ensino superior e uma

atuando no ensino médio. Seis das depoentes, em algum momento da vida, tiveram que migrar, seja para Barreiras ou dali saindo.

Quanto à realização das entrevistas, orientamo-nos por experiências já praticadas pelo GHOEM que, ao ser continuamente mobilizado, já adquiriu certa estabilidade, isto é, “o critério de rede para a formação do núcleo de colaboradores do trabalho” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p.235). Nesse sentido, destacamos o auxílio da professora Ana Maria Porto Nascimento da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), que nos passou os nomes das professoras Alzerita, Ida Coité, Édula Fernandes, Sheila Toyoshima, Vilvandira e de uma professora que atuou no Colégio Polivalente, cujo nome ela não lembrava (a professora Avany Porto, que foi citada nas entrevistas). Isso ocorreu em nossa última conversa antes de eu vir de mudança para Bauru no início de 2014. Com a professora Sheila, troquei algumas mensagens pelo *chat* do Facebook e, quando disse que gostaria de ter um contato telefônico para explicar os procedimentos de entrevista, gravação, textualização e autorização, ela parou de responder às mensagens. Diante disso, buscamos novos depoentes e entrevistamos uma professora que eu já conhecia. Sabia, por exemplo, que ela era migrante e que havia feito o curso de Pedagogia por não haver a Licenciatura em Matemática — a professora Elena Brentano.

Aproveitando o deslocamento que fiz para participar do XVIII EBRAPEM²², onde encontrei a professora Ana Maria Porto, que é aluna de doutorado na Universidade de Brasília (UnB), tive a oportunidade de ter uma conversa com ela, durante a qual contou que atuou no ensino básico em Barreiras de 1989 a 1993. Nesse último ano, ela passou a trabalhar em tempo integral na universidade e, com isso, decidi entrevistá-la. No momento da entrevista, ela passou contatos telefônicos de quatro professoras (Alzerita, Ida, Vilvandira e Avany).

No retorno do evento, fui a Barreiras e realizei a primeira entrevista com a professora Elena Brentano, que forneceu novas informações sobre professores que atuaram na disciplina de Matemática naquela região. Ela também citou com recorrência os nomes das professoras Ana Maria Porto e Maria Perpétua Carvalho da Silva, como alguns dos poucos nomes de professores formados em Matemática que atuavam naquela época em Barreiras.

²² Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Matemática, que ocorreu entre os dias 20-22 de novembro de 2014, na cidade do Recife-PE.

Outro aspecto que destacamos nesse processo de pesquisa foi a utilização da rede social Facebook para os primeiros contatos com alguns entrevistados. Nesse caso, utilizei a ferramenta de bate-papo, que mantém a privacidade das mensagens, diferentemente do mural, o qual pode deixar explícitas algumas informações dependendo das configurações de privacidade do integrante do Facebook. Sobre os interesses na área educacional dessa rede, Borba, Silva. R. e Gadanidis (2014) afirmam que existem potencialidades de comunicação da plataforma entre os usuários. Um dos primeiros contatos foi com uma professora que seria uma provável depoente pela rede do Facebook: trocamos algumas mensagens via bate-papo visando ao agendamento de uma entrevista e estabelecendo os procedimentos mais operacionais da pesquisa. Porém, sem nenhuma explicação, ela parou de responder e com isso foi interrompida a troca de mensagens. Diante desse imprevisto, utilizamos novamente a rede para iniciar os contatos visando entrevistar a professora Elena Brentano, e o conteúdo dessa troca de mensagens está disponível em sua textualização.

A rede do Facebook foi novamente mobilizada para estabelecer contato com Anderson Pignata Dias Macêdo²³. Seu avô – Napoleão Macêdo – foi o fotógrafo oficial de Barreiras durante as décadas de 1930 até 1970, e seu nome, inclusive, foi citado pelos depoentes quando falamos sobre fotografias. Anderson ficou com muitas fotos do acervo do avô e montou um álbum em seu perfil no Facebook, chamado *Fotos Antigas de Barreiras Bahia*. Ao visualizar tais fotos, encontrei muitas imagens que ilustram e também auxiliam a compreender questões e temas das narrativas, dos cenários descritos pelos depoentes, além de chamar atenção de quem lê o texto. Isso ocorre, por exemplo, ao falarmos do Vapor que fazia a navegação nos Rios São Francisco e Grande, da volta do rio, que é a imagem colocada no início das análises, também do cais de Barreiras e das fotos antigas das escolas. Pedi autorização a ele para copiar as fotos e utilizá-las, atribuindo os créditos ao autor da imagem. Enviei-lhe uma mensagem *inbox* e fui autorizado por Anderson a fazer uso do material, pois a pesquisa se trata de “um trabalho acadêmico e sem fins lucrativos”²⁴.

Para a realização das entrevistas, elaboramos quatro fichas temáticas: Formação, Início e Permanência na Docência, Desenvolvimento Regional e Ensino de Matemática. O uso de fichas foi inspirado nos trabalhos de Moraes (2012), Macena (2013), Vianna (2000) e Rolkouski (2006), sendo os dois últimos autores os primeiros a trabalharem

²³ Anderson Pignata Dias Macêdo é servidor técnico-administrativo do IFBA— *campus* Barreiras.

²⁴ Transcrição do trecho em que Anderson Pignata autoriza o uso das imagens.

com as fichas. Vianna (2000) utilizou-as para que seus depoentes tivessem maior liberdade para ordenar as questões. Já Rolkouski (2006), que em sua pesquisa realizou duas entrevistas, agrupou as fichas em dois conjuntos de 16: o primeiro conjunto versou sobre os aspectos da vida do indivíduo, e o segundo, sobre a formação e atuação dos professores de Matemática com o objetivo de compreender como o indivíduo torna-se o professor de Matemática que é. Morais (2012) utilizou 27 fichas e, diferentemente dos autores anteriores, apresentou-as em ordem sequenciada para facilitar a organização do raciocínio do depoente durante a entrevista. Macena (2013) usou as fichas-roteiro em número de 14, as quais foram uma adaptação do roteiro de entrevistas.

Nossas fichas tinham um tema na parte da frente e algumas questões auxiliares no verso — pistas para orientar as depoentes sobre quais aspectos desejávamos saber. Essas pistas eram similares a um roteiro feito com a intenção de orientar o entrevistador, para que observasse se as questões que desejava conhecer estavam sendo abordadas. Sendo assim, utilizamos as fichas-roteiro combinando essas duas ideias.

<h2>Formação</h2>	<p>Onde estudou? Condições para estudar? Lembranças da escola? Sua relação com a Matemática. Cursos de formação.</p>
Frente	Verso
<h2>Início e Permanência na Docência</h2>	<p>Como iniciou (na profissão?), escolas onde atuou, turmas, estímulos e dificuldades; Exigências legais para ser professor e como isso era “cumprido”; Concursos públicos, registros de memórias (fotos, cadernos de anotações).</p>
Frente	Verso

<p style="text-align: center;">Desenvolvimento Regional</p>	<p>Como foi percebido o desenvolvimento da cidade, mudança nas escolas? Relações dentro das escolas (questões políticas).</p>
Frente	Verso
<p style="text-align: center;">Ensino de Matemática</p>	<p>Trajatória, currículos, conteúdos (fáceis e difíceis de trabalhar); Metodologia de ensino, episódios marcantes; Materiais didáticos (livros, anotações, recursos e utilização desses materiais); Relações entre teoria x prática.</p>
Frente	Verso

Quanto ao uso das fichas, percebemos que elas permitem ao depoente falar mais sobre os temas propostos, podendo escolher a ordem na qual deseja falar. Essa abrangência propiciada pela ficha facilita ao entrevistador formular questões mais específicas à medida que as lembranças sobre o tema vêm à memória do entrevistado. No entanto, ainda que antes de cada entrevista tenhamos explicado sobre os temas das fichas, notamos que as professoras seguiram a ordem na qual essas fichas foram dispostas – a mesma que apresentamos anteriormente. No momento da entrevista não pensamos em espalhá-las: foram colocadas empilhadas em uma ordem qualquer. Apenas uma depoente, a professora Avany Porto, pediu que as perguntas que estavam nas fichas fossem feitas pelo entrevistador e não as manuseou.

As entrevistas duraram em média uma hora. Três foram realizadas em duas sessões, com as professoras Ana Maria Porto, Elena Brentano e Alzerita Gomes. O motivo para esse procedimento foi que percebemos ao transcrever a primeira entrevista, com a professora Ana Maria, algumas lacunas em determinadas questões, que poderiam ter sido mais bem exploradas. Em razão disso, seria necessária uma segunda entrevista. Isso não foi um grande transtorno, pois planejamos retornar a Barreiras para realizar as demais assim que concluísse os créditos obrigatórios nas disciplinas do mestrado no Estado de São Paulo, onde havia me fixado durante essa etapa da pós-graduação.

Assim, na nova entrevista foram elaboradas questões complementares a partir das lacunas deixadas. Aproveitando o retorno, o depoimento da professora Elena, que também havia apresentado lacunas, foi complementado em uma rápida entrevista com duração de 30 minutos. A professora Alzerita Gomes sugeriu, ao ser entrevistada, que as perguntas fossem feitas em duas partes. Isso foi decidido porque, enquanto ela contava sobre o Colégio Padre Vieira, aventou-se que a continuação ocorresse no acervo do colégio, que está localizado onde hoje funciona a reitoria da UFOB. Seria interessante ser lá, pois poderíamos ter acesso a fotos, documentos e objetos antigos daquela escola. No entanto, não foi possível realizarmos a entrevista no acervo e esta acabou sendo realizada em sua residência. Quanto ao local das entrevistas, quatro ocorreram no IFBA, duas na residência das depoentes e uma na casa da mãe da depoente. Durante essa etapa, seguimos as recomendações de Thompson (2000) e Martins-Salandim (2012): evitar interrupções na fala do depoente, deixando as colocações para quando encerrassem o assunto. Todavia, ao agirmos como entrevistador, muitas vezes algumas dificuldades se apresentaram na condução das entrevistas: interrupções ou mudança brusca na direção daquilo que o entrevistado dizia. Um aspecto interessante da pesquisa, do ponto de vista metodológico, foi que as entrevistas foram conduzidas pelo entrevistador sem apoio técnico — ele mesmo responsabilizando-se pela gravação. Ou seja, observando o posicionamento do gravador, checando se este estava funcionando corretamente durante todo o processo, também fazendo anotações sobre os temas tratados pelo entrevistado para possíveis aprofundamentos ainda na entrevista, estabelecendo contato visual com a pessoa — o que o estimulou e auxiliou na composição de sua narrativa.

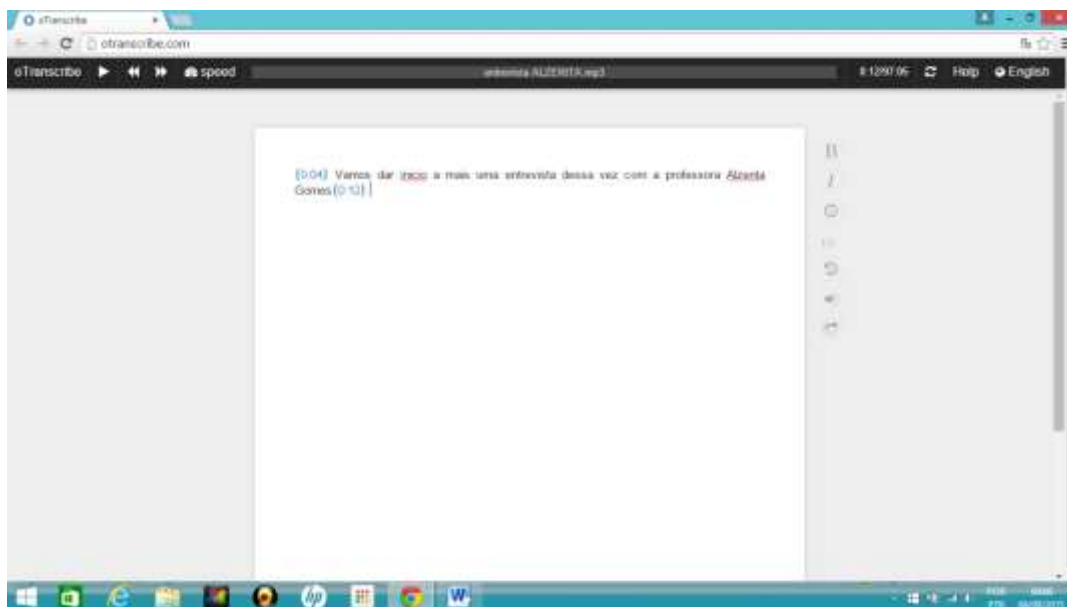
Para a realização das entrevistas foi utilizado um gravador digital, e o que notamos, em uma das conversas, foi que a depoente, em certos momentos, tirava o gravador do seu campo de visão. Isso não comprometeu a qualidade do áudio, mas essa constatação revela que o aparelho pode causar incômodo ao entrevistado, ainda que ele não se oponha à gravação.

Inicialmente fizemos duas entrevistas e os respectivos processos de transcrição e de textualização. As demais foram realizadas em um período de uma semana — aproveitando a viagem de Bauru a Barreiras para essa finalidade — e as transcrições e textualizações foram realizadas posteriormente.

A transcrição ou degravação é, segundo Vianna (2014, p.75), “a transformação do registro sonoro em um texto fiel”. Com o auxílio do aplicativo do *Google oTranscribe* realizamos essa tarefa com certa facilidade, pois o aplicativo permite uma

sincronia entre a página do texto e o arquivo em áudio, além de comandos que facilitam pausar, avançar/retroceder a gravação e ajustar a velocidade de locução da gravação.

Figura 6: *Layout do aplicativo oTranscribe*



Fonte: *Print screen* do aplicativo.

Ainda, de acordo com Vianna (2014), procuramos não nos preocupar com a pontuação nesse momento, porém deixamos registradas marcas, como lacunas que ocorreram durante a gravação da entrevista.

A textualização consiste em um texto criado a partir da transcrição. Para Souza (2014, p.75), trata-se de “um exercício de construção de uma narrativa escrita que pode ser ordenada cronológica ou tematicamente e que se constitui de um exercício de leitura plausível, uma interpretação que busca compreender o dito e evidenciá-lo em uma estrutura narrativa”. Nesse sentido, a textualização passa a ser vista como a fonte constituída a partir da entrevista. Nas textualizações procuramos contar como conhecemos e fizemos contatos com os colaboradores, como ocorreram os primeiros contatos, seja por telefone ou redes sociais, visto que uma boa narrativa pode iniciar-se com o narrador contando em que condições teve acesso àquilo que vai ser narrado. Isso se corrobora em Walter Benjamin que, na década de 1930, definiu a narrativa como uma forma artesanal de comunicação, em que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir” (BENJAMIM, 1994, p.205).

Entendemos a textualização como um texto nosso, produzido pelo entrevistador e pelo entrevistado, pois é necessária a negociação e aprovação pelo depoente do texto que lhe é apresentado. Nas textualizações foram inseridas notas de rodapé para complementar as informações históricas que apareciam nos depoimentos, mobilizando referências históricas da região, de autores regionais como Almeida (1998), Pamplona (2002), Rocha. G (2004), Carvalho (2009), Brandão (2010), dados obtidos nos sites institucionais e um dicionário com expressões faladas na região de Barreiras, de autoria de Rocha. L (1996).

Existem ainda algumas informações adicionais sobre as textualizações. Por exemplo: as professoras Avany e Maria Perpétua sugeriram alterações no texto. Foram necessários complementos por parte das depoentes Alzerita, Édula, Ida, Ana Maria e Elena, e a comunicação foi feita por contato telefônico, sendo as questões respondidas pelas entrevistadas. Algumas de nossas depoentes não permitiram o uso de fotografias, por isso optamos por não colocar imagens no começo de cada textualização.

Durante as entrevistas, notamos que as professoras enfatizavam expressões que demarcavam os lugares que citavam, como: “**Aqui** no Colégio Padre Vieira”. E falavam com recorrência *aqui, ali, daqui, de lá, pra cá*, esta última expressão como no título de um dos livros que nos ajudaram com algumas referências sobre Barreiras: *Barreiras, Bê-A,...da Barra pra cá!*, de Luiz G. Pamplona (2002). Inicialmente pensamos em utilizar nas textualizações a grafia *p'ra* no lugar de *pra*, que a rigor não existe na língua portuguesa (BIZZOCCHI, 2015), pois durante as entrevistas, as depoentes utilizaram muito a expressão *pra*. A estilização na grafia foi inspirada no conto *Sarapalha*, da obra *Sagarana* (1946) de Guimarães Rosa (1908-1967), em que o autor utiliza a grafia *p'ra*. Como vimos similaridades entre a paisagem de Barreiras com as paisagens sertanejas tão ricamente descritas na literatura do autor, pensamos em utilizar essa grafia. Porém, ao revisar as textualizações, percebemos um abuso no uso da expressão e repetição do termo, então decidimos manter a referida grafia do *p'ra* apenas quando as depoentes falavam *p'ra cá*, o que é muito corriqueiro em falas que demarcam um território. Tendo em vista essa característica de que a região foi desenvolvida por idas e vindas de pessoas, o vir *p'ra cá*, referindo-se a vir para Barreiras, faz sentido no momento de conservarmos algumas características da oralidade em nossas textualizações. Outra ênfase que demos foi na grafia de **ENEM** (Exame Nacional do Ensino Médio), pois constatamos que a professora Elena Brentano, entoou de maneira enfática cada vez que se referenciava aquela avaliação.

Para que essas nossas escolhas fossem efetivadas, inspiramo-nos em protocolos estáveis do GHOEM, dentre eles a conferência dessa textualização por parte da depoente e posterior carta de cessão dos direitos sobre a gravação/textualização. Tal procedimento, em virtude das distâncias, foi realizado enviando-se as textualizações pelos Correios para a professora Eliana Gomes de Oliveira²⁵, que ficou responsável por entrar em contato com as depoentes, por entregar as textualizações, apanhar as cartas, digitalizá-las para anexar ao relatório de qualificação, ficando incumbida do posterior reenvio.

Essas textualizações são narrativas baseadas nas entrevistas, nas quais as depoentes contaram várias experiências singulares a respeito de sua formação e as circunstâncias que as levaram a atuar como professoras de Matemática. A narrativa é a forma como contamos para outras pessoas nossas experiências e, nesse sentido, o uso de narrativas está presente no estudo da História.

As narrativas orais são, assim, vistas pela história oral como fontes a partir das quais torna-se possível uma maior aproximação aos significados atribuídos às realidades vividas por quem narra, já que busca (em grande parte dos casos) preservar, em uma apresentação quase literal das narrativas coletadas por meio de entrevistas, as legitimidades próprias do narrador. (SILVA; SOUZA, 2007, p.142)

É importante destacar que são os leitores que atribuem significado às narrativas. Para isso é necessário que a narrativa seja de uma “história plausível, uma interpretação que busca compreender o dito e evidenciá-lo em uma estrutura narrativa (...) e assim a narrativa se coloca como potencial meio de produção de conhecimentos” (SOUZA, 2014, p.75) para todos os envolvidos nesse processo — leitores/narrador/ entrevistados.

O que percebemos com essas narrativas é a relação entre os atores desse processo de contar histórias. Para Bruner (2014), nas histórias deve haver um narrador, um contador e ouvintes (ou leitores) a quem a história é contada. Foi a partir do que as professoras nos contaram, juntamente com a literatura, que nos mobilizamos para assuntos que chamavam nossa atenção. Assim fomos escrevendo a narrativa sobre a formação de professores na região de Barreiras.

Na sequência do trabalho, realizamos o processo de análise, que consiste no momento em que os pesquisadores consideram essas narrativas de professores como

²⁵ Professora do IFBA. Pela proximidade que temos com ela, dispôs-se a nos auxiliar nesses trâmites.

fontes, seguindo diferentes possibilidades analíticas: alguns buscam identificar tendências e tecem compreensões a partir delas, como no exemplo apresentado por Martins-Salandim (2012); outros estruturam uma nova narrativa que tem sido chamada “análise narrativa de narrativas”, destacada por Bolívar (2002). Um exercício analítico dessa natureza, encontrado nos trabalhos de Cury (2011), Morais (2012) e Both (2014), foi o que estabelecemos como nossa opção. Nessa forma de análise procuramos destacar aspectos convergentes dos depoimentos e incorporar elementos como fotos e documentos pessoais das depoentes. Em nossa pesquisa, somente a professora Alzerita Gomes cedeu fotos, histórico escolar da Escola Normal e do curso de graduação.

A análise narrativa que estamos propondo é norteada por Cury (2011), que analisou os dados de sua pesquisa de doutorado produzindo uma nova narrativa. Esta enfatizou os casos particulares, explicitando uma trama e constituindo um argumento que tornasse os dados significativos. Tendo em vista a construção de uma narrativa, os seguintes elementos serão considerados: O primeiro, uma história da cidade enfatizando os acontecimentos a partir do surgimento das instituições de ensino de Barreiras; o início dessa temporalidade com a criação do Ginásio Padre Vieira, instituição onde três de nossas entrevistadas estudaram e onde cinco atuaram como professoras; a criação das instituições de ensino superior, que chegaram à cidade na década de 1980, e das políticas que nortearam a implantação dessas instituições. O segundo tópico de análise é o papel dos cursos da Escola Normal/Magistério como formação inicial dos professores em Barreiras, complementados ao longo de sua trajetória docente por cursos de formação superior que substituíram a Licenciatura em Matemática. Entre nossas entrevistadas, três têm o curso de Matemática como primeira Licenciatura – que foi cursado fora de Barreiras; uma fez como segunda Licenciatura, na modalidade EaD, e três não possuem Licenciatura em Matemática. O terceiro tópico versa sobre quais os cursos que foram feitos para adequação aos requisitos legais para Licenciatura, enfatizando, por exemplo, os Estudos Adicionais, conforme previsto na Lei nº 5672/71, que definiu as Diretrizes da Educação Brasileira por mais de 25 anos, no período de atuação de nossas depoentes. Além dessa modalidade, destacaremos a atuação do Projeto Rondon, uma parceria entre o Exército Brasileiro e as Instituições de Ensino Superior que ofertam cursos de extensão universitária e cursos de treinamento, geralmente oferecidos pela Secretaria de Educação da Bahia.

Percebemos que esse exercício de produzir uma análise narrativa de narrativa permitiu que fôssemos ajustando o texto sempre à medida que novos elementos surgiam

na narrativa. Assim, fomos mobilizando novas fontes, selecionando aquelas que melhor respondiam às nossas questões, excluindo e criando novos parágrafos, sintetizando ideias, fazendo com que a metodologia fosse resultante de um processo comparado a “uma digestão longa, tortuosa, artesanal, atenta e compartilhada que defendemos como autêntica” (GARNICA, 2014, p.39).

Outro ponto a ser destacado são as interações que fizemos com os mapas que ilustram esta pesquisa, os quais foram aprimorando as nossas compreensões sobre a cartografia. O primeiro momento em que nos deparamos com a utilização de mapas foi durante a apresentação do projeto de pesquisa na reunião anual do GHOEM, em 2014, quando faltaram mapas para descrever a região que estava sendo estudada. Depois, durante o exame de qualificação, utilizamos mapas meramente ilustrativos, muito rebuscados e sem diálogo com o texto. Tendo em vista que encontramos vários mapas na internet, utilizamos ferramentas que permitiam a edição de imagens; assim, fomos ajustando esses mapas ao que pretendíamos ilustrar. Com isso percebemos que a cartografia transcende a ideia de contornos geográficos. Ao definir novos contornos para os mapas, colocamos novas escalas e assim esses representam um registro histórico da formação e atuação dos professores de Matemática no Brasil em outras escalas (GOMES, 2014).

Durante o processo de análise dos dados a partir das entrevistas, à medida que surgiam alguns temas, recorremos ao Hemera²⁶, que é um banco de dados desenvolvido no trabalho de doutorado de Oliveira (2013). O Hemera possibilita acesso às textualizações de 16 trabalhos do grupo, sendo 2 relatórios de iniciação científica, 5 dissertações e 9 teses, totalizando 146 depoimentos (OLIVEIRA, 2013). Considerando a diversidade de temas que surgiram ao longo das produções do grupo, o sistema contribuiu uma vez que possui filtros para facilitar as buscas. Nesses filtros, buscamos referência aos temas: Licenciatura Curta; Licenciatura Plena; Escola Normal; Escola Normal Rural; Escola Nova; Estudos Adicionais; e Projeto Rondon.

Assim mobilizamos diversos conhecimentos que nos permitiram tecer uma compreensão sobre a formação e atuação dos professores de Matemática na região de Barreiras, o que mostrou outras possibilidades para esse tema, que é bastante complexo. Nessa narrativa produzimos significados a partir das ideias de diversos autores e, diante

²⁶ O processo de elaboração do banco de dados é descrito na tese *Hemera: sistematizar textualizações, possibilitar narrativas*. Fábio Donizeti de Oliveira (2013). Esse banco de dados está disponível em <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/index.php?pagina=hemera.php>.

dessas possibilidades, entendemos a ideia proposta por Garnica (2014) ao referir-se às narrativas como o húmus dos trabalhos desenvolvidos pelo projeto do mapeamento, pois esses elementos fertilizam ideias de como contar essas e outras histórias dentro da temática.

Observamos que tal processo foi marcado por diferenças na implantação de políticas para formação, o que não se trata de uma exclusividade local. Também, a narrativa que apresentamos ilustra a ideia defendida por Garnica (2010), ao contar que a formação ocorreu em um cenário marcado pelas mesmas exigências, mas ofertadas em desigualdade de condições.

4 TEXTUALIZAÇÕES DAS ENTREVISTAS.

4.1 Professora Elena Maria Brentano

Conheci a professora Elena Maria Brentano no X ENEM²⁷, que ocorreu na cidade de Salvador em 2010. Depois, participamos como ouvintes das sessões de videoconferência da série *Descomplicando a Matemática*, promovida pelo Instituto Anísio Teixeira (IAT²⁸) da Secretaria Estadual de Educação da Bahia (SEC-BA), e conversamos durante alguns desses encontros.

No ano de 2011, durante a implantação do PIBID²⁹ no IFBA, o projeto precisava de um professor com Licenciatura Plena em Matemática para atuar como supervisor na escola. Como sabia que ela se enquadrava em tal pré-requisito, convidei-a para participar da seleção e tivemos a oportunidade de trabalhar juntos por oito meses. Entre os anos de 2012-2013, a professora Elena atuou na DIREC-25³⁰ como supervisora do projeto GESTAR³¹ II da SEC-BA, período no qual não atuou em sala, e seu retorno à docência ocorreu no ano de 2014.

De início, não pretendia entrevistá-la. No entanto, a pessoa com quem eu vinha mantendo contato e que seria a primeira entrevistada não estava respondendo mais às minhas mensagens por meio da rede social Facebook. Como havia planejado fazer a primeira entrevista após a viagem que faria para participar do XVIII EBRAPEM³², para a qual faltavam dois meses, precisava da confirmação dessa pessoa, o que não ocorreu. Então resolvi incluir a professora Elena entre as depoentes. Isso se deveu também ao fato de ela ser migrante, de ter feito sua formação na região de Barreiras, um pouco antes do início dos cursos de Licenciatura em Matemática na região. Da mesma forma,

²⁷ Encontro Nacional de Educação Matemática é um evento promovido pela Sociedade Brasileira de Educação Matemática desde 1987, o qual ocorre, a partir de 1992, a cada triênio.

²⁸ O IAT é um departamento da Secretaria da Educação da Bahia, responsável por diversos programas de qualificação dos docentes da rede estadual baiana.

²⁹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) — fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e desenvolvido em parceria com várias Instituições de Ensino Superior (IES) do país.

³⁰ Diretoria Regional de Educação. A que atende a região de Barreiras era a de número 25, isso porque o atual governo da Bahia reduziu o número de DIRECs para 27, uma para cada território de identidade descrito nos anuários estatísticos do estado, transformando-as em Núcleo Regional de Educação (NRE), e o território de identidade da Bacia do Rio Grande forma o NRE-11.

³¹ Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar: é um projeto do MEC para formação continuada de professores de Português e Matemática do ensino fundamental II (6º ao 9º ano).

³² Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática: evento que ocorre anualmente desde 1997 e é um espaço onde são apresentadas as metodologias dos projetos de pesquisa na área da Educação Matemática.

por eu ter conhecimento de que sua formação ocorrera em trajetória uma vez que ela começou a ensinar Matemática muito antes de concluir os cursos de graduação — Pedagogia e Matemática, nessa ordem. Tomada essa decisão, fiz dois contatos com a professora. O primeiro foi por meio do Facebook, quando perguntei a respeito da formação dela, aproveitando também para expor-lhe minha intenção de entrevistá-la. Então, ela me passou as seguintes informações:

Fabio, eu cheguei a Barreiras no ano de 1986. Já tinha concluído o Magistério em 1984 em Carazinho-RS. Comecei a trabalhar como professora de Matemática em 1994, quando assumi o cargo de professora na rede estadual. Comecei o curso de Pedagogia na Uneb em 1996 e concluí no final de 1999. Fiz pós em Educação Matemática na PUC- MG em 2000 e concluí no final de 2001. Iniciei a graduação em Matemática em 2006 na Uneb e depois migrei para a Unifacs em julho de 2006, no programa de formação do estado e concluí o curso no final de 2009.³³

Com a resposta, depois desse primeiro contato, agendamos a entrevista para o dia 26 de novembro de 2014, no período da manhã, no laboratório de Educação Matemática do IFBA, *campus* Barreiras, e nossa conversa durou quase 1 hora e meia. Apresentei as fichas e pedi para que ela as ordenasse e observei que a professora Elena as dispôs na seguinte ordem: início e permanência na docência, formação, desenvolvimento regional e ensino de Matemática.

No processo de textualização dessa entrevista, notamos que ficaram lacunas em algumas informações e, aproveitando a ida para Barreiras para outras entrevistas no mês de março de 2015, encontramos-nos no mesmo local para mais 32 minutos de conversa no dia 12 de março. As respostas, nessa segunda vez, complementaram o que havia faltado na primeira textualização e também geraram novas perguntas e respostas.

Então demos início à entrevista, mas antes solicitei que a professora Elena se apresentasse aos leitores e nos contasse como tinha sido sua chegada à região de Barreiras:

“Eu sou professora Elena. Não sou baiana, sou do Rio Grande do Sul, como você já sabe. Moro aqui já faz 30 anos e, quando cheguei, tinha como formação o 2º grau Magistério. Procurei trabalho na área de professor de educação básica de primeira à quarta série, pois minha formação na época habilitava para atuar nessa modalidade de

³³ Transcrição da resposta da professora Elena em 24 de setembro de 2014, enviada via mensagem *inbox* do Facebook.

ensino. Como não encontrei nenhuma vaga, até porque cheguei aqui no mês de fevereiro, mais especificamente no final de fevereiro, quando as aulas já haviam começado, então eu não tinha espaço para trabalhar como professora. Diante disso, consegui uma vaga na secretaria de uma escola particular e de vez em quando substituía um e outro professor. Além disso, em outro turno, acabei trabalhando em Cartório, como escrevente — tabelião de notas — e, ao mesmo tempo, buscando uma escola, porque eu sempre quis ser professora. Com o passar do tempo, surgiu a oportunidade de fazer concurso público para tabelião de notas, assim passei no concurso e me afastei da educação por cinco anos.”

Fábio — Quando você e sua família vieram pra cá, foram direto para Barreiras?

Elena — Sim, já nós estabelecemos aqui! Eu é que, através do cartório, fui morar em Formosa do Rio Preto³⁴ e depois fiz uma troca e fui para Riachão das Neves³⁵.

Fábio — Bem, diante desse desejo de ser professora, conte-nos mais sobre o curso de Magistério...

Elena — Eu tive que sair da minha cidade natal, que é São Martinho, onde só tinha Técnico em Contabilidade como ensino de 2º grau e fui estudar em Carazinho³⁶, distante uns 100 km da minha cidade. Fui como interna no colégio de freiras, na época em que fiz o Magistério no Colégio Nossa Senhora da Glória, um colégio particular aberto aos estudantes. Mas como a gente era de fora, acabava no sistema de internato e ali fiz o Magistério. No curso já sentia bastante afinidade com a área de Matemática, só que o primeiro ano do Magistério era básico – só depois do primeiro ano naquela escola é que você poderia optar pelos cursos que a escola oferecia: Técnico em Contabilidade, no período noturno, ou Magistério, no diurno.

Quanto aos conteúdos de Matemática, tive toda essa parte de teoria dos conjuntos, de funções, que a gente tem normalmente. Eles também ofereciam o Científico³⁷, para quem queria ir para o vestibular, e eu optei a vir para o Magistério, até por conta da minha mãe que me estimulou a fazer esse curso. Depois nós tínhamos a Metodologia da Matemática e as outras metodologias no 2º ano e no 3º ano já para fazer os estágios.

Fábio — E esse curso de Magistério durou quanto tempo?

³⁴ Formosa do Rio Preto é um município da região, distante 157 km de Barreiras.

³⁵ Riachão das Neves é outro município da região, distante 56 km de Barreiras.

³⁶ Os municípios de São Martinho e Carazinho compõem a chamada Mesorregião do Noroeste Rio-grandense. São municípios distantes mais de 400 km de Porto Alegre.

³⁷ Denominação para a formação não técnica no 2º grau.

Elena — Três anos. O primeiro ano, o básico, e o segundo e o terceiro ano já eram específicos, quando nós não tínhamos mais nenhuma disciplina específica do ensino médio de hoje, 2º grau na época. Tinha só as metodologias, os estágios e aí tinha mais meio ano de estágio — fiz estágio na turma de alfabetização no próprio colégio, convidada pela direção. Depois trabalhei um ano em São Martinho numa classe multisseriada de 1ª a 4ª série e havia feito uma seleção, um concurso pela Prefeitura e tinha passado, mas aí meu pai resolveu vir para cá, ou melhor, sair do Rio Grande do Sul e vir pra Bahia. Fiquei esse tempo sem estudar, porque quando cheguei aqui não tinha nenhum curso superior na área da Educação.

Depois fiz o vestibular para Pedagogia, pois aqui, na época, em meados dos anos 1990, só tinha Pedagogia e Ciências Contábeis pela Uneb. Eram só esses dois cursos, e acabei optando pela Pedagogia, mas a intenção realmente era ser professor de Matemática, porque foi sempre a disciplina da qual mais gostei. Na época, até algumas pessoas questionaram: “Por que você não vai para o curso de Ciências Contábeis?” Mas não era esse o curso que eu queria, eu queria vir para a área da Educação.

Fábio — Você mencionou que a influência para ser professora de Matemática vem da sua mãe. Conte-nos sobre alguns episódios que te marcaram nessa época.

Elena — Esse meu gosto pela Matemática, na realidade, vem a partir de influências da minha mãe, bem antes da formação em Magistério. É que a minha mãe não teve condições de estudar e ela só cursou até a quarta série do antigo primário (antes de entrar no ginásio), como eles chamavam naquela época. Mas ela sempre teve vontade de ser professora, só que ela não pôde estudar, porque ela era da roça e não teve condições de sair para cursar. Então ela praticava ser professora com a gente, dentro de casa. À noite, lá na roça, quando ela ligava o lampião nós sentávamos, eu e meus quatro irmãos, ao redor da mesa onde ela ensinava primeiro a ler. E para atender aquela fila de filhos, os mais velhos — como eu, que sou a segunda — começávamos a estudar Matemática, e ela passava uma lista de contas pra gente: conta de mais, conta de menos, conta de vezes, conta de dividir, e ela tomava tabuada da gente. Além disso, era para a Matemática que ela mais dava ênfase, até porque nós somos descendentes de italiano com alemão. Como a minha mãe é Lüdwig, uma ascendência toda de alemão, e meu pai é uma mistura, Lükemaier, alemão por parte da mãe, e Brentano, que é italiano, pela parte do pai.

Devido a essa mistura de italiano com alemão eles falavam alemão nas duas famílias. Com isso, tem-se uma dificuldade de fala, o que aparece no trabalho com a

língua, que era mais difícil para ela. Até porque ela tinha dificuldade de escrever, com troca das letras de *f* com o *v*, todas essas questões que fazem parte de quem fala uma segunda língua e com isso ela tinha uma afinidade muito maior com a Matemática. Todos nós sabíamos as tabuadas, somar, subtrair, multiplicar, dividir com dois ou três números, essas coisas todas. Enquanto ela ensinava os mais novos a ler, a gente ia fazendo continhas, além dos deveres de casa que a gente tinha que fazer. Com isso a gente tinha o domínio das quatro operações fundamentais, o que fazia com que nos destacássemos em Matemática na escola. Como você tira notas altas, você acaba gostando daquilo, e desses estímulos, que recebíamos da minha mãe, vem o gosto pela Matemática e a vontade que a gente fosse professora, tanto eu quanto minha irmã — só que minha irmã nunca gostou e ela não é professora.

Fábio — Nesse contexto, você teve influência marcante de algum professor de Matemática?

Elena — Na realidade, de professor não diria. O que marcou mesmo foi a minha mãe, que desde sempre dizia que queria ser professora e enfatizava que queria ser professora de Matemática! Recordo-me de um fato, quando um tio, que é padre, disse: "Mas mulher não é professora de Matemática, mulher faz um trabalho com Língua Portuguesa, e o homem é que é professor de Matemática." Lembro-me até hoje quando ele me disse isso, eu era criança e me lembro da resposta que dei a ele: "Mas gosto de Matemática e por isso vou ser professora de Matemática!" Assim, desde os 10, 11 anos de idade, eu já tinha decidido que queria ser professora de Matemática.

Fábio — E quando ocorreu o seu retorno para trabalhar na Educação?

Elena — No ano de 1994 é que acabei voltando *p'ra* Educação. Fiz o concurso *p'ra* Riachão das Neves, e o cargo era professor de 1ª a 4ª série. Voltei trabalhando como professor da Educação de Jovens e Adultos (EJA), na época. Conciliava o trabalho no Cartório durante o dia e, à noite, como professora da EJA. Fiquei dois anos por lá quando pedi demissão: nesse caso, exoneração do cargo de tabelião de notas, porque eu não quis mais ficar no Cartório. Quando saí do Cartório, fiquei atuando exclusivamente como professora e pedi remoção para Barreiras. No ano de 1996, consegui chegar aqui e encontrei uma vaga no Colégio Marcos Freire³⁸, que era mais próximo da minha casa e, ao mesmo tempo, eles estavam precisando de professor de Matemática.

³⁸ O Colégio Democrático Estadual Marcos Freire é o local onde a professora Elena trabalha atualmente.

Fábio — Sobre esse concurso, o que era exigido para ingresso no Magistério do Estado da Bahia?

Elena — Na época na qual fiz o concurso, a rede estadual ainda trabalhava³⁹ com turmas de 1ª a 4ª série, isso em 1990, logo havia concurso para professor Nível I, Nível II e Nível III⁴⁰. O professor de Nível I era o professor do Magistério, que assumia as classes de 1ª a 4ª série, que foi o concurso que fiz, porque essa era minha formação inicial. Na época, o professor de Nível II era quem tinha habilitação do Magistério e que fazia uns cursos adicionais. Lembro que o professor podia fazer um ano de curso adicional em determinada disciplina e aí subia de Nível I para Nível II. Quer dizer, você era um professor que não tinha graduação, mas você tinha um adicional em alguma disciplina. Naquela época eles não abriam concurso para o Nível II e assim esse professor de Nível II poderia atuar de 5ª a 8ª série, como professor daquela disciplina. Somente quem tinha graduação — o professor do Nível III — é quem tinha o direito de atuar no 2º grau, mas como a dificuldade de professores na área de Matemática era muito grande e eu gostava de Matemática, aconteceu o quê? Quando eu cheguei, eles já colocaram logo: “Já que você gosta de Matemática, você vai pegar Matemática”. E me jogaram para uma escola de 2º grau que não tinha professor.

Fábio — Você chegou a fazer esses cursos adicionais?

Elena — Não! Quando foi oferecido por aqui, eu já estava cursando Pedagogia.

Fábio — Ao retornar para Barreiras, conte-nos sobre seu início no Colégio Marcos Freire e sua volta aos estudos, iniciando a graduação em Pedagogia.

Elena — O Marcos Freire já surgiu como escola de 2º grau na época, que oferecia cursos técnicos em Secretariado e Contabilidade. Entrei na escola trabalhando com a Matemática Básica, que tinha no 1º ano e, nos outros anos, as disciplinas eram chamadas de Estatística e Matemática Financeira — não existia a componente curricular de Matemática ao longo dos cursos. O que era chamado de Matemática aparecia só no 1º ano, que era uma revisão de conceitos básicos da Matemática. Não sei se Estatística era no 2º ou no 3º, sei que em um ano era Estatística e, no outro, Matemática Financeira.

³⁹ No site www.escolas.educacao.ba.gov.br encontrei ainda 63 escolas estaduais que oferecem o ensino fundamental: séries iniciais (antiga 1ª a 4ª série). Apenas uma dessas escolas está na região de Barreiras, mais precisamente uma escola indígena, no município de Muquém de São Francisco, localizada aproximadamente a 180 km de Barreiras. Apesar da última LDB (Lei nº 9394/96) recomendar a municipalização do ensino fundamental, atualmente constata-se que na rede estadual da Bahia existem escolas que o ensino fundamental: séries iniciais.

⁴⁰ Classes do antigo plano de Carreira do Magistério Estadual na Bahia. Em 2008, passou a vigorar um novo plano, onde os níveis foram substituídos por padrões.

Então a gente tinha esses três componentes curriculares dentro do curso com alguma relação com os conteúdos atuais de Matemática do ensino médio. Então a DIREC-25 me direcionou para o Marcos Freire. A professora Maria Augusta Coité Matos, que era a diretora na época, me colocou no 1º ano como sendo professora de Matemática. No seguinte já fui para as aulas de Estatística e depois para as de Matemática Financeira, sem a devida formação. Cursava Pedagogia na época, no período da tarde, e pegava disciplinas à noite, e eu só tinha 20 horas-aula. A partir da nova LDB, o 2º grau passou a ser chamado de ensino médio. Em 1998, nós recebemos um curso de formação, ministrados por professores vindos de Salvador, para nos adequando para o novo ensino médio. Os conteúdos, agora, de Matemática do 1º, 2º e 3º ano, vai entrar (sic) a trigonometria, por exemplo, e outros conteúdos que a gente não trabalhava antes.

Fábio — Eu me recordo de algumas características do Marcos Freire, como por exemplo, do ensino fundamental no tempo em que atuamos com o PIBID⁴¹, de atender um perfil de aluno bastante diversificado: aqueles que estudavam e trabalhavam, aqueles da zona rural de Barreiras e, com isso, a permanência do aluno na escola e a possibilidade de ele frequentá-la no contraturno era bastante complicada. Recordo-me de que isso, por exemplo, inviabilizava a realização das atividades do PIBID pela manhã. Conte-nos sobre essa escola, na qual você atua.

Elena — A gente atende a uma população muito pobre; uma população de periferia e uma população de zona rural muito grande e que não tem condições de ficar o dia inteiro na escola. O Marcos Freire passou a ter 5ª a 8ª série muitos (estala os dedos) anos depois, por conta da questão da merenda escolar, e essa merenda só era para alunos do ensino fundamental, mas acontecia o quê? A escola tinha uma quantidade de alunos no noturno muito grande, e esses alunos, muitas vezes, saíam do trabalho direto para a escola sem lanche, sem nada e sem condições de lanchar. Então, o que a diretora pensou na época: “Se eu trouxer o ensino fundamental, eu consigo dinheiro para o lanche e esse lanche a gente bota para render de maneira que o aluno que vem à noite e que não tem condições de lanchar, pelo menos ele tem um prato de sopa para tomar”.

Nessa perspectiva, ela abriu vagas no ensino fundamental, de 5ª a 8ª série, uma turma de cada série, no período vespertino, e ela recebia o recurso para a merenda escolar. Lembro-me de que para os alunos do diurno havia a seguinte norma em relação

⁴¹ O PIBID atuou na escola de julho a dezembro de 2011.

à merenda: os alunos do ensino fundamental lancham primeiro e se sobrar, os alunos do ensino médio podem lanchar. Aí ela guardava um tanto daquele arroz, daquela sopa, daquele macarrão para os alunos da noite, para exatamente aquele grupo de alunos que ela sabia que não tinha condições de lanchar.

Então, esse foi um dos motivos pelos quais o ensino fundamental veio para o Marcos Freire. Foi por conta desse problema social que tinha que ser resolvido. É uma questão que a gente não publica, mas foi nas entrelinhas que se resolveu um problema. Com o tempo, o ensino fundamental foi acabando; no (ano) passado a gente teve a última turma de 8ª série e encerrou o fundamental, e o Marcos Freire agora só atende o ensino médio. O governo do Estado, até onde eu sei, não tem mais interesse em anteder o ensino fundamental, que está sendo municipalizado.

Fábio — Entendo... achei bem interessante essa estrutura curricular. Você sabe me dizer se só o Marcos Freire tinha ou era comum isso nas outras escolas públicas?

Elena — O ensino, que aqui no começo dos anos 1990 eles chamavam na época de Científico, que normalmente preparava para o vestibular, não era oferecido nas escolas públicas, e a maioria das escolas, no caso as escolas do Estado, eram técnicas. Só nas escolas particulares daqui é que tinha ensino mais voltado para a formação geral. Você, que é mais novo do que eu, talvez não se lembre dessa divisão do ensino do 2º grau, que hoje a gente chama de ensino médio, porque a nomenclatura *ensino médio* vem a partir da nova LDB.

Fábio — Essa divisão eu já conheço, mas essa particularidade da educação baiana, das escolas públicas de 2º grau da região, eu não conhecia.

Elena — Isso realmente eu não sei te informar porque também eu era muito nova na região. Nas escolas do Estado, eu desconheço alguma que estivesse trabalhando com o Científico, e isso na década de 1990, antes da instalação do ensino médio propriamente, da formação geral, que chegou ao final dessa década. Quase em 2000, praticamente é que começou a se implantar a partir do 1º ano da formação geral – olhando para as minhas anotações⁴². Por conta disso, nós recebemos uma formação específica, o Estado trouxe, através do IAT, professores. Nós passamos uma semana em formação e, alguns meses depois, mais uma semana de formação intensiva: 40 horas pela manhã e tarde. As aulas foram suspensas nas escolas na época, acho que isso foi em 1997, e esses

⁴² Notei que enquanto fazia anotações para formular perguntas, a professora Elena observou as minhas anotações e deu continuidade a sua fala.

professores foram trazidos para fazer essa formação com a gente, com os que estavam em sala de aula.

Eu me lembro de que naquela época comecei a estudar função, comecei a estudar trigonometria, comecei a estudar os conteúdos curriculares, hoje do ensino médio, que a gente trabalha principalmente no 1º e no 2º ano; o 3º ano não foi tanto o foco. Então a gente começou a estudar mesmo esses conteúdos, porque a gente não tinha tido essa formação. Enquanto estudante de Pedagogia, eu não tinha essa formação matemática, que no curso de Pedagogia ela é muito restrita (sic). Lembro que era só uma disciplina de Matemática Básica, só fez uma revisão de Matemática do 1º grau. Lembro que chegava até funções, mas não ultrapassou a função polinomial do 2º grau, a função inversa, não ultrapassou esses conceitos. Então, a partir disso, a gente começou a ter que estudar, e o que a gente tinha? Não tínhamos livros didáticos, eles ainda não eram distribuídos para os alunos. Éramos nós que montávamos as nossas apostilas para poder trabalhar com os alunos, com listas de exercícios e com apostilas. Logicamente que a gente recebia da Secretaria⁴³ um currículo com os conteúdos da 1ª unidade,⁴⁴ da 2ª unidade, da 3ª unidade e da 4ª unidade, que tinham que ser trabalhados. A gente recebia, basicamente, projetos semiprontos, isso tudo era muito novo, estava tudo iniciando com o ensino médio. Ainda estava muito desconectado, a gente não tinha entendido o que era essa avaliação quantitativa e qualitativa, e a base curricular vinha pronta para nós e os conteúdos que tinham que ser trabalhados.

Lógico que, como a gente basicamente não tinha o domínio desses conteúdos por conta da falta de formação, a gente dava o que a gente sabia. Não vou negar que a gente não trabalhava como tinha que ser trabalhado porque a gente não tinha essa base, e a formação aconteceu em duas semanas de um semestre e em duas semanas no começo do outro: foram cento e poucas horas, uma formação muito aligeirada.

Lembro que a professora começou desde os conceitos básicos da função e foi trabalhando os conteúdos de Matemática — o nome dela era professora Graça,⁴⁵ e ela era da Federal da Bahia, da UFBA —, ela é (sic) quem trabalhou a questão da Matemática. Ela nos trouxe os principais conceitos e tentou trabalhar. Lembro-me de que senti muita dificuldade, principalmente em Geometria. Mas a partir dali a gente começou a estudar, nós tivemos realmente que sentar e estudar para poder ter condições

⁴³ Secretaria de Estado de Educação da Bahia.

⁴⁴ Nomenclatura utilizada para bimestre nas escolas da Bahia.

⁴⁵ A professora Graça Luzia Dominguez Santos ainda atua como docente na UFBA. Escrevi-lhe um e-mail e ela me confirmou sobre os cursos realizados pelo IAT nos anos 1990.

de trabalhar isso em sala de aula. Lembro ainda que o IAT contratou um grupo de professores em todas as áreas, além da Matemática; teve curso nas disciplinas de Português, Geografia, História, Física, Química. Para todas as áreas trouxeram um grupo de professores e, especificamente, não sei se todos eram da UFBA.

No curso de formação, frequentaram uma média de 20 professores de Matemática, na minha sala tinha isso. O curso aconteceu na antiga Agrotécnica⁴⁶, lá para cima, onde hoje funciona o prédio da Uneb, e a Uneb funcionava aqui. Ao final do curso, a gente recebia uma carteirinha, uma autorização provisória para você trabalhar como professor de Matemática. Eu tinha essa carteirinha provisória até um dia desses, uma carteirinha provisória válida por dois anos que, de dois em dois anos, a gente tinha que fazer sua revalidação para ensinar naquela disciplina, porque não era licenciado na área. Eu acho que não tenho mais esses materiais, como você me pergunta, pois fiz uma bela limpeza e joguei tudo fora. Só se realmente eu buscasse dentro dos meus guardados, bem antigos, mas não acredito que eu tenha guardado. Eram apostilas que eles davam pra gente.

Depois nós recebemos um outro curso de formação, que foi feito em Bom Jesus da Lapa⁴⁷, foi durante uma semana com o pessoal do IAT — também uma equipe de Salvador é que veio. Foram vários professores e, então, cada conteúdo era trabalhado por um determinado professor. Acho que isso foi uns dois anos depois... Acho que foi lá pelos anos.... Ah! Lembrei! Foi no final de 2002. Naquela época eu já tinha ido para Belo Horizonte, onde fiz pós-graduação em Educação Matemática, buscando assim assegurar a minha vaga dentro da escola com a disciplina de Matemática. Porque tinha uma política de que a vaga era daquele que era mais velho, na época. Ou o primeiro lugar era daquele que era graduado na área. Como não tinha ninguém graduado na área, acontecia o quê? Se não tinha ninguém graduado na área e todo mundo tivesse com a mesma graduação, a preferência era de quem era mais velho de Estado.

Como eu ainda era a mais nova de Estado nesse contexto, dentro da minha escola tinham outros colegas que não tinham formação, mas que eram mais velhos de Estado, quer dizer, estavam só com a formação do 2º grau, dois colegas. Enquanto eu já

⁴⁶ Na época existia a Escola Estadual Agrotécnica. Essas localizações que a professora Elena demarca tem um motivo, pois a entrevista ocorria no *campus* do IFBA. A escola onde ela trabalha — Colégio Estadual Democrático Marcos Freire — funciona em um terreno vizinho ao IFBA e, na frente dessa escola, tem um prédio abandonado do Estado da Bahia, onde funcionou por anos a Uneb, até ela ser transferida para a área da antiga Escola Agrotécnica.

⁴⁷ Bom Jesus da Lapa, município localizado à margem direita do Rio São Francisco, distante cerca de 350 km de Barreiras e cerca de 780 km de Salvador.

tinha Pedagogia como formação no ensino superior, mas Pedagogia não me habilitava a ensinar Matemática. Diante disso, então, o que eu fiz? Fui para Belo Horizonte, fui para a PUC-MG⁴⁸, porque nessa época ainda não tinha curso de pós-graduação em Barreiras. Em 2000, quando eu terminei a Pedagogia, fui buscar minha pós-graduação em Educação Matemática, porque com a titulação de especialista em Educação Matemática, obviamente que a vaga tinha que ser minha. Eu teria prioridade no momento da distribuição das aulas, e esse critério de tempo de serviço para a distribuição de aulas continua até hoje.

Fábio — E sobre esse curso de especialização em Educação Matemática, quais são suas memórias?

Elena — Eu escolhi essa especialização na época porque eu realmente queria fazer algo relacionado com Matemática e a única opção que eu tinha era fazer Educação Matemática. Quando cheguei a Belo Horizonte, esse curso de especialização era novo, era a primeira turma. Me lembro (sic) do primeiro dia de aula quando a coordenadora abriu a roda e que todo mundo se apresentou, e todos eram graduados em Matemática ou eram engenheiros ou eram de uma área que tivesse algo a ver com Matemática, e a única pedagoga era eu. Recordo ainda que um colega virou e disse bem assim: “Como ela tem o direito de fazer um curso de especialização em Matemática se ela não é formada em Matemática?” Na apresentação eu recebi essa abordagem assim, porque o pessoal de Minas é mais direto, eles não mandam recado. A coordenadora me olhou e disse bem assim: “Bom, o pedagogo é um especialista em educação, sendo um especialista em educação, ele tem o direito de fazer qualquer curso que ele quiser, e o nosso curso não é Matemática Pura, nosso curso é Educação Matemática. Então, de toda sorte, mesmo como um coordenador pedagógico, atuando nessa área, ela precisa estar estudando e tentando entender como se direciona a Educação Matemática”. Foi essa a leitura que ela fez, ela jamais ia imaginar que aqui na Bahia eu ia entrar como professora de Matemática. Ela imaginava que entraria na área pedagógica, na orientação, na supervisão, na coordenação da Matemática. E o colega me disse: “Então está bem”.

Quando chegou ao final do curso, lembro que eu ajudei muito o grupo na parte da Filosofia, da Sociologia, dessas fundamentações pedagógicas, da Psicologia, da Didática da Matemática, que nós tivemos dentro do curso. Eu dava um suporte para

⁴⁸ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

eles na leitura e na interpretação desses conceitos, que eu já tinha estudado todas essas disciplinas na Pedagogia. Na festa de despedida, que fizemos ao final do curso, recebi um presente da turma, em agradecimento por ter contribuído com eles, por ter ajudado e ter facilitado o estudo. Esse mesmo colega me pediu desculpas pela ignorância do que ele havia dito no primeiro dia de aula e, quer dizer, (estala dos dedos), fez as pazes. Na realidade não fiquei chateada, porque realmente tem essa questão de preconceito com aquilo que não se conhece. Por outro lado, eu tive dificuldade, muita dificuldade na área de Cálculo, porque quando entrou Cálculo 1, foi uma revisão de Cálculo 1: derivadas, integrais, limites, e eu nunca tinha visto aquilo, eu não sabia, não tive condições de acompanhar e tive muita dificuldade para conseguir fazer essas disciplinas mais específicas da Matemática. Mas consegui, ao final dos dois anos, concluir o curso.

Fábio — E quais foram os outros conteúdos específicos da Matemática no curso?

Elena — Além do Cálculo, tiveram as Geometrias: a Geometria 1 e a Geometria 2, na qual entrava a Geometria Espacial e toda a parte da Geometria Analítica, que eu nunca tinha visto. Eu tive que sentar para poder estudar com eles e, no 2º ano do curso de pós, a escola recebeu um professor graduado em Matemática, que era o professor Nilson⁴⁹, que me ajudou muito para fazer meus trabalhos, porque aqueles conteúdos eu nunca tinha visto. Ele veio do Rio de Janeiro na época, com a esposa, porque eles tinham passado por questão de violência, assalto, e eles resolveram vir pra um lugar distante daquilo tudo. Eles olharam no mapa para o interior do Brasil e escolheram Barreiras. Sei que ele deixou um concurso de lá, a esposa era enfermeira e também deixou o concurso e vieram... e aí ele entrou como professor pelo Regime Especial de Direito Administrativo (REDA),⁵⁰ que é um contrato com o Estado e ele escolheu o Marcos Freire, e isso foi excelente, porque ele me ajudou muito.

Aconteceu o seguinte, o outro professor, o André, que trabalhava na escola, era professor concursado do Estado e, quando eu cheguei, ele já estava no colégio, mas ele só tinha formação de Magistério de 2º grau. Como ele era do Lar Batista⁵¹, foi embora de Barreiras. Se não me engano ele foi para o sul da Bahia coordenar um trabalho da

⁴⁹ A Professora Elena ficou encarregada de verificar o nome completo dos professores citados apenas com o primeiro nome, junto à secretaria do colégio Marcos Freire, mas não me retornou. Fui à DIREC, porém não há registros desses professores antigos.

⁵⁰ Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) é um regime de trabalho utilizado por diversas autarquias públicas da Bahia, que não fazem parte do quadro efetivo de servidores. No caso da educação, um professor contratado pelo REDA fica atuando por até 4 anos.

⁵¹ O Lar Batista é um orfanato da cidade de Barreiras, fundado em 1966 e mantido pelas Missões Nacionais da Igreja Batista.

Igreja e hoje ele deve estar aposentado. Foi nessa vaga do professor André, que tinha algumas aulas, é que entrou um contratado pelo REDA. Lembro que a diretora não queria que ele permanecesse na escola, exatamente porque ele era muito irresponsável com a disciplina. Ele passava todo mundo, ele queria férias e dava logo 9 e 10 para todos os alunos e não tinha recuperação em Matemática. Com isso, a direção ficava muito insatisfeita e, à medida que ela conseguia, esses profissionais iam sendo tirados da escola, entendeu?

Fábio — Entendi, e isso é uma coisa que percebo aqui. Você relatou que a experiência de trabalhar com o professor Nilson foi excelente, me conte mais sobre esse período na sua trajetória.

Elena — Como eu era concursada e estava terminando a pós-graduação, eu poderia escolher as minhas turmas porque ele trabalhava as outras turmas, como por exemplo, a Física e a Matemática dos 3^{os} anos. Até então, eu basicamente pegava só as turmas de 1^o ano. Nessa época, geralmente tinha entre quatro e cinco turmas de 1^o anos. E aí já fechava minha carga horária. Porque naquela época, o Estado trabalhava com quatro aulas de Matemática, quatro aulas em cinco turmas fechavam minha carga horária de 20 horas-aula. Tinha a professora Ivanilce, que também pegava algumas turmas de 1^o ano. Nessa época, comecei a pegar o 2^o ano, e aí o professor Nilson foi quem me ajudou quando eu tinha dúvidas, mas aí o que ele fez? Era ele quem sentava comigo e estudava. Foi ele quem me ensinou a Trigonometria, pegava muito meu livro, estudava e fazia os exercícios, aquele livro do Dante⁵² que traz as respostas desenvolvidas ao final do livro.

Eu ficava tentando entender como era feito, estudando sozinha, autodidata, principalmente nas Progressões – Aritméticas e Geométricas, nas Probabilidades... E me lembro de algumas questões mais difíceis, as quais eu não conseguia entender. Então eu pegava essas questões, sentava com ele e questionava: “Por quê?” E assim ele me explicava, e ele era uma pessoa excelente, uma pessoa tranquila, que explicava: “Não, aqui é feito assim por isso, isso e isso”. E assim eu aprendi muito com ele. Em questão de aprender conteúdos, ele foi uma das pessoas que mais me ajudou nesse sentido e foi muito marcante. Depois me lembro de que ele foi p’ra Unyahna⁵³, fez o concurso do Estado, foi aprovado e tornou-se professor do quadro efetivo. Só que depois de um certo tempo ele foi embora, voltou para o Rio de Janeiro, porque a esposa dele não estava se

⁵² Referência à obra *Matemática: Contexto & Aplicações*, coleção de Matemática para o ensino médio, de Luiz Roberto Dante.

⁵³ Instituição de ensino superior na cidade de Barreiras.

adaptando e não queria ficar por aqui, aquela questão toda... e então saiu daqui. Parece que ele tentou uma transferência para o sul do Bahia ainda, para ficar mais próximo, e hoje não sei por onde ele anda. Ele passou uns dois ou três anos por aqui. Durante o período que ele esteve em Barreiras, ele era um dos professores formados na área que a gente tinha aqui, pois tinha graduação e pós-graduação em Matemática.

Nessa época o Estado começou a oferecer as formações, a Uneb começou a trazer Matemática. Recordo-me de que na época de Pedagogia a gente pedia, solicitava o curso de graduação em Matemática quando eles faziam as enquetes, perguntando qual era o curso que a gente queria. Eu sempre coloquei Matemática e então a Uneb acabou trazendo Matemática em 2006. Nós iniciamos o curso em abril de 2006, lembro que o vestibular foi em 2005 e, por conta de greves, o ano letivo começou atrasado, e comecei a fazer essa outra graduação na primeira turma de Matemática. Como a gente tinha muita falta de professor, muito problema dentro do curso, aconteceu que o Estado ofereceu a formação de professores pelo IAT, no convênio com a Universidade Salvador (UNIFACS). Eu acabei fazendo a seleção simplificada do Estado e passei a fazer a Matemática a distância. Fiz o 1º semestre e parte do 2º semestre na Uneb e depois eu migrei para o curso da UNIFACS porque ficava mais fácil para mim, porque eu já tinha o contrato REDA com a Uneb e ficava difícil assistir aula e ser professora em outro curso. Porque quando eles organizam os horários, eles não estão preocupados se você é aluno; eles organizam conforme a necessidade das turmas. Então acabava assistindo um horário de aula e no outro teria que dar aula em outra turma, não no curso de Matemática, porque eu, enquanto estudante do curso, não poderia estar ensinando no curso, mesmo que fossem as disciplinas pedagógicas. Trabalhava nos cursos de Letras e de Pedagogia e assim fiquei fazendo o curso a distância e hoje eu tenho a *Licenciatura*.

Fábio — Já que começamos a falar da sua formação em Matemática, inicialmente na primeira turma de um curso instalado em Barreiras, com continuidade no curso da UNIFACS, conte-nos mais a respeito desse curso, como foi realizado, e a infraestrutura, as experiências...

Elena — O curso da UNIFACS era formação em serviço, como já te disse, oferecido pelo Estado e era a distância. Sendo um curso na modalidade Educação a distância (EaD), obviamente era muito mais difícil fazer o curso do que na modalidade presencial. Não é algo simples! Não venha me dizer que isso é fácil porque não é. Se com o professor ensinando Limite, Derivada tem hora que você não consegue, você imagina pegar um livro escrito, uma apostila e tentar entender de onde vieram aquele

dois? Por que que deu uma raiz aqui? Deu aquilo ali, por quê? P'ra onde foi e o que foi que aconteceu? Mas em termos de tempo, esse curso me dava um jogo de cintura maior.

Tive muitas dificuldades, principalmente da metade do curso para o final, quando a gente começa a entrar nos Cálculos superiores, essa questão toda. Quem me dava um suporte muito grande era o professor Samuel Meira, da Uneb. Quando eu estava arrancando os cabelos, que não conseguia mais, eu chegava lá: “Professor, como é que faz isso daqui?” E ele sentava naquela maior calma do mundo dele e dizia: "Vamos com calma, vamos começar pelos conceitos". E aí vamos para meia hora de conceito para me dizer como era que fazia. Eu sempre carregava as questões, tinha lista de exercícios, carregava essa lista de exercícios, levava para casa e, na semana seguinte, quando ele voltava, chegava e dizia: "Vamos sentar que eu vou te ajudar". E vinha pontuando algumas questões, algumas dificuldades... e com ele eu consegui superar uma série de dificuldades que eu tinha na época em relação a alguns conteúdos do curso.

A UNIFACS já tem tradição de manter cursos a distância, ela já tem esses cursos registrados. Tanto que, quando terminamos, imediatamente o nosso diploma saiu, porque já estava tudo reconhecido, e eles têm essa estrutura, e os professores deles escrevem as apostilas, um material apostilado. No início do semestre a gente recebia uma apostila impressa, um livrão bem grosso que vinha com todas as disciplinas, uma atrás da outra. No curso, a gente tinha professores e tutores. E se você pensar que esse curso foi oferecido para setecentos alunos-professores da rede estadual, formando três grupos! A minha turma, por exemplo, era a turma 11, e eles montavam por região: o nosso era DIREC 25 – Barreiras, e as DIRECs da região de Caetitê e Guanambi⁵⁴. Da DIREC 25 temos 12 professores que fizeram a graduação via UNIFACS. Daqui de Barreiras, fizeram o curso as professoras Vilce⁵⁵, Sônia⁵⁶, as duas Sônias, Eunata⁵⁷, Ana Lúcia⁵⁸ e eu. A Ana Lúcia... tem (sic) uma curiosidade... Ela fez por um bom tempo as duas graduações. Um professor, que esqueci o nome dele, lá do Colégio Modelo,⁵⁹ e os outros são da região. Tinha um professor de São Desidério⁶⁰, dois professores de Santa

⁵⁴ Caetitê e Guanambi são municípios distantes aproximadamente 500 km de Barreiras. Na época havia DIREC em cada município.

⁵⁵ Vilce de Fátima de Oliveira.

⁵⁶ Sônia Ramos Sales Montalvão e Sônia Santiago.

⁵⁷ Eunata Cássia Dias da Cunha, professora de Matemática do Colégio Professor Alexandre Leal Costa. Atualmente aposentada.

⁵⁸ Ana Lúcia de Souza Alves, professora de Matemática do Colégio Estadual Duque de Caxias.

⁵⁹ Colégio Modelo Luis Eduardo Magalhães.

⁶⁰ Município distante mais ou menos 27 km de Barreiras.

Rita de Cássia,⁶¹ e um de uma cidade que não lembro o nome. Sei que um faleceu no período e assim 11 professores aqui da DIREC 25 é que concluíram o curso. Essas três DIRECs formaram uma turma e nós começamos com 50 alunos.

Os outros grupos eram o pessoal de Salvador, a outra região, que era a região de Feira de Santana, e depois o 3º grupo, que era o nosso, com professores de toda essa região, a partir de Bom Jesus da Lapa para o lado de cá. Nós tínhamos uma estrutura no IAT, que hospedava uma parte do pessoal, e a outra metade ficava no Hotel Vila Velha, porque não cabia todo mundo no IAT. Cada turma tinha um tutor para cada disciplina, só que o professor era um. Acho que 12 ou 15 turmas que se formaram tinham um único professor, que elaborava as atividades, escrevia a apostila, elaborava as provas, e os tutores ficavam no suporte, utilizando o MOODLE,⁶² tirando as dúvidas nos *chats*, mas quem fazia videoconferência era o professor. Mensalmente o professor fazia uma videoconferência, mas eram os tutores que nos auxiliavam e também faziam a revisão, porque a gente viajava na metade do semestre para Salvador.

Normalmente, no mês de abril, a gente passava uma semana lá, porque as avaliações eram presenciais. Nós tínhamos duas notas, uma das atividades que eram postadas, com um valor muito pequeno, menos de 30% da nota, e aí acontecia o quê? Na metade do semestre a gente viajava para Salvador, tínhamos uma revisão e prova, e voltávamos para casa e tínhamos um prazo para finalizar aquelas listas de exercícios que eles turbinavam lá. Essas listas tinham que ser enviadas e não eram listas de *marcar x*, com questões de múltipla escolha (a,b,c,d), tinha que ser tudo digitado no Equation⁶³. Naquela época, a gente digitava todas as resoluções e enviava. Era bem organizado e bem puxado, trabalhoso. Às vezes eles mandavam cinco questões que eram para ser respondidas e mandavam listas de 20, 30 questões, que eram listas para irmos fazendo no semestre. E quando chegávamos a Salvador, o professor dizia: “Dessa lista aí qual é a que vocês têm dúvida?” Porque não dava para ele fazer em uma manhã todas as questões, então ele dizia: “Da lista três, quais são as dúvidas?” Então a gente dizia: “Faz aí a questão 20, a questão 15 para nós”. Ele desenvolvia o cálculo daquelas que a gente

tinha dúvida. Pela manhã ou pela tarde fazíamos uma revisão e no dia seguinte era marcada a prova.

⁶¹ Município distante cerca de 170 km de Barreiras.

⁶² Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment (MOODLE) é uma plataforma utilizada no EaD. Uma das funcionalidades dessa plataforma é disponibilizar um bate-papo (*chat*) entre tutores/professores e estudantes para sanar as dúvidas.

⁶³ Editor de fórmulas matemáticas do Windows.

Algumas vezes nós fazíamos nos primeiros dias da semana as revisões e depois as provas na quinta e sexta para fechar a semana, pela manhã e tarde. Tudo bem intensivo, pois nós costumávamos sair daqui no sábado, porque Barreiras é muito distante, para chegar no domingo de manhã em Salvador. Almoçávamos fora no domingo — a gente não tinha direito ao almoço, porque a hospedagem era a partir do período da tarde e aí já começávamos a estudar. Nesses grupos de estudo, Ana Lúcia era quem dava um suporte muito grande para nós porque ela fazia Matemática aqui na Uneb. O porquê de ela ter feito as duas modalidades de curso, eu não sei até hoje. Ela começou a fazer aqui e não abandonou, continuou lá e dizia que uma dava suporte a outra. Ela tem os dois diplomas, da Uneb e da UNIFACS. Lembro que ela dizia uma coisa interessante, porque no curso da Uneb ela estava mais adiantada do que lá, então ela falava: “Quando eu faço a disciplina pela segunda vez, consigo compreender melhor porque eu já vi anteriormente”. Ela pontuava uma coisa que era interessante: que lá ela conseguia entender... porque no curso da UNIFACS o professor colocava um contexto maior, enquanto aqui era muito seco, eles dificultavam muito. Porque lá talvez eles não aprofundassem tanto esses cálculos na dificuldade, porque eles conheciam o histórico do professor. Talvez eles não puxassem tanto e, como ela tinha a base daqui, quando chegava lá começava a entender o porquê, devido à questão metodológica.

Em termos de metodologia, a da UNIFACS era diferenciada, até para tratar uma turma com características específicas — era uma turma que não era tão jovem. Eu era uma das mais novas e olha que eu não sou tão nova assim... e aí você começa a observar quem eram os professores, todos professores concursados, que já estavam atuando na área, ou que tinham apenas o Magistério. Lembro-me do professor Adelmo de Jesus⁶⁴, que era da UFBA, que escreve sobre Winplot⁶⁵... ele é bem conhecido nacionalmente. Era ele quem coordenava a parte da Matemática, mais especificamente do Cálculo Diferencial, era o professor Ikeda, não me recordo o nome completo dele, pois nós só o chamávamos pelo sobrenome, era o coordenador geral do curso. O professor Adelmo era muito didático, tinha muita paciência para colocar: “Olha vocês não estão entendendo”. Eu me lembro das aulas dele de Trigonometria: “Se eu colocar meu olho aqui, quem é que eu estou enxergando? Quem é o seno? Quem é o cosseno?” Aqueles

⁶⁴ Adelmo Ribeiro de Jesus, professor de Matemática das principais instituições de ensino superior de Salvador. Foi professor da UFBA (1972-1999) e das Faculdades Jorge Amado – UniJorge (2003-2014) e atualmente é professor da UNIFACS, da Universidade Católica de Salvador – UCSAL desde 1998 e coordena o curso de Licenciatura em Matemática EaD/Uneb.

⁶⁵ Winplot — programa do Microsoft Windows que permite trabalhar com gráficos de funções.

conceitos iniciais do assunto. Nós tínhamos colegas sem ensino superior ainda — era a primeira graduação — e que nunca tinham trabalhado com Matemática, e o Estado precisava formar esses professores e aí muitos aproveitaram o curso.

Naquela época, além da Pedagogia, a Uneb começou a oferecer os cursos de Letras e Biologia. Como queríamos Matemática, mas na época não formou turma porque tinha pouca gente, a DIREC fez o quê? Ela veio até a gente, conversou e tentou nos trazer para o curso de Biologia e ainda me fizeram o convite: “Já que não tem Matemática, faça Biologia!” Na época eu disse que não tinha interesse, pois tinha concluído a Pedagogia e se não fosse para fazer Matemática eu não queria fazer outro curso. No Marcos Freire temos a professora Evilene⁶⁶, que é formada em Biologia, trabalhando com a Matemática no 1º ano do ensino médio. Eu tinha o direito de pedir as turmas do 1º ano, pois consegui o enquadramento esse ano, com a ampliação da carga horária de 20 para 40 horas. Acabei trabalhando com Física do 1º ano para completar minha carga horária, quando eu poderia realmente estar solicitando as aulas de Matemática, que são minhas por direito. Mas para não prejudicar a professora, que já vem trabalhando há muitos anos (estala os dedos) e que está em processo de aposentadoria, e para não “puxar o tapete dela”, eu estou fechando com Física esse ano (2014). No ano que vem (2015) deve ser publicada a aposentadoria dela e aí eu assumo essas aulas.

Um caso parecido ocorreu com a professora Cintia⁶⁷, que começou a fazer Biologia, mas parou. Com Eunata aconteceu algo semelhante, só que ela começou a fazer Letras e teve um problema de saúde e precisou se afastar. Depois, para fazer Matemática, teve que entrar judicialmente porque teve várias prerrogativas envolvidas. Entretanto, eles não aceitam se você já teve a oportunidade e abandonou. O professor não poderia fazer reopção de curso em caso de abandono. Com todas essas questões, depois eles acabaram oferecendo Matemática, depois eles ofereceram Física, só que Física e Química foram cursos nos quais não tinha inscritos. Me lembro (sic) que o nosso coordenador colocou o seguinte: “Quarenta e cinco professores se inscreveram para fazer Física, na Bahia inteira, e nessa região aqui não teve ninguém”. Na DIREC 25 não teve ninguém, e todos os professores que trabalhavam com Física e com Química eram professores contratados e só podia fazer essa formação quem fosse concursado do Estado, para os demais isso não era permitido.

⁶⁶ Evilene Rodrigues de Souza Porto.

⁶⁷ Cintia Toyoshima, professora de Matemática com formação inicial em Pedagogia.

Fábio — Você comentou sobre a utilização do MOODLE... Como era o acesso da turma ao professor além daquela semana de formação em Salvador? E aqui em Barreiras, existia algum tutor?

Elena — Nossa assistência era via MOODLE, onde você postava suas dúvidas. Tinha o grupo, o fórum como eles chamavam, que era onde todos os alunos postavam as dúvidas e, muitas vezes, quando um colega já sabia, acabava respondendo antes do tutor. E quando a gente tinha algum problema com o tutor é que a gente ia ao professor, mas somente quando a gente não conseguisse resolver com o tutor, porque às vezes tinha uma encrenca com o tutor que ele não aceitava, aí podíamos escrever para o professor.

Apesar de aqui em Barreiras ter um polo da UNIFACS, nós não tínhamos vínculo com a UNIFACS aqui, pois o polo aqui não oferecia Matemática. O nosso vínculo todo era via IAT. Então a estrutura era essa, eles postavam, a gente tinha prazos: “Tal dia, tal hora, tem que enviar as atividades”. Os conteúdos foram os mesmos, até porque há uma diretriz para os cursos de Licenciatura, talvez a cobrança não fosse feita em um nível de dificuldade tão grande quanto foi feito nos outros cursos.

Sobre os materiais, conforme você me pergunta, eu guardei as apostilas, só não devo ter as listas. Então, sobre a formação em Matemática, quero destacar que a gente, em um curso a distância, é mais autodidata mesmo do que propriamente em outros cursos de formação. Eu tive que me virar.

Fábio — Agora que você comentou sobre os professores contratados, nos quatro anos que morei aqui não me lembro de concurso, só de seleções para o REDA. Você sabe quando foi o último concurso para professor da rede estadual?

Elena — Foi em 2009 ou 2010. Foi nessa época o último concurso público, na época que o Leniedson⁶⁸ e os meninos passaram. Temos uma perspectiva de que em 2015 abra novamente um concurso para preencher essas vagas, porque tem muita gente aposentando. O Estado tem uma estatística de que em cinco anos, de 2012 até 2017, terá basicamente 80% do quadro efetivo de professores aposentados. Se você olhar no **Diário Oficial**, vê-se uma quantidade muito grande de professores aposentando, como diz a minha colega Liana⁶⁹: “Olha aí, o trezinho da alegria⁷⁰ passou aqui há 30 anos”.

⁶⁸ Leniedson Guedes dos Santos, egresso do curso de Matemática da Uneb.

⁶⁹ Liana França Areas, professora de Biologia do Colégio Marcos Freire, mas que atuou, por muitos anos, como professora de Matemática.

⁷⁰ Analogia com o grupo musical infantil Trem da Alegria, que fez sucesso no Brasil entre 1984 e 1992.

Teve uma época, ela me disse qual era o governador, mas não lembro mais se era João Durval⁷¹ ou antes dele (sic), o que ele fez? Todos os professores, há 30 anos, que tinham Magistério, que estavam formados, foram contratados como professores do Estado. Foram todos convidados a serem professores do Estado através dos padrinhos e apadrinhamentos, fulano que conhecia beltrano, que conhecia sicrano. Davam os nomes e assim eles foram contratados, receberam contratos, na época, como professores do Estado e migraram do sistema CLT para o sistema estatutário, e esses professores são os que atualmente estão aposentando. Se você olhar realmente isso é fato! A maioria desses professores já tem mais de 50 anos de idade, já tem 30 anos de serviço ou mais, e eles estão todos prestes a se aposentar, estão buscando incorporar as vantagens, permanecer mais um tempinho e aposentar. Observe o **Diário Oficial** e veja que saem portarias concedendo muitas aposentadorias, tem muita gente se aposentando. No próximo concurso público vão se renovar praticamente 80% do grupo de professores do Estado.

Com relação à formação, que você coloca aqui, são essas as lembranças da escola, do início. Eu já tenho 20 anos em sala de aula e daqui a cinco anos eu já estou saindo (estala os dedos) também, me aposentando. Sobre os cursos de Magistério aqui em Barreiras, as informações que me contaram é que aqui não tinha Magistério, elas faziam esse curso na Barra⁷². Depois é que o Padre Vieira⁷³ trouxe o Magistério, que tinha as normalistas da época. Todas aquelas que tinham formação foram convidadas para ir para a sala de aula. Eu não vivi isso, quando cheguei já tinha o Magistério aqui, são as informações que me contaram.

Fábio — Sobre sua atuação, conte-nos sobre suas experiências no ensino fundamental, no ensino superior e nos cursos de formação de professores.

Elena — No Marcos Freire, nunca trabalhei no ensino fundamental com Matemática. A minha experiência nesse nível de ensino foi na COOPEB⁷⁴ — em uma escola particular, na qual trabalhei com a 6ª, 7ª e 8ª série durante seis anos. Eles achavam que eu tinha um perfil mais para o ensino fundamental do que para o ensino médio, pela questão da Educação Matemática. Também pela questão de trabalhar mais com o lúdico, de

⁷¹ João Durval Carneiro (1929), governador da Bahia entre 1983-1987; foi eleito em 1982 na primeira eleição direta para governadores dos Estados em quase duas décadas.

⁷² Barra — município localizado no encontro do Rio Grande com o Rio São Francisco, distante cerca de 320 km de Barreiras e citado em muitas referências históricas de Barreiras. Esse trajeto era feito de barco, seguindo o curso do rio. Isso será contado na entrevista com a professora Alzerita.

⁷³ O Colégio Padre Vieira é uma instituição de ensino de Barreiras que aparecerá em outros depoimentos.

⁷⁴ Cooperativa Educacional de Barreiras, que fica localizada numa área atrás do *campus* do IFBA.

trabalhar mais com a questão de formação de conceitos do que propriamente com o ensino médio, que exige que você seja mais rápida com os conteúdos, visando ao vestibular. E nessa aceleração, via que a *construção de conceitos ficava um pouquinho a desejar*. Então a escola preferiu que eu atuasse com as turmas de 5^a a 8^a séries do ensino fundamental.

Quando comecei a fazer Matemática na Uneb, cheguei a pedir demissão da COOPEB, só que eles não me deram a demissão, e o que eles fizeram? Como o curso de Matemática é matutino, eu não tinha mais condições de assumir as turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries. Para a escola não me perder, eles me trocaram de turno e assumi as turmas de 3^a e 4^a série do ensino fundamental, no período da tarde, e a professora que trabalhava com a 3^a e 4^a série veio para o ensino fundamental 2. Isso de certa forma fechava um pouquinho com a questão da formação em Educação Matemática e com o fato de eu já trabalhar com Metodologia da Matemática na FASB⁷⁵ no curso de Pedagogia, que assumi quando a Ana⁷⁶ saiu de lá. Já faz dez anos que eu estou lá... minha primeira experiência foi lá na FASB.

Fui aluna da professora Ana Maria no curso de Pedagogia na Uneb e como eu gostava de Matemática, desenvolvemos uma afinidade, pois ela me acompanhou no estágio. Foi quando ela recebeu, depois do mestrado, um convite da UnB para trabalhar com o Cristiano⁷⁷ na pesquisa – ela coordenava o curso de Pedagogia na FASB na época e trabalhava com Educação Matemática nos cursos de Pedagogia, naquela época chamado de Normal Superior. E ela precisava de alguém que a substituísse no curso porque ela queria ir a Brasília assumir esse novo trabalho. Foi quando ela foi à minha casa e me perguntou se eu tinha interesse. É lógico que eu estava com medo, que eu não queria, mas ela colocou: “Não, é tranquilo! Eu vou te ajudar, a gente vai tentando fazer uma sequência desse trabalho”. Ela já tinha um material, umas apostilas prontas do material que ela trabalhava. Assim eu fiz a seleção para a vaga na época, porque lá entra via seleção. Fiz a seleção, fui aprovada e assumi uma turma de Pedagogia que ela tinha.

No semestre seguinte, eu tinha a disciplina de Matemática 2 com as turmas de Pedagogia, trabalhando com a parte da Educação Matemática, que era a Metodologia do Ensino da Matemática e outras disciplinas da área da Pedagogia, como a Didática,

⁷⁵ Faculdade São Francisco de Barreiras, outra instituição de ensino superior privado na cidade.

⁷⁶ Professora Ana Maria Porto Nascimento, também depoente nesta pesquisa.

⁷⁷ Cristiano Muniz, professor da UnB e presidente da Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) no triênio (2010-2013).

Projetos. Como eu já estava estudando essas teorias de formação, essa teoria de construção de como essa criança constrói conceitos, achei que seria interessante como um laboratório, onde trabalhamos com o professor em formação e, ao mesmo tempo, experimentando com a criança para ver como a coisa acontece de fato! Mas a escola particular tem uma burocracia muito grande, ela exige que você corrija caderninho por caderninho de aluno, livro por livro de aluno e as turmas eram grandes, uma tinha 30 e a outra tinha 32 alunos, o que para mim era inviável por algumas razões: eram turmas grandes, eram poucas aulas, quatro aulas semanais, quer dizer, eu ganhava pouco para trabalhar com duas turmas, eram apenas oito aulas. Isso em termos de salário não compensava, a quantidade de trabalho era muito grande nessa questão de preparar, corrigir, essa questão toda, participar de projeto, como exigem as turmas de 1ª a 4ª série. Foi quando coloquei para a direção que eu estava ganhando pouco e trabalhando muito e que não tinha condições de manter esse trabalho. E aí eu fiz o quê? Fiz a seleção da Uneb como professor substituto, pois recorde que anteriormente comentei sobre os problemas do curso recém-criado e acabei deixando a COOPEB no final de 2006.

Na época em que trabalhei na COOPEB, quem a gente tinha de formado aqui era Perpétua⁷⁸, que já estava aqui, o professor Alexandre Lopo, não sei se você chegou a conhecê-lo, que trabalhava aqui no IFBA, na Uneb e na COOPEB também. Eram esses os professores formados que a gente tinha aqui na época, e as escolas particulares tinham que pegar o material humano que tinha à disposição. Com isso, elas acabavam tentando buscar, formar um professor, formar um perfil de um professor com aqueles profissionais disponíveis na cidade, porque tinha pouca gente formada na época.

Acredito que as mudanças começaram a acontecer a partir do momento em que as licenciaturas chegaram, e aí vai chegando a Uneb, vai chegando o IFBA, vai chegando UFOB, a UFBA na época — elas vão chegando, disputando esse espaço. Só que o que a gente percebe hoje, quem são esses graduados? Onde eles estão? Nas escolas particulares? Por que as escolas particulares não estão contratando?

Então, essa é uma pergunta que já fiz várias vezes à COOPEB: “Por que vocês não estão contratando os licenciados”? Eles colocam que existem sérias lacunas na formação desses profissionais, principalmente na área da Educação Matemática: “Eles sabem muito conteúdo, mas didaticamente, pedagogicamente, não conseguem se adequar às particularidades dos alunos de 5ª a 8ª série, aos alunos de ensino médio”.

⁷⁸ Maria Perpétua Carvalho da Silva, professora do IFBA, *campus* Barreiras.

Com isso a gente teve questões graves na formação desses professores: muito conteúdo e pouca questão didática. Por que eles não estão conseguindo passar em concurso público? Me lembro (sic) que ensinava História da Matemática, Didática da Matemática, e os alunos da Uneb, há alguns anos atrás (sic), costumavam dizer que essas são *as perfumarias do curso*. Ninguém estava nem aí para estudar esses conceitos, ler um livro. Eles estavam preocupados com Cálculo, estavam preocupados com a Geometria, estavam preocupados com a base do Cálculo. Me recordo (sic) que em várias aulas eu colocava: “É necessário saber a parte pedagógica, é necessário saber fazer um plano de aula, é necessário saber fazer objetivos de ensino, é necessário ter leituras sobre Avaliação, é necessário conhecer a História da Matemática; porque quando vocês forem fazer um concurso público vocês vão precisar disso”. E o Estado fez o quê no concurso de 2010? Dividiu a prova em duas partes e em duas notas: parte pedagógica e parte específica.

Na parte pedagógica a nota valia 40% do concurso, os outros 40% do concurso eram sobre conhecimentos específicos, tudo isso fechando 80%, com 20% de prova de títulos. O que aconteceu com os meninos que estavam fazendo Matemática na Uneb? Eles passaram, quase fecharam a prova de conhecimentos específicos, mas não atingiram a base mínima da prova pedagógica. Por quê? O porquê disso está exatamente nessas lacunas na parte pedagógica, e as escolas, principalmente a COOPEB, com quem eu tenho esse contato, diz exatamente isso sobre quando o professor chega à sala de aula: “A gente não consegue manter esse professor, porque ele não consegue se relacionar com o aluno, ele reprova todo mundo, ele tem problemas sérios com essa parte pedagógica”.

Então, o que vemos nas escolas particulares, instituições renomadas daqui? Elas acabam contratando um professor formado, digo, um professor não, um profissional formado em Ciências Contábeis, porque ele vai se adequar àquele coordenador pedagógico, que vai formá-lo pedagogicamente com o lema: “Olha, a escola quer um profissional que tenha esse perfil”. E assim ele vai trabalhando, vai ensinando como fazer as provas, vai moldando esse profissional, vai trazendo-o para a sala de aula e vai dando certo lá. É isso que eu estou percebendo aqui, até mesmo porque a educação privada tem outros propósitos. Tem aquela questão de exigir por lei quem tem o direito de trabalhar nesses espaços, quem é graduado na área. Só que nas empresas particulares, como é que você vai questionar por que a escola deixou de contratar um licenciado e contratou um que é formado em outra área? Será que o porquê disso está relacionado ao

fato de ele se adequar e some a isso as dificuldades com as quais os nossos alunos têm saído das licenciaturas?

Tem que destacar o fato da escola particular ser muito clara quando ela contrata o professor. “Eu quero que o nosso aluno tenha a base necessária e suficiente para ele passar no vestibular, porque assim nós mantemos a propaganda de que a nossa empresa é a instituição que mais aprova aluno no vestibular dessa região”. Esse é o produto, o resultado que ela quer, além da formação do cidadão que a LDB coloca. Entre os problemas sérios que nós temos em nossas escolas, que tenho visto, é uma preocupação maior na questão de conseguir manter-se competindo no mercado com as escolas particulares, as quais realmente têm progredido nesse sentido e, ao mesmo tempo, as escolas públicas também tentam melhorar a qualidade da educação.

Só que os alunos que nós recebemos no ensino médio nas escolas públicas do Estado, a gente não sabe o que fazer com eles. Me vejo (sic) muitas vezes numa situação extremamente preocupante. Faço o que com esse aluno que está no 3º ano e que não sabe quanto é 5 vezes 3? Saber, eu acredito que ele sabe, mas quando chega na hora de fazer a equação, ele não sabe. Aqueles conhecimentos prévios sobre fração, aquelas questões que a gente discutia ainda no PIBID, com que eles têm extrema dificuldade. Nós vamos reprová-los todos? Não dá. Vou dar o exemplo do IFBA, que também é uma escola pública, olhe aqui para casa, quantos alunos entram no 1º ano? 100, 120? E quantos terminam e vão pro 2º ano? E quantos reprovam? Quarenta só formam um 2º ano. É uma escola pública, só que ela faz o quê? Exclui, enquanto nós não podemos excluir, e o que faremos? Excluir nossos alunos todos? Veja... Quantos alunos que saíram daqui esse ano e migraram para o Marcos Freire? Já recebemos muitos.

Você coloca essa questão da greve, que durou quase três meses, é um problema grave, basta você observar o número de transferências. Não esqueça que também tem muito aluno com dificuldades mesmo, que não consegue. Aí é o momento de olhar esse professor... Como é que ele trabalha? Que tipo de conteúdo ele passa para os alunos? Meu filho estuda aqui, ele está no 1º ano de Edificações e tem alguns problemas nas Exatas, e ele sempre diz: “Mãe, Matemática eu consigo porque a senhora senta comigo lá em casa e me ajuda, mas Física eu não consigo!”. E o professor faz o quê? Ele pega o capítulo inteiro do livro e diz: “Olha, quero para a próxima aula”. Não faz correção de nenhum exercício, dá 10 minutos de aula e vai para a sala dos professores e larga uma lista de exercícios e, na próxima aula, prova! Me fale (sic), como é que o aluno

consegue ficar aqui? Não consegue ficar, não consegue passar, o que gera uma outra questão: se você quer permanecer nisso aqui, nesse funil aqui, você busca uma aula particular, para poder entender o que não deu aqui. Se o aluno não buscar, ele não vai conseguir. A não ser que ele já venha com uma base boa, o que não acontece na maioria das vezes. E aí problemas sérios começam a aparecer — a questão da saúde mental que está começando a entrar em jogo, e começamos a ficar todos loucos!

Então a gente tem passado por situações desse tipo aí, que vão entrando tanto nas características regionais e no ensino da Matemática. Eu acho que nem o oito e nem o oitenta, estamos precisando buscar um ponto de equilíbrio. Sempre me pergunto qual o problema nas Exatas, o porquê dessa reprovação em massa, onde está o nosso problema, pois eles passam em Geografia, em História, em Português, em tudo, com notas ótimas! E chegam nas Exatas (sic), Física e Matemática principalmente, e acontece o quê? O que está acontecendo nas Exatas que ninguém consegue mais passar?! O que os nossos conteúdos têm de tão difícil para que ninguém possa conseguir compreender? Onde estão nossos problemas? Isso é uma coisa geral? É no país inteiro ou é só aqui?

Quando estava concluindo a Licenciatura em Matemática, até na época em que estava viajando para a colação de grau em Salvador, o curso de Contábeis me ligou perguntando se eu tinha interesse em pegar a disciplina de Matemática Básica nos Cursos de Ciências Contábeis. Aí comecei a trabalhar com essa disciplina. Hoje o curso de Pedagogia fechou, não existe mais na FASB, e atualmente trabalho só com a Matemática Financeira e a Matemática Básica dentro dos cursos de Contábeis, Administração e Gestão, trabalhando à noite, porque durante o dia é com o Estado. Na Uneb tive um contrato que foi de 2006 a 2011, porque tive problemas com o meu contrato na época e depois acabei ficando cinco anos, porque teve um choque de horário, quer dizer, eles fazem um horário mandam para a PROGRAD⁷⁹ e aqui, na realidade, fazem outro. Como uma aula chocou com o horário do Estado, mas não havia choque, eu trabalhava nas duas instituições, então acabou que fiquei sem contrato.

Fábio — E neste ano, você está atuando com quais turmas? E quais as suas impressões sobre o ensino de Matemática na atualidade?

Elena — Estou com as turmas de 2º e de 3º ano. No momento tenho observado muito o **ENEM**, o formato do exame que coloca várias questões. Meu filho contou que não

⁷⁹ Pró- Reitoria de Graduação da Uneb.

conseguiu fazer mais de Matemática porque não deu tempo, na inexperiência dele não deu tempo. E aqui começo a questionar o ensino de Matemática: “Onde é que está o problema? Onde é que estão os nós? Estão na metodologia? Onde que estão os conteúdos problemáticos? Quais são os conteúdos realmente importantes?” Eu fico, às vezes, perguntando... depois desse SiSU⁸⁰, depois do **ENEM**.

Eu tenho parado para questionar, por exemplo, “Por que estou ensinando Trigonometria? Não cai uma única questão de Trigonometria... de vez em quando cai um seno, um cosseno ou um cossecante lá e cá. Eu ensino Geometria Analítica. Por quê? Nem é tão difícil”. Números complexos não costumam ser cobrados na prova do **ENEM**. Em geral, do conteúdo do 3º ano só vai entrar Matemática Financeira e Estatística. Continuo a questionar quais são os sentidos agora desses conteúdos... Porque antes tinha esse incentivo de que tinha que estudar porque tenho (sic) que passar no vestibular. A partir do momento que o acesso às Universidades Federais e ao Prouni⁸¹ passou a ocorrer pelo Sisu/ENEM, esses conteúdos ficam desconectados. Vejo que o **ENEM** tem uma proposta extremamente coerente com as diretrizes curriculares do ensino médio, com os PCNs⁸². Essa questão curricular do ensino médio precisa ser revista. Não estou dizendo para aligeirar as coisas, mas para começarmos a refletir sobre alguns pontos, como por exemplo: “Bom, a Trigonometria é interessante em quê? Ela é interessante na Engenharia, no curso de Edificações que meu filho está fazendo, mas e se aluno vai para o ensino superior fazer Direito, no que isso vai ajudar ele (sic)? Em nada. Nem para passar no vestibular não serve mais”.

Diante disso, o que eu tenho feito? No 2º ano, devido às dificuldades que meus alunos têm, seleciono os conteúdos a partir do que é mais básico, para que ele tenha condições de concorrer lá fora. Porque senão eu também estou excluindo, pois a exclusão começa quando você não dá o que ele precisa para concorrer. Se observarmos as diretrizes curriculares para o ensino médio, qual o primeiro conteúdo que tem lá? Trigonometria. Se começar pela Trigonometria, vou perder uma unidade inteira ou até mais para trabalhá-la já que você não vai usá-la em quase nada, ou em nada praticamente, pensando no contexto do **ENEM**. E o que eu fiz: “Vamos deixá-la para estudar depois.” E assim organizei os conteúdos da seguinte maneira: Geometria

⁸⁰ Sistema de Seleção Unificada que utiliza a nota do ENEM como critério para ingresso de alunos no ensino superior desde 2010. A maioria das Universidades Federais e Institutos Federais tem entrada via SiSU.

⁸¹ Programa Universidade para Todos que oferece bolsas para cursos de graduação em universidades particulares.

⁸² Parâmetros Curriculares Nacionais, criados a partir da Lei nº 9394/96.

Espacial, quase que dez questões de Geometria, Cálculo de área, de volume, tudo... E você pode olhar, não são os mais difíceis, são os mais fáceis, e envolvem prismas, esferas, e a questão não pega nem nos conceitos mais complexos, são contextualizadas em algo mais simples. O que é mais importante depois disso? Análise Combinatória e Probabilidade, várias questões giram em torno disso, e retorno às questões de lógica mesmo, questões de quatro operações, de potenciação, interpretação de tabelas e gráficos, porcentagens. Questões simples, mas que nossos alunos não sabem. Depois vêm esses conteúdos que aparecem com menos frequência, além da Trigonometria, como por exemplo, as Progressões — P.A e P.G.

Percebo que também falta ao professor um exercício reflexivo: “Por que estamos fazendo isso? Estou ensinando isso por quê?” Mas o professor não reflete. Temos que destacar essa questão de que o Estado orienta em suas diretrizes curriculares, a formação do homem-cidadão, e que essa formação perpassa por ele conhecer conteúdos e que ele tenha condições de passar também nas avaliações externas, logicamente. A escola pública não vê a educação como um comércio, como objeto de propaganda como nas escolas privadas, mas está avaliando também. Nesse contexto, acho interessante observar: quantos professores da educação básica pegaram a prova do **ENEM** e fizeram uma análise dela? Esse ano já peguei (sic) a prova do **ENEM**, já resolvi ela (sic) toda e analisei quantas questões basicamente de cada conteúdo caíram, o que foi mais abordado... Vejo que a gente vai ter que começar a direcionar e se preocupar com isso aqui, porque qual é a oportunidade do aluno seguir adiante? Hoje é o Exame Nacional do Ensino Médio e assim penso que vamos direcionar o nosso ensino, em função do que é cobrado, ou vamos dar os conteúdos básicos para que ele tenha a condição de passar e seguir adiante?

Aqui é que eu vejo onde estão os problemas gritantes no ensino de Matemática, que há muito tempo vem me preocupando isso (sic). Há muito tempo que venho trabalhando com professores, com formação de professores e mostrando: “Olha, é aqui que estão nossos problemas”. E são questões de que a gente precisa dar conta. Embora hoje eu não esteja atuando na formação de professores, apesar da Uneb ter me convidado para fazer a seleção de novo, ocorre que, em termos financeiros, e para organizar minha vida visando à aposentaria é melhor que eu me mantenha no Estado onde eu sou concursada. O meu planejamento atual é garantir a minha aposentadoria, porque eu não posso me aposentar só com 20 horas e ficar de contrato nos outros espaços, as perdas são grandes. Assim eu preciso, pelo menos, nesses cinco anos que

ainda faltam para me aposentar, permanecer com as minhas 40 horas no Estado e depois, talvez, eu volte para esses espaços aí para discutir essa questão, com as quais eu gosto muito de trabalhar. Por isso me afastei um pouquinho dessa parte da formação de professores nos cursos superiores, mas o que eu sinto desse trabalho é que o aluno que está ali em formação não está preocupado com a parte pedagógica.

Muitas vezes eu disse: “Gente, isso aqui é uma Licenciatura, vocês precisam estar preocupados com a sala de aula!”. O fato é que muitos desses alunos dizem: “Ah, mas eu não quero ser professor!”. Sempre indaguei: “Então veio fazer o curso, por quê?” E acrescenta a isso o fato de esses alunos terem várias reprovações no curso, o que sabemos que ocorre nos três cursos de Licenciatura. Esses alunos são massacrados por alguns professores. Percebo isso quando discuto com eles sobre as diferentes formas de avaliação, a construção de conceitos, os alunos me dizem: “Olha aqui, professora, você fala uma coisa, mas aqui dentro não acontece isso!” E ainda continua dizendo: “Olha aqui ó, está tudo certo! E aqui, só porque eu errei uma coisinha no final, o professor nem olhou, só olhou a resposta final e deu tudo como errado! Assim, eu que deveria ter tirado uma nota boa, tiro uma nota ruim!”. E aí acontece que esse aluno revolta-se e acaba como muitos autores realmente dizem: “O professor reproduz aquilo que ele viveu na sala de aula, na sala de aula do curso”.

Neste ano, recebi uma estagiária da Licenciatura, que veio na 1ª Unidade na minha sala de aula, e a diretora ainda colocou: “A Elena está voltando depois de dois anos afastada da escola, está voltando, nem queria que você fizesse estágio logo na 1ª Unidade, nós tivemos problemas sérios com Matemática e nós precisamos de um professor realmente que dê uma retomada nisso aqui”. Como ela insistiu, eu disse que a acompanhava, mas ela fez o quê? Ela só trabalhou só com P.G. e passou mais de um mês trabalhando, quando o recomendável são duas semanas, no máximo. Ela queria fazer demonstração e eu disse: “Minha filha só ilustra, não demonstra fórmula. O nosso aluno não tem maturidade para acompanhar isso”. E ela falou: “Ah, mas meu orientador pediu que fosse assim”. E fui colocando algumas considerações do tipo: “Faça coisas curtas, quando você pega um - conteudozinho, você dá uns exercícios e depois você dá outra coisa e dá exercício, vai indo e voltando, porque ele vai acompanhando aos poucos. Ele vai vindo pelas partes para chegar ao todo, não dá para partir do todo e vir para as partes, ele não acompanha esse raciocínio”.

Como ela insistiu, o que aconteceu com a melhor turma de 2º ano que eu tenho na escola? Botou ela pra fora e ela chorou, chorou, chorou. Teve um dia que eles

fizeram greve, ficaram do lado de fora e disseram: “Não vamos entrar” “Por quê?” “Porque a gente não está entendendo o que você está colocando e queremos a nossa professora de volta”. Após isso ela perguntou: “Professora, eu faço o quê”? Eu disse: “Olha isso é só um reflexo daquilo que eu te coloquei, não faça as demonstrações”. Porque eles tinham como referência a turma do 2º ano da tarde, na qual eu estava trabalhando. E como os alunos trocam informações, eles perceberam que a turma vespertina estava mais adiantada. E diziam: “Nós queremos nossa professora de volta.” Para resolver esse impasse, sugeri a ela suspender essa turma e ficar com as outras duas turmas de 3º ano e mais a outra de 2º ano e fechar o seu estágio. Reforcei essa recomendação com ela: “Olha, muitas vezes é preciso só ilustrar, não precisa, no ensino médio, fazer demonstração porque o aluno não tem maturidade para acompanhar. Quando é que você começou a ver as demonstrações, não foi no ensino superior? Foi com muita dificuldade”. Porque eu sei que ela é uma aluna que tem dificuldade. E vejo que, diante desses impasses, há necessidade de um diálogo entre o professor-orientador de estágio, o professor-supervisor da escola e o aluno, para evitar esses problemas.

Coloco que o ensino de Matemática, daqui para frente, ele (sic) estará muito ligado com o que as Licenciaturas estão fazendo. Não estou dizendo que a gente vai facilitar o trabalho, mas tem que intensificar essa questão de adequação pedagógica. Esse aluno, psicologicamente, está em que nível? Onde é que eu consigo entrar? Eu posso entrar com pequenas demonstrações, generalizações, mas não adianta pegar um horário de 50 minutos e tentar demonstrar uma fórmula complexa. Ele não tem capacidade para acompanhar. Eu acho que programas como o PIBID, como esses aí, eles vão ajudar a trazer os alunos para a realidade, ouvir a voz da experiência, que já estou lá há 20 anos. Lógico que a visão que eu tenho hoje é porque a experiência foi construída com leituras, estudos, e as teorias da Educação Matemática contribuem para consolidar a nossa formação.

Nesse contexto, eu vejo que seria importante o professor do ensino superior estar acompanhando a educação básica, porque aí ele consegue (sic) enxergar o outro extremo dessa ponte: hora estou lá, hora estou cá e fazendo esse movimento na ponte da formação. Ele vai sensibilizando-se com esses problemas, porque senão isso aqui não melhora nunca. Também acho que as tecnologias, que estão tão presentes na sala de aula, já que os alunos estão com os celulares, Tablets e com os Smartphones, com acesso a vários recursos, vejo a necessidade de começar a fazer a formação do professor sobre isso (sic): para começar a utilizar isso também como ferramenta da pesquisa. As

escolas integrais são políticas públicas que a gente vai começando a pensar e que são pertinentes, e essas ideias partem realmente das academias.

Fábio — Bem, eu gostaria de lhe agradecer por este depoimento, foi muito interessante a nossa entrevista.

Elena — Eu é que agradeço e, se puder, a gente continua a conversa em outros momentos.

4.2 Professora Ana Maria Porto Nascimento

Conheci a professora Ana Maria Porto Nascimento no segundo ano em que estava na cidade de Barreiras, durante articulações para reativar o núcleo da SBEM⁸³-BA que está cadastrado na região.

Assim que defini os objetivos de pesquisa, de estudar sobre a história da formação dos professores de Matemática, antes da institucionalização das licenciaturas, ela exerceu uma importante contribuição ao me informar nomes de possíveis depoentes.

A professora Ana Maria me enviou por *e-mail* uma relação de nomes; e assim eu já possuía uma lista com pessoas prováveis para a entrevista. Apesar da lista, eu senti falta de maiores informações sobre essas pessoas, de um contato telefônico, *e-mail*, por exemplo, para que eu pudesse me apresentar e falar sobre a minha pesquisa. Com uma delas, até consegui estabelecer contato, conforme relatado na textualização anterior.

Como planejara realizar algumas entrevistas após o XVIII EBRAPEM, acabamos nos encontrando (a professora Ana Maria e eu) no evento e, entre conversas sobre nossas pesquisas — eu no mestrado na Unesp-Bauru, e ela no doutorado na UnB —, ela me contou que também havia atuado na educação básica. Tal fato, naquele momento, eu desconhecia, pois sabia apenas de sua atuação no ensino superior. Diante dessa nova informação, pensei na possibilidade de entrevistá-la. Assim, agendamos a entrevista para o dia 29 de novembro de 2014, no laboratório de Educação Matemática do IFBA-*campus* Barreiras, e essa primeira conversa durou aproximadamente 30 minutos.

Entretanto, ao textualizarmos essa primeira entrevista, percebemos que ficaram algumas lacunas em algumas questões e que, por conta de um retorno a Barreiras para a realização das demais entrevistas, optamos por realizar uma segunda, que ocorreu no dia 23 de março de 2015, no clube ABCD de Barreiras. Nesse local, a mãe da professora é responsável pelo clube de idosos da cidade e foi justamente aí que ela obteve para mim o contato telefônico de duas depoentes. Quanto à entrevista no clube, esta durou mais de 42 minutos, e as falas foram incorporadas à primeira textualização para cumprir o propósito dessa entrevista complementar.

“Meu nome é Ana Maria Porto Nascimento, eu nasci aqui em Barreiras, em 1964, e, por conta da mudança dos meus pais para Brasília, na época da construção da

⁸³ Sociedade Brasileira de Educação Matemática.

capital na década de 1960, eu saí de Barreiras com dois anos de idade. Toda a minha formação — a minha trajetória escolar dos anos iniciais, de anos finais, ensino médio e universitário — foi realizada em Brasília, sempre em escola pública. Mas, comparando com a escola pública de hoje, a escola onde estudei foi uma escola pública de qualidade.

Estudei do Primário ao Magistério na Escola Um do Gama (1º grau) e no Colégio do Gama⁸⁴, colégio enorme, com ensino de 2º grau, que tinha Formação Geral, Científico e Magistério. Atualmente essa escola é chamada de Centro Educacional 1 do Gama. Todos os meus professores de Matemática eram graduados, bem diferentes dos daqui de Barreiras. Seis meses depois que concluí o Magistério, fui aprovada no vestibular para a universidade.

Eu não fiz universidade pública, porque naquela época o curso era oferecido no período integral e eu tinha que trabalhar. Fiz universidade particular, a Licenciatura em Matemática no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). No segundo semestre da faculdade, fui aprovada no concurso da Fundação Educacional do Distrito Federal⁸⁵. Trabalhei durante sete anos e, enquanto cursava a Licenciatura, era professora de ensino fundamental 1 em Brasília. Como me casei com um rapaz de Barreiras, voltamos no ano de 1989.

Comecei a trabalhar aqui tanto no ensino fundamental como no ensino médio, antes de fazer o concurso para a universidade. Trabalhei, na época, na Escola Monteiro Lobato⁸⁶, com as turmas de ensino médio; no Colégio Antares⁸⁷, também no ensino médio; e no Colégio Padre Vieira, onde Dicíola⁸⁸ era nossa coordenadora pedagógica. Essas escolas eram particulares, inclusive o Colégio Padre Vieira, que hoje é municipal.”

Fábio — Ana, você mencionou apenas escolas da rede particular... E você atuou na rede pública naquele período?

Ana Maria — Não, porque na rede pública você tinha que ser concursado para trabalhar, contratado, e eu tinha acabado de me demitir da Fundação Educacional de Brasília e cheguei aqui. Para não ficar parada, eu comecei no Antares, onde conheci a

⁸⁴ Gama é uma região administrativa do Distrito Federal, distante cerca de 40 km do Plano Piloto de Brasília. Essas regiões são popularmente conhecidas como cidades-satélite.

⁸⁵ Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF) foi uma autarquia extinta no ano 2000 e foi substituída pela Secretaria Estadual da Educação do Distrito Federal.

⁸⁶ A Escola Monteiro Lobato é uma escola particular, presente nas cidades de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães. A instituição será citada por outros depoentes nas respectivas entrevistas.

⁸⁷ Escola particular de Barreiras, que atualmente não existe mais.

⁸⁸ Dicíola Figueiredo de Andrade Baqueiro, pedagoga; atualmente é diretora do IFBA-*campus* Barreiras.

professora Alzerita⁸⁹, que também é uma professora de Matemática muito boa e muito tradicional da cidade. Eu conheci a professora Alzerita, e ela me convidou para trabalhar na Monteiro Lobato e depois no Padre Vieira.

Fábio — Agora, voltando a falar dos tempos de Brasília, conte-me mais sobre o início na docência e sua formação, as lembranças da escola, sobre o curso de licenciatura.

Ana Maria — Então... Na minha faculdade todinha (sic) eu estava já trabalhando. Assim que concluí a faculdade em Brasília, na carreira você começa como professora classe A⁹⁰, que era na época professor de 1ª a 4ª série e, quando terminei a Licenciatura Plena em Matemática, eu fui reclassificada automaticamente para classe C; então já comecei a atuar como professora de 1º grau (5ª a 8ª série) e 2º grau. E isso aconteceu automaticamente, eu não tive que ficar aguardando. Eu terminei a Licenciatura e na hora (sic) que terminei é que eu dei entrada no diploma... Com menos de um mês, eu já tinha mudado pra classe C.

Quando trabalhei com turmas de 1ª a 4ª série, ministrava todas as disciplinas, mas não tinha separação. Eu trabalhei na Escola Classe⁹¹ 10, no setor oeste do Gama e, quando terminei a faculdade, fui para o Colégio do Gama, onde eu estudei e trabalhei lá com as turmas do ensino médio. Eu trabalhei em mais uma escola porque, quando eu fazia faculdade, eu era professora 20 horas. Quando eu concluí o curso, além de ser reclassificada, passei a ser professora 40 horas. Fiquei no Colégio do Gama e no Centro Interescolar número sete, no setor sul do Gama.

Sabe que eu não sei te explicar direito o que significa esse Interescolar, até porque, hoje em dia, não tem mais essa nomenclatura, é tudo Centro Educacional. Por exemplo, quando eu chego lá, ainda tenho o costume de falar FEDF e o povo estranha! Eu lembro que, quando entrei, a gente era contratada no regime da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), eu tenho o carimbo na minha Carteira de Trabalho... E depois é que passou todo mundo a ser estatutário, tanto é que lembro que a gente recebeu FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) por conta dessa conversão.

Antes de vir para Barreiras, fui professora do ensino fundamental 2 e do ensino médio em Brasília. Sobre a Licenciatura, eu fiz de 1981 até 1984. O curso é aquele tradicional mesmo, aquela ideia do 3+1, as matérias básicas da Licenciatura, depois as

⁸⁹ Alzerita Gomes Dias da Silva, professora de Matemática, citada na relação que Ana Maria me forneceu e também entrevistada nesta pesquisa.

⁹⁰ O professor da Classe A lecionava nas turmas de 1ª a 4ª série, com formação de 2º grau em Magistério. O professor da Classe C tinha como habilitação a licenciatura plena na área.

⁹¹ Escolas-Classe era uma denominação para escolas de ensino fundamental 1 em Brasília.

pedagógicas, e o estágio não teve nada de muito diferente. E esses dias, eu estava me lembrando disso... Terminei esse curso há 30 anos e hoje em dia ainda continuam os mesmos problemas (risos) nas Licenciaturas. As matérias pedagógicas eram as que a gente chamava de matérias periféricas, tanto que eu não me lembro de ter me reunido com meus colegas para estudar Psicologia, Didática. Agora, Cálculo, Álgebra, a gente vivia enterrado na biblioteca estudando essas disciplinas, ditas duras.

Fábio — Nesse cenário em que você atuou nessas duas cidades, como você traçaria um comparativo entre o trabalho em Brasília e em Barreiras?

Ana Maria — Bem, em Brasília eu dei aula em escola pública, mas em escola pública diferente de quando era estudante. Lembro que quando eu estava terminando o Magistério, foi quando começaram as greves em Brasília, aquela questão mais de politização, e eu não sei o que aconteceu! Eu sei que quando ingressei como professora, senti uma diferença no interesse dos alunos, e eu dei aula em escolas mais afastadas do Centro.

No Colégio do Gama era diferente, eram aqueles alunos mais interessados. Na escola em que dava aula à noite, era aluno realmente mais assim (sic), num bairro assim (sic), em que de vez em quando a polícia entrava na escola, lembro-me de algumas dessas cenas. Apesar disso, o meu relacionamento com os alunos sempre foi muito respeitoso. Nunca tive problema, mas o contexto da escola era muito complicado. Eu voltei nessa (sic) escola ano passado, em uma experiência do PNAIC⁹², e não é mais uma escola de fundamental 2, é um centro de estudos para a educação infantil e ensino fundamental 1. Ela foi toda reformada, continua no mesmo bairro, mas ela parece que mudou completamente, está bem diferente; mas na época era bem complicado. A gente só não sofria mais porque tínhamos muitos professores que, durante o dia, eram militares, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar.

Minha experiência no diurno foi bem legal, tenho boas recordações... Agora, minhas experiências de trabalho no noturno não foram tão assim... Não que tive problema com alunos, mas aquele interesse, aquela garra de estudar...(sic) A gente sai da universidade achando que vai encontrar um público bem interessado e não encontrei.

Quando cheguei aqui, senti muita diferença. Meus pais estudaram aqui em Barreiras e eles sempre diziam que os alunos eram muito interessados e eu senti isso. Tenho a referência de alunos muito interessados, eu convivo com eles, hoje são

⁹² Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

profissionais, pessoas bem colocadas aqui na sociedade, não são pessoas ricas, mas são educadas, tranquilas e tudo mais... e eu senti essa diferença.

Fábio: Conte-nos sobre o seu ingresso no ensino superior. E por mais quanto tempo permaneceu na educação básica?

Ana Maria — Em 1990 eu ingressei no ensino superior na Uneb, mas não saí da escola. Fiquei ao mesmo tempo atuando no 2º grau e no ensino superior, porque fiz concurso na universidade para o regime de trabalho 20 horas. Depois, quando passei para 40 horas, acho que ainda fiquei até 1993 no Padre Vieira, saindo da Monteiro Lobato quando me desliguei por conta de uma confusão que teve com a Prefeitura... Muita gente foi retirada e eu saí e fiquei só na universidade. Eu era bem jovem e não me lembro dos detalhes daquela confusão⁹³; aí eu segui na universidade.

Entreí na Uneb, justamente porque eles precisavam de uma pessoa licenciada para assumir as Metodologias, tinha que ser licenciado na área e fiquei trabalhando com Metodologia do Ensino da Matemática no curso de Pedagogia. Não acompanhei essa época que você comentou... do Centro de Estudo e Tecnologia da Bahia (CETEB), quando cheguei já era Uneb. Fiquei na Uneb de 1990 até 2009, fiquei 19 anos na Uneb trabalhando na Licenciatura em Pedagogia, depois na Licenciatura em Matemática.

Fábio — Nesse contexto, sem a Licenciatura em Matemática na cidade, você se lembra de outros alunos que são egressos desse curso e que foram para o ensino de Matemática?

Ana Maria — Tem uma menina, a Maria Helena, que trabalhou comigo no Padre Vieira, ela está naquela escola perto do IFBA, o Marcos Freire... Ela fez Pedagogia e dava aula de Matemática. Eu sei porque ela trabalhou comigo em um projeto de extensão da Uneb, onde eu era coordenadora de um projeto, e ela era monitora, muito boa professora, mas ela não era graduada em Matemática. A Ana Lúcia⁹⁴, primeiro fez Pedagogia e deu aula muito tempo de Matemática, depois ela fez os cursos de Matemática na Uneb e na UNIFACS...

Deixa eu ver (sic) outra que dava aula de Matemática... a Ailda Sodré⁹⁵. Você conheceu a Ailda? Excelente professora de Matemática e pedagoga. E ela não fez o curso de Matemática, apesar de eu ter insistido para ela fazer (sic) o curso de Licenciatura em Matemática, e ela não fez. Eu tenho o contato dela caso você precise

⁹³ A entrevista com a professora Alzerita Gomes Dias da Silva contará mais detalhes sobre aqueles acontecimentos.

⁹⁴ Ana Lúcia de Souza Alves, professora de Matemática do Colégio Duque de Caxias.

⁹⁵ Professora da Escola São José e do Colégio Estadual de Barreirinhas.

entrevistá-la. Outro que é pedagogo e atuou no ensino de Matemática é o Antônio Alcântara⁹⁶ (estalo de dedos) e atuou também no Padre Vieira... Um ótimo professor, muito bom mesmo! Trabalhou comigo no Padre Vieira, depois foi meu aluno no curso de Pedagogia, mas ele não cursou a Licenciatura, eu não sei por quê?

Eu não sei como é que está seu tempo, mas acho que valeria a pena você conversar com a Hilda Sodré, porque a Hilda, além da escola particular, ela é da DIREC, a Hilda tem essa vivência da escola pública de muitos anos (estala dos dedos) e ela já aposentou. Antônio é concursado do município, a irmã de Édula⁹⁷, Edna Fernandes (Edinha), também deu aula de Matemática, mas não sei qual curso que ela fez. Eu estou tentando lembrar o nome de uma menina muito boa também, porque a gente está se lembrando dos colégios mais centrais: Sagrado, Marcos Freire, DIREC; mas tem o pessoal de Barreirinhas⁹⁸, que já atendeu aquela outra população. Não sei se agora, mas depois você poderia estar mapeando essas outras pessoas.

Fábio — Até penso em fazer isso como continuidade da pesquisa, apesar de achar que deveria ter feito esse mapeamento antes. Eu fui uma vez à Secretaria Municipal de Educação, mas não me passaram muita coisa. Aliás, tenho notado como é complicado você obter essas informações aqui... na DIREC-25 é a mesma coisa. Não tem registro de muita coisa, vai tudo para Salvador.

Ana Maria — É impressionante, nunca vi disso. É interessante que esse teu material vai ser legal por isso, vai deixar muita informação registrada; mas essas questões para pesquisa vão acontecendo no processo. Depois que você fechar essa questão, parte para pegar esse contato desse povo mais recente, dos filhos desses professores de Matemática, como por exemplo, o Raul, que é filho da Avany⁹⁹, que também é professor de Matemática. Tem as filhas dela que também são professoras, só não sei se são de Matemática. Também tem a Carla¹⁰⁰, filha da Alzerita, que também é professora de Matemática, que se formou agora pelo Parfor¹⁰¹. É que no mestrado é muito curtinho [o tempo], quando você começa a tomar fôlego, é hora de finalizar, mas você continua nessa linha.

⁹⁶ Professor de Matemática, atualmente da Jardim Imperial e Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus.

⁹⁷ Édula Fernandes, uma das professoras citadas na primeira lista de contatos; será entrevistada.

⁹⁸ Localidade situada à margem oposta do Rio Grande, em relação ao centro da cidade.

⁹⁹ Avany Porto também será entrevistada nesta pesquisa. Na primeira entrevista, a professora Ana Maria demorou em se lembrar do nome dessa professora.

¹⁰⁰ Carla Cristina Dias da Silva, filha da professora Alzerita.

¹⁰¹ Parfor - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, criado em 2009 para formar professores que atuavam sem licenciatura. Em 2010 começou a funcionar uma turma em Barreiras, após a implantação de três cursos na cidade.

Fábio — Certo... No curso de Pedagogia, que é um dos primeiros cursos implantados na Uneb, tenho a curiosidade de saber... Como era a relação da Matemática nesse curso de Pedagogia?

Ana Maria — Essa Matemática era voltada para os anos iniciais, fazíamos uma revisão dos conceitos matemáticos, porque os pedagogos, ao assumirem as classes dos anos iniciais, teriam que trabalhar com esse conteúdo. Eu trabalhava na perspectiva de ressignificar os conceitos, e nós pegávamos o currículo dos anos iniciais: números, operações, os quatro eixos, que estão previstos nos Parâmetros Curriculares, e fazíamos um trabalho com esses conceitos.

Na época, a gente tinha duas disciplinas de Matemática: Fundamentos e Metodologia da Matemática 1 e Fundamentos e Metodologia da Matemática 2. Nós tínhamos duas disciplinas de 60 horas, então era mais tranquilo de trabalhar. Já depois de uma reformulação curricular¹⁰², ficamos com uma disciplina só e era muito complicado para rever todos os conceitos, porque o pedagogo já tinha muitas dificuldades de aprendizagem e, para você rever todos aqueles conteúdos e ressignificar os conceitos, em tão pouco tempo... (sic)

Fábio — E que dificuldades você percebia nesses alunos da Pedagogia em relação à Matemática?

Ana Maria — Aquele típico medo que eles têm de Matemática, que foi construído. Então... Primeiro nós tínhamos que usar algumas estratégias de trabalho para vencer esse medo, para eles poderem se desarmar e começarem a perceber que eles eram capazes de aprender. E na hora que a gente conseguia fazer com que eles percebessem que eram capazes de aprender, as coisas começavam a fluir melhor, a andar melhor. É a dificuldade básica mesmo para compreender as operações, ler os problemas, entender quais as ideias que estavam sendo exigidas naquele problema. Geometria é assim, um caos!

Na compreensão de medidas, por exemplo, entender como utilizar os instrumentos de medida, como fazer transformação de unidades, eram dificuldades e alguns tinham problemas seriíssimos com frações. O saber conceitual era muito complicado. E veja que isso atrapalha porque, por exemplo, não adianta eu pensar em metodologias de trabalho numa sala de aula se eu não domino o conteúdo, porque eles

¹⁰² Sobre a data em que ocorreu essa reformulação, a professora Ana Maria não lembra. Perguntei à professora Nilza Martins, da Uneb-Barreiras, que encaminhou para o colegiado a pergunta sobre quando ocorreu a reformulação curricular da Uneb, mas não me retornou. Também escrevi um e-mail para o colegiado do curso de Pedagogia da Uneb e não obtive resposta.

não vão conseguir. Por exemplo, levar instrumentos de medição e fazer experiências com medição se eles não têm os conceitos de medidas e grandezas bem construídos, eles não avançam.

Quando eu cheguei aqui, falando dessa questão de desenvolvimento regional, na época nós tínhamos poucos professores licenciados. Quem dava aula de Matemática era aquela pessoa que tinha uma afinidade com a Matemática, mas que não tinha formação. No 2º grau, por exemplo, o que a gente tinha era uma Matemática voltada para a Matemática Financeira, porque o curso que mais predominava era um curso Técnico em Contabilidade. Então era aquela Matemática Financeira bem básica: noção de razão e proporção, proporcionalidade, regra de três simples e composta e só.

Quando eu cheguei licenciada, em 1989, foi que comecei a trabalhar mesmo com os conteúdos do 2º grau, como por exemplo: funções, progressão aritmética, progressão geométrica, geometria analítica, matrizes, determinantes, análise combinatória. Esses conteúdos não eram trabalhados naquela época. Eu posso dizer isso com certeza porque trabalhei nos três colégios de 2º grau da cidade, e elas (sic) não trabalhavam com esses conteúdos citados.

Fábio — Considero curioso o fato de que as escolas ensinavam apenas os conteúdos relacionados com os cursos técnicos. Isso agora não me surpreende, porque no depoimento anterior, a professora Elena comentou que, na época, as escolas estaduais aqui ofereciam ensino técnico: Técnico em Contabilidade, Secretariado, enquanto que as escolas particulares, no caso essas três que você acabou de citar, eram as que faziam o 2º grau Científico.

Ana Maria — Como falei antes, nas escolas estaduais ou você tem um contrato, ou é para ser (sic) substituto, ou você é concursado, enquanto que na escola particular você é contratado. Por exemplo, na Escola Antares, mesmo eu fiquei só seis meses e logo fiquei só na Monteiro Lobato e no Padre Vieira; mas, mesmo assim, na Monteiro Lobato também fiquei um ano e, no Padre Vieira, é que eu fiquei mais tempo porque tinha uma estrutura maior, de escola como eu estava acostumada em Brasília. É que em Brasília, as escolas são enormes, você tem grupo de professores trabalhando juntos. Naquela época em que trabalhei, a gente já tinha grupo de professores de Matemática, não tinha menos do que cinco professores de Matemática numa escola de 1º e 2º grau.

Fábio — E quem eram esses professores que você conheceu trabalhando aqui nas escolas?

Ana Maria: Aqui no Padre Vieira, de Matemática era eu e a professora Édula no 2º grau e o Antônio no 1º grau. No Polivalente – Colégio Professor Alexandre Leal Costa –, no mesmo período nós tínhamos as professoras Vilvandira¹⁰³ e, nos anos iniciais, é que a gente tinha a professora Avany que era uma professora muito rigorosa, muito boa, mais nos anos finais do ensino fundamental. Seria interessante você procurar a história do Polivalente, porque o Polivalente veio com uma nova proposta de trabalho, e ele trouxe professores licenciados, e esses professores vieram de fora.

Fábio — Certo, a Elena já tinha me chamado atenção para que eu buscasse referências sobre a história dessa escola.

Ana Maria — Pois é... Uma outra professora, também muito boa, de Matemática aqui, e famosa, é a professora Ida Coité¹⁰⁴.

Fábio — É, você já me falou da professora Ida Coité e, certamente, pretendo entrevistá-la. Estou escolhendo os depoentes e estou percebendo que cada um vai me responder sobre períodos específicos. Por exemplo, o depoimento de Elena me permitiu ter muitas compreensões sobre o momento, digamos, *pré-licenciatura*, e você agora está trazendo elementos sobre as escolas particulares, até então desconhecidos para mim.

Ana Maria — É também sobre o nosso trabalho com ensino médio naquela época. Na DIREC-25, você vai ter o cadastro de quem eram os professores da época, e o que mais Fábio?

Fábio: Bem, como você passou a maior parte de sua carreira aqui em Barreiras no ensino superior, conte-nos sobre suas experiências como formadora de professores ministrando cursos, sobre o ensino de Matemática e suas relações com a formação.

Ana Maria — Veja bem, como formadora na Uneb, eu atuei na Licenciatura em Matemática, mas antes, por muito tempo, no curso de Pedagogia. Quando começou a Licenciatura em 2006, é isso? Eles me viam mais como pedagoga do que como licenciada em Matemática. Tanto é que o coordenador do curso colocava à minha disposição só as disciplinas pedagógicas, como Laboratório de Matemática, Didática da Matemática, e eu trouxe essas leituras de Educação Matemática.

Mesmo os alunos não tendo afinidade com essas leituras, eu trouxe assim mesmo, como por exemplo: Bicudo, Marcelo Borba, Fiorentini¹⁰⁵. Pelo menos esses nomes eles

¹⁰³ Professora de Matemática da primeira lista de contatos. Após tentativas de contato telefônico para agendamento da entrevista, não foi possível entrevistá-la.

¹⁰⁴ Professora de Matemática, contemporânea da professora Alzerita e também entrevistada nesta pesquisa.

conheceram, mesmo que não tenham lido com tanto interesse necessário, mas eles conheceram. E isso faz com que essa questão da falta de professores de Matemática continue ainda sendo gritante. Porque assim... (sic) nós temos na Licenciatura em Matemática poucos alunos que conseguem chegar ao final do curso e, entre aqueles que chegam ao final do curso, muitos não vão para a sala de aula.

Os egressos que eu consegui acompanhar, pouquíssimos estão em sala de aula. Eles fazem curso para a Polícia Militar, concurso público e saem, ou vão trabalhar no comércio, nas fazendas ou fazem outra graduação em Ciências Contábeis e vão atuar em outras coisas. E aí continua a carência de professor de Matemática na região. E isso sempre aconteceu, desde as turmas de Pedagogia.

Veja só, eu sempre trabalhei, na medida do possível, com a ideia de que eles tinham que ter contato com as leituras sobre aprendizagem de Matemática, trazendo para a aula a questão de como é que é aula... Como é que acontece a aula? Procurava fazer com que os alunos da Pedagogia ficassem o mais perto possível da escola. Eu cheguei até a trazer alunas de outras turmas que são professoras de criança, trazer para minha aula, para elas serem entrevistadas pelos alunos que estavam cursando uma das disciplinas de Fundamentos e Metodologias da Matemática.

Lembro-me de ter feito isso quando dei aula, na época era habilitação em Educação Infantil, porque o curso tinha as duas habilitações: Educação Infantil e Anos Iniciais. Quando eu trabalhava Matemática para educação infantil, fui a uma escola que trabalhava com educação infantil e identifiquei uma aluna que foi minha aluna (sic) na Pedagogia, quando a habilitação do curso era Pedagogia com habilitação para dar aula no 2º grau. E essa menina não foi dar aula no ensino médio, ela foi dar aula na educação infantil, onde ela já tinha uma experiência. Eu trouxe essa menina para conversar com eles e contar como é que era a educação infantil, que pelo menos assim os alunos teriam uma ideia.

Quando trabalhei no noturno, o foco do curso era formação para ser coordenador pedagógico, e eu falei: "Gente, vocês têm que conhecer a criança, como é que você vai ser coordenador pedagógico?" Assim, nós fizemos um projeto semelhante ao que o professor Cristiano Muniz¹⁰⁶ faz lá na UnB, um projeto de investigação com crianças. Me lembro (sic) bem dessa história, porque os meus alunos do noturno falavam:

¹⁰⁵ Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Marcelo Borba de Carvalho e Dario Fiorentini são pesquisadores da área de Educação Matemática e autores de diversos livros e artigos da área.

¹⁰⁶ Professor da UnB e orientador da professora Ana Maria no mestrado e atualmente no doutorado.

“Professora, onde é que eu vou achar criança?” Eu falei: “Olha, na minha rua tem bastante! Eu posso falar com as mães para colocá-las à disposição de vocês”.

Veja que eram alunos que estavam cursando Pedagogia e que iam ser coordenadores do fundamental 1, e eles nem sabiam, mais ou menos, onde ficavam as escolas dessa modalidade de ensino. Eu tinha poucos alunos professores por conta de que o curso de Ciências Contábeis era recente, o curso de Agronomia era recente e diurno, não tinham as Licenciaturas em Biologia, Letras, Matemática. Qual era o curso superior que tinha à noite? Pedagogia. E assim eles iam cursar Pedagogia, sem ter afinidade alguma com educação, principalmente os alunos do noturno, onde eu tinha alunos que não tinham a menor intenção disso(sic).

Eu tenho ex-alunos que hoje estão trabalhando no Banco do Brasil, na Caixa Econômica Federal e que cursaram Pedagogia como primeiro curso e depois voltaram para fazer Ciências Contábeis. Naquela época eu sempre dizia e até hoje eu digo aos alunos: “Vocês entraram aqui sem essa perspectiva de ser professor, mas eu, como formadora, tenho que trabalhar na perspectiva de que você vai ser professor. Eu sou formadora de professores, então eu tenho que trazer para a sala de aula elementos que aproximem vocês desta sala de aula”. E assim fazia planos de aula, trazia **livros didáticos**... Se eles não tivessem, eu trazia os meus para que eles tivessem ainda na graduação essas experiências.

Geralmente era bem carregada a disciplina, porque ao mesmo tempo eu fazia aquela programação de leituras e também tentava casar com essas atividades de elaborar um plano de aula, visitar a escola, entrevistar crianças. Eu vejo várias coisas preocupantes nesse sentido e que devemos pensar sobre isso, seja aqui em Barreiras, mas penso que isso seja geral, não é (sic)? Por exemplo, estava lendo o relatório da Gatti¹⁰⁷ para falar agora sobre a formação do professor para atuar na alfabetização, mas é uma formação que exige formação Matemática e conhecimento pedagógico de como a criança aprende, de como eu ensino determinados conceitos matemáticos para a criança. Vejo que a primeira coisa não é a mais importante, mas é uma coisa imprescindível, **que** é dominar o conteúdo. Como é que vou ensinar uma criança a somar, subtrair, multiplicar e dividir se eu não sei?

Quando eu li o relatório me deu vontade de chorar, porque é uma coisa que você sabe, você convive com isso no dia a dia e quando você vê que é no Brasil, as

¹⁰⁷ Bernardete Angelina Gatti, pesquisadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da FCC (Fundação Carlos Chagas).

Licenciaturas estão todas com problema, problema com o formador, com o aluno que está se licenciando, de falta de domínio de conteúdo, problema de estrutura curricular, problema com as disciplinas pedagógicas, às vezes até os responsáveis pelas áreas de Educação Matemática não convivem com a área de Educação Matemática, fica naquela coisa de ensinar metodologia como técnica, para ensinar divisão é assim... e não se aprofunda em termos de leitura sobre aprendizagem ou sobre o que significa ser professor de Matemática... é um negócio bem difícil. Por exemplo, veja a turma do Parfor... formou 30, mas destes, eu conheço mais ou menos uns dez que estão prestes a se aposentar. Foi uma oportunidade de eles cursarem a Licenciatura na área em que atuaram durante anos sem ter formação e o Parfor veio para trazer a formação para essas pessoas, mas tem pessoas ali que faltam (sic) entre cinco e dez anos para se aposentarem.

Então é assim, é um professor que daqui a pouco você não tem mais aquele professor, aí complica. A gente tem que fortalecer a Licenciatura na região. Agora eu lembro que eu e meus colegas lá na UFOB... a questão era como fortalecer a Licenciatura se nós temos um ensino de Matemática (risos) muito frágil. Eu lembro que a gente fez uma palestra, trouxemos os alunos do ensino médio de uma escola pública para conversarmos sobre a Matemática. No final dessa palestra de divulgação, eles acharam lindo o prédio, as instalações da universidade, mas disseram: “Professora, a gente adorou ter vindo aqui conhecer, mas a gente não vai fazer vestibular p’ra Matemática”.

A nossa questão é como conquistar essas pessoas para que elas venham cursar a Licenciatura em Matemática se elas tiveram uma formação frágil em Matemática. Justamente porque elas passaram por esses professores que têm uma formação não tão qualificada, vamos dizer assim. Eu vejo que, com essa formação frágil, eles não conseguem conquistar esse aluno a ponto de que se apaixone pela Matemática e venha a cursar a Licenciatura, e muitos vêm com aquela ideia: “Se eu fizer uma Licenciatura em Matemática, vou ter mais chance de passar num concurso”. Então é essa a intenção do aluno, não a docência e sim passar num concurso. Com isso estamos com esse dilema.

Quando eles chegam ao curso de Matemática com essas fragilidades, eles ainda esbarram num formador que não tem essa habilidade em lidar com essas fragilidades e que os ajudem a superar. Então... às vezes, a gente tem alunos interessados na docência, poucos, mas a gente tem. Entretanto, esse aluno esbarra nisso, e ele vai sendo

reprovado, reprovado, reprovado, e ele acaba também desistindo e indo para uma Licenciatura em que seja menos exigido nessa parte de Matemática.

Então, o ensino de Matemática está cada vez mais comprometido e está difícil de avançar. Ainda vejo, por exemplo, essas pessoas que terminaram o Parfor: eles já são professores de Matemática, eram sem formação específica e, depois de se licenciarem em Matemática pelo Parfor, continuam nas escolas, porque eles nunca saíram, pois fazem o curso no exercício da docência e depois se afastam da universidade. Vejo que uma possibilidade seria fortalecer o núcleo da SBEM para estar retroalimentando essas pessoas.

Além do Parfor, trabalhei em um projeto chamado Rede Uneb 2000¹⁰⁸ que, na verdade, é um curso de Pedagogia onde (sic) os professores formadores se deslocavam daqui para os outros municípios. Eu trabalhei em cursos nos municípios de Cristópolis¹⁰⁹, Angical¹¹⁰ e Catolândia¹¹¹. No curso da rede Uneb, nós tínhamos duas disciplinas de Matemática chamadas Ensino de Matemática 1 e Ensino de Matemática 2. Por conta da dinâmica do curso, pois a gente ia uma vez por semana, eram quatro horas inteiras da disciplina. Eu não conseguia fazer o mesmo trabalho que eu fazia aqui na Pedagogia, de outras leituras. A gente trabalhava mesmo com os livros na perspectiva de como dar aula, porque eles eram professores da rede, sem formação de nível superior. Então qual era o recorte da bibliografia que eu tinha que fazer? Trabalhar mais com os livros e não era um livro com tanta bagagem teórica, era mais: “Como eu dou aula de adição, como dou aula de divisão?” Era mais o como fazer mesmo em sala, até para atender à expectativa deles, isso na rede Uneb 2000, diferente do Parfor, que era um curso no qual a gente tinha mais tempo com o aluno.

Então, eu e Elena tentamos trazer mais essa bibliografia dos autores da Educação Matemática, dos pesquisadores, incentivamos esses alunos a construírem artigos, a participarem de eventos e tudo o mais. Tivemos alguns artigos produzidos com referenciais muito interessantes, deu para fazer um trabalho bem legal e eram professores em exercício. Então a resposta era melhor que a de um licenciando que, muitas vezes, entrou no curso sem a intenção de ser professor de Matemática.

¹⁰⁸ Segundo Jesus (2008), a Rede Uneb 2000 é um programa intensivo de Licenciatura em Pedagogia com habilitação nas séries iniciais do ensino fundamental.

¹⁰⁹ Município localizado a 89 km de Barreiras.

¹¹⁰ Município localizado a 53 km de Barreiras.

¹¹¹ Município localizado a 56 km de Barreiras.

Fábio — Voltando a um ponto que você abordou, vejo que essa questão de integrar o professor à pesquisa vai além de ter um núcleo da SBEM. Vejo que isso poderá ser feito via cursos de extensão, por exemplo. E, falando nisso, você tem alguma experiência em projetos dessa natureza para nos contar?

Ana Maria — Pois é, a gente, por exemplo, pode estar trabalhando com a Uneb, com o IFBA, e com a UFOB. Na Matemática da Uneb, conseguimos, por exemplo, fazer um projeto na disciplina de Laboratório junto com o Estágio Supervisionado 1, porque na época, antes da Elena entrar, só eu pegava essas disciplinas. Quando coincidiu de eu estar com Laboratório e ela com Estágio, nós fizemos esse projeto junto com a Secretaria Municipal de Educação de Barreiras: os alunos, nos horários de Estágio, iam para as escolas, aplicavam avaliação diagnóstica, identificavam as dificuldades dos alunos e traziam para a sala esses resultados. E, no Estágio seguinte, o Estágio Supervisionado 2, eles voltavam à escola para trabalhar com aquelas crianças com quem eles fizeram avaliação diagnóstica. Isso funcionou legal porque a Secretaria Municipal tinha um núcleo, não sei se ainda tem... de formação. A gente fez esse trabalho junto com a Secretaria, e isso foi antes de eu sair da Uneb.

Atualmente continuo com estágios, porque eu sempre trabalhei mesmo nessa perspectiva de ser formadora de professores. A universidade tem uma presença muito importante aí de fazer unir esses professores que estão na rede sozinhos, às vezes. Eles se unem quando se encontram no mesmo espaço, quando eles estavam ali, cursando a Licenciatura da Parfor. Eu acho que é um investimento que vale a pena, pois estaria atingindo o *cara* que já está na sala de aula, enquanto que, o aluno da Licenciatura, pode ser que ele vá e pode ser que ele não vá para a sala de aula. Me recordo (sic) de alguns alunos dizendo: “Professora, eu sou concursado do Município *p’ra* ser policial do Município, da Guarda Municipal, eu ganho melhor do que sendo professor e sou mais respeitado”. Então, quer dizer, o que eu posso dizer, que argumentos que vou usar? (risos)

Fábio — Até os nossos argumentos encontram essa fragilidade. (risos)

Ana Maria — Pois é, agora a gente tem uma coisa positiva também que a Uneb está fazendo, que é o curso de especialização. A gente já tem um curso de especialização em Educação Matemática, que é outro espaço interessante de pesquisa, onde os alunos tanto do Parfor quanto da Licenciatura, podem dar continuidade aos estudos. Ministrei uma disciplina de Didática da Matemática, tinha um título e subtítulo. Acho que era na perspectiva da linha francesa. A coordenadora do curso pediu que trabalhasse com

Vergnaud, Brousseau, os teóricos da linha francesa. O Américo¹¹² deu uma disciplina também, nossos colegas da UFOB também deram algumas disciplinas e o que nós vimos lá foram alunos da Plataforma Freire¹¹³, e alunos que tinham terminado a Licenciatura no ano anterior lá, cursando a especialização, e isso é um espaço também de renovação.

Fábio — Esse curso começou quando?

Ana Maria — Faz um ano, eles já estão fazendo a monografia, eles mandaram artigos para o Ebrem¹¹⁴ deste ano, já estavam trabalhando nos artigos. Alguns mandaram as pesquisas em andamento e foram para Brasília apresentar os trabalhos e foi muita gente.

Fábio — Você sabe quantos alunos tem nessa turma?

Ana Maria — Se não engano, uns 35 alunos...

Fábio — Dá um quantitativo bom? E você sabe se a Uneb tem previsão de dar continuidade com a especialização?

Ana Maria — A especialização eu acredito que sim. A gente esbarra na questão de que não pode cobrar do aluno, e os professores também são voluntários. São os professores da Uneb e os professores de outras instituições que quiserem cooperar. Pois é, o pessoal da Universidade Federal foi, deu aula, eu não sei se alguém daqui, você não estava aqui.

Fábio — É, e ainda não estou... Por conta da minha mudança para São Paulo para fazer o mestrado, não deu para atuar nesse curso. Então, ok! Você teria uma última palavra?

Ana Maria — Pois é, então acho que é isso, Fábio! Espero que a gente volte logo, (risos) desses nossos cursos pra gente poder dar cursos, fazer um trabalho bom, botar (sic) essa SBEM pra funcionar porque nesses espaços temos muitas ideias boas para trazermos e colocarmos em prática aqui.

¹¹² Américo Júnior Nunes da Silva, professor da Uneb-Barreiras.

¹¹³ A Plataforma Freire é o nome do sistema que regulamenta o Parfor no Brasil.

¹¹⁴ Encontro Brasiliense de Educação Matemática; a edição citada pela professora Ana Maria foi a VI e ocorreu entre os dias 19-21 de setembro de 2014.

4.3 Professora Alzerita Gomes Dias da Silva

A professora Alzerita Gomes Dias da Silva foi mencionada pela professora Ana Maria Porto Nascimento tanto em sua entrevista como nos momentos de preparação do projeto de pesquisa. Por essas razões, nós a escolhemos como depoente. Após um contato telefônico, em fevereiro de 2015, através do qual tive a oportunidade de conversar com ela pela primeira vez, percebi muita receptividade e disposição em colaborar e assim ela nos concedeu a entrevista. Em mais de 25 minutos de conversa ao telefone, a professora Alzerita falou de sua formação e atuação. Egressa da Escola Normal de Barreiras, onde estudou de 1956 até 1958, iniciou na docência como professora primária em 1959, depois atuou como professora de Geometria no Ginásio Padre Vieira de 1961 a 1964. No período de 1965 a 1984, a professora Alzerita viveu na cidade de São Paulo, onde atuou como secretária de escola, como professora de alfabetização e professora eventual de Matemática a partir de 1969. Coursou a Licenciatura em Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nove de Julho, atual Uninove, na capital paulista. Com a aposentadoria do marido, retornou a Barreiras no ano de 1985, onde atuou como professora de Matemática e Física (na Escola Monteiro Lobato e no Colégio Padre Vieira, instituição em que, a partir do ano de 1988, assumiu a direção. Nessa primeira conversa, ela já me forneceu relevantes informações sobre o Colégio Padre Vieira, uma importante estabelecimento de ensino da cidade e da região, onde a professora Alzerita foi aluna do Ginásio, da Escola Normal, professora e por fim diretora.

Agendamos a entrevista para o dia 12 de março de 2015 e, para atender a um pedido da professora, essa entrevista foi realizada no *campus* do IFBA, pois ela pretendia rever alguns colegas de trabalho dos tempos do Padre Vieira e que hoje trabalham na instituição. Durante a primeira parte da entrevista, a professora Alzerita sugeriu que marcássemos uma segunda para tratar, mais especificamente, do período referente ao Colégio Padre Vieira e gostaria que esta fosse realizada no memorial do Colégio Padre Vieira. Tal convite veio seguido ainda de um entusiasmado “Eu faço questão!”

Eu conheci o memorial no ano de 2011 quando passei em frente ao local e vi que havia uma pessoa tomando conta do acervo. Como tenho curiosidade em observar registros de memória, parei, observei as fotos, documentos e conversei brevemente com

o responsável pelo local. Quando a professora Alzerita sugeriu o local, imaginei que seria de grande utilidade para a pesquisa. No espaço do antigo Colégio Padre Vieira, funciona atualmente a reitoria da UFOB, pois foi nessa área que ocorreu a instalação do primeiro *campus* da UFBA¹¹⁵ na cidade. No local, recebi a informação de que tal espaço não estava sob a responsabilidade da universidade e sim da Prefeitura. Diante do primeiro imprevisto, pensei em procurar a Secretaria Municipal de Educação, mas soube que esta havia mudado de endereço. Paralelamente às minhas tentativas, a professora Alzerita fez alguns contatos, inclusive com a pessoa responsável pelo acervo, que lhe informou que havia entregado a chave na Secretaria de Educação assim que mudou a gestão da Prefeitura no ano de 2013. Portanto, não sabia quem era o atual responsável pelo acervo. Mesmo assim, a professora Alzerita não desistiu de obter o acesso ao local; porém, quando souberam que era para ela, o acesso foi negado, conforme ela nós contará mais adiante. Diante disso, combinamos a realização da segunda parte da entrevista na casa da professora Alzerita, no dia 20 de março de 2015, num dia que, segundo ela me informou, era a data dedicada ao Padim Ciço¹¹⁶, religioso com grande devoção entre os nordestinos. É importante destacar que durante a entrevista, a professora Alzerita pediu que alguns trechos não fossem inseridos na textualização, por tratar de questões pessoais. Sugeri desligar o aparelho, mas ela disse que não precisava. Somente em um momento, ela pediu que desligasse o gravador. Com quase três horas de gravação, optei por registrar e organizar seu depoimento por temáticas, pois alguns assuntos foram repetidos nessas duas conversas. Enquanto a professora Alzerita narrava sobre a Barreiras de sua infância, esbocei um mapa com os locais e paisagens que ela descreveu, para que ela fosse marcando. Assim, iniciamos a entrevista falando sobre suas origens e lembranças da infância.

“ Meu nome é Alzerita Gomes Dias da Silva, nasci em 1937, em Corumbá¹¹⁷, na época, Estado do Mato Grosso. Meu pai era paraibano e minha mãe mato-grossense e viemos p'ra Barreiras quando eu era pequenininha, em uma viagem longa: uma parte de trem, porque para chegar a Barreiras não tinha estrada, e outra de vapor. Lembro que viajamos de trem, primeiro até São Paulo, e depois até uma cidade de Minas Gerais.

¹¹⁵ Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS) — foi um instituto da UFBA de 2006 a 2013 e a partir desse desmembramento é que surgiu a UFOB. No ano de 2010, foi inaugurado um novo *campus* na região conhecida como Prainha.

¹¹⁶ O Padre Cícero Romão Batista (1846-1934) foi um padre católico e líder político-religioso que viveu na cidade de Juazeiro do Norte-CE, e os nordestinos são devotos dele. Como ele não foi canonizado santo pela Igreja Católica, não há uma data específica dedicada a ele. Padre Cícero faleceu no dia 20 de julho de 1934; por essa razão, o dia 20 de cada mês é dedicado à sua memória.

¹¹⁷ Cidade localizada às margens do Rio Paraguai, atualmente no Estado do Mato Grosso do Sul.

Depois pegamos o vapor¹¹⁸ que ia até Petrolina¹¹⁹, mas desembarcamos na Barra¹²⁰. Em seguida outro vapor, de Barra para Barreiras. Só nesse último trajeto, o vapor levava quase três dias: saía ao meio-dia e chegava às 10h da manhã, depois de dois dias no rio. Parava em alguns portos só para embarque e desembarque de passageiros. Lembro-me bem de uma dessas viagens quando fui fazer o concurso para professora, que ocorreu na Barra, em 1959, quando viajei grávida do meu terceiro filho. Caso não viesse de barco, tinha o Caminho das Tropas, que você mencionou, que saía de Posse¹²¹, no Estado de Goiás, até o Val da Boa Esperança¹²², que fica pertinho aqui da cidade.

Fiz o Curso Primário na escola da professora Guiomar Porto, que é nome de rua da cidade. Quando ela se aposentou do Estado, ela instalou uma escola particular na casa dela, porque aqui a carência de escola era muito grande: tinha apenas o Grupo Escolar Doutor José da Costa Borges, que fica ali perto da praça da Igreja Matriz São João Batista. Em 1949, eu fiz parte da primeira turma de Ginásio aqui de Barreiras. Era o Ginásio do Colégio Padre Vieira, fundado pelo Professor José Seabra de Lemos¹²³, filho da região, que foi para o Rio de Janeiro onde estudou, formou-se em Direito e que logo (sic) que arrumou um dinheirinho, retornou aqui para colocar uma escola, porque ele não admitia que a cidade que possuía o aeroporto mais movimentado do interior do Brasil não tivesse pelo menos um curso de Ginásio.

Tem uma história aí, que ele comprou o terreno do Aprendizado Agrícola, da década de 1930 mais ou menos, direto do seu amigo, o Padre Vieira¹²⁴ e quando fundou a escola, a batizou como Ginásio Padre Vieira. Vou te trazer um livro de um amigo, do Luiz Pamplona,¹²⁵ que conta essas e outras histórias de Barreiras daquela época.

¹¹⁸ Durante muitos anos, o Rio São Francisco era navegável entre as cidades Pirapora-MG e Juazeiro-BA. O trajeto era percorrido por barcos movidos a vapor, conhecidos como *vapor*.

¹¹⁹ Cidade localizada à margem oposta do Rio São Francisco em relação à cidade de Juazeiro.

¹²⁰ Cidade localizada no encontro do Rio Grande com o Rio São Francisco.

¹²¹ Cidade localizada na divisa de Goiás com a Bahia, a cerca de 320 km de Barreiras.

¹²² O Val da Boa Esperança é uma localidade distante 40 km do centro de Barreiras e era o final do Caminho das Tropas, que saía de Goiás rumo a Barreiras e, posteriormente, ao Rio São Francisco.

¹²³ José Seabra de Lemos (1902-1985) foi advogado e fundador do primeiro ginásio de Barreiras. Em 1964, mudou-se para Gurupi, na época pertencente ao Estado de Goiás, para ser o primeiro diretor do Ginásio Estadual dessa cidade.

¹²⁴ Luiz Manoel Vieira foi o pároco da cidade de Barreiras na década de 1920, responsável pela construção da Igreja Matriz de São João Batista e pela construção da Escola Aprendizado Agrícola, conhecida na cidade como Aprendizado do Padre Vieira. Essa área foi vendida em 1947 ao Professor Seabra, que resolveu criar um ginásio denominado Ginásio Padre Vieira, nome ainda dado em vida. Em Pamplona (2002), há um relato de uma comemoração pelos dez anos do colégio, cuja missa campal foi celebrada pelo Padre Vieira, já idoso.

¹²⁵ Luiz Gonzaga Pamplona (1933) é autor do livro *Barreiras, Bê-A, ... da Barra pra cá!* (2002), fonte das referências históricas presentes no texto, pois sua forma de contar a história revela muito do cotidiano de Barreiras e seu povo.

Como reprovei o primeiro ano do Ginásio, meu pai ficou bravo comigo, me tirou da escola e eu fui para Mato Grosso, mas dessa vez fui para Cuiabá, porque a família da minha mãe era de lá e tinha umas tias ainda morando lá. Fiquei quase dois anos em Cuiabá, foi quando eu disse: “Eu não fico aqui não de jeito nenhum, eu vou embora”. Fiquei ameaçando até que nós voltamos para Barreiras e aí refiz o Exame de Admissão na turma de 1952 e conclui o Ginásio em 1955. Naquela época já estava autorizado o Curso Normal, do qual também fiz parte da primeira turma e cursei de 1956 até 1958. Minhas lembranças de Barreiras daqueles tempos são de uma cidade que só ia até aquela praça, que eles chamam de Praça das Corujas, ali acabava a cidade. Esses lugares que você cita, onde hoje ficam a Prefeitura, a feira, os colégios Antônio Geraldo e Polivalente, não tinham muita coisa... Ali era o Céu Azul, que eles chamavam, onde ficavam as casas de *mulé dama*¹²⁶, umas fazendinhas, era tudo roça. Nesse desenho do mapa que você fez, vamos marcar alguns lugares.

Figura 8: Desenho do mapa da cidade feito durante a entrevista



Fonte: Desenho por Fábio Bordignon.

¹²⁶ Gíria barreirense para prostituta.

Olha só, o terreno do Padre Vieira era (sic) a partir do muro do colégio, perto da avenida, até a Codevasf¹²⁷. Era a área comprada pelo Dr. Seabra, inclusive ele morava naquela casa onde hoje é o escritório da Codevasf. Nessa área, onde hoje está o IFBA, era um pomar com pés de mexerica, manga, mamão, inclusive tem uma fruta que eu adoro! Parecida como o kiwi, mas é o sapoti, uma delícia! Quando fui diretora do Padre Vieira, as serventes chegavam cedo e ajuntavam um monte dessa fruta para me dar, porque eu adoro! Aqui era um verdadeiro pomar! Tinha uma entrada por dentro e, na frente, não tinha nada, era um mato, inclusive aconteceu um acidente com a gente... Na porta do Padre Vieira tinha muito pé de monguba, uma árvore grande que fazia muita sombra, de fora a fora, até a beira do rio. E ali, o pessoal que trazia carro de boi com rapadura, algodão, essas coisas, eles deixavam o carro ali e iam entregar as mercadorias e voltavam. Teve uma vez em que aprontamos uma travessura envolvendo esses carros de boi. Nós fomos da porta do Colégio Padre Vieira até a casa do Professor Seabra, sentados no carro de boi. Menino! Quando a gente voltou para o colégio, estavam os pais de todo mundo esperando, foram batendo na gente, foi um horror! Teve uma amiga, que a mãe tirou ela daqui e mandou para Belo Horizonte por causa disso. Era aquela coisa fechada e a gente tinha que ser *santinha* querendo ou não querendo, não tinha jeito!

Tinha umas casas ali, descendo pela Rua Silva Jardim, umas outras casas ali na Barreirinhas, mas não tinha ponte para atravessar o rio, usávamos o ajoujo¹²⁸. O Getúlio Vargas,¹²⁹ quando esteve aqui, em 1950, ele atravessou o rio nessa embarcação e era assim que atravessávamos o Rio Grande, não tinha ponte. Depois o Aníbal Barbosa¹³⁰ fez a ponte de madeira, e o Saulo Pedrosa¹³¹ fez a ponte de concreto. Essa ponte, que fica perto daqui, foi construída quando fizeram a estrada para Brasília. Ali perto do cemitério, tinha só umas casinhas de gente pobre, aquela rua atrás do cemitério, a gente chamava de Rua do Canário, inclusive a lavadeira de minha mãe morava ali, ali acabava a cidade.

¹²⁷ Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba. A Codevasf foi criada em 1974, embora sua implantação estivesse prevista pela Constituição de 1946. Sua atuação visa ao desenvolvimento do Vale do São Francisco e é muito inspirada nas ideias de Geraldo Rocha para o desenvolvimento da região.

¹²⁸ O ajoujo é uma canoa a remo muito utilizada pela população ribeirinha do Vale do Rio São Francisco.

¹²⁹ Getúlio Vargas visitou a cidade como candidato à presidência da República em 1950, a convite de Geraldo Rocha, proprietário da Cia. Sertaneja, responsável pela exportação do charque da região.

¹³⁰ Prefeito de Barreiras de 1959-1962. No seu governo, a construção da BR-020, ligando Brasília a Fortaleza, passou para Barreiras e então foi construída a primeira ponte de concreto da cidade.

¹³¹ Prefeito de Barreiras em duas ocasiões: de 1993-1996 e 2005-2008.

Onde é a Escola Polivalente, tinha uma lagoa grande, uma roça e, às vezes, a gente ia banhar lá e quando chegava em casa, apanhava! Por mais que enrolasse o cabelo a mãe descobria. Costumávamos nos banhar lá ou aqui na prainha, no encontro do Rio de Ondas com o Rio Grande. Hoje em dia só não está bom de tomar banho porque ali teve uma turma que tirou areia e aí esburacou tudo e ficou uma porcaria (sic) tirando areia lavada. Mas ali era uma praia linda. O volume do rio era maior antigamente. Onde é a concessionária da Mitsubishi, enchia de água, muita gente que nós conhecemos morreu ali, afogada, quando menino. Antigamente, ali, nós conhecíamos como Roça do Dominginhos e diziam: “Não vai banhar lá!” Agora o rio baixou mais porque no governo de Saulo foi feita uma obra perto do parque de exposições para desviar o curso do rio e assoreou a volta do rio. Tanto é que, na seca, os meninos atravessam andando. Ali passava o vapor, ficava tudo cheio, dá pra ver isso nas fotos antigas da cidade, que o Napoleão Macêdo, que foi o primeiro fotógrafo da cidade, tirou. Com isso também diminuíram até os peixes que tinha no Rio Grande. Tinha um peixe aqui chamado pacamão e acho que acabou, porque nunca mais vi. Meu marido era doido por ele, mas eu não comia porque achava ele parecido com sapo, e todos diziam que era uma delícia a carne.

Teve uma vez que fui levar minha neta *pequininha* na escola São José e chegava lá um senhor na esquina tirando areia da rua com água e eu passava por ele e dizia:

“Saiba usar porque senão vai faltar!”

“Vem cá! Por que toda vez que a senhora me vê diz isso?”

“Porque o senhor fica tirando a terra da rua com água”.

"Ah, mas com um riozão desses, quando é que vai faltar água?"

Tenho muita lembrança dos tempos em que tinham os aviões da Panair do Brasil¹³². Eles davam vagas para ir de carona de Barreiras para o Rio de Janeiro, era normal, tanto é que nossas influências eram mais do Rio de Janeiro do que de Salvador. Quando eu lecionava em São Paulo, tinha um diretor que chegou um dia p'ra mim e disse: “Que negócio é aquele do povo lá em Barreiras falar tudo em inglês?” Eu disse que não era *incutimento*¹³³ do povo de Barreiras e sim da Panair do Brasil (risos). Porque tudo era escrito em inglês. Naquela época, aqui sempre tinha pernoite de aviadores e turma de passageiros. Quando eu era mocinha, a gente vestia seda francesa,

¹³² Acrônimo de Pan American Airways: foi uma das empresas pioneiras na aviação de passageiros no Brasil operando voos regulares entre 1930-1965.

¹³³ Expressão utilizada pelas pessoas de Barreiras para *metido*, para quem *gosta de aparecer*.

porque tinha o matadouro da Sertaneja¹³⁴, que fornecia carne de charque para fora do Brasil, e os aviões traziam essas mercadorias de fora. Essa companhia era do Dr. Geraldo Rocha¹³⁵ e te digo uma coisa, que foi uma pena esse homem ter sido muito combatido aqui. Ele era um homem de visão, apesar de ter nascido em Barra. Ele foi um homem que amou Barreiras tanto é que os pais dele estão enterrados aqui.

Você imagina que, em 1928, Barreiras tinha luz elétrica boa? Aqui a gente tinha luz! Depois foi crescendo e como a turbina era pequena, a luz ficou meio ruinzinha, mas era luz elétrica quando a região inteira não tinha nada. Eu vou lhe dizer outra coisa, hoje você vê o governo da Bahia mandando coisa p'ra cá, mas é em retorno à soja, à agricultura, porque naquele tempo não tinha, e eles diziam que eram os gerais,¹³⁶ que não dava nada. Hoje é esse dinheiro da agricultura que está fazendo eles (sic) olharem para a região. Quando era professora primária aqui, tinha gente que passava três anos sem receber um tostão. Eu mesma fui uma que fiquei tempos sem receber e você sabe por quê? Porque o coletor dizia assim: "O dinheiro só dá p'ra pagar as viúvas e os funcionários", porque quem pagava a gente era a Coletoria Federal¹³⁷. Quando sobrava um dinheirinho por lá, eles mandavam esse dinheiro p'ra cá, e eles pagavam o que dava e ficavam devendo um, dois ou até três anos. Quando fui pra São Paulo, recebi depois de três anos pagamento do tempo em que trabalhei aqui.

As pessoas dizem que sou saudosista, mas te digo que Barreiras, culturalmente, regrediu. Aqui, por não ter a televisão, rádio, essas coisas, tinha clube do livro, senhoras que mandavam buscar livro, tinha teatro e hoje você não vê. No Padre Vieira tinha o Sr. Oscar, que montava peças de teatro. Meu filho, na minha época, aqui, nós tínhamos um senhor que chamava Pedro Cristovão, que era rei do Babau¹³⁸ e estava em outras manifestações culturais com o Nazaro¹³⁹, que acontecia depois do carnaval — nessa data, à noite, você não saía de casa de jeito nenhum! Acontecia na quarta-feira de cinzas. Tinha um grupo que tacava (sic) nas pessoas pó de café, trigo, ovo, palha de arroz, porque aqui tinha muita beneficiadora de arroz e eram só os homens que

¹³⁴ Companhia de Propriedade de Geraldo Rocha.

¹³⁵ Antônio Geraldo Rocha Filho (1881-1959) nasceu em Barra-BA e mudou-se aos 7 anos para Barreiras antes da emancipação municipal na época da Vila de São João das Barreiras. Estudou Engenharia no Rio de Janeiro e chegou a trabalhar na construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, na década de 1910, e nos anos de 1920 passou a investir em Barreiras. O livro *O Rio São Francisco - Fator Profícuo da Existência do Brasil*, de sua autoria, é uma das fontes utilizadas sobre a história da região.

¹³⁶ Denominação para as áreas de cerrado que atualmente são cultivadas.

¹³⁷ Órgão anterior à criação da Receita, ligado ao Ministério da Fazenda.

¹³⁸ Babau é um personagem do Bumba Meu Boi.

¹³⁹ Manifestação que ocorre no final do carnaval e que representa, simbolicamente, o enterro do carnaval.

participavam. Não podia participar mulher, de jeito nenhum! E eles saíam à noite cantando, rezando e gritavam: “O Nazaro morreu!” Como o pessoal não saía, mas observava a movimentação pela fechadura, eles jogavam as coisas pelo buraco da fechadura, porque as casas não eram altas, e algumas nem tinham muro, mas hoje o Nazaro está muito descaracterizado. Tem que respeitar a cultura do lugar, a gente vê em outros países coisas de 300, 1.000 anos! que continuam até hoje. Isso não pode ser desprezado.

Outra coisa que não tem mais são os torneios de esporte. Inclusive, quando o BEC¹⁴⁰ fez a quadra de tênis, eles me mandaram um convite para a inauguração porque eu sempre estava participando de eventos lá. Agora o problema é o seguinte, na ocasião, eles me convidaram para a inauguração da 1ª quadra de tênis de Barreiras. Fui, agradei e falei para o rapaz que estava presidindo a solenidade: “Olha, você fala para o comandante que não é a primeira quadra de tênis, porque no meu tempo de infância tinha quadra de tênis, de vôlei, de basquete”. O pessoal que estudou no Rio de Janeiro, quando voltava, disputava campeonatos dessas modalidades. Eu era pequena ainda, mas eu assisti a vários torneios desses esportes. Disputávamos torneio com outras cidades como, por exemplo, futebol contra Barra, e hoje até o futebol não tem mais aqui em Barreiras. A turma não tem mais aqueles clubes de futebol.

Eu vejo o ginásio de esportes, eu moro naquela rua ao lado do ginásio, vejo aquele espaço acabado, servindo de lugar para malandro ir fumar maconha lá dentro, que de vez em quando tem que chamar a Polícia para ir lá. Tem que dar incentivo para a juventude, a juventude é igual sempre e é com incentivos que a juventude se transforma, mas não tem participação de nada. Com o tempo, tudo isso acabou! Nós tínhamos um time de voleibol do Padre Vieira, mas aí a Prefeitura quis ganhar “dinheiro em cima”: onde há corrupção acaba imediatamente, não há nada que resista.

Fábio — Após conversarmos sobre muitas histórias desconhecidas, para mim, a respeito de Barreiras, conte-nos sobre suas lembranças do tempo do Ginásio, da Escola Normal e dos professores daquela época.

Alzerita — Fui aluna da Professora Guiomar Porto¹⁴¹ no Primário, e foi ela quem descobriu que eu gostava de Matemática. Ela me incentivou a estudar essa disciplina, foi uma excelente professora de Matemática; Português, ela deixava de lado. Até vou

¹⁴⁰ Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro; em Barreiras está sediado o 4º Batalhão.

¹⁴¹ Professora do Grupo Escolar Dr. Costa Borges. Pamplona (2002) destaca que a Professora Guiomar foi sempre lembrada por seus alunos pelas sabinas aplicadas aos alunos e pelos castigos de palmatória.

contar uma passagenzinha, só para você saber... Ela fazia aquelas sabatinas, onde (sic) quem errava apanhava de palmatória, e ela sempre batia nos meninos e, em mim, ela nunca bateu (risos). Agora tem um negócio que ajudou muito naquela época em relação à Matemática. Meu pai tinha banca de jogo do bicho e eram aquelas listas cavalares de números para eu somar, e o meu pai não admitia erro, se tivesse uma soma errada ele ficava louco. Então eu fazia aquelas somas, sem máquina de calcular, na cabeça e, com isso, acabei adquirindo uma facilidade para realizar as operações de somar, multiplicar, aliás, tudo isso me ajudou muito nas outras matérias.

Em 1948, todo mundo foi chamado a fazer admissão ao Ginásio e, naquela época, eu fazia o 3º ano Primário na escola da Professora Guiomar Porto. Como só entrava na escola com o Exame de Admissão, fiz e passei. Mas eu tinha 11 anos e, como era o primeiro curso aqui em Barreiras, antes disso tinha que ir para Barra estudar no Educandário Santa Eufrásia. Então, pessoas com 30, 40 anos, que já eram funcionárias, vieram fazer o Ginásio. Lembro que entre os colegas, tinha meninos que já sabiam inglês, francês e tudo. Autodidatas... E então foi difícil para eu acompanhá-los, porque eu tinha só 11 anos. Eu vou te mostrar a fotografia que tenho da época para você me ver lá pequenininha e só gente grande. Mas, aconteceu que eu reprovei em francês, pois francês e inglês não entravam na minha cabeça de jeito nenhum. No Ginásio fui aluna do professor Marth Santos, um negro bem alto, e como gostava de Matemática, acabava estudando mais a matéria e me lembro de ele me dizer bem assim: "Essa menina é uma menina algébrica". Inclusive ele me incentivou muito a continuar os estudos, mas aqui não tinha, e eu casada, já mãe de três filhos, para sair e deixar tudo ficava difícil.

Naquela época ainda não tinha Brasília, tinha que ir para Salvador, São Paulo ou Rio de Janeiro, que era o destino da maioria do pessoal de Barreiras quando saía para estudar. Agora, pela influência que o Professor Seabra tinha no Rio de Janeiro, nós tivemos aqui professores excelentes tanto no Ginásio como no Curso Normal. Inclusive nós tivemos aqui um professor que veio da França, o professor Le Brun¹⁴², que é pai daquela atriz, a Renée de Vielmond,¹⁴³ e ele foi quem muito deu base para a gente na Escola Normal. Ele dizia que "o professor tem que aprender tudo". Teve uma vez que ele ensinou a fazer cimento, a cultivar as coisas, como remédios caseiros... E eu dizia: "Meu Deus! Eu vou dar aula, professor! Vou querer saber fazer cimento pra quê?". Ele

¹⁴² Georges M. Le Brun, professor das disciplinas de Francês; na Escola Normal lecionou as disciplinas da área de educação como Metodologia de Ensino e Puericultura.

¹⁴³ Renée Le Brun de Vielmond (1953) é atriz e atuou em várias novelas entre os anos 1970-1990. É também formada em História e durante o curso ficou afastada dos trabalhos na TV.

foi nosso professor durante quase três anos, digo, por dois anos. No terceiro ano ele foi embora, porque ele se apaixonou por uma aluna daqui, e ela não queria ele (sic) de jeito nenhum! E olhe que ele era um homem bonito!

Figura 9: Primeira turma do Ginásio Padre Vieira



Fonte: Acervo pessoal da Professora Alzerita Gomes, que é a terceira menina da esquerda para a direita, na primeira fileira em pé, de baixo para cima. Realmente, vemos ao fundo pessoas muito mais velhas entre os alunos. Na mesma foto, sentados, vemos alguns professores, sendo o sexto, da esquerda para a direita, o Professor Seabra, diretor da Escola.

Muitos dos nossos professores eram filhos de Barreiras, que tinham estudado fora, por exemplo, nosso professor de Inglês, ele estudou nos Estados Unidos, era o Dr. Orlando de Carvalho, que era médico. Tinha o Professor Davi, de Francês, a Professora Antusa e Silva, de Português, muito boa! uma farmacêutica... Eles se dedicaram mesmo e, com isso, o Ginásio Padre Vieira tornou-se um marco não apenas para a cidade de Barreiras, mas para a região inteira. Você vê que vinham alunos de Angical¹⁴⁴ em peso para cá, de Cotegipe¹⁴⁵, estudaram no Padre Vieira.

¹⁴⁴ Cidade localizada a 53 km de Barreiras.

¹⁴⁵ Cidade localizada a 103 km de Barreiras.

Na realidade, tirando essas duas cidades, toda a região fazia parte do território de Barreiras, que era o maior município da Bahia. Mas com esse negócio do governo municipal não querer saber de nada, de não tomar conta, foram fatiando e aí, na época da criação de São Desidério,¹⁴⁶ me lembro que o prefeito de Barreiras disse: “Não, pode deixar só aqui mesmo.” Tem umas histórias assim que a gente não entende, mas como eles eram os políticos, ficou assim mesmo e, hoje, em território é um dos maiores municípios da Bahia. Quer dizer, só tem o território grande porque a mentalidade agora é que está se abrindo, com esse pessoal do Sul que chegou e está exigindo mais um pouco e aí acho que eles estão abrindo mais a cabeça... Você vê que, em São Desidério, até o ano passado ou retrasado, tinha escola sem sanitário. Os meninos precisavam ir ao mato, que dizer, faltava o mínimo do mínimo. Chovia e não podia ter aula porque molhava a sala e suspendiam as aulas. Eu lhe digo, porque minha filha trabalhou como professora numa escola com essa falta de estrutura e era assim, os meninos, os professores precisavam ir ao mato ou à casa de algum amigo, no barzinho... sei que agora já tem.

Nos anos de 1950, o Professor Seabra vendeu a escola para o Antônio Balbino¹⁴⁷, que depois virou governador, e nisso foi criada a Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho (FECRC), nome dado em homenagem à mãe do Balbino, e nessa fundação tinham as seguintes instituições: o Ginásio Padre Vieira, a Escola Normal de Barreiras e a Escola Técnica de Comércio de Barreiras, inclusive o estatuto da fundação foi feito por Anísio Teixeira¹⁴⁸. Esse estatuto era um documento bem escrito, coisa fina. No documento constava que só poderia terminar a fundação se fosse para dar apoio à outra fundação. Era uma transferência, não poderia ter acabado do jeito que acabou, pois o prefeito chegou lá e acabou (sic). Eu vou trazer a ata da fundação e o estatuto. Eu não tenho, mas um amigo tem e disse que me empresta o estatuto pra gente ver.

Na época na qual o Balbino foi governador, a FECRC passou para o Estado da Bahia, porque aqui só tinha o Grupo Escolar Costa Borges como escola do Estado.

¹⁴⁶ Cidade localizada a 27 km de Barreiras.

¹⁴⁷ Antônio Balbino de Carvalho Filho (1912-1992), natural de Barreiras; foi governador da Bahia de 1955-1959.

¹⁴⁸ Anísio Teixeira (1900-1971), educador baiano e principal propagador das ideias do movimento conhecido como Escola Nova no Brasil. Na década de 1920, ocupou a Diretoria de Instrução Pública da Bahia.

Quando o Juracy Magalhães¹⁴⁹ assumiu o governo, devido à rixa política que ele tinha com o Balbino, ele não aceitou ficar com a escola e foi aí que houve o maior desencontro. Até 1960, a escola ficou como responsabilidade do Estado, a partir de 1961, a fundação passou a cobrar uma mensalidade simbólica e a receber subsídios da Prefeitura de Barreiras através de um convênio com a fundação. Enquanto o Dr. Orlando de Carvalho, que era irmão do Balbino, era vivo, ele obrigava a Prefeitura a cumprir isso, depois que ele morreu, a Prefeitura deixou de cumprir. E aí começaram vários problemas, um deles foi que a Prefeitura nomeou, muitas vezes, para presidência da fundação, apadrinhados políticos. Teve diretor aqui do Padre Vieira também que não tinha formação pedagógica alguma. Teve um que foi nomeado diretor... Meu amigo estudou no Ginásio e foi fazer Odontologia em Salvador. Aí se deslumbrou com a capital e largou o curso de Odontologia. E quando ficou como diretor do Colégio, ficou muito tempo, mas pedagogicamente não fez nada. Quer dizer, só era diretor para fazer as festas e tomar conta da escola e, com isso, a instituição passou por uma época em que não cresceu pedagogicamente.

Outro problema foi em relação à emissão de diplomas, porque para Salvador não existiam as Escolas Técnicas vinculadas a FECRC e só registravam diploma através de um deputado, de uma pessoa política. Inclusive você pode conversar isso com Dicíola,¹⁵⁰ que ela pode te certificar isso. Vinha um deputado aqui na época de eleição, o povo pedia e ele ia lá e registrava, infelizmente era assim mesmo. Com o passar do tempo, os projetos de curso não foram atualizados e é por isso que para o Estado não existia Escola Normal de Barreiras, o Estado não reconhecia os cursos, que continuaram seguindo aquela base curricular da implantação feita pelo Professor Seabra.

Já que você pergunta mais detalhes sobre o professor Marth Santos, ele foi embora para Brasília e não ficou ninguém de sua família por aqui. Olha só que coincidência, uma das minhas filhas, que mora em Brasília, me pediu para arrumar uma empregada e arrumei uma mocinha aqui de Luís Eduardo Magalhães, que foi trabalhar com ela. Como ela estudava, minha filha disse: "Mãe, como a senhora entende mais esse negócio de escola, a senhora vai lá nessa escola perto de casa e veja se arruma uma

¹⁴⁹ Juracy Montenegro Magalhães (1905-2001) foi governador da Bahia em duas ocasiões: primeiro como interventor Federal, de 1931-1937, nos Governos Provisório (1930-1934) e Constitucional (1934-1937) de Getúlio Vargas, e depois foi eleito (1959-1963).

¹⁵⁰ Dicíola Figueiredo de Andrade Baqueiro, diretora do IFBA, trabalhou com a professora Alzerita no Colégio Padre Vieira nos anos 1980.

vaga para ela continuar estudando". Quando eu cheguei lá para matriculá-la, o diretor da escola era um neto do professor Marth Santos.

Lembro que, na minha turma, tinha uma menina que, logo que terminou o Curso Normal, ela foi para Salvador e lá fez Matemática. O nome dela é Aurialva Almeida, aluna daqui, só que ela não voltou. Chegou lá, casou, inclusive está com dois anos que o marido dela faleceu. O marido dela era engenheiro, ela tem familiares aqui, mas sua carreira foi em Salvador. Teve uma outra professora de Matemática, excelente, que era daqui, mas atuava em Salvador, a professora Ieda Passos Lima, que veio porque o pai dela estava adoentado. Quando o pai dela faleceu, ela voltou para Salvador. Ela veio emprestada, veio na época na qual a escola passou para o Estado. Foi outra incentivadora da Matemática aqui.

Fábio — Bem, após nos lembrarmos da sua formação inicial, gostaria que a senhora nos contasse sobre os períodos em que atuou como professora, do ingresso no Magistério e dos estímulos para permanecer na carreira.

Alzerita — No ano em que me formei, prestei concurso para o Estado da Bahia. Quer dizer, antes de me formar eu já lecionava aqui na zona rural porque, naquela época, para você lecionar na sede,¹⁵¹ você tinha que ter lecionado no mínimo dois anos na zona rural. Como eu tinha essa experiência, fui agraciada com ficar aqui na sede e, em março de 1959, fui nomeada para o Grupo Escolar Doutor José da Costa Borges, onde atuei de 1959 até 1964.

Bem, sobre a experiência de ter lecionado na zona rural, lecionei em uma fazenda, onde era o CTI,¹⁵² que faz parte da Codevasf. Nessas terras, no caminho para São Desidério, meus pais tinham uma fazenda. Você veja que a Codevasf dividiu os lotes e tudo e hoje tem vários galpões, tudo abandonado, um horror de dinheiro jogado fora. Meu pai não admitia o analfabetismo, apesar de não ser muito estudado. Logo que eles compraram a fazenda, eles arrumaram uma professora rural da Prefeitura, e era a Escolinha da Dona Inês Paiva, como a gente chamava. Eu estava sempre indo e voltando daqui lá, pois era distante umas seis léguas¹⁵³, ficava bem antes de São

¹⁵¹ Denominação para escolas da zona urbana da época. Vejo também que essa referência à sede é muito comum entre os professores baianos quando se referem a algo central, com unidades descentralizadas. Lembro que Adelmo Xavier, professor de Inglês do *campus* Barreiras entre 2009-2010, referia-se ao *campus* Salvador como sede, mesmo após a mudança para Instituto Federal e criação de uma reitoria.

¹⁵² Centro de Treinamento de Irrigantes (CTI) é um órgão da Codevasf.

¹⁵³ Léguas: unidade antiga de medida; há várias convenções. A légua terrestre mede aproximadamente 4,445 km. Isso dá aproximadamente 25 km, o que quer dizer que fica antes do município de São Desidério.

Desidério, como você me pergunta. Minha filha tem uma chácara no km 18¹⁵⁴ e é passando o CTI.

A professora de lá precisava que a gente fosse lá ensinar, principalmente a tal Matemática, porque eram poucas professoras. E eu ia lá, passava dois dias, voltava, e nisso constava o meu nome como professora Primária lá. Quando passei no concurso, eu fui à Prefeitura e o prefeito da época me deu um atestado de que eu tinha lecionado lá por dois anos. Não era diariamente, porque eu estudava também, mas fim de semana eu ia. Às vezes matava aula na sexta, outras vezes matava a segunda. Lembro que, muitas vezes, ia e voltava no mesmo dia, pegava um cavalo, eu adorava andar a cavalo.

Em 1960, quando virou colégio do Estado, fui alocada no Padre Vieira e, depois, quando voltou para a fundação, os professores voltaram para os lugares onde trabalhavam. Lá ensinei Geometria, porque a menina que ensinava aqui, a Maria Amélia Sampaio,¹⁵⁵ casou e foi embora para Salvador. Como eram poucas aulas, eu encaixava no horário e conciliava com as aulas no Costa Borges.

Quanto aos materiais, lembro que tinha o livro de Geometria, de Arthur Azevedo, e me lembro de um episódio marcante: uma vez coloquei os meninos numa aula para estudar as formas na praça. Todo Ginásio, da 5ª a 8ª série, tinha Desenho Geométrico, trabalhava com as construções. Só para comparar com os dias de hoje, naquela época tinha aula de Música, hoje não tem mais, por isso que a gente está ouvindo essas músicas aí, os meninos não sabem nem cantar os hinos: Nacional e da Bandeira. Quando retornei p'ra cá em 1985, havia uma carência grande de professor de Matemática. E comecei a lecionar Matemática nas escolas Monteiro Lobato e Antares, uma escola que tinha aqui, mas logo percebi que o Antares não tinha autorização do MEC, aí larguei o Antares e fiquei só no Monteiro Lobato.

Quando cheguei aqui, o Monteiro Lobato só tinha até o 4º ano Primário, era da Pré- escola ao 4º. Aí eu disse para Ana Manfredini¹⁵⁶: “Você tem que botar a escola para frente, vamos embora, não tem escola maior por aqui”. Quer dizer, tinha o Padre Vieira, mas foi uma época na qual o colégio não estava bom. Inclusive, eles falavam em fechar o Padre Vieira. E aí colocaram a 5ª e a 6ª série do antigo 1º grau e, depois, gradativamente, a 7ª e a 8ª série, completando o 1º grau. Lembro-me de que, em 1988,

¹⁵⁴ A rodovia BA-455 é a estrada que liga Barreiras a São Desidério.

¹⁵⁵ Professora de Desenho Geométrico e Desenho Artístico do Ginásio Padre Vieira.

¹⁵⁶ Proprietária da Escola e ex-aluna da professora Alzerita no Colégio Padre Vieira.

tiveram três turmas de 8ª série e foi nesse ano que tive que sair para assumir a direção do Padre Vieira.

Foi uma dificuldade para encontrar professor de Matemática, até que chegou a Ana Maria Porto, de Brasília. Não tinha mesmo professor de Matemática e quem ensinava eram pessoas que gostavam. Você se destacava em Matemática, virava professor. Por exemplo, hoje mesmo, a minha filha Carla Cristina fez Pedagogia, mas sempre deu aula de Matemática e tem uma colega dela, a Itatiara¹⁵⁷, também tem anos que ensina Matemática e hoje cola grau junto com a Carla. Quando ensinei Física, digo que ensinei os rudimentos de Física — o que eu fiz foi válido, considero que o que fiz foi mostrar o que é Física — passava um exemplo, botava um ponto no pneu do carro e perguntava qual a trajetória do ponto, uns faziam uma reta, outros uma espiral, um círculo no mesmo lugar. E essas são as minhas experiências como professora aqui em Barreiras.

Fábio — E dos tempos em que a senhora passou em São Paulo, período no qual, pelo que a senhora me contou anteriormente, teve uma atuação mais em secretaria de escola e que também foi o período no qual a senhora cursou a graduação em Matemática.

Alzerita — Em 1964, meu marido foi transferido para São Paulo. Ele era funcionário do Banco do Brasil. Conclui o ano letivo e cheguei a São Paulo no início de 1965. Lembro bem que cheguei no dia da eleição para prefeito,¹⁵⁸ não me lembro do nome do candidato, acho que era o Prestes Maia, um gordinho, tranquilo. Lembro-me daquela bagunça na rodoviária e aí vou lhe contar o desleixo que era a Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Quando voltei de São Paulo para me aposentar, eu já tinha tempo de serviço. Pedi aqui na Bahia meu atestado de tempo de serviço e foi um susto quando vi que fui professora em Barreiras de 1959 até 1967.

Pedi uma licença para acompanhar o marido por dois anos, depois voltei aqui e pedi exoneração. São Paulo, eu só sabia onde era no mapa. Até então, eu só tinha saído de Barreiras quando menina, na época em que fui morar no Mato Grosso. No começo foi difícil para nós, principalmente para meu marido, que não se acostumava com o clima, mas apesar disso foram 20 anos que a gente não pode dizer que não teve nada. Vivemos coisas muito boas, inclusive um dos meus filhos ficou lá, porque ele fez Medicina na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e fez a especialização em

¹⁵⁷ Professora do ensino fundamental da Escola Monteiro Lobato.

¹⁵⁸ O nome citado era do prefeito da época, Francisco Prestes Maia, prefeito da cidade de São Paulo de 1961-1965; o prefeito eleito em março de 1965 foi José Vicente Faria Lima.

Imunologia. Ficou lá, trabalhando no Hospital Emílio Ribas¹⁵⁹. Quando conversamos, sempre digo: “Meu filho, vem embora por conta dessa falta da água”. E ele me responde: “Mãe, eu não tenho condição de deixar o que eu já fiz aqui”.

Chegando a São Paulo, eu só sabia dar aula e costurar, nunca tinha feito nada de diferente. Quando fui matricular meus filhos, me ofereceram um emprego na escola. Na igreja conheci uma freira que me ofereceu umas aulas como professora substituta no Colégio Sion,¹⁶⁰ para dar aula de Matemática nas turmas de 5ª série, sem ter a formação na área de Matemática. Assim comecei a substituir nos colégios como professor eventual, porque naquela época o curso Normal era regional e cada região tinha o seu.

O curso Normal daqui de Barreiras não servia para São Paulo. Mesmo aqui, dentro da Bahia, tinha diferenças entre os cursos. Barreiras, por exemplo, tinha o Ginásio e o curso Normal, Barra, era só os quatro anos de curso Normal — saía do Primário e já ia para Barra fazer o curso Normal. Em Pernambuco, em Petrolina também eram só os quatro anos. Então, naquela época, você tinha muitas meninas com 16, 18 anos que tiravam o curso Normal e tinham que esperar, porque não podia lecionar com menos de 18 anos. Em 1971, quando o MEC fez um chamamento a todos os professores, o curso Normal foi unificado e, então, a gente tinha que fazer uma prova no MEC, e eles davam o direito da gente lecionar e até de fazer concurso para o Estado. Essa prova foi sobre Conhecimentos Gerais sobre o ensino Primário e, após a realização do exame, deram a carteirinha do professor.

Apesar de já atuar desde 1969, fazia uns cursinhos de fim de semana, para trabalhar na alfabetização de adultos. As escolas onde trabalhei: Horácio Laffer¹⁶¹, como professora de educação de adultos, e João Vieira de Almeida, que ficava na Rua Guilherme Cotching, entrando na Vila Maria, em São Paulo, onde nós moramos. E a agência do Banco do Brasil onde meu marido trabalhava ficava na Vila Maria. Depois fiz um teste para ser escriturária do Estado em 1969 e trabalhei no cargo até 1984. Isso foi no Colégio João Vieira de Almeida, primeiro como escriturária e depois na secretaria da escola. Não fiz o concurso para professora do Estado, por algumas razões: uma vez, quando eu morava aqui ainda, perdi a inscrição. Depois, teve outra vez, se não me engano foi em 1977, perdi o concurso, porque eu tinha vindo visitar meus pais.

¹⁵⁹ Instituto de Infectologia Emílio Ribas - é um hospital e centro de pesquisas médicas na cidade de São Paulo.

¹⁶⁰ Escola São Teodoro de Nossa Senhora de Sion - localizada no bairro da Vila Maria, na cidade de São Paulo.

¹⁶¹ Escola Estadual Ministro Horácio Lafer - localizada no bairro da Vila Maria, na cidade de São Paulo.

Quando cheguei lá, não foi feito com antecedência. Inclusive duas colegas minhas fizeram, que foi a Teresa Sarraff, e a outra, de que não me recordo o nome, já era esposa de um professor de lá, e elas disseram: "Ah, Alzerita, sentimos falta de você!". E eu disse: "Ah, não estava aqui, estava na Bahia". E foi um concurso assim rápido.

Depois, com esse negócio do meu marido sempre querer voltar, todo ano quando chegava julho, na época do frio, ele dizia: "Alzerita, só esse ano que a gente fica aqui, no próximo ano a gente estará em Barreiras". E com isso nunca fiz um concurso público e nunca tive esse interesse em fazer concurso para o Magistério público de São Paulo. Em 1972, fui fazer faculdade de Matemática. Fui da primeira turma do curso de Licenciatura na Uninove, nome que chamam hoje em dia, que naquela época era Faculdade Nove de Julho, que também fica na Vila Maria em São Paulo, capital. De episódios marcantes dessa época de faculdade, lembro bem da professora Lucila Bechara,¹⁶² além de fisicamente ela ser muito bonita, ela tinha uma capacidade de explicar bem os problemas. Dela eu lembro bem, porque sempre ficava atrás dela para tirar dúvidas: "Por que deu aquele resultado?" Na verdade, ela juntamente com os professores Guiomar Porto e Marth Santos é que foram meus professores de Matemática marcantes, as três pessoas que me influenciaram muito. O professor de Física também era muito bom, mas não gravei o nome do professor. Eram muitos problemas naquela época, e os outros professores iam lá só dar aula.

Quanto à turma, era formada por professores que já eram do Estado, a maioria da turma era de professoras primárias, que já eram efetivas do Estado. Eu não era efetiva do Estado e a maioria queria fazer o curso para, futuramente, fazer um concurso, melhorar a condição financeira, porque toda vida sempre foi essa coisa de professor primário ganhar uma porcaria (sic). Lembro-me de que nas aulas da Professora Lucília, quando ela começou a falar *função*, essas coisas, as meninas não sabiam, porque antigamente *função* era matéria só vista no 2º grau. A noção de representação de pontos na reta, eu tinha das aulas de Desenho, de Geometria, nas quais a professora Eliana¹⁶³

¹⁶² Lucília Bechara Sanchez é uma das professoras de Matemática mais envolvidas em grupos que difundiram as ideias do Movimento da Matemática Moderna no Brasil, o que ocorreu na década de 1960. Na tese de Silva (2006), encontramos uma entrevista com a Professora Lucília em que ela comenta sobre seu envolvimento com os movimentos do GEEM (Grupo de Estudos em Educação Matemática) e Momento (Um movimento de matemáticos por uma educação transformadora).

¹⁶³ Eliana Elias R. de Mendonça, professora de Desenho na faculdade. Durante a entrevista, a Professora Alzerita trocou seu nome com o da Professora Lucília Bechara. Verificamos essas informações consultando a revista *Documenta*, edições nº 183 (Fevereiro de 1976) e nº 189 (Agosto de 1976), que contêm informações sobre os processos de autorização e funcionamento do curso de Matemática da Faculdade de 9 de julho.

dizia: "Olha aqui quando baixa desse jeito!". E quando eu acertava, as colegas perguntavam: "Mas onde que você aprendeu isso?" E dizia: "Foi em numa escolhinha Normal lá em Barreiras". Mas não era Matemática e sim nas aulas de Desenho e de Geometria. Foi muito boa a minha base do curso Normal em relação ao que estou vendo hoje, o que as meninas fazem na Pedagogia. Foi muito bom, valeu a pena e me ajudou muito.

Depois que concluí a faculdade, no final de 1974, durante o dia eu era secretária de escola e à noite eu dava aula de Matemática e, desse jeito, fiquei até 1984, pois quando meu marido aposentou, ele imediatamente veio embora, eu tive que vir também e voltei pra cá. Tem uma coisa que considero importante nesse trajeto: eu tenho a faculdade de Matemática, mas não fui uma estudiosa de Matemática, porque hoje essa menina que está se formando em Matemática, eu digo que ela é uma estudiosa, porque ela pega os livros, se envolve com projetos, e eu dava aula porque não tinha professor.

Fábio — Bem, a senhora me contou anteriormente que no final da sua carreira foi dedicada à direção do Colégio Padre Vieira... Conte-nos mais a respeito dessa experiência. Quem eram os professores de Matemática dessa escola nos últimos anos em que a senhora atuou?

Alzerita — Quando foi em 1988, eles iam fechar o colégio Padre Vieira, que foi onde estudei, fiz o Ginásio e o Curso Normal... no Colégio Padre Vieira. Naquela época, eu tinha uma lanchonete onde era o Laboratório Santa Rita, ali perto dos Correios e, na lanchonete, teve uma reunião dos vereadores, porque ali era o estabelecimento que foi de meu pai, o Bar Paraibano. Aí, um dia me disseram que iam fechar [o colégio], e eu procurei saber o porquê disso. Eles disseram que não tinha uma professora com nível de 3º grau para ser a diretora da escola. Eu não tinha Pedagogia, tinha Matemática, mas na época não tinha ninguém para ser a diretora e aí, meu filho, aconteceu o quê? Eu vi qual era a situação, vi que era possível ajeitar as coisas que estavam com problemas. Quando me propuseram assumir a direção, eu disse: "Depois de amanhã eu dou a resposta a vocês. Fui atrás de Dacíola, de Lícia Pedrosa, que é uma professora de Português, uma estudiosa da língua, e elas me ajudaram muito a colocar o Colégio em ordem. Como era na Prefeitura, que resolvia tudo aí, me expus, levei meu diploma, meus atestados de que tinha já lecionado, e aí aconteceu o quê? Fui nomeada diretora da FECRC, mantenedora do colégio Padre Vieira, onde trabalhei até 2001, ano em que eles encerraram e fecharam a escola.

A estrutura da fundação tinha um presidente, que era escolhido de quatro em quatro anos conforme o mandato do prefeito, e seis curadores. Na minha época, lembro que colocaram uma mulher que era dentista e professora de Biologia da escola. Menino! Eu nunca vi uma pessoa assim descontrolada com dinheiro, sem noção, pegava o dinheiro todinho. Logo que ela foi eleita, ela comprou um carro da Fiat, modelo *weekend*, logo que ela foi eleita (sic) comprou aquele carro e com ela acabou o colégio. Ela deixou atrasar salário dos professores, e o colégio tinha professores muito bons, inclusive muitos professores são seus colegas no IFBA, tem professores na Uneb. Na época em que abriram a Uneb, me convidaram. Inclusive, minha documentação serviu porque não tinha uma professora de Matemática com formação, todas eram professoras primárias que gostavam da Matemática, como por exemplo, a Ida Coité, que inclusive foi vice-diretora do Padre Vieira. E, naquela época, teve uma menina que veio de Salvador e disse: "Alzerita, você é louca de deixar de ir para a Uneb e ficar aqui nesse Padre Vieira, que qualquer hora pode fechar". Eu disse: "Filha, é um laço de amor com a escola." "Fui aluna, professora, saí daqui, voltei como professora de Física e agora surge esse desafio da direção."

Mas tive um trabalho árduo, porque quando eu voltei de São Paulo, notei que eles não entregavam diplomas. Os diplomas do curso Normal, da Escola Técnica de Comércio, da Escola de Administração não estavam sendo registrados em Salvador e já estava no processo de fechamento da escola. Aí veio uma comissão do MEC no Colégio e eu prometi, e eles me pediram se em 90 dias, me perguntaram se eu seria capaz de fazer um levantamento dentro do prazo estipulado, porque ninguém fazia, não registrava... Então fiz um relatório sobre toda a história do Colégio e as habilitações, a passagem para o Estado e o Estado devolvendo para a fundação. Aí eles foram ver que eles acertaram e foi quando nós começamos a mandar os diplomas para serem registrados, quer dizer, nós chegamos a registrar mais de 2.000 diplomas de pessoas que já estavam fora, porque até esse período aí de 1960, antes registrava normal. E nessa hora eu vi o quanto me serviu, e muito, o tempo que passei em São Paulo sendo secretária de escola... tinha que ler o Diário Oficial, as legislações.

No meu tempo, quando diretora, lembro que encaminhávamos alunos para estágio na Embasa¹⁶⁴, no Baneb,¹⁶⁵ na Caixa Econômica, no Banco do Brasil, e sempre

¹⁶⁴ Empresa Baiana de Águas e Saneamento.

¹⁶⁵ Banco do Estado da Bahia.

ficávamos acompanhando os relatórios... Estou tentando lembrar a sigla, não é IEL¹⁶⁶, não é CADES¹⁶⁷, não... tá faltando o nome... Ah! Não vou lembrar! Dessas relações com a Prefeitura, teve vários episódios, um deles, inclusive, envolve a construção do CEFET. O terreno era da fundação e o Paulo Braga¹⁶⁸, que era prefeito de Barreiras, doou o terreno para o MEC e aí começaram a construir, porque eles tinham pressa. Fizeram tudo, mas na hora de inaugurar, cadê a escritura? O MEC forçando a Prefeitura a dar a escritura... Na época, o prefeito já era Saulo Pedrosa, em seu 1º mandato. E ele disse que não podia fazer, porque ele não podia dar a escritura de um terreno que não era da Prefeitura e sim da fundação. A mensalidade que era cobrada era um pagamento simbólico, mas tinha dinheiro para sustentar a escola, aí a Prefeitura interveio e resolveram fechar e me deram férias, pois sabiam que eu era contra... e fizeram ata fechando a fundação.

Depois a Prefeitura construiu um novo Padre Vieira, mas mesmo assim o pessoal me procurava para assinar diploma, porque a diretora de lá não podia assinar e aí dizia que não assinava, porque não era mais diretora. Dizia: “Já joguei fora meu carimbo e não assino de jeito nenhum, vão lá na Prefeitura, e eles que resolvam isso”. É uma pena que não fomos lá, porque tem umas coisas que queria mostrar, como foi um trabalho digno e premiado, algumas vezes com aquele prêmio, “Soja de Ouro,”¹⁶⁹ e eu dizia que aquilo não era um prêmio da Alzerita e sim da equipe do Colégio. Tem que retomar aquele acervo, senão daqui a pouco os cupins comem tudo.

Quanto aos professores de Matemática daquela época do final do Padre Vieira na Escola Normal, tinha uma menina que hoje tem uma escolhinha do Kumon, que montou esse curso depois que saiu do Padre Vieira, tinha a Ida, mas depois ela foi chamada para ser diretora de uma escola, tinha um rapaz que faleceu, que morava no Ribeirão¹⁷⁰ e dava aula de Matemática, a Cláudia, que hoje dá aula na Uneb, tinha Édula Fernandes.¹⁷¹ Tinha o Antônio,¹⁷² que dá aula hoje no Colégio Municipal Sagrado Coração de Jesus, tinha um menino que era do Exército, mas ele dava aula de

¹⁶⁶ Instituto Euvaldo Lodi é órgão responsável pelo recrutamento de estágios.

¹⁶⁷ Ao ouvir a sigla CADES, pensei em ligações com a Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, que vigorou no Brasil de 1953 até 1971, a qual foi muito tematizada em diversas pesquisas do GHOEM. Comentei a respeito e ela disse: “Bom, teve isso, mas não me envolvi; me lembro desses cursos para dar aula no 2º Grau, mas fui só professora primária naquela época”.

¹⁶⁸ Prefeito de Barreiras de 1989-1992.

¹⁶⁹ É um prêmio promovido pelo Country Club de Barreiras para premiar os destaques individuais em diversas áreas que contribuem para o desenvolvimento do oeste da Bahia.

¹⁷⁰ Povoado da zona rural de Barreiras.

¹⁷¹ Professora entrevistada nesta pesquisa.

¹⁷² Antônio Alcântara, professor de Matemática que atua na rede municipal de Barreiras.

Contabilidade à noite; foi embora de Barreiras, e a esposa dele era professora de Filosofia na escola. Teve também o Professor Carvalho,¹⁷³ que era presidente da Fundação e que foi professor de Matemática Financeira, se não me engano, hoje ele mora em Baianópolis¹⁷⁴. Me aposentei (sic) em 1997 quando fiz 60 anos, mas fiquei até 2001 quando fechou de vez.

Fábio — E sobre o ensino de Matemática, quais são as ideias que a senhora tem sobre o assunto?

Alzerita — Agora tinha uma coisa que notei ao longo do tempo na minha época: no curso primário, o aluno estudava! Ele tinha que saber as quatro operações rápido e certo, e ele não passava do 4º ano¹⁷⁵ se não soubesse isso, além de saber tabuada também. Agora vejo os meninos no 1º grau...¹⁷⁶ Não sabem essas coisas. Vejo isso pelas minhas netas e pelas netas postiças, que são as netas dos meus irmãos. Não fazem uma soma de três parcelas e ficam uma hora mexendo no cabelo, e o telefone toca e digo: “Minha filha, não é assim! Não vá lá em casa se é para estudar desse jeito, que a tia não aguenta!” Tem que saber tabuada e não tem disso de não saber. Acho que tabuada e verbo você tem que saber corretamente, e elas retrucam: “Ah, mas é decorado!” “Decorado ou não, você tem que saber!”

Agora, é preciso ter paciência hoje para ensinar, e eu não tenho mais porque deixei de lecionar em 1988. Assumi a direção e me fiz às vezes de pedagoga. Outro dia, uma neta de uma irmã foi lá em casa para eu ensinar um negócio e ela dizia: “Tia, mas como é que a senhora faz isso?” “Vocês não sabem, não estudam mais tabuada, ficam contando no dedo”. Eu tenho uma irmã, que ela é arquiteta, por sinal uma excelente arquiteta, agora aposentou. Quando ela foi fazer o 3º ano do Científico em São Paulo comigo — ela estudava em Salvador e foi morar comigo para fazer o 3º ano —, um dia, caiu (sic) as últimas páginas do caderno dela de Matemática. E eu vi que era tudo de conta de dividir com um, dois, três números na chave, umas cinco páginas só de conta, e eu disse: “Amara, vem cá, por que isso aqui?” E ela disse: “Porque não sei fazer conta de dividir, não aprendo de jeito nenhum”. Aí eu disse: “Vai aprender, vamos acabar com isso!”. Sentei com ela três dias direto, ela chegava do colégio — ela estava fazendo o 3º ano do Científico — aí quando via uma conta, ela ia no (sic) caderno e procurava nas

¹⁷³ José Carvalho, professor das disciplinas de Matemática e Contabilidade no Colégio Padre Vieira.

¹⁷⁴ Cidade localizada a 64 km de Barreiras.

¹⁷⁵ O ensino primário incluía até o 4º ano, equivalente atualmente ao 5º ano do ensino fundamental.

¹⁷⁶ O aluno concluía o 1º grau ao completar a 8ª série, equivalente atualmente ao 9º ano do ensino fundamental.

continhas que ela tinha praticado, mas não podia de jeito nenhum! Graças a Deus ela aprendeu! E como ela costuma dizer hoje: "Não te esqueço por causa das contas de dividir" (risos).

Não sei se você pensa como eu... A Matemática tem vários caminhos, depende da mente do aluno, ele chegando a um resultado e me explicando por que ele chegou àquele resultado, eu dava certo (sic). Não queria que ele fizesse apenas do jeito que ensinei, porque eu acho que a Matemática tem múltiplos caminhos. Mas tinha aquele professor, que era do BEC, lembro que ele era muito radical. Ele só admitia as coisas somente do jeito que ele ensinava, e os meninos ficavam até bravos quando o aluno dizia: "Mas professor, olha aqui!". Eu sempre tentava mediar a situação chamando o aluno para explicar o que tinha feito. Hoje eles fizeram uma coisa terrível, quer dizer, muito bom para o aluno, mas muito ruim para o professor — é a inclusão das pessoas assim... que têm problemas, como o autismo na escola. É ruim, você sabe por quê? Porque o professor tem que fazer tudo diferente para aquele aluno, porque o mínimo que ele dá é o máximo. Vejo isso pela minha filha Andreia, que mora em Brasília e fez Pedagogia. Ela trabalha com pré-escola com muita dedicação, trabalha com alunos de inclusão, autistas... e os pais desses alunos adoram o trabalho dela e ela me disse: "Mãe, eu me envolvi tanto com esses alunos que acho que vou fazer Psicologia, mas quero continuar professora".

A última coisa que eu acho é que o professor está desvalorizado, o professor não tem condição com esses desmandos do governo de ser, de fazer alguma coisa pela juventude, pela criança, porque o pai e a mãe já não estão mais dentro de casa. Eles são entregues às pessoas que, às vezes, pensam diferente... e esse desrespeito, essa destruição da escola está precisando de uma orientação muito forte e muito severa do professor. O professor tem que entrar na sala de aula e dizer: "Eu sou o professor e você é o aluno". E agora, que estou à beira da morte, com 78 anos, mais uns dois, três, eu estou indo embora, espero que isso mude um dia.

Fábio — Muito obrigado pelo seu depoimento, Professora Alzerita! E te agradeço também pelo material cedido, as fotografias, os documentos que certamente me ajudarão nesta pesquisa.

4.4 Professora Ida Rabello Coité Leite

A professora Ida Coité é um nome bastante recorrente desde que tomei conhecimento dos professores que ensinaram Matemática em Barreiras, no período em que estamos focando esta pesquisa. Foi a professora Ana Maria Porto Nascimento que mencionou seu nome e sua atuação no ensino de Matemática em turmas de 5ª série do Colégio Polivalente, nome pelo qual é conhecido o Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa.

Nosso primeiro contato ocorreu por telefone. Nessa conversa, ela comentou que estudou no Ginásio do Colégio Padre Vieira e na Escola Normal de Barreiras e que depois foi atuar em Brasília-DF, no período de 1967 até 1976. Nessa primeira conversa, ela relatou a respeito de um curso-concurso para nomeação de professores, com a intenção de suprir a carência de professores de Matemática na região. Após esse contato, ela se dispôs a conceder a entrevista. Além da experiência em sala de aula, a professora Ida também ocupou funções administrativas, por exemplo, foi vice-diretora da Escola Estadual Agrotécnica.

Agendamos para o dia 16 de março de 2015, no período da tarde, em sua residência. Atendendo a seu pedido, durante a conversa ocorreram intervenções de seu esposo para complementar informações de locais, fatos e pessoas citadas ao longo da entrevista. Nossa conversa durou 1 hora e 15 minutos.

Fábio — Para iniciarmos nossa entrevista, gostaria que a senhora nos contasse sobre a sua formação, a partir das lembranças da escola.

Ida — Sou Ida Rabello Coité Leite, nasci em 1940 e fui criada aqui mesmo em Barreiras. Estudei o curso primário de 1948-1951 na Escola Costa Borges, no Grupo Escolar Doutor José da Costa Borges. Esse Grupo ainda existe, fica ali perto da Catedral. Foi a primeira escola pública da cidade. Depois fui para o Colégio Padre Vieira, onde fiz o ginásio de 1955-1958, e para a Escola Normal, de 1959-1961 — os quatro anos do ginásio e os três de Escola Normal.

Naquela época é que tinha o Exame de Admissão, que parecia um vestibular. Foi na mesma escola que Alzerita estudou, acredito que ela foi dois anos antes. Fui colega de escola do Amauri, que é irmão dela, já falecido. Lembro muito bem que nós tivemos professores excelentes no Colégio Padre Vieira tanto no ginásio quanto na Escola Normal. Tinha o professor Le Brun, de Francês, que é pai de uma atriz, o professor

Modesto, de Matemática, me parece que ele era cego, só que ele não foi meu professor. Meus professores de Matemática, que você me pergunta, foram a professora Ieda Passos, que foi a professora no ginásio de 5ª a 8ª série. Ela era muito exigente, pensa numa pessoa rigorosa... na aula dela era o silêncio que imperava, ela era tão exigente, meu irmão, como nunca vi na minha vida, mas assim uma professora excelente! Ela ainda está viva, soube que está com mal de Alzheimer e mora em Salvador.

Depois, na Escola Normal, fui aluna do professor Marth Santos, negro, já falecido. Tivemos também o professor Eneias, de Geografia, o professor Davi Bueno, de História, que é tio desse médico aqui, oftalmologista... O professor de Inglês era o Dr. Orlando de Carvalho, a professora Iazinha Pamplona, de Música, o professor Jézer Dias, de Português. De Latim, o professor Alípio, que era de Angical¹⁷⁷ e hoje mora em Goiânia, a professora Lucília Amorim, professora de Desenho e de Educação Artística, a professora Doralice Pires de Miranda, tinha o esposo dela, Dr. Ernesto Miranda, o professor Vivaldo Cecílio da Mota, que era pai desse menino (Maurício Mota) que é dono daquele bar, o Cais e Porto, e a professora Alda Barros de Lacerda, que também já faleceu.

Citei tantos professores e sei que ainda é viva minha professora primária que mora em Brasília, a professora Marialva Silva. A outra professora primária morreu outro dia, a professora Prisilina, não tem um ano que faleceu. A professora Prisilina Ribeiro Fidelis de Carvalho foi minha primeira professora, depois ela adoeceu e veio essa professora Marialva, recém-formada, com quem fiz até a 5ª série na Escola Costa Borges.

Também fiz parte da primeira turma de faculdade de Barreiras que, naquela época, não era Uneb, era Ceteba,¹⁷⁸ de 1981/1982, que funcionava junto com a Escola Agrotécnica, onde hoje fica a Uneb. Fiz o curso de Técnico Agrícola, que só me serviu para ter um diploma, mas as vagas para essa área eram muito poucas. Nós fizemos esse curso intensivo com aulas nos turnos da tarde e da noite. As primeiras turmas de faculdade do Ceteba eram de Técnico Agrícola e Artes Industriais. O secretário de

¹⁷⁷ Município localizado a 54 km de Barreiras.

¹⁷⁸ No site da Uneb encontramos o seguinte histórico do Centro de Educação Técnica da Bahia (Ceteba): concebido a 12 de outubro desse ano para atender à filosofia expressa na Lei nº 5.692/71. Os cursos técnicos de curta duração foram implantados na Bahia e em outros estados, principalmente da Região Nordeste. Em 1974, através do Decreto nº 24.039/74, o centro é transformado na fundação Centro de Educação Técnica da Bahia – Ceteba. Permaneceu nessa condição até a promulgação da lei Delegada nº 12/80 que extinguiu a fundação e criou a Superintendência de Ensino Superior da Bahia (SESEB). Em 1983, a lei Delegada nº 66/83 criou a Autarquia Universidade do Estado da Bahia (Uneb), da qual o Ceteba chegou a ser a maior das suas unidades universitárias.

educação daquela época, que agora não me recordo o nome, dispensou os professores para estudarem, menos eu, porque eu tinha cargo comissionado, era vice-diretora da Escola Agrotécnica, cargo que ocupei por 12 anos, e o outro colega também ia fazer a faculdade. Então eu trabalhava de manhã na Escola Agrotécnica e nos outros turnos fiz o curso.

Não sei para que eles abriram esses cursos de Técnico Agrícola e Licenciatura em Artes Industriais, porque eram duas áreas que não tinha assim tanta necessidade na cidade de professor de Artes Industriais, por exemplo, pois só o Colégio Polivalente é que tinha material para isso. A Escola Polivalente, aliás, Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa, desde aquela época já tinha esse nome, era uma escola superequipada! Nota mil, sabe? Tinha de tudo que você pensar (sic) de material para uma escola funcionar bem; tinha estrutura de salas funcionais, como por exemplo, a sala de Artes Industriais. Na Escola Polivalente, os pais dormiam na fila para conseguir uma vaga para seus filhos e hoje sobra vaga. Quando eles iniciaram o Polivalente, o que ocorreu em várias cidades da Bahia? Vieram professores que fizeram curso em Salvador, mas muitos professores foram fazendo concurso para outros órgãos do governo, como por exemplo, da Secretaria da Fazenda. Foram aprovados e deixaram o Polivalente. Aí veio uma carência de professor, isso em 1980, e veio a necessidade de fazerem um curso-concurso pra colocar professores no Polivalente, professores mais qualificados.

Fábio — A senhora já falou a respeito desse curso-concurso em nossa primeira conversa. Agora, conte-nos mais a respeito desse curso, onde foi realizado, quais os professores aqui da região aprovados, dos professores que ministram as aulas e da prova para ingresso no Magistério Estadual.

Ida Coité — Nós fizemos aqui em Barreiras uma prova de seleção para poder fazer esse curso-concurso em Feira de Santana... Foi oferecido também em Salvador e parece que em Vitória da Conquista. Nos deslocamos (sic) daqui para Feira de Santana¹⁷⁹ e fizemos esse curso-concurso. Para quem foi aprovado no teste de seleção, eles ofereceram o curso nas áreas de Ciências, Inglês, Educação Física, e eu optei por Matemática. Nós passamos quinze dias fazendo um curso intensivo, oito horas de aula por dia e, no final, nós fizemos provas de Metodologia, Didática e da matéria específica, como em um vestibular! Olha, dos 40 professores da minha sala — eu tive assim a curiosidade de

¹⁷⁹ Cidade distante 756 km de Barreiras.

pedir para cada um colocar o nome num caderninho, endereço, o telefone... e depois eu vi no Diário Oficial que só os professores de Barreiras passaram, que foram a Ildete, Ana Francisca, Virgulino, Darilúcia, Avany Porto. Depois, como não preencheram as vagas, eles validaram esse teste como concurso para outras escolas, eu achei isso um absurdo! Porque nos deslocamos, tudo por nossa conta e o Estado não ofereceu nada, nada, nada, nada! Depois só uma prova para os outros entrarem igual a gente. Eu achei um absurdo! mas como era uma coisa necessária, porque não foi suficiente para suprir as vagas do Polivalente... Mas graças a Deus os professores que passaram foram professores qualificados para a Escola Polivalente.

— Esses acontecimentos foram no governo... (*comentário do esposo que estava na sala*)
Foi no governo de Roberto Santos, foi não Ida?

Ida Coité — Roberto Santos não foi, porque ele foi governador naquela época que retornamos, eu acredito que foi mais no tempo de Antônio Carlos Magalhães ou João Durval (...) Waldir Pires não, acho que foi em um dos governos do ACM¹⁸⁰, que foi governador mais de uma vez — acho que você sabe disso... Sobre as aulas desse curso-concurso que você pergunta, dos professores que ministraram as aulas, eu acho que foi assim: eles pegaram professores sem preparo, devia ser algum apadrinhado para poder ganhar diária, porque esse era o comentário entre os colegas — o despreparo dos professores que ministraram as aulas. Inclusive, daquele que foi ministrar as aulas de Matemática, eu não me recordo do nome dele. Lembro que eles colocavam (sic), quando a gente chegava e assinava a folha com o rapaz passando de carteira em carteira, para um não assinar pelo outro. Quando saíamos para o intervalo, assinava de novo e quando voltava também. E quando saía antes do almoço e quando voltava à tarde era a mesma coisa, um controle rigorosíssimo. Nós não sabíamos que teria prova final, ninguém tinha conhecimento de nada e foi quando veio uma prova assim de arrombar!¹⁸¹ É por isso que digo a você que a aprovação foi mínima. O local do curso não foi a universidade¹⁸², foi no centro da cidade perto da rodoviária de Feira de Santana, onde hoje é o Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães. Foi naquele colégio que nós fizemos esse curso-concurso. Ali no centro de Feira de Santana.

¹⁸⁰ Acrônimo pelo qual era chamado o político baiano Antônio Carlos Peixoto de Magalhães (1927-2007). Ocupou diversos cargos políticos no Brasil, sendo por três períodos governador da Bahia (1971-1975), (1979-1983) e (1991-1994).

¹⁸¹ Variante linguística utilizada na região de Barreiras (e também no Estado da Bahia) para *acabar*, *aniquilar*.

¹⁸² Em Feira de Santana existe a UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana.

E assim, a prova teve a validade do curso e sobre a prova sei que, na minha sala mesmo, teve umas dez questões que não teve ninguém que conseguiu resolvê-las. Dos 40 professores que tinham na minha sala, ninguém resolveu as dez últimas questões. E essas questões eram de Matemática de 5ª a 8ª série, o curso era para dar aula de 5ª a 8ª série. O curso foi ministrado para atuar nessas séries, mas foi assim muito puxado, muito, muito! Por isso a aprovação foi mínima e olha, para você ver, que no Colégio em que fiz o curso-concurso eram mil e poucos professores, foi quase gente da Bahia inteira para todas as áreas e foi muito puxado, valeu por uma faculdade.

Fábio — E sobre o seu início na docência? Conte-nos sobre esse período.

Ida Coité — Então... a minha primeira escola, me formei em 1962, e logo fui nomeada para a Escola Antônio Geraldo, porque o dono do Colégio Padre Vieira, que era o professor Seabra,¹⁸³ ele tinha um filho que era político, que morava em Salvador. Naquela época, quando nós fomos nomeados para o Estado, tudo era feito em Salvador. A inspeção de saúde era lá em Salvador e para chegar lá era com dificuldade; não tinha ônibus porque não tinha estrada, ou era ir de vapor até Juazeiro e depois de trem até Salvador, sabe? Nisso, toda aquela turma foi para Salvador fazer inspeção, todos de avião... e lá, a nora do professor Seabra era quem nos recepcionava, andava com a gente, levava nos locais para fazer a inspeção, fazia aquela política porque era tudo tabaréu,¹⁸⁴ você já viu meu filho.

Aqui, naquela época, não tinha telefone, não tinha nada! Após isso, voltamos para cá e saiu a nomeação. Ele queria que eu... pediu ao filho para pedir a minha nomeação para o colégio Robélia Pondé¹⁸⁵, que era o anexo do Colégio Padre Vieira. Mas aí saiu minha nomeação para o Colégio Antônio Geraldo e ele queria que o filho desfizesse, e eu disse: “Não, professor, já saiu, deixa assim mesmo”. Como ele me conhecia, ele queria que fosse lá para o Robélia Pondé. Aí, saí do Antônio Geraldo. Foi quando fui para Brasília em 1967, onde atuei como professora primária e diretora. Foi em Brasília que comecei a lecionar na área de Matemática, mesmo sem ter formação p’ra isso, sem ter faculdade de Matemática. Lecionava para a 5ª e 6ª série em Brasília, onde nós tivemos uma reciclagem, porque a 5ª série, naquela época, fazia parte do primário, era um ano adicional ao primário, antes de prestar o Exame de Admissão e

¹⁸³ José Seabra de Lemos (1902-1985), professor fundador do Colégio Padre Vieira.

¹⁸⁴ Expressão para *caipira*, muito usada pelos baianos para referir-se à pessoa do interior.

¹⁸⁵ Escola primária que funcionava anexa ao Padre Vieira, em conformidade com a Lei Orgânica da Escola Normal de 1946.

não fazia parte do ginásio. Esse curso de reciclagem foi feito na Escola Parque de Brasília, em 1974, e habilitava os professores a lecionarem até a 6ª série.

Quando retornei para Barreiras, em 1976, continuei sempre com a 5ª série e depois passei para a Escola Polivalente e Colégio Padre Vieira. Lecionei também numa escola particular chamada Casinha Feliz¹⁸⁶, que hoje não existe mais. Como nessa época aposentávamos com 25 anos e eu permaneci até os 32 anos de serviço em 1994, recebi o atestado liberatório. Só depois é que saía a aposentadoria. Esse atestado liberatório nos dava o direito de sair da escola enquanto eles, lá em Salvador — tudo era resolvido por lá — eles olhavam nossos papéis e verificavam se a gente tinha tempo suficiente de serviço, está entendendo? Depois é que era publicada a nossa aposentadoria propriamente dita. Porque naquela época, não era atrelado tempo de serviço e idade, era somente o tempo de serviço; então, com 25 anos nós, professoras, aposentávamos. Só que eu tinha, no retorno de Brasília para Barreiras, sido contratada pelo Estado como agente administrativo, porque naquela época não contratavam professor — mas fui atuar como professor. Foi nessa época que iniciei com Matemática, porque a professora Maria Lucia Machado era superintendente naquela época na DIREC-25 e, como faltava professor de Matemática no Polivalente e eu já lecionava Matemática no Colégio Padre Vieira, ela me colocou como professora de Matemática no Polivalente, até que, em 1980, nós fomos fazer o curso-concurso.

Somente muitos anos depois é que o governador passou os contratados para ser efetivos, depois de oito anos de efetivados é que podia pedir aposentadoria, senão perdia alguns direitos, está entendendo? Por esse motivo eu fiquei até completar 32 anos de serviço.

Fábio — Na Escola Agrotécnica, a senhora atuou como professora de Matemática?

Ida Coité — Não atuei na Escola Agrotécnica como professora, porque lá só professores de nível superior é que atuavam. Estes também foram fazer curso em Salvador, mas tudo pelo governo do Estado. Da Escola Agrotécnica, os professores de Matemática eram a Vilvandira e o professor Dagoberto, que é falecido. Não me lembro do nome completo deles. Para o cargo de vice-diretora da Escola Agrotécnica foi uma indicação do Baltazarino de Araújo Andrade¹⁸⁷, que era um político de muito prestígio aqui na região. Só político que faz essas coisas, porque eu, nessa época, não tinha faculdade, era professora primária. O outro vice-diretor também era professor primário, e nós fomos

¹⁸⁶ Escola de propriedade da professora Prisilina Ribeiro Fidelis de Carvalho.

¹⁸⁷ Prefeito de Barreiras de 1973-1976 e de 1983-1988.

nomeados para uma escola de 2º grau onde só tinha professor de nível superior. Uma incoerência muito grande, não deveria, mas político, você sabe... Tanto que quando fui nomeada como vice-diretora de lá, a superintendente me chamou e me disse que estava muito preocupada com o fato de que uma professora primária seria a vice-diretora de uma escola de 2º grau, que era muita responsabilidade e tudo.

Com um ano em que estava atuando como vice-diretora — eu trabalhava lá no turno da tarde e de manhã eu atuava no colégio Polivalente, e quem atuava lá era só eu. A diretora nem ia à escola. Tanto que os meninos me chamavam de diretora, porque eu é que ficava sozinha e tomava conta de tudo. Nisso houve uma reunião na DIREC e eu vim representando a escola... e ela me chamou à parte e disse: "Ida, eu estou pasma com você, porque eu fiquei muito apreensiva quando você foi nomeada como vice-diretora, com a responsabilidade daquela escola, mas você está... Eu estou assim pasma com o seu trabalho! porque você está de parabéns!" Respondi que, quando eu entrei, foi para trabalhar e mostrar que de fato não é professora primária, não é um diploma que faz a pessoa. Eu acho que não é um diploma porque eu desempenhei meu trabalho muito bem, muito bem! Eu percebi que eles receberam nós (sic), vice-diretores, com o "pé atrás", por não ter o curso superior que eles tinham, mas meu dou muito bem com todos eles até hoje.

Fábio — Bem, entre esses dois períodos em Barreiras, temos os anos em Brasília. A professora Alzerita comentou na entrevista dela que, quando inaugurou Brasília, muita gente saiu daqui e foi trabalhar como professor lá. Gostaria que a senhora nos contasse sobre esse período.

Ida Coité — Em 1967 fui para Brasília, pois prestei um concurso, fui aprovada... e por lá permaneci durante nove anos. Teve muito professor que saiu daqui, inclusive muitos colegas foram antes. Eu fui mais tarde, mas naquela época na qual fui, também ainda tinha muita necessidade de professor aqui em Barreiras... a gente recebia pagamento por Coletoria Estadual¹⁸⁸, que a arrecadação era mínima, mínima! O dinheiro só sobrava para pagar as pensionistas dos funcionários. Quando eu fui p'ra Brasília, já fazia 13 meses sem receber do Estado da Bahia. Então, desses 13 meses a gente recebia um mês e por esse motivo é que fui para Brasília. Naquela época, o Baltazarino me pediu muito para não ir para Brasília e dizia: "Professora, não vá! Eu dou um cargo aqui para a senhora". Mas eu fui.

¹⁸⁸ Antiga denominação da Secretaria Estadual da Fazenda.

A escola onde trabalhei, na Escola 13 de Taguatinga, na X-sul em Taguatinga,¹⁸⁹ eu lecionava durante o dia, e a diretora me escolheu para ser diretora à noite. Depois veio um curso para diretora, que não fui fazer porque não tinha condição financeira de deixar um turno de trabalho para poder fazer esse curso. Você sabe que a supervisora do curso noturno mandou me chamar e disse que eu não podia deixar de fazer esse curso porque eu era uma pessoa muito dinâmica como diretora, e o Distrito Federal precisava de pessoas como eu. Mas eu disse que não tinha condições de fazer. Foi nessa época que as pessoas que não fizeram esse curso para direção foram afastadas para dar lugar às pessoas que fizeram o curso.

Antes disso, quem escolhia as diretoras do noturno eram as diretoras do diurno, porque conheciam o trabalho dos professores e então indicavam quem seria diretora do noturno, está entendendo? E assim fui indicada pela minha diretora, a Dona Lígia, porque a escola onde eu trabalhava funcionava em quatro turnos: Manhã, Intermediário, Tarde e Noite, com oito turmas em cada turno. O turno Intermediário era das 11 às 14 horas, com oito turmas em cada turno. Uma escola assim, eu digo uma escola mesmo! Que pode se dizer que é uma escola porque essa diretora, durante o dia, era muito exigente, ela ligava o sistema de alto-falantes da escola e dizia que nós íamos deixar a sala para outro colega, e ela queria a sala organizada. Porque não tinha tempo para o pessoal da limpeza arrumar as salas, porque senão perdia-se muito tempo entre um turno e outro. Ela saía de sala em sala fiscalizando, você acredita que não tinha nenhuma sujeita no chão, pedaço de papel, nada disso? A escola fazia gosto, sabe, e era assim mesmo, ela nos fiscalizava constantemente. Se você chegasse na (sic) escola e perguntasse: “Dona Lígia, como é a professora Ida?” Ela sabia lhe dizer, porque todos os dias ela observava da vestimenta a tudo e quando chegava no (sic) final do ano, ela fazia um relatório, sabe? Pedia para gente responder a lápis e nos chamava e perguntava: “Nesse item aqui, você botou muito bom, você acha que merece?”

Fábio — Eu me recordo, pois já ouvi várias histórias de que antigamente a postura dos diretores das escolas era muito diferente... Eles eram mais exigentes, a senhora concorda com essa ideia?

Ida Coité — Ah, muito mais! Tanto que quando eu me mudei desse lugar para outra escola, a diretora me chamou para dizer que a servente dizia a ela: “Eu não preciso limpar a sala da professora Ida, porque ela deixa a sala limpinha”. Isso a direção da

¹⁸⁹ Cidade-satélite de Brasília localizada a 24 km do Plano Piloto.

escola exigia da gente, entendeu? Também me recordo que a professora Lígia, na sexta-feira, nos reunia e ia dizendo: “Essa semana você fez isso e isso que não devia”. Segunda-feira ela pegava os planos de aula da primeira série, na terça, da segunda série, e assim por diante. Então foi assim, uma verdadeira escola mesmo, porque eu gosto da coisa organizada como está escrito na nossa bandeira, sem ordem não há progresso.

Fábio — A senhora comentou sobre os cursos do Ceteba e quero lhe perguntar sobre o curso de Artes Industriais, o que era esse curso?

Ida Coité — Olha, era um curso que fazia peças, trabalhava com topografia, eles tinham esse material todo, trabalhava como marcenaria, cada trabalho lindo! A professora Ana Francisca, que fez o curso-concurso para Matemática, depois de uns quatro anos foi para o curso de Artes Industriais, porque ela fez esse curso no Ceteba e deixou as aulas de Matemática.

Fábio — E após o curso-concurso, do qual a senhora comentou, teve outros cursos de formação continuada por aqui?

Ida Coité — Tinha aqui o Projeto Rondon¹⁹⁰ e constantemente havia cursos. Eu mesma fiz umas quatrocentas e tantas horas de curso de Matemática no Projeto Rondon. Vinham professores de fora para dar aula pra gente e era assim, continuidade nos assuntos, sabe? O Projeto Rondon deu muito curso bom aqui em Barreiras. Eram cursos de 80 horas, em 15 dias, e ocorriam mais nos períodos de férias. Olha, nos cursos de Matemática era sempre contínuo, dando continuidade ao assunto, era abrangente de 5ª a 8ª série. Eu falo de Matemática, não assistia de outra disciplina. Tenho os diplomas e outros materiais, mas, meu irmão, eu arqueei tudo, porque hoje não posso mais bulir¹⁹¹ nisso, porque tenho muita alergia a pó, mas se você quiser consultar eu te empresto e te peço para mexer com isso em outro lugar. Tanto é que eu obtive 10% de aumento no salário pela qualificação, por conta desses cursos que fiz no Projeto Rondon, porque teve um governador do Estado que deu a cada 360 horas de curso, 10% de aumento no salário (similar a uma especialização) e, depois que acabou o Projeto Rondon, hoje tem esses cursos aí, que eu não sei.

Hoje o governo faz o seguinte, pega um grupinho, dá um curso aí para dar aumento de 14%, quer dizer, aquele aumento que tinha que ser para todos não é dado (plano de carreira atual da Bahia). Mas eu não acho justo! Deveria ser assim, se bem

¹⁹⁰ Com base no site do projeto <<http://projektorondon.pagina-oficial.com/portal>>, o Projeto Rondon é uma iniciativa do Exército Brasileiro em parceria com Instituição de Ensino Superior (IES) e prefeituras dos municípios das regiões interioranas do Brasil. No site, encontramos informações a partir de 2005.

¹⁹¹ Mexer, tocar.

que tem muito professor que é acomodado, não quer fazer curso nenhum, isso desde o meu tempo existia. Quando vinham esses cursos, era o mínimo de pessoas que fazia, acredita? Olha, de Matemática eram uns 20 e não eram só de Barreiras não, eram da redondeza. Sabe, eu acho que se tivessem 30 da redondeza, tinha muito. O povo não se interessava em fazer não. Esse incentivo veio muito tempo depois, porque se tivessem dito: “Vocês vão fazer o curso, porque ganham tantos por cento de aumento.” Mas naquela época, não diziam isso não, e o povo não tinha interesse, só aquelas pessoas que tinham interesse em aprender e em melhorar. Não me lembro dos professores do curso. Quem hoje pode te falar do Projeto Rondon é o professor Bosco Pavão¹⁹², da Faculdade FASB (Faculdade São Francisco de Barreiras), que atuou muitos anos no projeto.

Fábio — E como a senhora tem percebido essa questão do desenvolvimento regional?

Ida Coité — Olha, eu noto que a nossa região ultimamente até enriqueceu muito de professores depois que veio faculdade, esses cursos... essa UFOB melhorou muito, mas a carência aqui sempre foi grande. Vou te contar que uma vez eu fui tomar conta de um cursinho pré-vestibular e nós fechamos por falta de professor, porque nós não encontrávamos professor de Matemática e de Física — nem existia — e isso foi nos anos 1990, na Escola 2 de Julho. E fechamos por falta de professores, porque muitos deles faziam faculdade e lecionavam, mas o horário deles era tão restrito — eles lecionavam nas escolas, também na Coopeb, na Monteiro Lobato. Sobrava para as aulas do pré-vestibular, o turno da noite, mas para fazer o horário, colocar as aulas desses meninos era muita dificuldade porque eles não tinham tempo. Mas tinham boa vontade e eram ótimos professores. Dois deles, inclusive, trabalham atualmente na Caixa Econômica e acho que são gerentes da Caixa Econômica Federal, o Marcos e o Júnior, dois irmãos.

Essa área de Matemática e de Física, até hoje acredito que seja muito carente, porque você sabe... Matemática e Física são disciplinas que não é todo mundo que ensina, porque tem muito cálculo. Matemática é o bicho papão, você sabe disso, o povo tem horror à Matemática e é muito difícil hoje procurarem essas áreas, o que eu acho uma pura bobagem porque a pessoa que termina o curso de Física e de Matemática, ela já sai empregada. Você veja um exemplo, o Raulzinho, filho da Avany¹⁹³, parece que até em Luís Eduardo ele dá aula lá (sic) porque a carência de professor é muito grande. Você trabalhava em São Paulo? Então você vê que aqui já conheci muitos professores,

¹⁹² Coordenador do Projeto Rondon na região.

¹⁹³ A professora Avany Porto será uma das entrevistadas.

outro dia até no psiquiatra (risos) encontrei um professor, acho que da UFOB, não sei o nome dele, mas a maioria é professor de fora. Não são daqui da região, não é assim entre os seus colegas? Aqui mesmo da região acho que não tem nenhum.

Fábio — Isso eu falo para meus alunos no curso de Matemática do IFBA. Já que a senhora pergunta, os professores de Matemática que atuam no IFBA somos dois de Curitiba-PR; do estado da Bahia tem seis de Salvador, um de Ilhéus, uma de Guanambi, um de Jacobina e um de Cabrobó-PE. Mas já teve professor do interior de Minas, de Eunápolis, Porto Seguro, Santo Estevão, Jequié, Cruz das Almas. Se não me engano, neste *campus* do IFBA, de Barreiras mesmo, de quase 90 professores, acho que de Barreiras e região tem uns dez, e na UFOB e na Uneb deve ser a mesma coisa.

Ida Coité — Ah, então houve esse progresso porque muitos vieram para Barreiras. Eu acho que não teve interesse do pessoal da região em fazer porque o que eu vejo é tudo pessoas de fora lecionando nesses cursos. Neste processo dos cursos vejo, que ficou não sei quantos anos tendo só o curso de Pedagogia, depois veio Letras e depois de muitos anos é que veio o curso de Matemática.

Tem muito pedagogo aqui, e os outros cursos aí foram ficando só naquilo. Quando vieram despertar, foi depois que veio a UFOB. Eu acredito que agora vá melhorar muito depois desses cursos novos. Mas para o Estado, mesmo Pedagogia hoje é como uma professora primária, e faculdade hoje é o seguinte: você termina a faculdade e é o mesmo que nada, se você não fizer pós-graduação, mestrado, dar continuidade, meu irmão, você já viu, porque quando tem um concurso, a disputa é entre quem tem doutorado, mestrado. Você sentiu a necessidade de fazer, não foi? Porque eu tenho certeza de que quando você terminar, talvez não fique aqui na região, não sei.

Então eu acho que vai melhorar, eu acredito nisso, porque o povo fala muito em salário e eu sempre debati muito esse negócio de salário, eu acho o seguinte: “Se você não está satisfeito, saia e procure outro emprego.” Eu acho que o importante é a qualificação do professor, porque nós estamos formando professores sem a mínima condição de trabalho, e tem mais, enquanto eles não pensarem direitinho no problema, que é o seguinte: no meu tempo professora de Matemática era professora de Matemática! Hoje as pobres coitadas, que têm simplesmente um primário para ter 40 horas, para ter um salário melhor, dão aula de Matemática, de Geografia, de História. Eu pergunto para você: “Qual é a criatura que tem condição de fazer plano de aula para

tanta disciplina?” Não existe, você acha que um ensino desses pode ser de qualidade? Difícil! Não, difícilíssimo! E eles não atinam para esse detalhe.

Olha, eu me lembro que quando (sic) era vice-diretora da Escola Agrotécnica, a professora Valquíria, que era professora de Português, nós colocamos na carga horária dela o Inglês e ela disse: “Não, eu não tenho preparo para dar Inglês, eu vou dar Literatura e Português.” E a Secretaria aceitou. Hoje não aceita isso e impõe para ter carga horária, como no caso que você acabou de me contar do seu amigo, que é professor de Inglês e deu aula de Matemática para complementar a carga horária. Então, os governantes, as pessoas que eles botam como secretário lá em cima para preparar a educação nunca passaram por uma sala de aula, está entendendo? Quem é professor, entrou numa sala de aula, tem uma visão, e aqueles que se formaram e nunca entraram numa sala de aula têm outra visão da educação. Eu acho que, enquanto não pensarem nesse detalhe, a educação vai ser de mal a pior, porque o pobre do professor não tem condição, porque vem de uma carência de professor do magistério, está entendendo?

Eu vejo que tem professor aí que faz vergonha porque não sabe nem conversar, não tem diálogo, não sabe. Está entendendo? Professor que escreve o nome dele com letra maiúscula no meio do nome, isso não existe, rapaz! O que vai transmitir? Me diz aí? São essas coisas que acham que é normal e não é normal! Eles, enquanto não atinarem para esse problema de valorizar o professor, especializar, a situação não vai melhorar. Você chega numa escola e vê que a maioria não tem interesse em se aperfeiçoar, acha que o que sabe é suficiente para ensinar. E tem outra, é por isso que foi a profissão que eu escolhi e por amor, porque é uma profissão que eu gostava, ainda gosto, só que infelizmente, hoje, eu não voltaria a lecionar nessa época de hoje... porque, mesmo depois de aposentada, eu recebi vários convites e não quis mais retornar à escola, porque eu não aceito desrespeito de um aluno para com o professor.

Fábio — A senhora ainda tem contato com a educação?

Ida Coité — Muito pouco... Eu tenho uma sobrinha que é da educação, e ela sempre vem me perguntar as coisas, porque eu toda vida fui uma pessoa interessada em saber das coisas, sabe! Tinha DIREC aqui, mas o povo sempre vinha na minha casa para saber os direitos que tinha. Quando eu entrei como vice-diretora — eu vou te dar um exemplo — eu fui na (sic) DIREC, a diretora e eu, que na época era a professora Deise (sic), saber os nossos direitos, porque os deveres nós já tínhamos recebido, e disseram que nós não tínhamos direito nenhum. Como eu tenho uma prima que morava em Salvador e que era diretora de uma escola lá, falei como ela: “Queria que você me dissesse quais eram os

nossos direitos.” Ela escreveu e me mandou. Quando a diretora foi para Salvador, entreguei o papel para que ela levasse até a Secretaria e tudo aquilo que a minha prima escreveu. Então viram que nós tínhamos direito. Aí que ela foi até a DIREC e assim as outras escolas providenciaram esse direito aos professores.

Então eu tinha essa curiosidade de querer saber, como tenho até hoje, e de tudo eu gosto de saber e foi assim que descobrimos os nossos direitos. A superintendente, até hoje estou com processo na secretaria e fui à DIREC falar com a superintendente para dar andamento, porque tem mais de três anos que dei entrada e não se resolveu ainda. Ela chamou uma funcionária antiga de lá para ver o que eu queria e, o que é isso?! Porque sempre tem essa interferência política... Quando eles estão tomando pé da situação, vem outro e troca de superintendente, então não vai se saber nunca, enquanto o funcionário está ali a vida toda, ganhando pouco, e sempre chega um superintendente, chega uma [pessoa], passa três anos, vem outra e assim vai...

Fábio — E sobre o ensino de Matemática, quais são os episódios marcantes?

Ida Coité — Naquela época era bom porque recebíamos das editoras muitas coleções de livros, então nós sentávamos para escolher os livros baseados nessas coleções que a gente recebia. Hoje as editoras ainda dão para vocês esses livros?

Fábio — Hoje tem o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), e nós escolhemos com base nessa lista prévia.

Ida Coité — Naquela época não tinha essa lista, a gente tinha o direito de escolher e escolhíamos de acordo com a região, porque o livro que serve aqui muitas vezes não serve para Salvador, está entendendo? Nós escolhíamos porque as editoras mandavam pra gente. Eu tinha livro demais! Quando eu aposentei eu dei muito livro, muita coleção boa, eu me lembro de um pequeninho assim que era excelente o livro, uma coleção maravilhosa da FTD. A Editora Brasil também tinha muito livro bom, tinha muito livro bom! E nós tínhamos essa liberdade de escolha. Depois o governo mandava os livros que a gente escolhia e pedia para os alunos deixarem na escola e recomendávamos: “Olha, não estraga o livro porque outros alunos irão usar.”

Fábio — Quais as circunstâncias que levaram a senhora a trabalhar com Matemática, tendo em vista sua formação e atuação como professora primária?

Ida Coité — É porque foi uma disciplina de que eu sempre gostei, sabe? Quando eu estudava, toda vida gostei de Matemática e tive muita facilidade. Quando eu

fiz faculdade, o professor Soeira, que era um professor engenheiro do 4º BEC,¹⁹⁴ ele dizia assim: “Professora, por que a senhora não faz Arquitetura? A senhora tem um traço tão bonito.” Eu disse: “Ô, meu irmão, eu não tenho condição para isso”. Mas eu fui, além de professora de Matemática, fui professora de Desenho no Magistério, tanto que, se eu fosse mais nova, iria fazer o curso de Matemática, foi uma área que eu escolhi e gostei demais. Desde o Primário eu gosto de Matemática, escolhi ser professora de Matemática porque eu gosto da área. É uma ciência exata... eu via... Português tem regra para palavra paroxítona, proparoxítona e Matemática não tem esse negócio, dois e dois não tem negócio de cinco e tenho muita facilidade de gravar número até hoje. Eu tenho um sobrinho que mora em Brasília que está fazendo Engenharia Civil... Ele diz assim quando me encontra: “Tia Ida, como é que você gostou de Matemática? Porque, pelo amor de Deus, é muito difícil!” Eu digo: “Não é difícil não! Matemática, eu acho que é uma disciplina muito fácil, para quem gosta então, fica mais fácil”. Pra Matemática, você tem que ter o raciocínio rápido (estala os dedos), eu até hoje não uso essa tal de máquina de calcular, para mim não existe, não. Eu uso minha cabeça para contas simples, senão faço a lápis. Quando usava a máquina, eu ia fazer para ver se o resultado da calculadora conferia com as minhas contas, então não quero usá-la de jeito nenhum, sabe?

Fábio — E em relação às dificuldades dos alunos?

Ida Coité — Olha, eles vinham muito sem preparo do primário. Eu era só professora de 5ª série. Lá no Polivalente, cada série tinha uma professora, era sempre assim. Então, tinha a turminha de alunos mais novos que vinha de escola particular, que eram os que tinham menos dificuldade, mas as outras, que vinham de escola pública, eram tristes, tristes! Eu tive aluno que repetiu a 5ª série três vezes... Cheguei até a sugerir: “Coloca em uma turma com outra professora para ver se vai, porque não tem condição”. Ele tinha deficiência do primário, ele não sabia fazer conta, e se ele não sabia, não tinha condição. E você explicava, explicava e, não sei... E eu pensava: “Meu Deus, será que estou falando em inglês? Porque esse povo não entende!”

Já quando ministrava aula na primeira turma era diferente, eram quatro turmas pela manhã, uma era só com meninos menores, que agrupávamos por faixa etária, mas o resto era muito deficiente. A mesma coisa acontecia no Padre Vieira e acho que hoje está pior, porque o despreparo das professoras primárias está muito grande. Se o aluno

¹⁹⁴ Batalhão de Engenharia e Construção do Exército Brasileiro.

passasse com facilidade pela 5ª série, ele ia tranquilo até a 8ª série, mas aqueles que eram barrados na 5ª, tinham dificuldade para sair eles não tinham, na realidade a base do curso primário. A matéria de Matemática da 5ª série aumentava só um pouco em relação ao conteúdo da 4ª série; então, se eles viessem bem preparados da 4ª, seria outra história, mas eles não vinham.

Hoje, para fazer uma subtração com reserva, meu irmão, que dificuldade! Eu usava exemplos de troco, eles davam o resultado da conta maior que o minuendo, está entendendo? Sempre comentava com as turmas: “Gente, pelo amor de Deus! Como é que lhe dou isso aqui e você tira isso e ainda vai me dar a mais? Que diacho de raciocínio você usou?” Eu acho que isso era devido a dificuldades do primário, só iam para a 6ª os mais preparados, mas na 5ª tinha muitos casos absurdos — não era defasagem minha porque na turma primeira os alunos rendiam bem. Ave Maria! E você vê que não dava para terminar o conteúdo do livro por conta dessas dificuldades.

Fábio — Para encerrar, gostaria de agradecer-lhe, professora Ida, e lhe peço uma última palavrinha...

Ida Coité — Eu é que agradeço por colaborar com você, é uma satisfação sempre atender àqueles que me procuram.

4.5 Professora Maria Perpétua Carvalho da Silva

A professora Maria Perpétua, mais conhecida como professora Perpétua, foi uma das primeiras pessoas que conheci quando cheguei a Barreiras no ano de 2009. Afinal, trabalhamos juntos na mesma instituição e, ao longo desses anos, tivemos muitas conversas sobre o ensino de Matemática na região e, em uma dessas oportunidades, ela me contou sobre as dificuldades de encontrar professores de Matemática com Licenciatura no lugar, ao longo dos anos.

A professora Perpétua chegou a Barreiras em junho de 1993, vinda de Salvador, onde fez sua formação no Magistério e a Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). No ano seguinte, prestou o concurso para a recém-criada UnED Barreiras do CEFET-BA, atualmente o *campus* de Barreiras do IFBA.

Em mais de vinte anos de atuação no CEFET-BA/IFBA, a professora Perpétua, além do ensino de Matemática para as turmas do antigo 2º grau Técnico e Licenciatura em Matemática, tem contribuído ativamente em diversos cargos da gestão no *campus*; foi, inclusive, diretora geral no período de 2002 a 2006.

A escolha da professora como depoente foi motivada por duas razões principais: a primeira foi o fato de ela ter ministrado um curso de capacitação para os professores de Matemática da região oeste da Bahia, como projeto de dedicação exclusiva para sua carreira no CEFET-BA; e também pelo fato de ela ter sido citada por outros depoentes, inclusive como um dos poucos professores licenciados em Matemática na região durante os anos 1990 e 2000. Assim, agendamos a entrevista para o dia 17 de março de 2015, no laboratório de Ensino de Matemática do IFBA — *campus* de Barreiras — e durou pouco mais de uma hora. Após manipular as fichas para escolher a ordem para falar dos assuntos, a professora leu atentamente as perguntas no verso. Assim, ela se apresenta aos leitores.

“Meu nome é Maria Perpétua Carvalho da Silva, eu atuo na educação informalmente desde os 17 anos quando terminei o curso de Magistério e passei a dar aulas particulares de Matemática. Eu tinha uma tia, que era diretora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, que é um colégio particular bem tradicional de Salvador, cuja proprietária, Dona Anfrísia Santiago¹⁹⁵, era uma educadora muito conhecida em

¹⁹⁵ Anfrísia Santiago (1894-?) foi uma educadora baiana do começo do século XX. Encontrei referências a ela em dois blogs, mas em nenhum artigo ou página institucional. Tanto pelo depoimento da professora Perpétua, quanto pelas informações dos blogs, nota-se tratar de uma personalidade da educação baiana.

Salvador. Quando os alunos estavam mal em Matemática, ela me indicava para dar reforço e foi assim que comecei minha atuação docente. Depois, fiz concurso para docente do Estado da Bahia, fui aprovada e passei também a lecionar em escolas públicas em Salvador, mais especificamente no Colégio Estadual Luís Viana Filho, que fica no bairro de Brotas. Em 1993, eu mudei de residência para Barreiras, por conta de mudanças na vida profissional do meu esposo e vim transferida para o Colégio Estadual Antônio Geraldo, passando a lecionar também em uma escola particular, a Escola Monteiro Lobato¹⁹⁶. Depois eu prestei concurso para o CEFET-BA¹⁹⁷. À época, fui aprovada e passei a ser docente da UnED-Barreiras. Aqui em Barreiras também tive experiências na FASB e na Unyhana ,ministrando aulas nos cursos superiores¹⁹⁸. Dei aulas das disciplinas Cálculo, Matemática Financeira, Matemática Básica e Estatística. Não falei da minha formação... Sou graduada em Matemática pela Universidade Católica do Salvador e tenho dois cursos de especialização, um em Fundamentos da Matemática pela PUC-MG, e outro na área de Administração, em Comportamento Organizacional e Gestão de Recursos Humanos, pela Unyhana.”

Fábio — Sobre a sua formação inicial, foi toda em Salvador? Que lembranças a senhora tem daquele período? Do ensino de Matemática, dos professores?

Perpétua — Eu nasci em 11 de setembro de 1952, em uma cidade do norte da Bahia chamada Uauá,¹⁹⁹ e lá eu fiz o ensino, que na época era chamado de primário, atualmente é o ensino fundamental inicial. Mudei para Salvador onde cursei o ginásio, que hoje corresponde ao 6º até o 9º ano do ensino fundamental. Eu queria mesmo era fazer a Escola Técnica Federal...²⁰⁰ Olha só... e hoje sou servidora do IFBA, mas aí a minha família — eu morava com tias e avó —, e a minha tia achava que eu não deveria estudar na Escola Técnica, que moça tinha que fazer curso de Magistério, aquela coisa de tradição de família. Eu fui a contragosto, mas fiz um pacto com ela: “Eu vou cursar o Magistério, que a senhora quer, mas em paralelo vou fazer o curso Científico”, que era o ensino médio da época. Cursei o Científico no Colégio Estadual João Florêncio Gomes, em Salvador, onde já havia cursado o ginásio e o Magistério no Colégio Estadual

¹⁹⁶ Escola particular citada nas entrevistas com as professoras Ana Maria Porto e Alzerita.

¹⁹⁷ Nos anos de 1990, ocorreu uma primeira expansão dos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) de vários estados. O CEFET-BA iniciou em 1994 essa expansão com a implantação da Unidade de Ensino Descentralizada (UnED) de Barreiras. Posteriormente, em 1996, foram implantadas as UnEDs de Vitória da Conquista, Eunápolis e Valença. Fonte: <http://www.portal.ifba.edu.br/>

¹⁹⁸ Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB) e Centro de Educação Superior Unyhana.

¹⁹⁹ Cidade localizada aproximadamente a 450 km de Salvador e a 860 km de Barreiras.

²⁰⁰ A Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA) foi a denominação do atual IFBA, de 1965 até 1993.

Presidente Costa e Silva, em Salvador, ambos situados no bairro da Ribeira, na Cidade Baixa de Salvador, que era onde eu morava.

Tenho sim, muitas lembranças do ensino de Matemática da época. No ginásio, eu tive uma professora de Matemática, que foi o divisor de águas na minha vida. Aliás, modéstia à parte, eu era muito estudiosa e me saía bem em todas as disciplinas, só não gostava muito de História porque, naquela época, a gente tinha que decorar nomes e datas sem muita análise do contexto histórico, e eu não gostava disso. Essa professora foi Maria Augusta Moreno²⁰¹, que era professora do Estado e do Instituto de Matemática da UFBA. Ela foi uma pessoa que despertou em mim a paixão pela Matemática. Inclusive ela me incentivou muito: "Você não pode cursar Magistério, você tem que cursar Escola Técnica". Ela achava, não sei... parecia um preconceito com quem fazia Magistério, como um curso destinado aos alunos que não eram muito bons nas Exatas. Como eu me saía bem em Matemática, ela achava que era um desperdício eu ir cursar o Magistério. Lembro que as turmas morriam de medo da professora Maria Augusta, porque ela era muito séria, muito sisuda e ninguém brincava muito em suas aulas. As aulas dela até hoje me arrepiam, porque eram aulas onde você via segurança no professor, domínio dos conceitos. Eu era fascinada pelas aulas da professora Maria Augusta.

Depois eu tive outros professores bons, também no Científico e no Magistério, apesar de que, no Magistério, nós não tínhamos a Matemática de forma tão aprofundada. Ficávamos limitados aos conteúdos que eram trabalhados no ensino de 1º grau. Em relação aos professores de Matemática que passaram pela minha vida, me lembro dos professores²⁰² Nelson e Virgílio, que ministraram aulas no curso Científico e que foram bons professores também, mas a Maria Augusta foi quem me fez despertar para o estudo da Matemática. Vou emitir uma opinião pessoal em relação ao papel do professor e à maneira de influenciar os alunos. Eu acho, Fábio, que às vezes a escola ou as pessoas que estão à frente da educação pensam que o aluno quer atividades fáceis, atividades e conteúdos que não dificultem a sua vida estudantil, mas até o aluno que não é muito interessado, aquele aluno que não se dedica muito, no futuro ele vai dizer:

²⁰¹ Encontram-se referências à professora Maria Augusta Araújo Moreno em Silva e Camargo (2008) em um artigo sobre a professora Martha Dantas e o ensino de Geometria na Bahia. A professora Maria Augusta foi uma das responsáveis pela coordenação de Matemática no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA), a partir de 1965.

²⁰² A professora Maria Perpétua não lembra os sobrenomes desses professores. Durante a conferência da textualização, reafirmou que esses foram seus professores no 1º ano e 2º ano do 2º grau respectivamente, no Colégio Estadual João Florêncio Gomes, situado à Av. Beira Mar, Bairro Itapagipe, Salvador-BA.

“Não, eu perdi isso, eu não aproveitei isso na escola, eu poderia ter tido essa oportunidade”. Por isso, eu acho que o aluno quer mais.

Eu tive uma professora na graduação, a professora Evangelina Gentilli, que nos dizia: "O aluno, ele é capaz de assimilar qualquer conteúdo, nós não podemos limitar a sua possibilidade de aprendizagem". Portanto, não devemos dizer que o aluno não está preparado para ver isso ou aquilo. Basta o professor incentivar, fazer com que ele desperte para a importância daquilo que está estudando, e ele conseguirá ir muito além do que imaginamos.

Fábio — E sobre o seu início na docência, a senhora já nos contou sobre as aulas particulares... Tem alguns fatos marcantes daquele período? Em quais escolas atuou em Salvador?

Perpétua — Na verdade eu não sou muito boa para me lembrar de datas não, mas no começo dos anos 1980, eu fui contratada como docente do Colégio Nossa Senhora da Conceição, uma escola de freiras, situada na Av. Dom João VI, no bairro de Brotas em Salvador. Trabalhei 12 anos nessa escola, começando por lecionar em turmas de 4ª série. Eu fiz um curso de estudos adicionais na área de Ciências que, na época, habilitava docentes com curso de Magistério a ministrarem aulas de Matemática e de Ciências até a 6ª série. Depois passei a ministrar aulas de Matemática da 4ª à 7ª série porque no Colégio Nossa Senhora da Conceição, mesmo no curso primário, as aulas eram ministradas por professores diferentes. Havia professores de Exatas e professores de Humanas.

Do tempo das aulas particulares, eu me lembro de uma aluna que eu acompanhava em todas as disciplinas, era Márcia Tavares. Até hoje eu me lembro dela, pois eu passava as tardes em sua casa. Apesar de acompanhar essa menina em todas as disciplinas durante quatro anos, meu foco mesmo era Matemática e Português nas aulas particulares. Com isso, comecei a me apaixonar pela educação, porque até então eu não tinha ido, como já falei antes, por livre e espontânea vontade para o curso de Magistério. Depois eu prestei concurso para o Estado, em 1990. A princípio, eu nem queria muito. Eu tinha uma visão muito equivocada em relação ao funcionário público, a impressão de que funcionário público não gosta de trabalhar, é um estigma que o funcionário público carrega; mas aí resolvi fazer as provas do concurso e condicionei a minha assunção ao cargo à proximidade do meu local de trabalho à minha casa. Fiz o concurso, fui aprovada, aliás, fui bem classificada, e pude escolher onde queria trabalhar. Escolhi o Colégio Estadual Luís Viana Filho, do qual já falei no início. Como

morava numa rua transversal e a escola ficava na avenida, era só atravessar a rua que já estava no colégio; era muito tranquilo. Lá eu ministrava aulas no noturno. Continuei no Colégio Nossa Senhora da Conceição e dava aulas para os cursos de nível médio de Administração e Contabilidade no Colégio Estadual Luís Viana Filho.

Fábio — Bem, após essas falas, tem duas perguntas com base no que já apareceu em outras entrevistas. A primeira: Esses cursos de 2º grau técnico em Contabilidade e Administração eram comuns nas escolas do Estado também em Salvador?

Perpétua — Era geral... Havia alguns cursos técnicos de formação para o comércio nas escolas estaduais e, para a indústria, eram oferecidos cursos técnicos na Escola Técnica Federal da Bahia. As escolas estaduais ofereciam cursos de Contabilidade, Administração e Magistério, em algumas escolas. A junção do CENTEC²⁰³ com a ETFBA ocasionou a criação do CEFET-BA. Em 1993, inicia-se a interiorização do CEFET-BA chegando a Barreiras, no ano de 1994.

Fábio — A segunda pergunta é sobre esses cursos de estudos adicionais, que já foram citados em outra entrevista que fiz com a professora Elena Brentano. Como eles funcionavam? Duração, carga horária, materiais?

Perpétua — Os cursos de Estudos Adicionais ao Magistério, de 1º grau, eram oferecidos nas áreas de Ciências e Estudos Sociais na década de 1980. Os certificados eram apostilados no Diploma de Professor Primário, de conformidade com o disposto no parágrafo 2º do art. 30 da Lei 5692/71, a LDB [Lei de Diretrizes e Bases] vigente naquela época; nas Resoluções e Pareceres do Conselho Estadual de Educação (CEE) números 150/73, 056-A e B/76 e 272, sendo a última Resolução publicada no Diário Oficial do Estado da Bahia de 23 de março de 1976. O curso tinha carga horária de 990 horas, com aulas diárias no noturno, com duração de um ano, aproximadamente. Os cursos davam aos professores primários a possibilidade de ministrar aulas das disciplinas da área escolhida até a 6ª série do ensino de primeiro grau. O Estado da Bahia oferecia esses cursos nos colégios estaduais. Eu cursei, em 1980, no ICEIA²⁰⁴, na área de Ciências, que me dava habilitação para dar aula de Matemática e de Ciências até a 6ª série. Cursei as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Programa de Saúde, Fundamentos da Educação I – Aspectos Psicológicos,

²⁰³ Centro de Educação Tecnológica da Bahia - foi criado em 1976 pela Lei Ordinária nº 6.344, com vistas à formação de tecnólogos através de cursos de nível superior de curta duração. Inicialmente o CENTEC foi instalado em um prédio anexo à ETS (Escola Técnica de Salvador) e, em 1983, foi transferido para a sua nova sede em Simões Filho (município da Região Metropolitana de Salvador), onde atualmente localiza-se o *campus* Simões Filho do IFBA. Fonte: <http://www.portal.ifba.edu.br>.

²⁰⁴ Instituto Central de Educação Isaiás Alves, colégio localizado no bairro do Barbalho em Salvador.

Estrutura e Fundamento do Ensino de 1º Grau, Metodologia das Ciências, Prática de Ensino, Medidas e Avaliação, Estágio Supervisionado e Educação Física. Fui dispensada da prática de Educação Física, de acordo com o art. 6º, alínea *a* do Decreto-lei nº 69.450, de 1 de novembro de 1971.

Fábio — O que a senhora se lembra das aulas nesses cursos adicionais? Que conteúdos eram trabalhados? Qual a metodologia das aulas? E sobre os professores?

Perpétua — Os conteúdos estudados eram os mesmos trabalhados no ensino de 1º grau até a 6ª série. A metodologia das aulas era tradicional, mas havia aprofundamento nos assuntos estudados. A professora que ministrava as aulas de Ciências Físicas e Biológicas enfatizava a importância das aulas práticas. O curso objetivava o embasamento teórico que os professores primários necessitavam para atuar no ensino de 1º grau até a 6ª série.

Fábio — E sobre o curso de Licenciatura em Matemática, quais lembranças a senhora tem?

Perpétua — Naquela época havia Licenciatura Plena e Licenciatura Curta. Fiz o vestibular para Matemática, fui aprovada na Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Um aspecto marcante na Licenciatura foi que tínhamos muitas aulas com o curso de Engenharia Civil. Então, a minha graduação não foi muito voltada para a Educação Matemática, mas para a Matemática Pura. O que eu vi na Licenciatura, em termos de formação de professores, foi só a Didática, a Metodologia de Ensino. Isso foi no começo dos anos 1980... a Educação Matemática estava começando. E foi na Licenciatura que tive a oportunidade de conhecer a Ciência Matemática, porque como eu ministrava aulas da disciplina Matemática e tinha facilidade para assimilar os conteúdos, achava que sabia tudo (risos).

Quando iniciei o curso, percebi que nada sabia, que nunca sabemos tudo, que estávamos sempre crescendo, sempre buscando estudar e aprender. Foi na Licenciatura que descobri isso. Tive excelentes professores²⁰⁵; lembro-me bem dos professores João Maia, de Geometria Analítica, do irmão dele, o professor Moisés Maia, que ministrou a disciplina de Matemática Elementar. Eles eram conhecidos como os irmãos Maia, professores muito bons. A professora Auxiliadora, que foi professora de Cálculo, muito boa também. Daniel, que trabalhou a Geometria Plana com o livro do João Lucas

²⁰⁵A professora Maria Perpétua não se recorda do nome completo de alguns professores. Ela sugeriu que pesquisasse junto à UCSAL o quadro docente da década de 1980. Assim, escrevi um e-mail para a secretaria do curso buscando tal informação e não obtive retorno.

Barbosa²⁰⁶. Exploramos totalmente os conteúdos, entendeu? Ficávamos enlouquecidos com as demonstrações, mas foi muito bom também.

Agora, sobre a professora Evangelina, eu gostaria de falar um pouquinho mais. No curso, os colegas não gostavam da Evangelina, e ela era uma professora excelente, só que era muito exigente. Houve um episódio em que fizeram um movimento para tirá-la do curso e aí a coordenação do curso não tirou e resolveu colocar mais um professor para ministrar a disciplina Álgebra Moderna, e os acadêmicos tiveram a oportunidade de escolher com qual dos professores iriam cursar a referida disciplina. Só eu e a Natalina²⁰⁷, que você conheceu, ficamos na turma com Evangelina, e o curso da disciplina era Álgebra Moderna. Foi maravilhoso, maravilhoso, Fábio! Aprendi muito com ela, pois cobrava muito da gente. Nos cursos atuais os acadêmicos produzem um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), mas naquela época, o curso não exigia a produção de monografia, mas a professora Evangelina nos estimulou a produzir e a apresentar oralmente trabalhos referentes aos conteúdos da disciplina. Eu lembro que o tema do meu trabalho foi Isomorfismo. A apresentação dos trabalhos, lembro bem a data, foi num sábado à tarde, véspera do Natal, só nós três na faculdade: Natalina, a professora e eu. Saímos exauridas, esvaziadas, pois os questionamentos foram muitos, tivemos que mostrar conhecimento total dos conteúdos. Foi muito bom, porque ela nos ensinou a estudar, a buscarmos os conhecimentos, sendo a professora uma orientadora. O trabalho da Evangelina foi perfeito!

Acho importante falar, até porque oferecemos o curso de Licenciatura em Matemática no nosso *campus* no noturno, como foi a minha trajetória na graduação. Hoje os alunos se queixam da dificuldade de trabalhar e conciliar com os estudos. O meu curso também foi noturno, nós éramos alunos trabalhadores. É claro que havia alunos com a postura de não priorizar os estudos, mas havia alunos que realmente queriam e até perdiam noites, passavam os finais de semana estudando. Fazíamos grupo de estudo lá em casa, e meu marido preparava o almoço para todo mundo, alguns alunos dormiam na minha casa. A busca é individual, temos que respeitar o tempo de cada um! Tenho todos os meus cadernos, todos, todos! Eu criei o meu próprio método de estudo; naquela época não tínhamos computador, então eu usava um caderno de rascunho — tenho melhores resultados de aprendizagem escrevendo — e quando chegava em casa,

²⁰⁶ Referência à obra *Geometria Euclidiana Plana*, de João Lucas Marques Barbosa, da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM).

²⁰⁷ Natalina Pereira de Souza, colega de graduação e amiga da professora Perpétua. Foi professora substituta de Psicologia da Educação no IFBA, durante o segundo semestre de 2010.

eu repassava os conteúdos vistos nas aulas, passando a limpo todas as anotações feitas em sala de aula. Só não consegui passar a limpo todos os cadernos do curso de pós-graduação em Fundamentos da Matemática, mas guardei os rascunhos.

Fábio — Conte-nos um pouco mais da pós-graduação em Fundamentos da Matemática, sobre a qual já conversamos em ocasiões anteriores.

Perpétua — Como disse anteriormente, fiz essa pós-graduação em Fundamentos da Matemática pela PUC-MG e já era professora do CEFET-BA na época; foi no ano de 1997. Então vamos falar da chegada em Barreiras: em 1993, eu vim para Barreiras e dei aulas nas escolas que já citei anteriormente. Em 1994, eu fiz o concurso para o CEFET-BA e, inicialmente, continuei como docente do Estado e na UnED Barreiras do CEFET-BA, saindo da escola particular. Depois eu pedi exoneração do Estado, por conta do pedido de dedicação exclusiva no CEFET. Para conseguir a dedicação exclusiva, nós tínhamos que desenvolver um projeto de extensão. Como percebi que aqui na região não havia professores com formação em Matemática e que eles não trabalhavam os conteúdos de Geometria, tanto nas escolas da rede pública como nas escolas da rede particular, pois os professores alegavam que não dava tempo porque esses conteúdos ficavam no final do livro, isso me fez pensar em desenvolver um projeto de capacitação de professores. Professores de Matemática da rede pública do município de Barreiras, tendo como tema o ensino da Álgebra atrelado ao ensino da Geometria.

Esse meu projeto foi o ponto inicial para uma extensão em todas as áreas. Eu lembro que a professora Marilde Queiróz²⁰⁸, que hoje é diretora da Uneb – *campus* Barreiras, na época era chefe do Departamento de Ensino (DEPEN) da UnED - Barreiras, e ela estendeu o meu projeto à área de Língua Portuguesa. Logo em seguida, tive a oportunidade de fazer a pós-graduação pelo programa PREPES,²⁰⁹ da PUC de Belo Horizonte. Um grupo grande de docentes e pedagogos de Barreiras participou desse curso. Daqui do instituto, participaram Dícíola,²¹⁰ Jefferson,²¹¹ Dulcimar²¹² e eu. Se houve mais alguém, não lembro.

Fábio — Nós já conversamos sobre esse curso em várias ocasiões anteriores... Não foi nesse curso que havia o professor que falava que o aluno tinha que ter *horas-bunda*? Eu

²⁰⁸ Marilde Queiróz Guedes, atualmente professora do curso de Pedagogia da Uneb; foi supervisora educacional do CEFET- Barreiras de 1994 a 1998. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/135357483776899>.

²⁰⁹ Programa Regional de Especialização para Professores do Ensino Superior. Fonte: <http://www.pucminas.br/pos-semipresencial/2014-01>.

²¹⁰ Dícíola Figueiredo de Andrade Baqueiro, pedagoga do IFBA e atual diretora do *campus* Barreiras.

²¹¹ Jefferson Rodrigues Costa, professor de Matemática do IFBA.

²¹² Dulcimar da Guarda Campos, técnica em assuntos educacionais do IFBA.

lembro que a senhora comentou sobre isso uma vez, referindo-se ao tempo que o aluno deve ficar sentado, estudando Matemática. Como era o nome desse professor? Tem algum outro episódio marcante do curso?

Perpétua — Ah! Era o professor de Geometria, Vivaldo Rezende Filho. Perto da PUC existe uma pracinha que o pessoal chamava de *Praça do Álcool*, e a galera toda ia pra lá no final de semana. Mas, da turma de Matemática, você não via ninguém (risos), e aí o professor Vivaldo dizia: “Você não encontra os alunos daqui da sala na Pracinha do Álcool. Para fazer Matemática tem que ter *horas-bunda*, não adianta achar que é só aqui, aula e pronto... você tem que ter horas de estudo!” Lembro também do professor Edson Durão²¹³, que era um professor excelente! Ele produzia o seu próprio material, todo manuscrito. Eu tenho uma cópia desse material que me ajudou bastante na elaboração das aulas de Fundamentos da Matemática do nosso curso de Licenciatura em Matemática.

Fábio — Eu quero retomar com a senhora sobre o concurso... Bem, os concursos para o CEFET sempre exigiram a Licenciatura na área, pelo menos hoje é assim. Naquela época também foi assim? Diante do cenário que já conhecemos, de não ter aqui muitos professores formados, como foi o concurso, a concorrência? Foi feito aqui ou em Salvador?

Perpétua — Eu vou falar um pouquinho sobre os concursos que aconteceram. O concurso já exigiu a Licenciatura Plena na área. Houve uma primeira seleção e, mesmo com o incentivo do meu marido e da minha filha, que ficavam dizendo: “Você tem que fazer esse concurso, você tem que fazer, você vai passar. Aqui em Barreiras não há licenciados em Matemática”, eu dizia que não queria fazer e que ficaria onde já estava trabalhando e não fiz. Não houve aprovados para as vagas de Matemática. Saiu novo edital e eu resolvi fazer a inscrição. Dentre os concorrentes, os aprovados fui eu e Jefferson. Da cidade de Barreiras, não houve ninguém concorrendo, só pessoas de fora.

O concurso era um pouco diferente dos atuais, pois a prova escrita era de resolução de questões e não uma dissertação como é hoje e uma prova oral. Na prova escrita, eu me saí muito bem, tirei 97 e, na prova oral, a nota de Jefferson foi mais alta que a minha, mas mesmo assim fiquei em 1º lugar e nós dois fomos os aprovados.

²¹³ Edson Durão Júdice foi professor da UFMG entre 1949-1987 e professor titular da PUC-MG desde 1966. Fonte: <https://www.ufmg.br/online/arquivos/036532.shtml>.

Fábio — Bem, vamos retomar o seu projeto de extensão. A senhora tem o registro dele? E os resultados? Qual era a formação desse público-alvo? Quantos professores participaram do projeto?

Perpétua — Eu tenho uma cópia desse projeto. Inclusive, agora para o RSC,²¹⁴ tive que produzir um memorial e anexei uma cópia desse projeto de extensão. Não havia professores com formação em Matemática nas escolas daqui. Alguns docentes tinham formação superior em Pedagogia. Havia muitos pedagogos ministrando aulas, porém a maioria tinha formação apenas no curso de Magistério, isso nos anos 1990. Foi a esse público que nós atendemos.

Os resultados foram positivos, no sentido de que percebemos que as escolas passaram a incluir os conteúdos de Geometria em seus currículos. Dávamos atendimento aos professores mesmo fora do cronograma do curso, para orientação e esclarecimento de dúvidas. Nesses momentos, eles perguntavam: “Quando é que vai ser o próximo encontro?”. Eu e o professor Jefferson atuávamos juntos. Eu o auxiliava em seu projeto de dedicação exclusiva, que era de monitoria em Matemática, e ele me ajudava no curso de extensão.

Quanto aos conteúdos, trabalhávamos com os conceitos, demonstrações e buscávamos também desenvolver uma metodologia para o ensino, trabalhando com material concreto. Desenvolvemos um material para trabalhar os produtos notáveis com as áreas do quadrado, do retângulo e assim buscando uma conexão da Geometria com a Álgebra. Os registros do número de participantes foram para os arquivos inativos do *campus* e, infelizmente, não consegui resgatar. Estimo que atendemos mais de 20 professores.

Uma coisa que eu queria falar, embora você não tenha perguntado... Esse curso de extensão parou por quê? Porque faltaram recursos financeiros. Nós éramos uma UnED, não tínhamos autonomia financeira, os recursos materiais vinham de Salvador. Muitas vezes tirávamos do próprio bolso para comprar material, evitando que o curso parasse. Outro motivo foi a sobrecarga para os professores, nesse caso específico, eu e Jefferson. Com a carga horária elevada em sala de aula, ficamos impossibilitados de nos dedicar à extensão. Essa iniciativa poderia estar ainda em funcionamento, mas não está.

²¹⁴ Reconhecimento de Saberes e Competências é um dispositivo criado pela Lei nº 12.772, de 28 de dezembro de 2012, para os professores da carreira do Ensino Básico Técnico e Tecnológico equivalente à Retribuição por Titulação.

Felizmente, a realidade de Barreiras em termos da existência de professores com formação em Matemática melhorou bastante. Os cursos da Plataforma Freire têm oferecido graduação para os docentes com formação em Magistério de nível médio. Por outro lado, minha carreira se diversificou, pois passei a atuar como chefe da Coordenação Técnico-Pedagógica (COTEP) na gestão do *campus*, na implantação e coordenação do curso de Licenciatura em Matemática de 2008 a 2010, quando você passou a coordenar esse curso. Hoje sou docente do curso de Licenciatura em Matemática e chefe do Departamento de Ensino.

Fábio — São essas iniciativas que, quando voltar, quero me dedicar a elas, a esses cursos de extensão, agora que superou o gargalo do espaço físico. Já tem o PAPMEM,²¹⁵ que é uma boa iniciativa. Percebo que ainda fazemos ações muito pontuais, pois a carga horária é o nosso calcanhar de aquiles. Em quantas reuniões isso vem à pauta... Me lembro (sic) da reunião para me liberar e, realmente, cada semestre é aquele sufoco, lembro do tempo em que fui coordenador, temos que demonstrar que realmente precisa de vaga.

Perpétua — Isso... Pode contar comigo se ainda estiver aqui, eu vou gostar muito. Eu acho que nós temos que dar uma contribuição à sociedade dentro do que pudermos fazer na nossa formação... E já que estamos na educação, essas iniciativas são bem-vindas numa região que ainda é tão carente. Eu acho que a região oeste da Bahia, nesse sentido, ainda é carente. Em vinte anos muita coisa mudou, mas hoje acho que ainda precisamos investir na capacitação e qualificação docente. Você viu os resultados do PAPMEM?²¹⁶ O público-alvo é constituído por professores, e eles não conseguiram um resultado satisfatório.

Fábio — Nesse sentido, começamos a tratar dessa questão do desenvolvimento da região. Qual a sua percepção a respeito do tema?

Perpétua — Quando cheguei aqui, Barreiras era a cidade-polo para a vinda dos agricultores que aqui chegavam para explorar a região para o plantio da soja. Por conta disso, o custo de vida era muito elevado, principalmente aluguel de casa. O que se pagava naquela época é o preço de alguns imóveis atualmente. Eu lembro que a

²¹⁵ Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio - é um programa mantido pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), que transmite, via web-conferências, módulos com os conteúdos de Matemática do ensino médio. Desde julho de 2013, o campus Barreiras é um dos polos do programa.

Fonte: http://www.impa.br/opencms/pt/institucional/memoria_impa/memoria_cursos/.

²¹⁶ Em conversa com o coordenador do programa, ele apresentou os resultados do curso que teve em janeiro de 2015 e foi preocupante, com grande quantidade de zeros em um curso destinado a professores.

primeira casa em que moramos, o preço do aluguel era R\$ 500,00. Isso em 1993! Era muito dinheiro! Hoje você consegue um apartamento bom por R\$ 600,00, R\$ 700,00. Já houve uma melhora...

Depois que Luís Eduardo Magalhães se emancipou, muitos agricultores foram pra lá. Quando eu cheguei aqui, a região estava se desenvolvendo por conta da agricultura, e eu sempre pensava que Barreiras tinha tudo para ser um centro acadêmico, porque é distante de tudo, da capital do Estado, da capital federal. A cidade mais próxima é Brasília, que fica a quase 650 km. As pessoas das cidades circunvizinhas buscavam e até hoje buscam as instituições educacionais de Barreiras para obterem a sua formação acadêmica. Vejo que o meu pensamento daquela época está se concretizando. Nós só tínhamos, em termos de ensino superior, a Uneb, com poucos cursos. Depois vieram a FASB²¹⁷, a Unyhana,²¹⁸ que são instituições particulares, e também outras instituições de ensino a distância.

Em 2008, o CEFET-BA/UnED – Barreiras passou a oferecer o curso de Licenciatura em Matemática e, atualmente, o IFBA - *campus* Barreiras oferece o curso de Engenharia de Alimentos. E a partir de 2016, teremos o curso de Arquitetura. Além disso, tivemos um *campus* da UFBA, e hoje temos a UFOB, com cursos em Barreiras e em outros municípios da região oeste da Bahia. Há muita gente de fora vindo estudar aqui.

Além do crescimento econômico, vejo que Barreiras tem crescido na área acadêmica. Vi uma reportagem na televisão, a entrevista de um rapaz que veio de Minas Gerais para estudar em Barreiras. Você sabe que, em Minas, as opções são muitas. Achei interessante isso, vejo o desenvolvimento da educação, crescimento cultural e científico. Percebo que dos anos 1990 pra cá houve um crescimento muito grande e isso reflete na qualidade do ensino também. Observamos que há muitos alunos oriundos das escolas públicas ingressando como estudantes do IFBA. Claro que as cotas contribuem, mas não podemos deixar de perceber que o nível do ensino da rede pública mostra melhoras, pois nos primeiros anos de funcionamento desse *campus*, havia um número elevado de estudantes vindos da escola particular.

²¹⁷ Faculdade São Francisco de Barreiras.

²¹⁸ Centro de Educação Superior Unyhana.

Fábio — Dentro desse contexto, vejo que o CEFET-BA representa um impulso para a melhoria. Como a senhora vem desde o começo da instituição, o que a senhora destaca desse período, dos cargos em que atuou?

Perpétua — A partir de 1994, oferecemos o curso Pró-técnico, preparatório para estudantes da 8ª série, atual 9º ano do ensino fundamental, com o objetivo de prepará-los para o ingresso nessa instituição. O curso acontecia durante todo o ano letivo e atendia aos estudantes das escolas públicas e particulares. Para o ingresso, os candidatos passavam por um processo seletivo. Trabalhávamos inicialmente com Língua Portuguesa e Matemática, depois expandimos para a área de Ciências, objetivando o embasamento desses alunos na área de Física e Química. Não significava, porém, que apenas alunos do Pró-técnico eram aprovados no processo seletivo para ingresso nos cursos do CEFET-BA/UnED Barreiras, mas esse curso contribuiu para a redução da defasagem de conteúdos dos estudantes vindos do ensino fundamental.

Infelizmente, hoje, tanto os estudantes que ingressam nos cursos técnicos quanto nos superiores chegam com muita defasagem de conhecimentos em Matemática, tanto que, nos primeiros anos, o índice de reprovação é maior nos cursos técnicos. A partir dos segundos anos esse índice diminui. Na Licenciatura em Matemática e na Engenharia de Alimentos²¹⁹ percebemos isso também. Eu penso que se estamos recebendo acadêmicos com defasagem de conteúdos, devemos adotar alternativas objetivando o oferecimento dos pré-requisitos para ingresso nesses cursos. Não adianta simplesmente criticarmos o ensino fundamental. Até agora não conseguimos resolver isso.

Tínhamos um quadro docente menor, mas a quantidade de alunos e de cursos também era menor. Tínhamos que assumir as funções administrativas, pois o quadro de servidores era reduzido. Diante disso, coordenei, nessa ordem, o Pró-Técnico, fui assistente do DEPEN, depois fui coordenadora da COTEP, assumi a Direção Geral da UnED, assumi a coordenação do curso de Licenciatura em Matemática, depois a chefia do Departamento de Ensino. Eu fiquei pouco tempo sem exercer função administrativa nesses vinte e um anos, atuando sempre no ensino e na gestão.

Mas hoje, mesmo com esse número significativo de docentes que o *campus* Barreiras dispõe, ainda não é suficiente para atender às necessidades de pessoal para garantirmos o cumprimento da missão do IFBA. Todos os cursos necessitam de

²¹⁹ Curso implantado no *campus* Barreiras em 2013.

professor de Matemática... Na distribuição da carga horária dos docentes de Matemática para o ano letivo de 2015, o menor número de aulas por docente está em 15, sendo que alguns estão em cursos de qualificação, sem afastamento para estudos. Temos casos de professores concluindo doutorado, como Gabriel,²²⁰ Eliana²²¹ orientando TCC, Jean²²² no mestrado e no PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e Demson²²³ no mestrado e no PIBID também. Todos os docentes estão com outras atribuições além da sala de aula.

Fábio — E as suas impressões sobre o ensino de Matemática, apesar de a senhora já ter falado muita coisa a respeito...

Perpétua — Eu realmente já falei muita coisa. Acho que não podemos perder de vista a necessidade de segurança do professor, do domínio nos conceitos, dos conteúdos que estamos ensinando. Devemos buscar formas de atrair o aluno para que ele se sinta interessado pelo estudo da Matemática. Eu não sou uma pessoa, até pela minha idade, da era da tecnologia. Estou procurando não ficar por fora, mas as dificuldades que eu tenho são maiores que a dos jovens que estão começando agora. Eu acho que temos que fazer com que as nossas aulas sejam atrativas e que busquemos fazer uso da tecnologia, pois a concorrência é desleal.

O aluno consegue ficar horas na frente do computador, mas tem dificuldade para ficar 50 minutos concentrado na aula. Devemos buscar uma formação calcada no domínio dos conteúdos, mas que não se perca de vista que estamos vivendo uma outra época, que o estudante que está chegando tem uma experiência que as crianças de 1993 não tinham. Você vê, um bebezinho já consegue mexer no celular com a destreza que muitas vezes não temos. Os alunos que ingressam nos cursos técnicos e os adolescentes e até os adultos que entram nos cursos superiores trazem os conhecimentos tecnológicos na bagagem. No meu caso, que não tenho tanto domínio da informática, da tecnologia, aprendo com meus alunos, e isso é uma troca maravilhosa. O professor hoje vive uma realidade diversa de trinta anos atrás. Aquela visão deturpada de que professor sabia tudo e o aluno estava ali só para absorver não faz sentido. As minhas limitações estão na necessidade de atrelar o ensino da Matemática ao uso de recursos tecnológicos. Sou estudiosa, estudo muito, vou para a sala de aula com segurança, com a aula preparada, mas eu preciso me atualizar em termos de domínio das tecnologias e seu emprego na

²²⁰ Gabriel Jesus Alves de Melo, professor de Matemática do *campus* Barreiras.

²²¹ Eliana Gomes de Oliveira, professora de Matemática do *campus* Barreiras.

²²² Jean Lázaro da Encarnação Coutinho, professor de Matemática do *campus* Barreiras.

²²³ Demson Oliveira Souza, professor de Matemática do *campus* Barreiras.

sala de aula. Estou sendo muito humilde e sincera em admitir essas minhas deficiências como docente.

Para finalizar, queria dizer que fico muito honrada de estar contribuindo com seu trabalho, Fábio. Eu admiro muito você enquanto profissional e como estudioso e fico muito feliz, depois de passarmos por uma trajetória difícil naquelas aulas do mestrado em educação. E fico muito feliz de você ter conseguido fazer a sua qualificação exatamente na área que você queria e, se eu puder contribuir com mais alguma coisa, estou à disposição.

Fábio — Certamente contribuiu muito, retomamos algumas de nossas conversas e espero que essa entrevista fique como registro de muitas daquelas coisas do “Ouvi dizer que não tinha professor de Matemática aqui.” Muito obrigado, professora Perpétua.

4.6 Professora Édula Fernandes Lima

A professora Édula Fernandes estava na primeira relação dos nomes dos professores que atuaram no ensino de Matemática em Barreiras que a professora Ana Maria Porto Nascimento me passou. A professora Édula ainda está atuando com 37 anos de serviço nas seguintes instituições: Colégio Padre Vieira, Colégio Polivalente, Colégio Antônio Geraldo e Escola Municipal Padre Vieira.

Seu nome foi citado por três depoentes – as professoras Ana Maria, Alzerita e Ida Coité me falaram da professora Édula durante as entrevistas. O fato de conhecer suas duas irmãs, Elizete e Maria Auxiliadora (Dorinha), e seu irmão Jair ajudou a escolhê-la como entrevistada, pois estes são amigos que fiz na cidade logo que cheguei. Trabalhei por cerca de um ano e meio com Elizete no IFBA e a partir dela conheci os irmãos que citei; assim sabia como conseguir o contato com a professora Édula.

Ao visitar Elizete e Dorinha durante minha ida a Barreiras, acabei conhecendo Édula pessoalmente na casa de suas irmãs, no dia 20 de março de 2015. Assim, expliquei sobre a temática da pesquisa, os procedimentos de gravação, transcrição, textualização e carta de cessão. Depois disso, ela prontamente aceitou conceder a entrevista e agendamos para o dia 23 de março de 2015, na casa de sua mãe, Dona Dilma Fernandes. A casa se situa no centro histórico da cidade.

A entrevista durou mais ou menos 41 minutos. Coloquei as fichas sobre a mesa da cozinha, ela observou e ordenou da seguinte maneira: Início e Permanência na Docência; Ensino de Matemática; Formação e Desenvolvimento Regional. Ocorreram interrupções e pausas na gravação em dois momentos. Antes de iniciarmos a entrevista, a professora revelou o fato de não ser formada em Matemática, pensando que isso representasse um entrave para a entrevista, e eu respondi que era justamente esse o perfil que procurava nos depoentes. Assim ela começou a contar.

“Bem, eu iniciei meu trabalho no Colégio Padre Vieira em 1978. Com 26 anos fui, primeiramente, professora de Ciências. Depois, como não havia professor licenciado nessa área, me jogaram para ensinar Matemática. Comecei com Matemática na antiga 6ª série, que hoje é o 7ª ano, e depois me jogaram para 8ª série. A cada ano ia aumentando uma série, até que cheguei às aulas de Matemática do 2º grau. Terminei em 1999 no Padre Vieira quando ainda fazia parte da Fundação Custódia Rocha de Carvalho e, logo em seguida, eu fui para a escola municipal — que também se chama

Padre Vieira — onde até hoje permaneço. No caso, 17 anos nessa escola. Não sou licenciada em Matemática, mas sou pedagoga, da primeira turma que entrou na Uneb, em 1987, e fiz uma pós-graduação em Docência do Ensino Superior, mas nunca trabalhei em faculdade. Meu trabalho geralmente foi na escola particular; inclusive, já ensinei um ano no IFBA, antigo CEFET, onde trabalhei um ano como professora substituta e daí minha vida foi só ensinando, ensinando. Eu estou aposentada pelo Estado desde 2009 e continuo na rede municipal, ensinando Matemática todo esse tempo.”

Fábio — Você é natural daqui de Barreiras?

Édula — Não, sou sergipana. Nasci em 1952, mas a família é da Bahia. Casei-me e vim com os meus pais para cá. Cheguei em Barreiras no ano de 1977. Eu não cheguei a estudar aqui em Barreiras, já vim professora primária formada, pois fiz Magistério. De Sergipe, eu cheguei a Juazeiro²²⁴ com sete anos, onde estudei no Colégio Nossa Senhora da Auxiliadora, em Petrolina, e me formei no Colégio Estadual de Petrolina.

Fábio — E sobre sua formação de escola, quais são as lembranças dos episódios marcantes no ensino de Matemática naquela época?

Édula — Eu fiz o ginásio no colégio das freiras — o Colégio Nossa Senhora da Auxiliadora é dirigido pelas irmãs Salesianas²²⁵. Eu tive a influência, no meu tempo de ginásio, de uma freira Salesiana chamada Irmã Fidélis, que foi minha professora de Matemática. Eu tinha muita facilidade com Matemática e, geralmente, quando ela tinha que sair assim pra resolver alguma coisa, eu ficava na sala tomando conta e até a substituí várias vezes (risos). Ela gostou muito de mim e eu dela, foi uma empatia muito grande! Eu era novinha, mas lembro-me bem dela. Depois fiz o curso Técnico em Contabilidade até o 2º ano quando resolvi fazer o curso de Magistério. Nesse intervalo eu casei e, por conta disso, saí do colégio das freiras porque naquele tempo o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora não admitia gente casada e aí fui cursar o Magistério no Colégio Estadual de Petrolina.

Fábio — Quando você contou de sua chegada ao Colégio Padre Vieira, você usou o termo “ ‘jogada’ para as aulas de Matemática...” O que isso quer dizer para você e quais são os episódios marcantes dessa época?

²²⁴ Juazeiro-BA e Petrolina-PE são exemplos de cidades-irmãs, separadas pelo Rio São Francisco.

²²⁵ O Colégio Nossa Senhora da Auxiliadora integra a Rede Salesiana de Escolas (RSE) e atua na cidade pernambucana desde 1926. Os Salesianos são uma congregação da Igreja Católica Apostólica Romana. Foi fundada em 1859 pelo padre italiano Giovanni Merchiori Bosco (1815-1888), canonizado santo em 1934, sob o nome de São João Bosco. Fonte: <http://www.auxiliadorapetrolina.com.br/homepage/a-escola.html>.

Édula — Me deram (sic) Matemática porque não tinha professor na época. Eu comecei a estudar porque já tinha muito tempo que não estudava os conteúdos de Matemática e aí comecei a estudar. Como toda a vida gostei de Matemática, achava maravilhoso. Estudava muito para poder dar aula, com medo dos alunos fazerem algumas perguntas e eu não saber responder. Por isso eu estudei muito.

O que considero marcante realmente é que temos alunos que gostam, apesar de 90% deles não gostarem de Matemática. Antigamente, no Colégio Padre Vieira, na época do 2º grau, os alunos tinham mais interesse, hoje se percebe que eles não têm interesse em estudar Matemática e aí fica muito difícil. Quando você vai dar aula, os alunos não gostam... Às vezes eles não querem nem ficar na sala. É um problema que a gente tem logo no início. Vejo que se ele não gosta de Matemática, então não faz questão de aprender e, comparando com antigamente, está totalmente diferente. P'ra mim esse desinteresse de hoje é marcante em comparação com a época que trabalhei no Padre Vieira, enquanto colégio particular. Não sei se é porque eles pagavam e tinham que estudar mesmo e porque eu era muito exigente, mas eles passavam mesmo se soubessem.

Hoje não, hoje você tem a pressão política, você tem todo aquele apanhado de contestações, e o aluno vai para o Conselho, faz recuperação... Hoje está mais fácil. Não passou, faz a recuperação paralela, continua não passando, tem a final! No regimento da escola, tem uma lei que diz que se o aluno fica só em uma matéria, mesmo com uma nota 3,5, por exemplo, ele vai para o Conselho para ver se o aprova ou reprova. Com essas coisas, o aluno não aprende o conteúdo realmente, ele estuda para passar de ano. Isso a gente percebe quando tem um aluno para o qual você deu aula no ano anterior, sem ter troca de professor. No ano seguinte, quando você chega, revisa o conteúdo, mas o aluno não está sabendo. Ele ainda diz que nunca viu aquilo e aí você vê o desinteresse do aluno em estudar Matemática. Eles tinham mais vontade de estudar, hoje não.

Eu noto que essas facilidades que existem para o aluno passar é que acabam forçando eles a não terem tanta dedicação aos estudos. Antigamente ia para a segunda época ou fazia uma recuperação apenas no final do ano. O professor dava os conteúdos e os alunos se viravam para estudar; ele marcava o dia da prova e pronto. Agora não, você dá aula de recuperação, você seleciona os conteúdos e o aluno ainda não estuda.

Aí, quando você leva para o Conselho, os próprios colegas dizem: "Não, mas esse aluno comigo é bom". E aí o Conselho, às vezes, é unânime, tem que passar e fica difícil. No Conselho de Classe, os professores de Matemática e Português são os mais

sofridos e, em geral, votos vencidos. Depois disso, o aluno fica dizendo coisas p'ra você: “A professora me reprovou por causa de não sei quantos pontos, por causa de um ponto, um ponto e meio”. Por causa dessas coisas é que a gente fica triste com o ensino nos dias de hoje.

Fábio — No momento a senhora está atuando com quais turmas?

Édula — No momento trabalho com quatro turmas de 8ª série. É a última turma de 8º série este ano; a partir do ano que vem é que será 9º ano, por conta dessas mudanças de nomenclatura no ensino fundamental.

Fábio — Como a senhora percebe essas mudanças ao longo do tempo no ensino de Matemática?

Édula — Você vê a diferença que existe entre o antes e o agora. Hoje eu tenho certeza que a diferença são essas novas leis, essas novas pedagogias, que para mim eu não dou muito valor: o aluno tem que fazer projetos, professor faz projeto, daí o aluno ganha ponto. Não sei até hoje como funciona esse negócio de que o aluno vai desfilar no dia 7 de Setembro e o professor tem que dar ponto em Matemática, pois eles é que escolhem em que disciplina querem o ponto. Essas coisas a gente nunca viu anteriormente.

Fábio — Para a senhora, o que significa essa Nova Pedagogia?

Édula — Hoje em dia, eu vejo que você trabalha em cima de projetos, aí os alunos estão no projeto e quando finalizam, o aluno ganha ponto em História, em Geografia, em Artes, principalmente. E, no Conselho, os professores que fizeram o projeto passam esses alunos e professor de Matemática é voto vencido.

Fábio — Esses projetos envolvem o planejamento da escola? Vocês discutem as questões de como a Matemática entra no projeto?

Édula — Agora tem o seguinte: a Secretaria de Educação lança o projeto e leva para a escola e aí os professores têm que dar andamento. O projeto não vem pronto, mas vem dizendo o que é que se pode fazer, isso e aquilo. Aquelas coisas de Secretaria, que não dá pronto, para não dizer que deu pronto; mas, na realidade, o professor tem que ir lá, tem que ter reunião com eles, tem que fazer tudo isso. Só que eu nunca fui.

A única reunião que eu vou é quando tem a Prova Brasil²²⁶ e as Olimpíadas²²⁷ — aí eles chamam os professores de Matemática para ver as questões que foram válidas, as questões que foram fracas, quer dizer, a gente faz um apanhado daquilo para o próximo

²²⁶ A Prova Brasil é um dos componentes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) para os alunos que estão concluindo o ensino fundamental.

²²⁷ Referência à Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).

projeto. A gente tem conteúdos que trabalhamos dentro do projeto como, por exemplo, gráficos e tabelas, e aí o direcionamento do projeto vem dessas avaliações externas. Eu gosto de trabalhar nas Olimpíadas, quando eles mandam o caderninho com as questões comentadas, e eu passo essas questões para eles resolverem.

A mesma coisa acontece no Pré-IFBA²²⁸, que era um curso que demos durante três anos, eu e a professora de Português trabalhávamos no contraturno, revisando os conteúdos dos anos anteriores. Ano passado passaram 24 alunos no IFBA. A gente trabalha com alunos bons, mas esses são uma minoria somente e são os que fazem valer a pena.

Fábio — A senhora falou das diferenças do Colégio Padre Vieira do tempo em que era particular e de hoje que é municipal. Naquela época do fechamento da fundação e construção da escola com o mesmo nome, os professores foram realocados? Teve concurso? E quais as exigências naquele concurso?

Édula — Eu passei para o município através de concurso, em que fui aprovada. Eu fiz um concurso para professor de 1º grau, porque o município só contrata até a 8ª série. No concurso poderia ser qualquer tipo de profissão que não tinha problema, independentemente de ser licenciado, poderia ser pedagogo. Esse concurso foi feito em 1999, gerido pelo município, e foi no primeiro mandato do atual prefeito, o Antônio Henrique²²⁹.

Fábio — Sobre os tempos em que a senhora atuou na rede estadual da Bahia, quando iniciou? Como ocorreu o concurso? E em que escolas atuou?

Édula — Fui professora do Estado por 30 anos. Fiz o concurso em 1979 e continuei trabalhando paralelamente com o Padre Vieira, que era particular. O concurso não foi feito aqui, foi em Juazeiro; só que o concurso foi para professor primário. Como aqui não tinha nada de graduação e faltava professor de Matemática, a distribuição das aulas era assim: “Você gosta de Matemática? Sua cara é de professor de Matemática; você vai dar aula de Matemática”. Fui nomeada para o Polivalente²³⁰, onde trabalhei com as turmas de 5ª a 8ª série durante quatro anos, quando passei a trabalhar no Colégio Antônio Geraldo,²³¹ e com o curso de Magistério de 2º grau.

Fábio — No Antônio Geraldo tinha quais cursos e em quais a senhora trabalhou?

²²⁸ Algumas escolas municipais de Barreiras oferecem para turmas do 9º ano do ensino fundamental um curso preparatório para o exame de seleção ao IFBA.

²²⁹ Antônio Henrique de Souza Moreira (1947) é o atual prefeito de Barreiras (2013-2016), mas foi prefeito em dois mandatos anteriores (1997-2000) e (2001-2004).

²³⁰ Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa.

²³¹ Escola Estadual de Barreiras, também citada por outros entrevistados.

Édula — Tinha o Magistério e o Científico, que depois virou Formação Geral. Trabalhei com as turmas do Magistério, do 1^a ao 4^a ano. Inclusive até ganhei uma medalha de melhor professora, que os alunos lá fizeram.

Fábio — Quais eram os conteúdos de Matemática trabalhados no Magistério e quais os episódios marcantes?

Édula — No 1^o ano do Magistério a gente trabalhava os conteúdos do ensino médio: Funções e Tipos de Funções; Função Afim; Quadrática; Logaritmos; P.A e P.G; e isso continuava no 2^o ano. A partir do 3^o ano trabalhávamos mais com a Metodologia da Matemática Primária... Como que você vai ensinar certo conteúdo a uma criança de 1^a a 4^a série. A única professora era eu, lá eu tinha 40 horas... Tinha outros professores no curso de Educação Geral, mas no Magistério era só eu. Como episódio marcante, via muito interesse... e 99% eram alunas. No Padre Vieira, com o passar do tempo, comecei a atuar no 2^o grau e no curso Técnico em Contabilidade, nas turmas de 1^o e 2^o ano. No curso de Contabilidade, os conteúdos eram aquela Matemática de Juros, Porcentagem, esse tipo de Matemática. Não tinha um componente curricular identificando Matemática, era mais uma Matemática Financeira.

Fábio — E sobre a sua formação na Pedagogia? A estrutura do curso, os conteúdos de Matemática? E os professores de Matemática no curso?

Édula — Quando fiz Pedagogia, o curso era com habilitação²³² para lecionar as disciplinas do 2^o grau, a minha habilitação em Pedagogia. O curso de Pedagogia durou quatro anos, de 1987 a 1990. O curso não habilitava para uma disciplina específica, era para lecionar todas as disciplinas do 2^o grau. Tivemos as componentes de todas as disciplinas do 2^o grau com as respectivas didáticas e metodologias. Como já ensinava Matemática, continuei com essa disciplina. As componentes de Matemática foram Matemática Básica, Estatística e Metodologia da Matemática. Quem deu aula nas duas primeiras foi o professor Neto,²³³ e a última foi com a professora Ana Maria Porto Nascimento, que você entrevistou.

Fábio — E sobre outros cursos de formação que você fez? Quais cursos, em quais épocas?

Édula — Eu fiz formação continuada para gestão e planejamento escolar, fiz cursos de Matemática, em Salvador. Eu fiz nove cursos de Matemática, inclusive eu tenho os

²³² Foi a primeira habilitação do curso de Pedagogia da Uneb.

²³³ Joaquim Pedro Soares Neto, professor da Uneb desde 1988, com formação em Engenharia Agrônômica. Fonte: <http://lattes.cnpq.br/6500619008358296>.

certificados; a gente ia de mês em mês fazer esses cursos e isso ajudou a gente. Foi no começo dos anos 1980, mais ou menos naquele tempo. Como a gente não tinha a habilitação, você ia fazendo cursos e se garantindo com as aulas.

Esses cursos eram na UFBA, com os professores de Matemática de lá e, por exemplo, você trabalhava com perímetro e área de figura geométrica, ia para Salvador, fazia treinamento e voltava. Depois, cada mês a gente fazia um conteúdo. Antes de me aposentar, eu fiz o curso do GESTAR²³⁴ e dei até aula aqui com os professores do Estado. Foi um curso muito falado aqui na Bahia, e nós fizemos esse curso como se fosse uma pós-graduação, inclusive eu recebo esse acréscimo no meu salário... E eu fui professora formadora, eu fiz dois [cursos], um de 1ª a 4ª e outro de 5ª a 8ª série. Foi recentemente, em 2005 e 2006. Fui professora dos professores primários das escolas dos municípios, fui formadora. Foi um curso maravilhoso, foi onde a Matemática abriu todo o conhecimento que eu tinha, porque era uma coisa que a gente trabalhava mais com o concreto e até hoje eu sinto falta.

A gente trabalhava com tudo de Matemática do primário, mas de uma maneira totalmente diferente, a gente ia comparando as coisas, teoria e prática; trabalhar com os professores foi muito bom mesmo. Fizemos cursos para formação dos formadores em Salvador, depois acho que onerava muito o Estado e a gente passou a ir para Bom Jesus da Lapa.²³⁵ Nós passamos dois anos indo de mês em mês para lá. Dava aula em Macaúbas²³⁶, em Cristópolis,²³⁷ em Wanderlei.²³⁸ A gente se deslocava daqui para as cidades nesses cursos... Eles pagavam passagem e hotel, era através de oficinas. Eu saía daqui e ia para Tabocas do Brejo Velho,²³⁹ que é mais longe, aí eu tinha que dormir e aí eles pagavam diária. Como os cursos eram de Português e Matemática, em um dia eu dava minha oficina e no outro era oficina de Português. Não consigo lembrar o nome do professor formador que ministrava a oficina. E você vai enriquecendo mais o conteúdo, como aconteceu nesse tipo de trabalho que a gente tem, quando escutamos a opinião dos professores, é maravilhoso isso. Lembro de que os professores perguntavam:

- Professora, se eu fizer assim, assim e assim, é admissível?
- Com certeza é o que você está pensando, seu raciocínio está lógico e pode ir adiante.
- E se eu fizesse de outro jeito?

²³⁴ Programa Gestão da Aprendizagem Escolar.

²³⁵ Município localizado cerca de 300 km de Barreiras.

²³⁶ Município localizado cerca de 360 km de Barreiras.

²³⁷ Município localizado mais ou menos a 89 km de Barreiras.

²³⁸ Município localizado cerca de 130 km de Barreiras.

²³⁹ Município localizado cerca de 150 km de Barreiras.

E assim a gente ia aprendendo de acordo com o que elas estavam mostrando dentro daquela realidade delas... Muito bom! Inclusive eu entreguei o material produzido para Ana Maria.

Fábio — E sobre o Projeto Rondon aqui na região?

Édula — Eu me lembro, mas não cheguei a fazer... Sabia que existia, o professor Bosco Pavão²⁴⁰ era quem coordenava.

Fábio — Essa questão do desenvolvimento regional, como a senhora tem percebido?

Édula — A cidade não cresceu, ela inchou, e nesse inchaço você labuta com todo tipo de gente, todo tipo de aluno, aluno que quer, aluno que não quer, aluno drogado, aluno bem de vida, aluno passando fome, e a gente tem que ser maleável, definir o que é isso, o que é aquilo, com quem a gente vai trabalhar, que é difícil pra gente trabalhando (sic) esse tipo de regionalismo. A escola ficou muito heterogênea e essa heterogeneidade é o fracasso da escola, principalmente no ensino de Matemática. De tanto a gente trabalhar toda uma vida, a gente percebe aluno mal-humorado, aluno que não é bem tratado, aluno que é separado de pai, aluno que não tem mãe, aluno que os pais são drogados, e nisso a gente tem que ser mais maleável.

Fábio — Bem, então agradecimentos à colaboração da senhora e uma palavra final.

Édula — De nada. Estou aqui a sua disposição se precisar de mais alguma informação.

²⁴⁰ Professor da FASB em Barreiras, citado como coordenador do Projeto Rondon na cidade.

4.7 Professora Avany Andrade Porto

A professora Avany, a princípio foi mencionada na primeira entrevista, com a professora Ana Maria Porto Nascimento. Esta comentou sobre uma professora que atuara no Colégio Polivalente, cujo nome ela não lembrava, mas sabia que ela tinha filhos que atualmente eram professores, um dos filhos, Raul, é professor de Matemática. Diante dessa informação, lembrei-me de que seu filho estudara na graduação²⁴¹ com um amigo meu, Gabriel Jesus Alves de Melo, atualmente professor do IFBA-Barreiras. Essas informações foram confirmadas pela professora Avany.

A professora Ida Coité recordou-se dela e me passou o contato telefônico e assim consegui telefonar para ela, explicar brevemente a pesquisa e verificar se ela aceitaria conceder a entrevista. Diante da aceitação, agendamos para o dia 24 de março de 2015, na residência da professora. Foi a sétima e última das entrevistas planejadas.

O local da entrevista foi a varanda da casa e, ao posicionar as fichas em uma mesinha, a professora Avany pediu que eu fizesse as perguntas e assim fui perguntando conforme o verso das fichas. Em razão de a entrevista ser realizada em uma parte externa da casa e próximo à rua, o áudio registrou alguns ruídos e, durante o processo de transcrição, tive que colocar o som em um volume mais alto que o habitual, mas nada que causasse algum tipo de incômodo. A entrevista teve duração de 30 minutos e, de início, pedi que a professora Avany fizesse a sua apresentação.

“Eu me chamo Avany Andrade Porto, nasci aqui mesmo em Barreiras-Bahia, sou casada e tenho cinco filhos. Meus pais (já falecidos) foram João Domingos de Andrade e Honorina Nascimento de Andrade; meu esposo é Raul Humberto Porto, e os filhos são: Rosângela, Rosana, Samara, Vanne e Raul – que é formado em Matemática. Sou diplomada professora primária e em Licenciatura Curta em Artes Industriais, curso esse promovido pelo Ceteba²⁴².”

Fábio — Vamos falar de suas lembranças de escola aqui em Barreiras? Dos professores de Matemática...

Avany — Eu fiz o primário no Grupo Escolar Costa Borges, que foi a primeira escola pública daqui de Barreiras, de 1956-1959. Depois frequentei por um ano a mais o Grupo e, inclusive, fui aluna da professora Alzerita. No final de 1960, fiz o Exame de

²⁴¹ Ambos estudaram Licenciatura em Matemática na UESC (Universidade Estadual de Santa Cruz), instituição localizada na cidade de Ilhéus-BA.

²⁴² Centro de Educação Técnica da Bahia.

Admissão, que dava ao aprovado direito de ingressar no curso ginásial do Colégio Padre Vieira, um verdadeiro vestibular! Cursei lá de 1961 até 1964. Nesse curso tive como professora de Matemática Coracy Silva, que foi a pessoa que me despertou o gosto pela Matemática.

No curso ginásial, tive aulas também com a professora Alda Ramos. Embora as professoras Alda e Coracy só tivessem o Magistério de 2º grau, feito na Escola Normal, eram excelentes professoras e lamentamos muito a ida de ambas para Brasília naquela época que muita gente foi embora pra lá. Na Escola Normal, que cursei de 1965-1967 (hoje equivalente ao ensino médio), tive como professor de Matemática o Dr. Vivaldo Cecílio da Mota, engenheiro chefe da SUVALE²⁴³.

Fábio — A senhora se recorda de algum episódio marcante dos seus professores de Matemática?

Avany — Sim, quando minha turma do 2º ano do Magistério foi desafiada pelo professor Vivaldo da Mota, que disse ser difícil uma prova sobre medidas, transformação de unidades. Conseguimos a nota almejada para aprovação, e eu consegui tirar 10,0 (dez). Também lembro que as aulas desses professores eram expositivas, mas muito boas.

Fábio — Quando a senhora começou a atuar, em quais escolas atuou? Por quanto tempo?

Avany — Antes de me formar, em 1966, já trabalhava numa escola para adultos que funcionava no período noturno, chamada GAEB – Grupo Assistencial do Estudante Barreirense, que funcionava em salas emprestadas pelo Colégio Padre Vieira e que foi fundada pelo promotor público de Barreiras, Dr. Walter Rodrigues da Silva. Depois atuei como professora de Matemática nas seguintes escolas: Colégio Padre Vieira, por 12 anos, no Colégio César Macêdo, por 2 anos, no Colégio Padre Anchieta, por um ano. Essas escolas não existem mais. Também trabalhei no Colégio Antônio Geraldo por 22 anos e na Escola Polivalente por 26 anos. As três primeiras escolas eram particulares e as demais estaduais. Além de professora de Matemática, exerci a função de vice-diretora do Grupo Escolar Presidente Médici (escola estadual), de diretora da Escola Municipal Herculano Faria e de professora do curso primário por 10 anos. Resta-me esclarecer que esse tempo foi trabalhado nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

²⁴³ Superintendência do Vale do São Francisco, órgão que posteriormente deu origem a Codevasf.

Fábio — Na época na qual a senhora fez o concurso, quais as exigências para o ingresso no Magistério?

Avany — Conclusão do Ensino Normal, ser aprovado(a) no concurso e aguardar a nomeação pelo Governo do Estado.

Fábio — Qual o motivo que levou a senhora a atuar na disciplina de Matemática?

Avany — O gosto pela disciplina. Até fui convidada pelo diretor do Padre Vieira, o professor Folk Rocha, para lecionar História, porém achei que não faria um bom trabalho e resolvi não aceitar. Então ele me ofereceu aulas de Matemática e abracei com toda garra. Talvez, se tivesse aceitado História, não teria paciência para trabalhar um ano sem receber salário, em uma época que o Colégio Padre Vieira passou por decadência. No entanto, não só eu como os demais colegas, permanecemos para manter o colégio e colaborar com o professor Folk Rocha, que merecia todo nosso apoio e compreensão; por esse motivo fomos até apelidados de grupo da Legião da Boa Vontade²⁴⁴.

Fábio — Quais os estímulos que a senhora encontrou para permanecer na docência?

Avany — Amor à profissão e necessidade. Tive oportunidades para exercer cargos de confiança e alguns rejeitei. Lecionava nos três turnos e, não me gabando, nunca fui uma professora faltosa, e outra... não fazia distinção entre escolas públicas e particulares, era uma professora exigente! Daquelas que muitos acham chata. Cobrava muito de meus alunos, talvez a disciplina contribuísse para que eu fosse assim. Às vezes ficava pensando: “Será que eu estou certa ou estou errada?”

Hoje tenho certeza de que estava certa, sabe por quê? Quando encontro meus ex-alunos, eles me abraçam e fazem questão de dizer: “Professora, se hoje eu sou o que eu sou, agradeço muito à senhora”. Isso é gratificante! Muito gratificante! Deixa eu te dizer que esta professora casquinha²⁴⁵ foi até agraciada com o troféu Soja de Ouro, como melhor professora do ano. Essa é uma premiação promovida pelo Country Club Rio de Ondas²⁴⁶ e várias categorias são premiadas. Em cada uma, disputavam três concorrentes, que eram votados no comércio local. O vencedor era anunciado numa festa promovida pelo clube, onde se recebia o troféu. Tenho orgulhoso de ser professora, mesmo aposentada.

²⁴⁴A Legião da Boa Vontade (LBV) é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, altruística e sem fins econômicos, reconhecida no Brasil e no exterior por seu trabalho nas áreas da educação e da assistência social.

²⁴⁵Gíria barreirense para *rígida*.

²⁴⁶Clube recreativo localizado às margens do Rio de Ondas.

Fábio — Falando da sua formação, conte-me mais a respeito desse curso de Artes Industriais. Quais as disciplinas que vocês estudavam? Era um curso voltado para os professores?

Avany — O curso de Artes Industriais foi um curso intensivo em Licenciatura Curta com duração de dois anos, promovido pelo Ceteba, voltado para professores, tanto que fomos dispensados da sala de aula pelo Governo do Estado para cursá-lo.

Faziam parte do curso as seguintes disciplinas: Matemática Básica, Língua Portuguesa, Desenho Aplicado, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º grau, Fundamentos da Educação, Introdução à Economia, Psicologia da Educação, Física, Introdução ao Desenho Industrial, Estudos e Problemas Brasileiros, Orientação Educacional e Ocupacional, Organização e Direção de Oficinas, Madeira, Metal, Cerâmica, Eletricidade, Artes Gráficas, Educação Física, Prática de Ensino e Estágio Supervisionado. Só lamentei que vimos muito pouco de Matemática.

Fábio — E sobre os cursos de aperfeiçoamento em Matemática, que cursos foram esses? Onde e em que época foram realizados? A senhora ainda tem os materiais desses cursos?

Avany — Esses cursos foram vários, citarei alguns: Curso de Atualização Pedagógica para Professores de Ciências e Matemática, em 1976, Curso de Treinamento para Professores de Matemática, em 1985, oferecidos pela Secretaria Estadual de Educação. E fiz o Curso de Capacitação de Docentes de 5ª a 8ª série na disciplina Matemática, em 1995 e 1996, oferecido pelo CEFET-BA. Eu participava de todos os cursos ministrados quando era convidada, não só pelas escolas estaduais como particulares.

Esses cursos eram ministrados no decorrer do ano letivo, por professores vindos de Salvador ou mesmo de Barreiras, graduados em Matemática, e eram realizados nos colégios Antônio Geraldo, Polivalente, Padre Vieira e no antigo CEFET, hoje IFBA. Era nesses cursos que nos aprofundávamos mais nos conteúdos e procurávamos atualização para melhor ministrar nossas aulas. Quanto aos materiais neles utilizados, nada tenho, pois assim que aposentei, desfiz de tudo. Faz muito tempo!

Fábio — Sobre o Ensino de Matemática, como a senhora desenvolvia os conteúdos? Percebia as dificuldades dos alunos? A senhora ainda guarda algum material?

Avany — Os conteúdos eram ministrados através de aulas práticas e teóricas. Fazia uso de estudo dirigido, trabalhos individuais e em grupos, resolução de exercícios, jogos, gincanas, debates. Quanto às dificuldades apresentadas pelos alunos, eu percebia que

uns alunos tinham mais dificuldade, outros menos e também tinham aqueles alunos que não apresentavam nenhuma dificuldade, o que é normal.

Como sabemos, Matemática parece ser um bicho-papão para muita gente, porém procurava acabar com esse tabu, tornando as aulas participativas, buscando métodos práticos e compreensivos, exigindo frequência às aulas, pontualidade, cumprimento das atividades solicitadas, atenção, para que no final tivessem um bom aproveitamento. Por isso me considerava uma professora chata. Não dava colher de chá, pegava mesmo no pé, principalmente daqueles alunos *voadores*. Também não guardo nenhum material desse tempo, apenas minhas lembranças.

Fábio — E qual a percepção da senhora quanto ao desenvolvimento regional?

Avany — A nossa região tem se desenvolvido bastante nos últimos tempos em todos os setores. Precisamos de uma forma ou outra saber valorizar. Por exemplo, no setor educacional, já contamos com várias faculdades que antes não tínhamos, o que facilita para que os nossos alunos possam continuar os estudos sem precisar ficar longe de seus familiares. E outra, quantos alunos não interrompiam seus cursos por falta de condições financeira para mantê-los em outras cidades e estados? Isso não existe mais, graças ao desenvolvimento da região.

Fábio — Só uma última pergunta, a senhora é parente da professora Guiomar Porto?

Avany — Eu não, meu esposo, sim.

Fábio — Acho que por hora é isso...

Avany — Aceita um suquinho?

Fábio — Aceito, muito obrigado. Após um suco de caju com peta²⁴⁷ e queijadinhas, agradeço à professora Avany e peço sua palavra final.

Avany — Obrigada pelo seu interesse em entrevistar-me. Espero que as informações concedidas lhe sejam úteis na complementação do seu trabalho. Boa Sorte!

²⁴⁷ Tipo de biscoito de polvilho.

5. VENHA CÁ” E COMECE A ENSINAR MATEMÁTICA: UMA HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES NA REGIÃO DE BARREIRAS

Após apresentarmos as textualizações das entrevistas com professores que atuaram no ensino de Matemática em Barreiras, antes da institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática, elencamos três temas consideramos relevantes para escrevermos uma narrativa. Narrativa esta que conte uma história sobre a formação docente na região, dentro de um espaço/tempo melhor definido a partir das próprias narrativas.

Iniciaremos nossa narrativa a partir dos anos 1940, um marco por nós determinado, pois naquele período surgiu na cidade a primeira escola que oferecia o curso ginásial, o Ginásio Padre Vieira. Depois apresentaremos o papel dos cursos Normal e de Magistério para formação de professores, tendo em vista que todas as entrevistadas são professoras, cuja formação docente inicial foi nessa modalidade, sendo que o início na docência começou no antigo curso primário. Por fim, abordaremos alguns dos cursos realizados pelos professores como alternativa ao curso de Licenciatura em Matemática e como tais cursos cumpriram a adequação aos requisitos legais que constam nas diversas leis que regulamentaram a educação brasileira ao longo desse período.

5.1 Barreiras: uma história do lugar e das instituições de ensino

Figura 10: Cidade de Barreiras na década de 1940



Foto: Acervo de Napoleão Macêdo.

A Figura 10, que ilustra o início desse texto, mostra a curva que o Rio Grande faz nas imediações de Barreiras, paisagem que a professora Alzerita Gomes chamou de “volta do rio”. Para contarmos uma História de Barreiras, é necessário falar desse rio uma vez que o acesso inicial à localidade era pela via fluvial, conforme descrito pela professora Alzerita que, inclusive, migrou para a cidade chegando numa embarcação conhecida como vapor. E suas saídas dali durante a infância e juventude foram através desse meio. O Rio Grande é um dos maiores afluentes do Rio São Francisco – aquele que costumamos aprender na escola como sendo o rio da integração nacional. Na foto acima vemos a serra da Bandeira que circunda Barreiras e que separa o vale do Rio Grande das chamadas Gerais, as grandes áreas de cerrado, que a professora Alzerita mencionou. Ainda, nessa imagem, observamos um rio caudaloso, com condições propícias para a navegação.

Antes disso, a região era conhecida como “Além do São Francisco” e nessa região existiam apenas dois municípios: São Francisco das Chagas da Barra do Rio Grande do Sul, criado em 1752 – localizado na confluência dos rios Grande e São Francisco e que, atualmente, é a cidade de Barra-BA – e Campo Largo, criado em 1820, cuja antiga sede é o distrito de Taguá (hoje pertencente ao município de Cotegipe), localizado às margens do Rio Grande e desmembrado de Barra. Somente em 1840 foi criado outro município, o de Santa Rita do Rio Preto, às margens do Rio Preto, emancipado de Barra.²⁴⁸

A partir da segunda metade do século XIX, com a criação da primeira companhia de navegação a vapor do Rio São Francisco, deu-se início a um processo de dinamização econômica da bacia fluvial. Seguindo o curso do Rio Grande até o ponto onde ele é navegável, surgiu, em 1890, a localidade de São João das Barreiras, um povoado às margens do Rio Grande e naquela época, o mais ao interior da região, distante cerca de 200 km do Rio São Francisco. No dia 26 de maio de 1891, essa localidade deu origem à Vila de Barreiras e, durante a primeira metade do século XX, o Rio Grande foi o único acesso a Barreiras e às demais localidades do oeste baiano.

No início, a região não chamava atenção do governo por não possuir riquezas naturais para práticas extrativistas, o que era muito comum na região litorânea, não só da Bahia como do Brasil. No entanto, no final do século XIX e começo do século XX, a

²⁴⁸ Brandão (2010).

exploração da borracha de mangabeira tornou-se o produto pioneiro do extrativismo na região. Além da borracha, a árvore de mangabeira apresenta um fruto que é empregado como medicinal e na fabricação de doces, sorvetes, geleias e licores. Por esta ser uma árvore típica do cerrado brasileiro, no livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, encontramos a seguinte referência às mangabeiras:

“Em que afundamos num cerrado de mangabal, indo sem volvência, até perto de hora do almoço. Mas o terreno aumentava de soltado. E as árvores iam se baixando menorzinhas, arregaçavam saia no chão. De vir lá, só algum tatu, por mel e mangaba. Depois, se acabavam as mangabaranas e mangabeirinhas. Ali onde o campo largueia.” (ROSA, 1956 p.47)

O que chama muita atenção na obra de Guimarães Rosa é a forma como ele descreve as paisagens. Assim, quando cheguei a Barreiras e fui conhecendo a região, os rios, os pés de buritis, palmeiras de onde surgem as nascentes de água – as veredas –, constatei que aquelas paisagens descritas do sertão por onde andaram os personagens centrais dessa obra – Riobaldo e Diadorim – existem e são uma outra realidade, muito distinta do que vivi até então e só idealizara conforme descrições daquela narrativa.

Esse ciclo extrativista promoveu atração de trabalhadores rurais de outras regiões do estado, motivando um primeiro fluxo migratório para a região de Barreiras. Isso permitiu que a cidade fosse se desenvolvendo a partir da extração, do escoamento da produção e do comércio de mercadorias, que chegavam até a região conhecida como cais de Barreiras.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), esse látex era utilizado para a elaboração de artigos militares, o que levou à criação de um aeroporto nos anos de 1940.²⁴⁹ Com isso tiveram início voos regulares da companhia PANair do Brasil, o que possibilitou outra via de acesso a Barreiras, além do barco e do caminho das tropas, intensificando as relações comerciais na região. Naquela época, na cidade sempre havia pernoite de aviadores e turma de passageiros. Nossa depoente, professora Alzerita, refere-se a esse movimento propiciado pela aviação como o momento em que várias mercadorias começaram a chegar à cidade, como por exemplo, seda francesa e livros para que pudessem ser realizados clubes do livro. Outro produto que saía da cidade era a carne de charque, produzida pelo matadouro da Cia. Sertaneja, de propriedade de Geraldo Rocha, um dos pioneiros do desenvolvimento da região, pois, junto ao

²⁴⁹ Brandão (2010).

matadouro, funcionava uma pequena turbina que, em 1928, garantia luz elétrica para a cidade.

Até a década de 1940, estudar em Barreiras era possível somente até a 4ª série do primário.²⁵⁰ Continuidade nos estudos? Sobre isso é também a professora Alzerita quem narra sobre a necessidade de deslocamento para algumas capitais do país, como Salvador, Rio de Janeiro ou São Paulo. Isso se deve ao fato de ela ser a pessoa mais velha entre nossos depoentes, além de ter sido aluna da primeira escola que ofereceu o curso de ginásio em Barreiras, o Colégio Padre Vieira, a partir de 1949.

E foi do Rio de Janeiro que vieram muitos professores para lecionar no curso ginásial e posteriormente na Escola Normal e na Escola Técnica de Comércio, instituições particulares de ensino que começaram a funcionar nos anos 1950, após a conclusão da primeira turma do ginásio em 1952. Isso, segundo a professora Alzerita, por influência do professor José Seabra de Lemos, o fundador e primeiro diretor do Colégio Padre Vieira, que cursou Direito no Rio de Janeiro e retornou a Barreiras disposto a fundar uma escola que oferecesse o curso ginásial e, para isso, adquiriu a propriedade onde funcionava o aprendizado agrícola do Padre Vieira – cujo proprietário era o pároco Luis Manoel Vieira.²⁵¹ De início pensávamos que o nome da instituição era Padre Vieira em homenagem ao padre jesuíta Antônio Vieira, que viveu na Bahia durante o século XVII. Inclusive, o colégio jesuíta de Salvador chama-se Padre Vieira, mas a instituição barreirense tem esse nome em homenagem ao velho pároco da cidade. Destaca-se aqui que Barreiras já possuía um aeroporto e não possuía escola com curso ginásial. Esse fato dá indícios de que, desde aquela época, havia descompasso entre o desenvolvimento econômico e educacional.

O ingresso de estudantes no Ginásio Padre Vieira ocorre a partir de 1948, por meio do Exame de Admissão²⁵², do qual a professora Alzerita Gomes também

²⁵⁰ Pamplona (2002) conta que, no ano de 1927, foi instalada a primeira escola pública na cidade de Barreiras, o Grupo Escolar, chamado de Prédio Escolar pela população da época, pois o local reunia dois prédios que separavam os alunos por sexo. Em 1928, a instituição passou a ser denominada Grupo Escolar Doutor Costa Borges, nome dado em homenagem ao juiz de direito da cidade, falecido repentinamente. Nesse local, as professoras Ida Coité e Avany Porto cursaram o antigo curso primário, e a professora Alzerita Gomes iniciou sua carreira docente em 1959. Essa escola foi, durante muitos anos, a única escola pública da cidade. Havia outras escolas, estas particulares, como por exemplo, a escola de propriedade da professora Guiomar Porto e a escola Casinha Feliz, da professora Prsilina Carvalho, conforme as entrevistas das professoras Alzerita Gomes e Ida Coité, respectivamente.

²⁵¹ Pamplona (2002).

²⁵² Era o nome da prova realizada após a 4ª série do primário para ingresso no 1º ano do ginásio, considerada um pequeno vestibular; cobrava conteúdos de Português, Matemática e uma redação. Foi instituído em 1931 e extinto com a Lei nº 5.692/71, que criou o ensino de 1º grau com oito séries. O Exame de Admissão era considerado um divisor na escolarização dos brasileiros, pois muitos paravam de

participou como candidata, aliás, do primeiro exame que aconteceu em Barreiras. E é a professora quem narra que, nessa primeira turma do ginásio, havia pessoas com idade de 30, 40 anos de idade, que já trabalhavam. Dentre eles, inclusive, alguns já sabiam outras línguas como inglês e francês e eram considerados por ela como autodidatas, aos quais era difícil acompanhar nos estudos uma vez que ela tinha apenas 11 anos, isso em 1949, quando começou o 1º ano do curso ginasial.

Na década seguinte, as instituições Ginásio Padre Vieira, Escola Normal de Barreiras e a Escola Técnica de Comércio de Barreiras foram vendidas pelo professor Seabra a Antônio Balbino de Carvalho (1912-1992), que as agrupou na Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho (FECRC), nome este em homenagem a sua mãe.

As instituições que formaram a FECRC tiveram destaque na educação de Barreiras por mais de 40 anos. Além disso, a fundação esteve envolvida em uma série de disputas entre o poder público municipal e o sistema público de ensino. Conforme narrado pela professora Alzerita, a FECRC passou a ser administrada pelo Estado da Bahia durante o governo de Antônio Balbino (1955-1959), pois naquela época só havia na cidade duas escolas públicas, o Grupo Escolar Dr. Costa Borges e a Escola Robélia Pondé, que funcionava anexa ao Ginásio Padre Vieira. Isso porque a Lei Orgânica da Escola Normal de 1946 previa que junto à Escola Normal funcionasse uma instituição de ensino primário. Essa lei representou uma importante diretriz para a formação de professores nas Escolas Normais, pois consolidou o padrão de formação dessas instituições, mantendo e especificando os diferentes modelos que existiam nos estados da Federação²⁵³.

Ocorre que disputas políticas em nível estadual interferiram no funcionamento da FECRC. O governador que sucedeu Antônio Balbino – Juracy Magalhães –, que governou no período de 1959-1963, não aceitou essa relação e passou do estado para a Prefeitura de Barreiras a responsabilidade de manter a fundação, ocasionando uma série de contratemplos. Nesse contexto, identificamos três graves problemas que ocorriam: o

estudar ao final do primário. Assim, como havia poucas escolas que ofereciam o ginásio naquela época, tais escolas, que aplicavam o Exame de Admissão, eram consideradas de qualidade e de exigência superior a outras instituições. O fim do exame é considerado como o ponto de calamidade da escola pública brasileira, pois aumentou a quantidade de anos da educação básica, mas sem nenhuma diretriz curricular, que foi pensado a partir dos anos de 1990 com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nos trabalhos do GHOEM, esse tema aparece em Baraldi (2003); Martins (2003); Bernardes (2003, 2009); Galetti (2004); Gaertner (2004); Silva (2006); Sossolote (2007); Martins-Salandim (2007, 2012); Souza (2011); e em Fernandes (2011).

²⁵³ Saviani (2009).

primeiro era que a Prefeitura não cumpria uma série de obrigações com a fundação, nomeando constantemente apadrinhados políticos para a direção do Padre Vieira, pessoas estas muitas vezes sem nenhuma ligação com a educação, conforme nos contou a professora Alzerita; o segundo problema era que a escola não costumava pagar salário aos professores, devido ao não repasse de verbas da Prefeitura, fazendo com que os professores fossem conhecidos como “legião da boa-vontade” por trabalharem de graça, conforme nos contou a professora Avany; e o terceiro era a não emissão de diplomas da Escola Normal e da Escola Técnica de Comércio de Barreiras, pois para a Secretaria Estadual de Educação não existiam tais instituições, apenas o Ginásio Padre Vieira. Os registros, quando obtidos, deviam-se à interferência de deputados às vésperas de eleições, para agradar aos eleitores. Abordaremos esse assunto mais adiante, ao falarmos do fechamento da fundação.

A relação do Ginásio Padre Vieira com nossas depoentes é marcante, pois três delas foram alunas ali desde o ginásio até a Escola Normal: Alzerita, Ida Coité e Avany. Cinco foram professoras no ginásio: Alzerita, Ida Coité, Avany, Édula e Ana Maria Porto, sendo que Alzerita e Ida foram diretoras e vice, respectivamente, durante as décadas de 1980 e 1990.

Ao falar do período entre os anos 1950 e 1960 em nossa pesquisa, várias das entrevistadas citaram seus professores de Matemática. Dos que atuaram em Barreiras, foram citados os nomes de Marth Santos, Ieda Passos Lima, Coracy Silva, Alda Ramos e Vivaldo Cecílio da Mota. Sobre a formação desses professores, a professora Avany nos contou que Coracy Silva e Alda Ramos eram egressas da Escola Normal de Barreiras e que lecionaram no ginásio, mesmo tendo a formação somente da Escola Normal. O professor Vivaldo era engenheiro-chefe da Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), e esse órgão foi renomeado na década de 1970 como Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf). O professor-engenheiro foi uma figura importante quando estudamos a história da formação de professores de Matemática, pois vários professores dessa disciplina foram formados na Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia²⁵⁴, mesmo após a criação do curso de Matemática na Faculdade de Filosofia, em 1943. Sobre os professores Marth e Ieda, não sabemos qual era a respectiva formação, mas nossas depoentes contaram passagens

²⁵⁴ Dias, Freire, Lando (2012).

marcantes sobre eles, principalmente o incentivo que o professor Marth dava aos alunos que se destacavam na disciplina e o rigor da professora Ieda.

Apesar de estar localizada a uma distância de mais de 600 km de Barreiras, a criação de Brasília tem uma importante relação na história barreirense. A construção de uma capital no interior do Brasil era um projeto antigo desde os tempos do Império, previsto na primeira Constituição da República de 1891, mas isso só ocorreu no governo de JK²⁵⁵, a partir de 1957. Foi também no governo JK que houve incentivos à indústria automobilística, que fomentou a construção de estradas, e uma dessas rodovias passa por Barreiras, a BR-020 que liga Brasília a Fortaleza. Nesse cenário, a cidade de Barreiras passa a receber cerca de 1.400 famílias vindas de várias regiões do Nordeste, como frente de trabalho do DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra Secas). Com a conclusão da estrada e inauguração da capital em 1960, muitas famílias migraram para a nova capital, e algumas se estabeleceram em Barreiras. Entre essas famílias que foram para Brasília, os pais da professora Ana Maria Porto Nascimento fizeram esse caminho: saíram de Barreiras para a Capital Federal, onde a professora Ana Maria fez toda a sua formação escolar, desde os anos iniciais, passando pelo Magistério até chegar à universidade.

Figura 10: Mapa - Brasília e Barreiras



Fonte: http://cidadenewsitau.blogspot.com.br/2012_05_01_archive.html

Dentre as migrações que ocorreram após a transferência da capital, um fenômeno que entendemos como um “êxodo de professores” chamou muito nossa

²⁵⁵ Acrônimo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), que foi presidente entre 1956-1961.

atenção e teve impactos nas décadas seguintes. Até então, não fazíamos ideia da importância que teve a cidade de Barreiras naquela época, servindo como centro de formação dos professores para a nova capital. Esse êxodo é um fator importante para compreender o fenômeno recorrente nos depoimentos, que é o da carência de professores (de Matemática) na cidade, e que ainda persiste nos dias de hoje, mesmo com os cursos de Licenciatura. Foram citados nas entrevistas os docentes que migraram: os professores de Matemática Alda Ramos, Coracy Silva e Marth Santos, e Jézer Dias da Silva – professor de Português, desde o início do Ginásio Padre Vieira. Mais treze professores²⁵⁶ migraram, mas alguns não foram citados pelas entrevistadas.

Um dos motivos que ocasionou esse êxodo de professores foi a falta de pagamento por parte do governo. A professora Alzerita nos contou que os salários chegavam a atrasar até três anos e também que quem fazia esse pagamento era a Coletoria Federal, que tinha dinheiro apenas para pagar as pensionistas dos funcionários públicos. Esse foi um dos fatores que motivou a mudança da professora para São Paulo, em 1964. A professora Ida Coité relatou que chegou a passar treze meses sem receber e disse que quando recebia algum pagamento era apenas o de um mês. Em razão disso, em 1967 ela mudou para Brasília, onde permaneceu por nove anos. Os políticos daquela época chegaram, inclusive, a oferecer-lhe um cargo, na tentativa de demovê-la da ideia de mudar-se para Brasília.

A transferência da capital do país para Brasília foi o marco inicial de uma série de ações que, nas décadas seguintes, povoaram e procuraram desenvolver o interior do Brasil, e algumas dessas iniciativas envolveram Barreiras e região. Procurando concluir a ligação rodoviária entre Barreiras-Fortaleza, o Exército Brasileiro removeu, da cidade de Crateús-CE para Barreiras, o 4º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), em 1972.

A chegada do batalhão, a princípio, era para concluir o traçado da BR-020 e asphaltá-la no trecho Barreiras-Brasília. No entanto, as atitudes do comando do batalhão transmitiam a dúbia mensagem de que eles eram os mensageiros do progresso e, ao mesmo tempo, a linha dura da Revolução de 1964,²⁵⁷ pois naquela época estavam ocorrendo algumas lutas armadas no interior do Brasil, como por exemplo, a Guerrilha

²⁵⁶ Pamplona (2002) refere-se a Barreiras, em relação aos acontecimentos daquela época, como uma cidade-satélite de Brasília, por conta da relação existente entre as cidades que ficavam no entorno de Brasília, distantes cerca de 50 km do Plano Piloto. Como havia poucas cidades no entorno de Brasília, o autor considerou um raio com mais de 600 km para buscar uma cidade-satélite, que contribuiu para o povoamento do novo Distrito Federal.

²⁵⁷ Pamplona (2002).

do Araguaia.²⁵⁸ E, em 1971, o Capitão do Exército Carlos Lamarca, que havia desertado em 1969 e se juntado à Vanguarda Popular Revolucionária²⁵⁹ (VPR), foi morto na região de Brotas de Macaúbas, sertão da Bahia, cerca de 250 km de Barreiras. Essas ações por parte do Exército, além de marcar presença na região, que entrou em estagnação desde a inauguração de Brasília, consolidaram essa presença da instituição na área. Também dão sentido à mensagem que costumamos ver em campanhas de alistamento para o serviço militar obrigatório: “o Exército é o braço forte e mão amiga.”

A estrada Barreiras-Brasília atravessa grandes áreas do cerrado brasileiro que os barreirenses chamam de Gerais. A partir dos anos 1980, as grandes lavouras de soja, milho, algodão representavam grande parte da produção agrícola nacional e cerca de 80% da produção estadual²⁶⁰. Essa produtividade agrícola era resultado de alguns fatores, como o potencial irrigável em razão dos vários rios da região e dos incentivos governamentais a partir das ações do Prodecer²⁶¹, que formou cooperativas formadas principalmente por migrantes vindos do sul do Brasil — gaúchos e paranaenses especialmente. Foi nesse contexto que, em 1984, a família da professora Elena migrou para Barreiras, vinda do Rio Grande do Sul. Ela era formada professora primária no curso de Magistério, mas em razão da carência de professor para atuar no ensino de Matemática, ela acabou assumindo essa disciplina.

Com isso, vemos mais um movimento migratório, só que dessa vez atraindo pessoas para a região. À época, algumas pessoas que haviam migrado na década de 1960 começaram a retornar entre os anos 1970-1980. Esse é o caso da professoras Ida Coité, que regressou em 1976, da professora Alzerita, que retornou em 1985, e da professora Ana Maria, que voltou em 1989.

²⁵⁸ Foi uma guerrilha rural organizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que lutou às margens do Rio Araguaia, nas regiões do sul do Pará e do norte de Goiás, na **localidade** conhecida como Bico do Papagaio. Inicialmente, entre os anos 1970-1971, os guerrilheiros procuraram estabelecer uma ligação com os camponeses ensinando-lhes métodos de cultivo e cuidados com a saúde. Em 1972, o Exército descobriu o foco da guerrilha e iniciou os combates que duraram até 1975. Tudo isso não chegou ao conhecimento do grande público, pois a divulgação do assunto era proibida. Quando muito, corriam boatos desencontrados sobre uma tal guerrilha no Araguaia. (FAUSTO, 2012)

²⁵⁹ Movimento da guerrilha de resistência à ditadura civil-militar iniciada em 1964. A Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) surgiu em 1968 e defendia a luta armada, protagonizando uma série de ações de impacto, como assaltos, sequestros, roubo de armas e explosões de bombas. Lamarca, antes de se juntar à guerrilha, foi instrutor do Exército para situações de como reagir a um assalto. (MIRANDA e GERMANO, 2011)

²⁶⁰ Anuário Estatístico do Estado da Bahia (2012).

²⁶¹ Programa de Desenvolvimento do Cerrado - foi um programa de cooperação Brasil-Japão que procurou aumentar a produção de alimentos, soja principalmente, além de colaborar com o desenvolvimento regional dos lugares no interior do Brasil.

Entre as décadas de 1970-1980, foram instaladas outras duas instituições públicas que foram citadas pelas professoras entrevistadas: o Colégio Polivalente e a Escola Estadual Agrotécnica. No Colégio Professor Alexandre Leal Costa, conhecido como Polivalente, trabalharam as professoras Ida Coité, Avany Andrade Porto e Édula Fernandes Lima. Esse projeto foi implantado em diversas cidades da Bahia na década de 1970 e, de início, vieram professores de fora, estes com Licenciatura. O Polivalente era considerado uma escola com estrutura diferenciada, possuindo salas funcionais para as atividades, envolvendo artes industriais, marcenaria, e era uma escola muito procurada pelos pais, de acordo com a professora Ida Coité. Ela contou que muitos professores vieram formados de Salvador, mas que muitos deles fizeram concurso público para outros órgãos como, por exemplo, para a Secretaria da Fazenda; e assim acabaram investindo em outra carreira pública. Isso deixou a escola com carência de professores com formação, o que levou o Estado, em 1980, a oferecer um curso-concurso.

O curso-concurso, conforme depoimento da professora Ida Coité, foi uma iniciativa mais voltada para vincular professores à rede estadual do que para realizar uma política formativa. Foram ministradas aulas em Feira de Santana, intensivas, e realizada uma prova ao final do curso. Como foram aprovados poucos professores, conforme surgia a demanda, professores não aprovados foram chamados para atuar nas escolas. Ainda, naquele período, vimos que eram muito comuns essas iniciativas por parte de políticos, ou seja, nomear professores para o exercício do Magistério e para cargos de direção. Isso foi contado pela professora Elena Brentano, como o “Trem da Alegria”, uma analogia com o conjunto musical que fazia sucesso na década de 1980, associada a ideia de políticos empregarem grande quantidade funcionários nos quadros do funcionalismo público, sem concurso – prática muito comum até antes da Constituição Federal de 1988 e se repercute até os dias de hoje, pois o Estado da Bahia, nos últimos anos, promoveu apenas um concurso no ano de 2010.

Quanto à Escola Agrotécnica, a professora Ida Coité atuou ali como vice-diretora, mas não como professora porque somente professores de nível superior é que atuavam, conforme ela narrou. Os professores de Matemática dessa escola foram a professora Vilvandira e o professor Dagoberto, que é falecido. Sua nomeação para a vice-direção da escola, conforme ela contou, deu-se por meio de uma indicação do prefeito da época, Baltazarino de Araújo Andrade²⁶² que, inclusive, chegou a oferecer

²⁶² Prefeito de Barreiras em duas ocasiões, de 1973-1976 (nomeado) e de 1983-1988 (eleito).

um cargo à professora Ida antes de ela ir a Brasília, em 1967. Um fato que ela narrou com certa surpresa foi terem sido nomeados ela e mais um colega, ambos professores primários, como vice-diretores de uma escola de 2º grau — por intervenção de políticos. Assim, mais um exemplo das relações entre a politicagem regional e a educação.

Em 1981, chegou então o ensino superior à cidade e, conseqüentemente, à região. Primeiro com a instalação do Núcleo de Ensino Superior de Barreiras, criado pela Lei Estadual nº 85.718 de 1981, integrado ao Centro de Educação Técnica da Bahia (Ceteba), situado em Salvador, em consonância com o Parecer CEE/BA nº 1.260/1980, oferecendo o curso de Artes Práticas – Licenciatura com habilitações em Artes Industriais e Técnicas Agrícolas, sendo o último autorizado a funcionar em caráter experimental²⁶³. Como alunas desses cursos, tivemos as professoras Avany e Ida Coité respectivamente. A professora Ida contou que fez parte da primeira turma de faculdade de Barreiras que, naquela época, não era Uneb, mas Ceteba, e funcionava junto com a Escola Agrotécnica, onde hoje fica a Uneb. Sobre esses primeiros cursos, não sabemos com que finalidade foram implantados os cursos de Técnico Agrícola e Licenciatura em Artes Industriais eram duas áreas sem uma real necessidade para a cidade. Professor de Artes Industriais, por exemplo, só o Colégio Polivalente é que tinha infraestrutura e vagas para professor. Aliás, a professora Ida destacou que, na maioria das vezes, houve um descompasso entre os cursos oferecidos e as necessidades da região, ao se referir ao fato de ter funcionado durante anos o curso de Pedagogia e só recentemente ter chegado a Licenciatura em Matemática.

Entretanto, foi nesse descompasso que se deu a formação de professores na região, uma vez que uma parcela desses egressos dos cursos de Pedagogia e cursos técnicos foi atuar na educação básica como professores de Matemática. Esses cursos, seja como for, permitiram aos professores, cuja formação inicial era a dos cursos da Escola Normal (e de Magistério, a partir de 1971), o acesso à formação em nível superior.

O Núcleo de Ensino Superior de Barreiras transformou-se então em Centro de Ensino Superior de Barreiras (CESB) em 1985, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (Uneb), tornando-se assim o *campus* IX dessa universidade. Com isso, passou a oferecer os cursos de Licenciatura Curta²⁶⁴ em Letras e Estudos Sociais e, a partir de

²⁶³ <http://www.uneb.br/barreiras/dch/sobre/>. Acesso em: 25 nov. 2015.

²⁶⁴ A Licenciatura Curta era um tipo de curso para a formação de docentes que entrou em vigência com a Lei nº 5.692/71, que estabelecia a formação de professores para atuar no ensino de 1º grau. Tais cursos

1987, foi autorizado o funcionamento do curso de Licenciatura Plena²⁶⁵ em Pedagogia, com habilitação em Magistério das matérias pedagógicas do 2º grau. A primeira turma teve como aluna a professora Édula Fernandes Lima e, como docente, a professora Ana Maria Porto Nascimento, que foi contratada para ministrar a disciplina de Metodologia do Ensino da Matemática. Posteriormente, em 1991, foi criado o curso de Bacharelado em Ciências Contábeis, que ficou juntamente com Pedagogia como opções de curso superior em Barreiras pela Uneb. Pelo fato de na cidade existir uma Escola Técnica de Comércio e em razão de algumas escolas estaduais oferecerem curso Técnico de Contabilidade, como o Colégio Marcos Freire, onde a professora Elena trabalha, durante algum tempo foi comum na cidade ter contadores como professores de Matemática. Inclusive, segundo as professoras Elena e Ana Maria, existia um consenso de que ensinar Matemática no 2º grau era ensinar Contabilidade, Matemática Financeira e Estatística.

Em sua entrevista, a professora Ana Maria, quando atuou no ensino de 2º grau, contou que ela foi uma das primeiras a ensinar conteúdos de Matemática que faziam parte do currículo do 2º grau (Progressões, Matrizes, Análise Combinatória). Até então, era muito recorrente no 1º ano do antigo 2º grau os professores trabalharem com uma revisão dos conteúdos de 1º grau – o que é tradicionalmente chamado de Matemática básica e com funções polinomiais. As mudanças nesse cenário ocorreram a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, que estabelece parâmetros curriculares para a educação básica, o que fez com que os professores recebessem treinamento para trabalhar com os novos conteúdos. É importante destacarmos que isso era uma característica das escolas estaduais: oferecer formação técnica de 2º grau e deixar a formação de educação geral para a rede privada, pois persiste até os dias de hoje, na região, uma diminuição entre os indicadores do ensino fundamental para o ensino médio, conforme mostraremos na tabela a seguir.

tinham uma carga horária de aproximadamente 1.800 horas, que representa 60% da carga horária, em média, de um curso de Licenciatura Plena (entre 3.000 e 3.200 horas). A Licenciatura Curta representou um curso de caráter emergencial para formação de professores, principalmente no interior do Brasil, sendo muito recorrente nas áreas de Ciências e Matemática.

²⁶⁵ A Licenciatura Plena sucedeu, em 1968, os cursos até então oferecidos pelas Faculdades de Filosofia. A partir dessa nova denominação, a LDB de 1971 e alguns pareceres do Conselho Federal de Educação, da década de 1970, foram definindo esses cursos. Com o processo de interiorização do ensino superior, foram surgindo cursos de Licenciatura Plena em substituição aos cursos de Licenciatura Curta. Entretanto, destacamos que, no Estado de São Paulo, as Licenciaturas Curtas ocorreram paralelamente aos cursos de Licenciatura Plena.

Tabela 1: Dados sobre escolas, matrículas e quantidade de professores na região de Barreiras

	Ensino fundamental	Ensino médio
Número de estabelecimentos de ensino	648	49
Número de matrículas no início de cada etapa	72.954	21.374
Número de docentes	4.049	883

Fonte: Anuário Estatístico da Bahia (2012).

Os números e os depoimentos nos permitem concluir que há um descompasso também entre os níveis de ensino. Ainda, segundo o Anuário Estatístico da Bahia (BAHIA, 2012), dados apenas dos municípios de Barreiras e Luís Eduardo mostram que todos os professores que atuam nessas localidades têm formação em nível superior.

Com o passar dos anos, foram criados na Uneb os cursos de Licenciatura em Letras (1997), Engenharia Agrônômica (1998), Licenciatura em Ciências Biológicas e Matemática (2004), porém o funcionamento do curso de Matemática foi posterior à data do parecer que o aprovara, tendo início suas atividades, segundo a professora Elena, em abril de 2006.

Ao mesmo tempo, quando o ensino superior iniciava timidamente com o curso de Pedagogia, o Colégio Padre Vieira correu riscos de ser fechado, justamente pelo fato de não ter um professor licenciado para assumir a direção. Então, naquele momento essa tarefa coube à professora Alzerita, que contou detalhadamente os acontecimentos que quase levaram ao fechamento dessa tradicional escola de Barreiras. A professora Alzerita foi diretora do Colégio por um período de 13 anos, de 1988 até 2001, ano em que a FECRC foi extinta. Em seu lugar foi construída uma nova escola municipal de ensino fundamental com o nome de Padre Vieira, em outro espaço, onde atualmente a professora Édula Fernandes atua.

A questão de espaço do Colégio Padre Vieira, ao longo dessas idas e vindas, ora particular, ora do Estado, ora da Prefeitura, fez com que o terreno original fosse cedido a outras instituições como, por exemplo: a Codevasf, cuja atual sede administrativa, segundo a professora Alzerita, era a residência do professor Seabra; e o CEFET-BA (atual IFBA- *campus* Barreiras), que também ocupa uma área que outrora pertenceu ao Padre Vieira. Problemas com a escritura do terreno fizeram com que a instituição começasse a funcionar somente em setembro de 1994.

A primeira Unidade de Ensino Descentralizada (UnED) do CEFET-BA oferece os cursos da modalidade 2º grau técnico em Edificações e Eletromecânica. Para provimento dos cargos, foi realizado concurso público o qual a professora Maria Perpétua, que chegou à cidade em 1993, prestou para seu ingresso na instituição. Naquela época do concurso, ficou evidente a falta de professores licenciados na cidade, tanto é que houve um concurso inicial em que não teve candidatos aprovados e, conforme nos contou a professora Perpétua, apesar da insistência dos familiares para que prestasse o exame, ela declinou do primeiro concurso. Diante do não preenchimento das vagas, foi realizado um segundo concurso o qual ela realizou, sendo aprovada.

A instalação do CEFET-BA em Barreiras representou a chegada da primeira instituição pública federal e trouxe formação técnica em outras áreas além de Agricultura, Magistério, Comércio e Contabilidade que havia nas outras instituições de ensino técnico na cidade. Os primeiros cursos da UnED foram Edificações e Eletromecânica. Gradativamente a UnED Barreiras passou a oferecer cursos em outras modalidades de ensino, principalmente a partir do Decreto nº 2.208/1997, que acabou com a educação profissional de 2º grau. A educação profissional deveria ser ensinada após o *ensino médio*, a nova denominação para o 2º grau, a partir da Lei nº 9.394/1996, que instituiu novas diretrizes e bases para a educação brasileira. É importante destacarmos que a LDB e o decreto promoveram uma ruptura no modelo de educação profissional de 2º grau que vinha sendo praticado desde os anos 1970, pois não havia um consenso de como a educação profissional se articulava ao ensino médio e, para isso, houve uma desestruturação do sistema já existente²⁶⁶. Tendo em vista que a educação profissional não foi detalhada na Lei nº 5.692/1971, dez anos após a edição daquela LDB é que a educação técnica de 2º grau teve seus propósitos detalhados com a Lei nº 7.044/1982.

A partir de 1998, foram oferecidos os cursos técnicos na modalidade subsequente ao ensino médio em Turismo (extinto em 2003), Eletrotécnica, Edificações, Enfermagem, Alimentos e Bebidas, e o ensino médio na modalidade Educação Geral Propedêutico (extinto em 2008). Com os Decretos nº 5.154/2004²⁶⁷ e nº 5.478/2005²⁶⁸, a partir de 2006 o IFBA reorganiza suas modalidades de ensino, implantando o ensino

²⁶⁶ PACHECO; PEREIRA E SOBRINHO (2010). Ao pesquisar sobre essa temática, os textos fazem referência à obra *Educação Profissional no Brasil*, de Sílvia Maria Manfredi (2002).

²⁶⁷ Tal decreto revogou o de nº 2.208/1997, que extinguiu a educação profissional de 2º grau, criando a modalidade de educação profissional integrada ao ensino médio.

²⁶⁸ Instituiu a Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

médio técnico-integrado, cursos de Edificações, Alimentos e Bebidas, Informática, reativando o curso de Eletromecânica, oferecendo-o na modalidade PROEJA. O curso de Licenciatura em Matemática foi aprovado em 2004, mas só começou a funcionar no 2º semestre de 2008, dentro da 1ª fase da expansão da educação profissional e tecnológica, que teve início em 2006 e que levou à transformação de várias unidades dos CEFETs e EAFs²⁶⁹ em Institutos Federais pela Lei nº 11.892/2008, e a UnED ?Barreiras transformou-se no *campus* Barreiras do IFBA.

Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e *multicampi*, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas nos termos dessa lei. Como princípio, em sua proposta político-pedagógica os Institutos Federais deverão ofertar educação básica, principalmente em cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; cursos superiores de tecnologia, licenciatura e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias, bem como programas de pós-graduação, *lato* e *stricto sensu*, sem deixar de assegurar a formação inicial e continuada do trabalhador e dos futuros trabalhadores.²⁷⁰

Com a expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, as quatro UnEDs e a Sede do CEFET-BA tornaram-se 21 *campi* do IFBA: Salvador, Barreiras, Vitória da Conquista, Eunápolis, Valença, Porto Seguro, Simões Filho, Camaçari, Paulo Afonso, Ilhéus, Jequié, Feira de Santana, Jacobina, Seabra, Irecê e quatro núcleos avançados em Brumado, também Juazeiro, Euclides da Cunha e Ubaitaba, que atualmente estão em processo de se tornarem *campi*. A Licenciatura em Matemática é também oferecida nos *campi* de Eunápolis (desde 2005), Valença (desde 2010), Salvador (desde 2011) e Camaçari (desde 2012).

Em 2006, ocorreu na cidade a instalação do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (ICADS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como uma das ações do plano de expansão e interiorização das universidades

²⁶⁹ Escola Agrotécnica Federal. No Estado da Bahia as UnEDs do CEFET-BA (Barreiras, Eunápolis, Vitória da Conquista e Valença) e sede de Salvador formaram o IFBA enquanto as Escolas Agrotécnicas Federais de Guanambi, Catu, Senhor do Bonfim e Santa Inês e as Escolas Médias de Agricultura da Região Cacaueira (Emarc) das cidades de Uruçuca, Itapetinga, Teixeira de Freitas e Valença formaram o IF Baiano.

²⁷⁰ Brasil (2008).

federais,²⁷¹ oferecendo inicialmente os cursos de graduação em: Administração, Ciências Biológicas, Engenharia Sanitária e Ambiental, Geografia, Geologia e Química. Posteriormente, foram oferecidos os cursos de Engenharia Civil, Física, Matemática, História e os Bacharelados Interdisciplinares em Ciência e Tecnologia e em Humanidades.

A reforma do ensino superior no Brasil é um movimento que vem ocorrendo em doses homeopáticas desde o início da Nova República – período que sucedeu ao Regime Militar (1964-1985) e que vigora até o presente momento. Efetivamente, essas políticas começaram nos governos FHC (Fernando Henrique Cardoso) (1995-2002) e tiveram continuidade nos governos Lula (2003-2010) e Dilma (2011-2016)²⁷² com pequenas diferenças. Durante o primeiro período ocorreu uma expansão de instituições privadas de ensino superior. É nessa época que surgiram a Unyhana, em 1997, e a Faculdade São Francisco de Barreiras (FASB) fundada em 2001, instituições onde atuaram as professoras Ana Maria, Elena e Maria Perpétua. Os momentos subsequentes foram marcados pela expansão do ensino superior público, principalmente a partir do Decreto nº 6.096/2007, que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que tem por objetivo criar uma nova cultura universitária no Brasil, afinada com as exigências da nova sociedade do século XXI²⁷³.

Nesse contexto, é importante analisarmos historicamente o papel desempenhado pelas universidades federais no Brasil. Ao longo do século XX, a universidade federal, na maioria dos estados da Federação, apresentava *campi* apenas nas capitais. Exceto em Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que têm várias instituições em cidades do interior, e no Estado de São Paulo que, diferente dos outros estados, teve sua universidade federal na cidade de São Carlos. Em geral, o ensino superior no interior ficava restrito às universidades estaduais ou aos CEFETs. Como exemplo dessa situação, destacamos o trabalho de Fernandes (2011), que aborda a formação de professores do Maranhão, onde é colocado o papel das três instituições públicas: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e CEFET-MA, para a formação de professores naquele estado entre as décadas de 1980 e 1990. É importante

²⁷¹ <<http://www.icads.ufba.br/icads>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

²⁷² A presidenta Dilma Rousseff sofreu processo de impeachment no ano de 2016, sendo julgada pelo Senado e afastada definitivamente do cargo em 31 de agosto de 2016. Em seu lugar assume Michel Temer, vice-presidente eleito na chapa presidencial de 2014.

²⁷³ Leda (2007).

destacarmos que, no segundo e terceiro períodos, o ensino superior privado continuou expandindo-se, principalmente a partir da criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI) em 2005. Tal programa prevê, por meio de bolsas parciais ou integrais, o preenchimento de vagas nas Instituições Privadas de Ensino Superior (IPES), aumentando o número de alunos no ensino superior de modo a cumprir a meta de matrículas para tal modalidade, conforme previsto no Plano Nacional de Educação de 2001²⁷⁴.

Nesse cenário de expansão e interiorização do ensino superior no Brasil, em 2007 foi criada a proposta de desmembramento do *campus* do ICADS, sendo aprovada por unanimidade pela Congregação do Instituto e por aclamação pelos Conselhos Superiores da UFBA. O projeto visava contribuir com o desenvolvimento econômico e, principalmente, oportunizar aos moradores da região oeste da Bahia o ingresso em uma universidade pública. O fato é que um estado com as dimensões territoriais que tem a Bahia, até então tinha apenas duas universidades federais e ambas distantes, o que dificultava o acesso dos jovens da região. O projeto foi entregue ao Ministério da Educação e Cultura para encaminhamentos²⁷⁵, o que resultou na criação da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) em 2013. A reitoria, sediada em Barreiras, e os *campi* nos municípios de Luís Eduardo Magalhães, Barra, Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória ampliaram a oferta de cursos superiores em toda a região oeste da Bahia, mas com a formação de professores ainda centrada no município de Barreiras, que mantém os cursos de Matemática, Física, Biologia, Geografia e História. Nos demais *campi* são oferecidos cursos mais direcionados à área de tecnologia e, como tais cursos têm menos de uma década, a medida desses impactos deverá ser estudada futuramente.

Assim, contamos uma história sobre Barreiras e região, tendo como problematização a história das instituições de ensino, que foram responsáveis pela formação dos professores. Também destacamos o fato de que coube às instituições técnicas o papel de formar docentes quando não havia cursos de Licenciatura Plena na região.

²⁷⁴ Leda (2007)

²⁷⁵ <http://www.ufob.edu.br/index.php/a-ufob/instituicao/2014-08-08-14-44-48>. Acesso em 28.nov.2015.

5.2 Escola Normal, Magistério, Ensino Técnico, Ensino Superior e os caminhos de uma história da formação dos professores na região de Barreiras

As entrevistas deram indícios de que os cursos da Escola Normal e Magistério foram importantes para a formação de professores em Barreiras antes da implantação de cursos de Licenciatura, o que ocorreu a partir de 2005. Nesse cenário, identificamos o papel inicial da Escola Normal de Barreiras por mais de 40 anos e do curso de Magistério do Colégio Estadual Antônio Geraldo até o ano 2000 e que, entre 2001 e 2014 também ofereceu o curso de Ensino Médio e Formação de Professores²⁷⁶. Além disso, outro detalhe que chama atenção é que foram entrevistadas apenas mulheres. Ocorre que, devido à formação dos professores na região ter permanecido ligada, durante anos, à Escola Normal, encontramos referências ao papel desempenhado pelas mulheres nessa modalidade de formação ao longo da história da educação brasileira, o que discutiremos mais adiante. A Escola Normal de Barreiras foi o local onde estudaram três de nossas entrevistadas e na qual cinco delas também chegaram a atuar como docentes. Pelas menções que são feitas a essa instituição, percebemos o seu papel no cenário educacional da região até a chegada de outras instituições, sendo que as de ensino superior chegaram somente no início da década 1980, com os cursos de Artes Práticas: Industriais e Técnicas Agrícolas e, posteriormente, o curso de Pedagogia, a partir de 1987. No Colégio Antônio Geraldo, os cursos relacionados ao Magistério tiveram a depoente Édula Fernandes como professora de Matemática até o ano de 2010.

Nessa perspectiva, pensamos em escrever sobre a história da formação de professores no Brasil a partir das Escolas Normais e assim entendermos algumas questões que foram disparadas nas entrevistas, tais como: a regionalização do Ensino Normal; o papel da mulher nessa modalidade de ensino; aspectos da valorização/desvalorização financeira da profissão; e o fato de que os cursos de Licenciatura não extinguiram a carência de professores de Matemática na região.

Para compreendermos tal aspecto, buscamos na literatura acadêmica trabalhos sobre a historiografia da Escola Normal no Brasil e na Bahia, onde encontramos os seguintes autores: Tanuri (2000), Cruz (2004), Rocha, L.(2008), Saviani (2007, 2009), Schaffrath (2008), Lemos (2011), Souza, L. (2012), Garnica (2010, 2012) e Martins-

²⁷⁶ O art.62 da LDB admite como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, 1996)

Salandim (2012). Tais autores serviram então de suporte para a escrita de nossa narrativa sobre a formação dos professores em Barreiras.

A falta de professores habilitados na Licenciatura não foi uma característica exclusiva da Matemática. Na revista *Documenta*,²⁷⁷ encontramos na edição 264, de novembro de 1982, o parecer que autoriza o funcionamento dos cursos de Licenciatura de 1º Grau em Letras, em Estudos Sociais e em Artes Práticas, fora de sede, nos municípios de Barreiras, Paulo Afonso e Teixeira de Freitas. No parecer é focalizada “a precária situação dos quadros docentes das últimas séries do ensino de 1º grau nos municípios que pretendem oferecer o curso, o que pode ser apreciado na tabela na página a seguir:”

TABELA 2
Rede Estadual
Número de Docentes Contratados
Segundo Formação Detectada (1979)

Localização	Total	
	Geral	Sem Licenciatura
Barreiras	49	47
Teixeira de Freitas	128	109
Paulo Afonso	96	84
Total	273	240

Fonte: *Documenta*, 264 nov. 1982, p.24

O cenário exposto pelos dados acima se refere a todas as disciplinas e considera somente até o ensino de 1º grau. Com o aumento da população, que ocorreu no período de 1970-2000, sentiu-se a necessidade de mais escolas e a demanda por cursos de 2º grau. Isso porque, conforme o depoimento da professora Édula Fernandes Lima, a cidade não cresceu, mas inchou — a população passou de cerca de 9 mil habitantes para mais de 130 mil, em um período de três décadas.²⁷⁸ A professora Alzerita Gomes também contou que, em 1985, ensinou Matemática nas escolas particulares Monteiro Lobato e Antares e, que a cada ano, ia abrindo uma nova série, partindo da 5ª série até

²⁷⁷ A revista *Documenta* é uma publicação do Conselho Federal de Educação, na qual são publicados tanto resoluções do referido Conselho sobre criação, estruturação e reconhecimento de instituições e cursos superiores quanto diferentes pareceres e debates sobre o processo que precedeu tais resoluções, ou sobre outros temas relativos à educação brasileira. (MARTINS-SALANDIM, 2012)

²⁷⁸ Brandão (2010).

chegar a 8ª série do 1º grau. Disse que chegou a ensinar Física no Colégio Padre Vieira, tendo em vista que ela fez o curso de Licenciatura em Matemática na Faculdade 9 de julho (atualmente denominada Universidade Nove de Julho - Uninove) em São Paulo, entre os anos de 1972-1974.

Em relação aos professores de Matemática, tivemos o seguinte cenário: logo após a inauguração de Brasília, na década de 1960, muitos professores foram embora e, nessa leva, estavam os professores de Matemática Marth Santos, Coracy Silva e Alda Ramos. A professora Avany Porto contou então que, depois desse êxodo, já em seguida do início de sua carreira, ela recebeu um convite do diretor do Colégio Padre Vieira, que na época era o professor Folk Rocha, para lecionar a disciplina de História. Porém, como havia falta de professor de Matemática, ela acabou ensinando essa disciplina para as turmas de 1º grau. Já a professora Édula Fernandes narrou sobre o início de sua docência no Colégio Padre Vieira, nos anos 1970. Lá atuou como professora de Ciências e Matemática e disse que começou ensinando Matemática para a 6ª série; e a cada ano ia assumindo a série sucessiva, pois havia falta de professor na disciplina. Nota-se que, naquela época, à medida que novas turmas iam surgindo, os professores novos deveriam assumir as turmas das séries mais avançadas, pois havia uma política de que a vaga era para o mais experiente ou, primeiramente, do graduado na área. Como havia pouquíssimos graduados, inclusive na área, a vaga era preenchida pelo professor com maior tempo de serviço, conforme nos contou a professora Elena Brentano.

Como todas as entrevistadas são egressas do Magistério, isso nos leva a pensar sobre o papel desse curso na formação de professores de Matemática. Principalmente quando estudamos como ocorreu esse processo em regiões no interior do Brasil, onde as oportunidades de cursos formativos foram totalmente diferentes e desiguais daquelas oferecidas nos cursos de capitais. No Brasil, na verdade, a formação dos professores que ensinaram Matemática é caracterizada pela igualdade de exigências em condições desiguais²⁷⁹.

O aspecto da regionalização da Escola Normal chama muito nossa atenção a partir do depoimento da professora Alzerita Gomes, que nos contou que, ao chegar a São Paulo, em 1965, viu que seu diploma do curso da Escola Normal de Barreiras não valia para o Estado de São Paulo. Ela também apontou que o curso da Escola Normal de

²⁷⁹ Garnica (2010).

Barreiras era diferente do curso oferecido em Barra, no Educandário Santa Eufrásia, que oferecia a Escola Normal após a conclusão do primário²⁸⁰.

Os modelos de formação de professores no Brasil tiveram forte influência da França, que foi o primeiro país europeu a propor, em seu sistema educacional, diretrizes e normas para a formação de professores em uma instituição que ficou conhecida como Escola Normal²⁸¹. No Brasil, a primeira Escola Normal foi criada na corte (Rio de Janeiro), em 1835, e na Bahia, a Lei n. 37, de 14 de abril de 1836, criou a Escola Normal em Salvador; no entanto, o seu funcionamento começou apenas em 1842, por duas razões apresentadas por Rocha (2008). A primeira delas foi a falta de instalações físicas adequadas, um dos principais fatores para que a instrução pública não avançasse nos primeiros anos do Império Brasileiro; e o outro fator apontado pela autora foi que, naquele período, ocorreram duas revoltas populares na Bahia: A Revolta dos Malês²⁸² (1835) e a Revolta da Sabinada²⁸³ (1837/1838), sendo que a última, por envolver professores entre seus líderes, fez com que a formação de professores não fosse uma das prioridades do governo provincial naquele momento. É nesse período da História do Brasil que identificamos a característica da regionalização da Escola Normal, pois conforme previsto no Ato Adicional de 1834,²⁸⁴ as províncias tinham autonomia para regulamentar o sistema de ensino. Outro fator que destacamos era a falta de interesse da

²⁸⁰ Um estudo específico sobre esses cursos não foi aqui realizado, mas poderá ser tema específico em pesquisas futuras.

²⁸¹ Schaffrath (2008).

²⁸² A Revolta dos Malês foi um levante ocorrido em 1835 na cidade de Salvador-BA por escravos africanos islamizados, da etnia nagô, conhecidos por *imalês*. Tais escravos, por professarem a fé islâmica, eram alfabetizados (uma das premissas dessa religião é saber ler o Alcorão, considerado livro sagrado dos muçulmanos) e com isso eram requisitados nos serviços urbanos (como pedreiros, remadores, sapateiros, alfaiates) e eram considerados mais valiosos em relação a outros escravos. Segundo Reis (2003), pouco se sabe sobre quais eram os objetivos dos rebeldes, mas há indícios de que eles pretendiam fundar uma república islâmica em Salvador. Durante os conflitos, cerca de 70 rebeldes foram mortos e muitos foram presos, açoitados, deportados para a África e quatro dos líderes foram executados em maio de 1835. Tal tema é pouco explorado no ensino da História do Brasil; por exemplo, Boris Fausto, ao falar sobre as revoltas ocorridas no período regencial na sua obra *História do Brasil*, fala brevemente sobre revoltas de escravos, sem nominá-las e sem contextualizá-las. Acredito que a pouca abordagem ao tema seja um alijamento à memória do negro na historiografia brasileira.

²⁸³ A Revolta da Sabinada recebeu esse nome por causa de seu líder, o jornalista e professor da Escola Bahiana de Medicina, Francisco Sabino Vieira. Tal movimento tinha ideias federalistas e republicanas. Como não conseguiram avançar até a região do recôncavo, ficaram sitiados em Salvador; houve confrontos corpo a corpo que deixaram cerca de 1.800 mortos (Fausto, 2012). Porém, há um paralelo interessante entre as duas revoltas. A Revolta dos Malês pretendia libertar os escravos nascidos na África, já a Sabinada defendia a liberdade para os escravos brasileiros, mantendo os nascidos na África na mesma condição.

²⁸⁴ Documento do Período Regencial (1831-1840) que propôs alterações e adições à Constituição de 1824. Uma das reivindicações das províncias foi atendida, a questão de maior autonomia, e uma das atribuições era legislar “sobre a instrução pública e estabelecimentos próprios e promovê-la” (art. 10, item 2) para organizar seu sistema de ensino, o que incluía também organizar a sua Escola Normal.

população pela profissão docente, acarretada pelos míseros salários financeiros que o magistério primário oferecia e pelo pouco apreço de que gozava, a julgar pelos depoimentos da época. Acrescenta-se ainda a ausência de compreensão acerca da necessidade de formação específica para docentes de primeiras letras. Tais fatores, ao mesmo tempo causas e consequências do insucesso das primeiras Escolas Normais, refletiam o estado pouco animador da instrução pública provincial. A sociedade de economia agrária e dependente do trabalho escravo não apresentava condições capazes de exigir maior desenvolvimento da educação escolar,²⁸⁵ pois os escravos – que formavam uma parcela significativa da população –, a cada reforma educacional, estavam proibidos de frequentar qualquer tipo de escola.

Uma mudança no cenário das Escolas Normais começou com a troca do regime de governo, ao passar de Império para República. A partir da década de 1870, algumas províncias começaram a reformular os sistemas de ensino e passaram a admitir a presença de mulheres nos cursos da Escola Normal, mesmo que a princípio com um currículo diferenciado. No Estado da Bahia, essas reformas ocorreram em 1881 e são conhecidas como reforma Bulcão.²⁸⁶ Nesse texto são estabelecidas as diretrizes sobre os conteúdos da Escola Normal para os concursos que deveriam ser realizados para a contratação de docentes. Nele também é abordada a questão da remuneração dos professores, pois o fato de não haver rigor nas provas para estes cargos, fazia com que os docentes tivessem a pior remuneração entre os funcionários públicos. Com essas iniciativas, verificou-se que a Escola Normal da Bahia diplomou 50 professores, 17 homens e 33 mulheres. O número de diplomados deixa bem clara a predominância da mulher na atividade de magistério²⁸⁷.

Essa concepção de que a mulher deveria estudar na Escola Normal, nós a observamos na entrevista com a professora Maria Perpétua. Ela contou que sua tia achava que menina não deveria estudar na Escola Técnica Federal da Bahia, mas sim fazer curso de Magistério. Além de entrevistarmos sete professoras, notamos que, sempre que elas referiam-se a outros professores, havia uma predominância de mulheres, isso devido à formação nos cursos da Escola Normal e, posteriormente, do Magistério.

²⁸⁵ (TANURI, p.65, 2000)

²⁸⁶ Nome dado à reforma educacional feita pelo presidente da Província da Bahia, Antônio de Araújo de Aragão Bulcão, que governou a Província da Bahia de 1879 a 1881.

²⁸⁷ ROCHA (2008)

A predominância da mulher no exercício do magistério primário foi uma característica que começou a afirmar-se no final do século XIX e se estendeu ao longo do século XX. Para Tanuri (2000), os pensadores e políticos brasileiros daquela época tinham a ideia de que a educação da infância deveria ser atribuída à mulher, pois se acreditava que isso seria um prolongamento do papel da mãe, daquela que começava o processo da educação em casa. Além disso, o magistério era considerado como a única profissão que também estava compatível com as funções domésticas que as mulheres da época exerciam.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, os Grupos Escolares e Escolas Normais foram criados em várias localidades, mas a organização dessas instituições continuava a cargo dos estados, com ausência do governo federal. Muitas dessas escolas acabaram seguindo o modelo de São Paulo, que se convertera no principal polo político-econômico do Brasil. O modelo paulista foi marcado pelo enriquecimento dos conteúdos curriculares e ênfase nas práticas de ensino, com a criação de uma escola-modelo anexa à Escola Normal.²⁸⁸

Somente com a Lei Orgânica do Ensino Normal, instituída pelo Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, é que começaram a ser estabelecidos vários pontos que marcaram a formação de professores a partir daquele momento, principalmente por incorporar ideias pedagógicas do movimento escolanovista²⁸⁹. No art. 2º do decreto-lei, ficou estabelecido que o ensino normal seria ministrado em dois ciclos: o primeiro, em quatro anos, daria o curso de regentes de ensino primário; e o segundo, o curso de formação de professores primários, em três anos. No art. 4º estavam definidos os tipos de estabelecimentos de ensino normal: o curso normal regional, a escola normal e o instituto de educação. O curso normal regional era um estabelecimento destinado a ministrar tão somente o primeiro ciclo de ensino normal. A escola normal regional previa duas características organizacionais, a depender da região onde fosse instalada. A primeira delas estabelecia que, em áreas de colonização, houvesse o ensino da língua de

²⁸⁸ Saviani (2009).

²⁸⁹ A Escola Nova ou Escola Ativa é um movimento que surge no final do século XIX e começo do século XX. Propõe uma ruptura com o método tradicional de ensino centrado no professor. No escolanovismo, o centro da aprendizagem está no aluno e nas metodologias de ensino – presentes em livros didáticos escritos em forma de cartilhas e manuais escolares. Além disso, a Escola Nova contém contribuições iniciais da psicologia, biologia e fisiologia ao processo de ensino-aprendizagem das crianças. No Brasil, as influências dessas ideias estão presentes nas reformas ocorridas nos Grupos Escolares, a partir da década de 1920, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, e nas Leis Orgânicas da Educação, redigidas durante a Era Vargas (1930-1945) (SOUZA, GARNICA, 2012).

origem dos colonos; e a segunda dizia respeito a uma previsão de criar uma escola normal rural.

Sobre as escolas em área de colonização, temos como exemplo a tese de Gaertner (2004), que estudou as escolas alemãs na região de Blumenau-SC, mas essas instituições já promoviam o ensino da língua alemã desde o final do século XIX, muito antes da publicação do decreto. Em Martins (2003),²⁹⁰ encontramos uma referência a essa regionalização: o professor ruralista, que era formado para atuar apenas na zona rural. Esses docentes foram formados na única escola que oferecia o curso Normal com essa especificidade: a Escola Normal Rural de Piracicaba.

O art. 6º do decreto-lei previa a articulação entre o ensino normal e as outras modalidades de ensino em que:

1. O curso de regentes de ensino estará articulado com o curso primário.
2. O curso de formação geral de professores primários, com o curso ginasial.
3. Aos alunos que concluírem o segundo ciclo de ensino normal será assegurado o direito de ingresso em cursos da faculdade de filosofia, ressalvadas, em cada caso, as exigências peculiares à matrícula. (BRASIL, 1946)

No caso da Escola Normal de Barreiras, criada na década de 1950, esta atendia ao item 2, um curso de formação subsequente ao ginásio. Tanto é que todas as professoras entrevistadas fizeram a formação Normal (a depender da época, curso de Magistério).

O Art. 8º especificava sobre o currículo do curso de formação de professores primários que se fazia em três séries anuais, compreendendo, pelo menos, as seguintes disciplinas, conforme a tabela a seguir.

²⁹⁰ Entrevista de João Dorival de Carvalho, presente no trabalho *Resgate Histórico da Formação e Atuação de professores da Escola Rural: um estudo do oeste paulista*. (Martins, 2003)

Tabela 3: Currículo da Escola Normal recomendado pela Lei Orgânica e Currículo da Escola Normal de Barreiras

Série	Art. 8º da Lei Orgânica da Escola Normal	Escola Normal de Barreiras
1ª Série	Português/Matemática/ Física e Química/ Anatomia e Fisiologia Humanas/ Música e Canto/ Desenho e Artes Aplicadas/ Educação Física, Recreação e Jogos.	Português/Inglês/ Matemática/ Física/ Química/Biologia / Psicologia/ Canto/ Desenho / Educação Física
2ª Série	Biologia Educacional / Psicologia Educacional/ Higiene e Educação Sanitária/ Metodologia do Ensino Primário/ Desenho e Artes Aplicadas/Música e Canto/ Educação Física, Recreação e Jogos	Português/ Psicologia/ Desenho/ Educação Física/ Estatística/ Metodologia/ Pedagogia/ Educação Sanitária/ Sociologia
3ª Série	Psicologia educacional/ Sociologia Educacional/ História e Filosofia da Educação/ Higiene e Puericultura/ Metodologia do Ensino Primário/ Desenho e Artes Aplicadas/ Música e Canto/Prática do Ensino/ Educação Física, Recreação e Jogos	Psicologia/ Canto/ Metodologia/ Pedagogia/ Sociologia/ Higiene e Puericultura.

Fonte: Lei Orgânica do Ensino Normal (1946) e Currículo da Escola Normal de Barreiras (Anexo 2).

Comparando os dois currículos, o da Escola Normal de Barreiras e o proposto pela Lei Orgânica da Escola Normal, destacamos que o da Escola Normal de Barreiras apresentava Psicologia nas três séries e algumas disciplinas como Português, Sociologia, Canto e Desenho em duas séries. Já o art. 8º da Lei Orgânica previa uma série para cada conteúdo. Quanto à Matemática, havia a componente curricular Estatística na 2ª série. Acreditamos que pelo fato de, na mesma época, ter começado a funcionar a escola técnica de comércio, e essas aulas de Estatística fizeram parte dos currículos dos cursos técnicos até a década de 1990. As ciências naturais, Física, Química e Biologia, apareciam cada uma como uma componente curricular. No entanto, não observamos as componentes de Anatomia e Fisiologia, História e Filosofia da Educação e Biologia Educacional no currículo da Escola Normal de Barreiras.

O art. 47 determinava a obrigatoriedade dos estabelecimentos de ensino normal de manter escolas primárias anexas para demonstração e prática de ensino. A Escola Normal de Barreiras mantinha como instituição anexa a Escola Primária Robélia Pondé

e o Ginásio Padre Vieira, que fazia parte da mesma mantenedora da Escola Normal, a Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho.

Por fim, o art. 49 determinava quatro preceitos em relação ao corpo docente:

1. Os professores deveriam receber formação, em cursos apropriados, em regra de ensino superior;
2. O concurso para provimento dos cargos efetivos;
3. Registro no Ministério da Educação e Saúde e
4. Aos professores do ensino normal será assegurada remuneração condigna. (BRASIL, 1946)

Em relação a essas recomendações, a formação dos professores em Barreiras cumpriu bem os preceitos 2 e 3, pois todas as nossas depoentes ingressaram no magistério via concurso e todas faziam a inspeção de saúde; no caso, os professores iam até Salvador para realizar os exames, conforme narrou a professora Ida Coité. O registro no Ministério da Educação gerava uma carteirinha, que consistia em uma autorização provisória para trabalhar como professor de Matemática, e esta tinha que ser validada a cada dois anos, por meio de cursos promovidos pelo Estado da Bahia para os professores não licenciados, conforme narrado pela professora Elena Brentano. Quanto aos itens 1 e 4, a formação superior chegou no início da década de 1980, e a questão da remuneração foi um problema nos anos 1960, o que levou ao êxodo de muitos professores.

Apesar dessa regulamentação a partir da Lei Orgânica de 1946, o Brasil apresentava, em 1951, 546 Escolas Normais segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Quase a metade — 258 instituições — estava concentrada nos Estados de São Paulo e Minas Gerais e, com isso, teve início um crescimento da rede privada de Escolas Normais, o que não resolveu o problema dos docentes atuando sem formação. O Censo Escolar de 1964 apontou que, dos 289.865 professores primários em regência de classe no Brasil, 161.996 tinham realizado curso de formação profissional e o restante, quase 128 mil, eram conhecidos naquela época como professores leigos, sendo que mais de 90 mil professores identificados no Censo Escolar daquele ano tinham como formação apenas o curso primário completo (ou incompleto) . É importante destacar que os dados não poderiam problematizar a formação em termos nacionais já que os vários estados apresentavam situação diversa quanto à questão. Acredita-se que essa dualidade de escolas de formação, na maior parte dos estados brasileiros, foi de fundamental importância para a expansão da educação

primária.²⁹¹ Martins-Salandim (2012) também trata da dualidade quanto ao oferecimento de cursos de Licenciatura em Matemática em Faculdades de Filosofia, públicas ou privadas.

Porém, quando esse sistema está se consolidando, começa a ser desmontado, e isso é uma marca das políticas educacionais a partir da década de 1960, uma ruptura com um modelo vigente seguida de ações desarticuladas.

A aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61) não trouxe soluções inovadoras para o ensino normal: conservou o teor da Lei Orgânica de 1946, embora tenha permitido a equivalência legal entre todas as modalidades de ensino médio, bem como a descentralização administrativa e a flexibilidade curricular, que possibilitaram o rompimento da uniformidade curricular das Escolas Normais. Porém, a maioria dos estados conservou o sistema dual, com Escolas Normais de nível ginásial, com quatro séries no mínimo, e as de nível colegial, com três séries.

Com a intenção de aumentar os estudos e elevar o nível de formação dos professores primários, em 1962 o Conselho Federal de Educação elaborou o currículo mínimo do Curso de Pedagogia (Parecer CFE 251/62). Tal currículo traz um primeiro ensaio da formação superior do professor primário, prevendo a superação do modelo de formação em nível médio nas regiões mais desenvolvidas do país. Em 1969, outra resolução (Parecer CFE 252/69) garante a possibilidade de exercício do magistério primário pelos formados em Pedagogia, mesmo em cursos de menor duração, que realizassem estudos de Metodologia e Prática de Ensino. Essa medida norteou as mudanças curriculares nos cursos de Pedagogia nos anos 1980 e 1990, as quais procuravam ajustar os pedagogos em formação à tarefa de atuarem como professores desde os anos iniciais da escolaridade.

Com isso, o curso Normal, até então disponível, começava a se descaracterizar como instância adequada para a formação do professor das séries iniciais. Esse processo se acentuaria progressivamente com as mudanças decorrentes da legislação do regime militar e com a deterioração das condições de trabalho e de remuneração que acompanharam o processo de expansão do ensino de primeiro grau, consolidado por uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 5.692/71. Entre suas resoluções, instituiu o ensino primário de 8 anos, acabando com o Exame de Admissão

²⁹¹ Tanuri, (2000).

ao ginásio e vinculando a Escola Normal à educação profissional de 2º grau, abolindo de vez a profissionalização da Escola Normal de nível ginásial; e assim foi criada a Habilitação Específica para o Magistério. Esse contexto foi narrado pela professora Alzerita que se referiu a essa unificação como uma ação proposta pelo MEC em 1971 e, por meio de uma prova, o diploma da Escola Normal teria validade nacional.

Mesmo com mais uma resolução, as diferenças regionais permanecem nos currículos do Magistério. Por exemplo, no interior do Rio Grande do Sul, havia um curso de três anos, onde o primeiro ano era básico e, a partir do segundo e do terceiro ano, já era específico, quando não havia mais nenhuma disciplina específica do 2º grau da época. Havia apenas as metodologias, os estágios, que duravam meio ano e eram realizados em turmas de alfabetização do próprio colégio, conforme narrado pela professora Elena Brentano.

No Colégio Antônio Geraldo, em Barreiras, havia dois anos de formação geral em que os professores trabalhavam os conteúdos do 2º grau. A partir do 3º ano até o 4º, trabalhava-se mais com a Metodologia da Matemática Primária, ou seja, como ensinar determinado conteúdo a uma criança de 1ª a 4ª série. As turmas eram majoritariamente femininas, 99% eram alunas, o que demonstra a relação da mulher com o curso de Magistério, segundo a narrativa da professora Édula Fernandes. Dados do Anuário Estatístico da Bahia (BAHIA, 2012) apontam que, dos 390 alunos que concluíram os cursos superiores na área de educação – formação de professor de matérias específicas – 299 são mulheres, o que continua caracterizando a formação de docentes na região.

Quando a formação de professores primários passou a ser uma das atribuições dos cursos de Pedagogia, os currículos constantemente estavam mudando. Como exemplo, temos o curso da Uneb que, durante uma época, possuía duas disciplinas de Matemática: Fundamentos e Metodologia da Matemática 1 e Fundamentos e Metodologia da Matemática 2. Duas disciplinas de 60 horas, o que, segundo a professora Ana Maria, dava mais tranquilidade para se trabalhar o conteúdo. Depois de uma reformulação curricular restou somente uma disciplina, tornando-se complicado rever todos os conceitos, tendo em vista que alunos do curso de Pedagogia apresentavam muitas dificuldades de aprendizagem referentes à Matemática. Além disso, o tempo era exíguo para ressignificar os conceitos e adentrar em suas relações com o processo de ensino-aprendizagem da disciplina.

Com isso constatamos que muitos dos problemas sempre ocorreram ao longo do tempo, tais como: estrutura física inadequada de escolas; baixo interesse dos alunos em

seguir a carreira do magistério; deficiências didáticas; baixa remuneração de professores primários. Esses problemas são destacados pelas nossas entrevistadas e, com isso, mesmo com os cursos superiores, a carência de professores de Matemática ainda persiste. Esse fato nos leva a pensar em outros fatores além da formação, como por exemplo, a valorização do professor, não apenas no sentido da remuneração, mas no sentido do respeito, conforme foi mencionado pela professora Ana Maria ao contar o relato de seus alunos. Ela compartilhou que muitos se sentiam mais valorizados ao atuar em outras áreas, como por exemplo, ser guardas municipais ao invés de atuar como professores da educação básica.

Esse sentimento fez com que os alunos buscassem uma formação superior pensando em duas alternativas: melhor ganho salarial, pois segundo a professora Alzerita, a maioria das suas colegas eram professoras do ensino primário, as quais buscaram na Licenciatura melhorar seus proventos, mudando de carreira. Outros buscaram a formação em uma Licenciatura como primeira formação superior, pensando em outra carreira e, à medida que conseguiam essa mudança, deixavam as escolas desfalcadas de professores. Isso fazia com que fosse difícil encontrar professores para ensinar Matemática e Ciências, conforme narrou a professora Ida Coité ao falar sobre a saída de professores do Polivalente no final da década de 1970. A professora Ana Maria contou que muitos de seus alunos buscaram o curso de Pedagogia da Uneb por ser noturno, mas disse que muitos não se interessavam em seguir carreira no magistério.

Entretanto, outro fator nos faz olhar para o problema da formação, dando ênfase à estrutura curricular dos cursos. Conforme contou a professora Elena Brentano, devido a sua formação em Pedagogia e à especialização em Educação Matemática antes de iniciar o curso de Licenciatura, foi levada a trabalhar na primeira turma de Matemática da Uneb. Assim, ela lança as seguintes indagações: Onde estão atuando os alunos graduados? Por que as escolas particulares não os contratam? Trazendo como exemplo a COOPEB, instituição onde ela atuou por muitos anos, ela aponta o motivo pelo qual a direção da escola não contratava os graduados: na verdade, era pelo fato de eles saberem o conteúdo, mas apresentarem dificuldades em se relacionar com os alunos, além de não conseguirem articular o conhecimento com o ensino da disciplina, com as dificuldades que os alunos apresentavam para aprender Matemática. Um motivo para isso, ela recorda, é que quando ensinava as disciplinas da área de Educação Matemática para os alunos da Uneb, eles não estavam interessados nos conhecimentos da área. Mostravam grande preocupação com as disciplinas da Matemática como Cálculo e

Geometria e ignoravam a Educação Matemática. Esse descaso com a parte pedagógica, segundo a professora Elena, trouxe consequências em um concurso para professores do Estado em 2010 em que 40% da prova era de conhecimentos pedagógicos.

Um episódio que chamou nossa atenção foi o atraso em relação à implantação dos cursos de Licenciatura em Matemática na região. Martins-Salandim (2012) trouxe aspectos do movimento de criação dos cursos de Licenciatura em Matemática no interior do Estado de São Paulo, examinando a década de 1960. Ele pontua que esses cursos não representaram uma uniformidade na formação de professores, pois muitas propostas curriculares não eram voltadas para a formação dos professores da educação básica, mas também visavam à formação do bacharel em Matemática, para atuar na pesquisa matemática. Para a formação dos professores citados, a autora trata dos cursos vagos, que tinham aulas nos finais de semana, e esses encontros tratavam apenas dos tópicos centrais, pois esses cursos destinavam-se a professores em serviço. Com isso, percebemos que a formação dos professores de Matemática no Brasil não tem na Licenciatura o único caminho. Morais (2012) tratou da implantação do curso de Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande Norte (UERN) em Mossoró a partir de 1974 e do desenvolvimento dessa instituição, pois os professores mais antigos da cidade foram os pioneiros no curso da UERN. Antes disso, o autor destacou a atuação da CADES para a formação de professores secundários na região. Notamos aqui uma diferença significativa com a nossa pesquisa: o curso de Licenciatura em Matemática foi um dos primeiros da UERN em Mossoró enquanto que em Barreiras levou quase 25 anos, desde a implantação do ensino superior na cidade. Segundo narrou a professora Ida Coité, o curso de Matemática tardou a chegar e, quando chegou, foi de uma vez, sendo instalados na Uneb em 2006, no IFBA em 2008, na UFBA/UFOB em 2009, como cursos presenciais, além dos cursos do PARFOR, de 2010-2013, e Uneb/UAB,²⁹² de 2009-2012, nas modalidades semipresencial e EaD.

Acredito que a intenção em Barreiras foi formar em nível superior professores em geral, por isso a implantação do curso de Pedagogia, pois muitos professores que atuaram nas décadas de 1970, 1980, 1990 receberam cursos para adequação aos requisitos legais em serviço, como elas se referiram em suas entrevistas – treinamentos.

²⁹² Universidade Aberta do Brasil é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) que busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior por meio da educação a distância. A prioridade é oferecer formação inicial a professores em efetivo exercício na educação básica pública, porém ainda sem graduação, além de formação continuada àqueles já graduados. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-a-distancia-sp-2090341739/programas-e-acoes?id=12265>.

A exigência pela Licenciatura Plena para os docentes a partir do ensino fundamental II é consequência da Lei nº 9.394/96. Até então havia cursos de Licenciatura Curta para suprir essa demanda, e os cursos de Pedagogia, com as devidas adequações supriram a falta de professores. O trabalho de Macena (2013) trata da formação dos professores de Matemática em João Pessoa, na década de 1960, e nesse cenário destaca-se a atuação do curso de Matemática da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), da CADES e do Centro de Ensino de Ciências do Nordeste (Cecine). Constatamos uma particularidade do Estado da Bahia em relação à Região Nordeste, que era ter os centros próprios: Centro de Ensino de Ciências da Bahia (Ceciba) e Centro Tecnológico da Bahia (Ceteba). Enquanto que, para toda Região Nordeste, além do Cecine, havia o Cetene – Centro Tecnológico do Nordeste, localizado na cidade de Recife-PE. Mesmo com o centro próprio, suas ações não chegaram a Barreiras, tendo em vista que nenhuma das entrevistadas citou tal órgão, apenas as ações do Ceteba, como órgão que reconheceu os cursos de Licenciatura em Artes Industriais e Técnicas Agrícolas, oferecidos pelo Núcleo de Ensino Superior de Barreiras.

Como o Estado de São Paulo foi o pioneiro na oferta de Licenciatura em Matemática no interior do estado, na década de 1960, constatamos tanto na leitura de dissertações e teses do mapeamento quanto nesta pesquisa, o atraso no desenvolvimento dessas ações na região Nordeste. Também verificamos que, quando implantados os cursos, estes ficavam restritos às capitais ou às cidades maiores do estado. Em Barreiras constatamos um atraso maior ainda em relação ao próprio Nordeste, configurando a região como periférica. Por outro lado, a instalação de instituições na cidade fez com que esta se tornasse um centro para as demais localidades do oeste baiano. Nossas depoentes mencionaram pessoas que vinham de outras cidades para estudar e que elas chegaram a atuar como formadoras em diversas localidades distantes 50, 100 ou até 200 km de Barreiras. Tal fenômeno, constatamos recentemente com a implantação dos cursos citados, como Rede Uneb 2000, GESTAR, Parfor, que formaram professores em localidade como Baianópolis, Catolândia, São Desidério, Riachão das Neves, Luís Eduardo Magalhães, Cristópolis, Angical, Cotegipe, Wanderley, Serra Dourada, que vêm estudar em Barreiras. Até os dias de hoje esse fenômeno continua; vários estudantes de outras cidades procuram cursos noturnos, pois as prefeituras oferecem transporte diariamente e, assim, principalmente o curso de Matemática do IFBA recebe vários alunos oriundos dessas localidades.

Outro ponto que destacamos é que, mesmo com a oferta de cursos superiores na região, esses cursos têm baixo índice de preenchimento de vagas. No Anuário Estatístico da Bahia (BAHIA, 2012), das 120 vagas ofertadas na região para formação de professores de Ciências e Matemática, 79 foram preenchidas e não há dados sobre concluintes. Na edição seguinte desse documento (BAHIA, 2013), já aparecem os cursos da área de Ciências separados por áreas (Matemática, Física, Química e Biologia), mas sem nenhum dado computado. Esses números comprovam aquilo que foi citado em muitos depoimentos: que os alunos não têm interesse em seguir carreira na área da educação, que procuram apenas uma formação em nível superior para seguir em outra carreira e que, com isso, o déficit de professores persiste.

Como os cursos de nível superior não conseguem preencher todas as vagas disponíveis na área de ensino de Ciências e Matemática, isso reflete uma falta de interesse dos jovens na docência. Essa situação, provavelmente, é que teria levado ao fechamento do curso de ensino médio e formação de professores do Colégio Antônio Geraldo.

Por fim, todas essas situações aqui demonstradas nos convidam a pensar sobre qual o lócus da formação do professor. Convocam-nos a refletir sobre como promover uma formação que articule os conhecimentos teórico-práticos e sobre como podemos superar o paradigma da formação brasileira com suas políticas emergenciais, com a intenção de subverter e adequar requisitos legais para a atuação dos professores, muitas vezes desarticuladas.

5.3 Os cursos de formação para professores de matemática: Das adequações aos requisitos legais para o exercício da docência até os cursos de Licenciatura

Neste cenário de nossa pesquisa, percebemos que, após realizarem os cursos da Escola Normal/Magistério, as professoras começaram a atuar em sala; de início nas turmas de acordo com a respectiva habilitação; posteriormente foram sendo capacitadas para atuarem nessa área, de acordo com a necessidade de trabalhar com a Matemática. Destacamos neste contexto, as iniciativas promovidas pela Secretaria Estadual de Educação: identificamos os cursos de Estudos Adicionais (previstos pela LDB de

1971²⁹³), mas estes realizados em outras localidades; um curso de especialização em Educação Matemática pela PUC-MG; um curso abordando conteúdos de matemática de 1º grau oferecido pelo CEFET-BA para professores da rede; cursos oferecidos pelo IAT/SEC-BA e cursos oferecidos pelo Projeto Rondon, o que foi uma surpresa para nós.

Ocorre que essa capacitação não foi inicialmente a Licenciatura com habilitação em Matemática, conforme previsto desde a Lei Orgânica da Escola Normal de 1946, que recomendava, após a Escola Normal, continuidade da formação nos cursos da Faculdade de Filosofia. Mesmo elas atuando em períodos sob a vigência de diferentes LDBs (1961, 1971 e 1996), destacamos a formação inicial no Magistério como principal curso para formação docente. Posteriormente, as professoras que entrevistamos buscaram a formação superior, conforme as oportunidades que surgiam, seja nas Licenciaturas Curtas ou na Pedagogia, uma vez que as professoras com Licenciatura Plena em Matemática foram formadas fora de Barreiras. É importante destacar que, em Barreiras, havia professores que permaneceram apenas com a formação de Magistério 2º grau, acrescida de cursos de treinamento oferecidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Em geral, esses cursos estavam localizados nas capitais dos Estados e, a partir da Reforma do Ensino Superior de 1968, os cursos antes oferecidos nas Faculdades de Filosofia passaram para os departamentos (ou institutos) de Matemática (ou Ciências) das universidades. Na Bahia, o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia (FF) funcionou de 1943-1968 na Universidade da Bahia e foi responsável pela formação dos professores em Salvador, pois muitos dos professores do interior não podiam ter acesso à FF, que ficava na capital. Sua formação, portanto, ficou por conta de ações desenvolvidas pela Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) — nos municípios de Jequié, Vitória da Conquista, Alagoinhas, Serrinha e Governador Mangabeira, localizados às margens das rodovias BR-116, conhecida como Rodovia Rio-Bahia, e BR-101 — e do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (Ceciba).²⁹⁴ Apesar de não aparecerem em nossas entrevistas referências à CADES e ao Ceciba, consideramos esses dados importantes para a formação de professores secundários no interior do Brasil e, em particular na Bahia, entre as décadas de 1950 e 1970, tema recorrente dentro das pesquisas do projeto do mapeamento.

²⁹³ Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

²⁹⁴ Dias, Freire, Lando (2012).

Para os barreirenses, as opções de continuidade no ensino superior estavam no Rio de Janeiro ou Salvador, antes da fundação de Brasília. Dos egressos da Escola Normal de Barreiras, na década de 1950, temos o caso de Aurialva Almeida que, logo após concluir o curso Normal, foi para Salvador e lá fez Matemática; porém, ela não voltou, pois se casou e fez sua carreira no magistério em Salvador, conforme narrou a professora Alzerita Gomes.

Das professoras entrevistadas, duas fizeram a formação na Escola Normal em Barreiras e migraram nos anos de 1960: Alzerita para São Paulo e Ida para Brasília. Outras duas fizeram a formação agora denominada Magistério e Formação Superior em Licenciatura em Matemática, no período entre as décadas de 1970 e 1980, Ana Maria em Brasília e Maria Perpétua em Salvador. Mais duas entrevistadas chegaram a Barreiras com a formação no Magistério, entre as décadas de 1970 e a primeira metade dos anos 1980. Realizaram seus estudos no ensino superior em Barreiras, a partir da segunda metade dos anos 1980, Édula vinda de Juazeiro/Petrolina e Elena vinda de Carazinho, no interior do Rio Grande do Sul. A professora Avany fez toda sua formação em Barreiras e não chegou a sair da cidade durante sua carreira docente.

Mesmo após a chegada dos cursos superiores à cidade, na década de 1980, a formação dos professores ficava a cargo de cursos de treinamento, entre os quais podemos citar: Curso de Atualização Pedagógica para Professores de Ciências e Matemática em 1976, Curso de Treinamento para Professores de Matemática em 1985, Curso de Capacitação de Docentes de 5ª à 8ª série na disciplina Matemática, em 1995 e 1996²⁹⁵. Esses cursos eram oferecidos pelo Estado e alguns pela rede particular de ensino.

Alguns desses cursos, inclusive, foram importantes para o ingresso de professores na rede estadual, como ocorreu em 1980, quando foi realizado um curso-concurso, na cidade de Feira de Santana. Os professores de Barreiras foram selecionados para a realização de um curso nas áreas de Ciências, Inglês, Educação Física e Matemática. Foi um curso intensivo durante 15 dias, com oito horas de aula por dia e, no final, os cursistas fizeram provas de Metodologia, Didática e da matéria específica, parecidas com o vestibular. As questões eram sobre o conteúdo de Matemática de 5ª a 8ª série daquela época, pois era para professores que atuavam naquela modalidade de ensino. Segundo a professora Ida Coité, a aprovação foi mínima entre mil e poucos professores

²⁹⁵ Trechos da entrevista com a professora Avany Andrade Porto.

que fizeram o curso. Ela nos contou que, dos 40 professores que optaram por Matemática, somente os que vieram de Barreiras — Ildete, Ana Francisca, Virgulino, Darilúcia, Avany Porto e ela inclusive — foram aprovados. Como não preencheram as vagas, eles validaram esse teste como concurso para outras escolas, o que ela considerou um absurdo. Naquela época, em virtude da falta de professores, era muito comum a interferência de políticos para nomear apadrinhados como professores, o que foi chamado de “Trem da alegria” pela professora Elena Brentano, pois tal escolha não considerava a formação para nomeação dos agraciados com a nomeação. Isso ocorreu tanto no governo de Antônio Carlos Magalhães (1979-1983) como no governo de João Durval (1983-1987)²⁹⁶.

Entre esses cursos que ocorreram para capacitar os professores, a atuação do Projeto Rondon nessa área chamou nossa atenção, convidando para pesquisas futuras sobre o tema, pois existem poucas pesquisas tematizando o projeto, e o que aparece são citações nos trabalhos de Lando (2002), Baraldi (2003) e Both (2014). O Projeto Rondon foi uma iniciativa do Exército Brasileiro que começou em 1967 e tem esse nome em homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), que participou de diversas expedições ao interior do Brasil, entre o final do século XIX e começo do século XX. Ele foi responsável pela instalação de linhas de telégrafo que interligavam o país com a região amazônica. Durante as décadas de 1970 e 1980, o projeto esteve em plena atividade; porém, no final dos anos 1980, deixou de receber prioridade no governo federal e foi extinto em 1989,²⁹⁷ sendo retomado a partir de 2005.

Na primeira fase do Projeto Rondon são muito conhecidas as atividades de cunho mais assistencial desenvolvidas pelo projeto. Estas eram consideradas como um estágio, realizado no período de férias em localidades distintas, e as tarefas dos estudantes eram, por exemplo, dar vacina, coletar sangue e cortar o cabelo!²⁹⁸.

Sobre as atividades educacionais desenvolvidas pelo Projeto Rondon, há referências nas entrevistas do trabalho de Both (2014), com os professores Sérgio Antônio Wielewski e Heliete Martins Castilho Moreno, que foram rondonistas. Wielewski conta com detalhes sua passagem pelo projeto, que surgiu no momento em que ele não estava decidido se iria exercer a profissão de professor. Após inscrever-se e receber uma capacitação, ele foi trabalhar em uma comunidade ribeirinha, no município

²⁹⁶ Trecho da entrevista com a professora Elena Maria Brentano.

²⁹⁷ <http://projektorondon.pagina-oficial.com>. Acesso em: 29 nov.2015.

²⁹⁸ Trecho da entrevista de Ana Maria Cardoso, disponível em Baraldi (2003).

de Corumbá-MS, a qual possuía uma professora itinerante e, com isso, ele começou a articular melhorias naquela comunidade junto à Secretaria Municipal de Educação.

Contudo, no caso de Barreiras, o projeto chegou a atuar na capacitação dos professores, oferecendo cursos de 80 horas, em 15 dias, que ocorriam nos períodos de férias, abrangendo os conteúdos de 5^a a 8^a série. Os cursos de Matemática tinham poucos participantes, cerca de 20 pessoas de Barreiras e mais alguns das cidades do entrono, chegando a um número de 30²⁹⁹.

Outra ação que era muito comum no Estado da Bahia à época, eram os Estudos Adicionais na área de Ciências que habilitavam docentes com curso de Magistério a ministrarem aulas de Matemática e de Ciências até a 6^a série³⁰⁰.

Os Cursos de Estudos Adicionais ao Magistério de 1^o Grau eram oferecidos nas áreas de Ciências e Estudos Sociais, previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971, sendo que o item sobre a profissionalização dos professores foi alterado pela Lei nº 7.044/1982. O parágrafo 2^o do art. 30 da Lei nº 5.692/71 previa que o professor lecionasse no ensino de 1^o grau e não tivesse habilitação específica de grau superior, no caso, curso de Licenciatura (Plena ou Curta), poderia fazer um curso de um ano, chamado de Estudos Adicionais.

O curso realizado pela professora Maria Perpétua está regido pelos seguintes documentos: Resolução CEE 150/73, Parecer CEE 056-A e B/76 e Resolução 272 do D.O., de 23 de março de 1976³⁰¹. O curso possuía carga horária de 990 horas, com aulas diárias no turno noturno, com duração de um ano, aproximadamente. Ela o cursou em 1980 no Instituto Central de Educação Isaías Alves (ICEIA), na área de Ciências, que dava habilitação para dar aulas de Matemática e de Ciências até a 6^a série. As disciplinas que fizeram parte do curso foram: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Físicas e Biológicas, Programa de Saúde, Fundamentos da Educação I – Aspectos Psicológicos, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1^o Grau, Metodologia das Ciências, Prática de Ensino, Medidas e Avaliação, Estágio Supervisionado e Educação Física, da qual ela foi dispensada³⁰².

²⁹⁹ A professora Ida não se lembra dos professores que ministravam os cursos, se eram professores das instituições ou estudantes de Matemática e orientou que se procurasse o professor Bosco Pavão da FASB, que coordenou por muitos anos o projeto.

³⁰⁰ Trecho da entrevista com a professora Maria Perpétua Carvalho da Silva.

³⁰¹ Ao consultar no site do conselho estadual de educação do Estado da Bahia, encontramos as resoluções a partir do ano de 1998. Como tais resoluções datam da década de 1970, faz-se necessária uma consulta a arquivos públicos e isso deverá ser tratado em uma pesquisa futura sobre estudos adicionais.

³⁰² Trecho da entrevista com a professora Maria Perpétua Carvalho da Silva.

A Professora Ida Coité não falou em Estudos Adicionais, mas contou que fez cursos de atualização para atuar até a 6ª série, no ano de 1974, na escola Parque de Brasília.

Sobre os Estudos Adicionais em Barreiras, a professora Elena mencionou sobre esses cursos quando explicou o plano de carreira do Estado da Bahia; porém, quando estes foram oferecidos, ela já estava fazendo Pedagogia, por isso não cursou.

Os cursos adicionais são citados no trabalho de Cury (2011), ao estudar sobre as instituições formadoras em Tocantins. Ele faz referência à atuação do Centro de Formação de Professores de Tocantinópolis, instalado a partir de 1971, e aos os cursos lá oferecidos, como o Magistério de 2º grau e os cursos de Estudos Adicionais, conforme previsto pela Lei nº 5.672/1971. No mesmo trabalho, o autor, ao falar do curso de Matemática na cidade de Arraias-TO³⁰³, menciona que esse curso atendeu professores da região oeste da Bahia na década de 1990, porém nenhuma das nossas entrevistadas fez alusão a isso.

Com isso, percebemos que os Estudos Adicionais tiveram um impacto semelhante aos cursos da CADES, quando implantados na década de 1950. A diferença é que os Estudos Adicionais permitiam que o professor atuasse até a 6ª série do 1º grau e, naquele momento, com o fim do Exame de Admissão ao Ginásio e criação de um ensino de 1º grau, com oito anos, aumentou a demanda por professores para atender as turmas a partir da 5ª série. Constatamos esses impactos na região de Barreiras, em outras regiões do Estado da Bahia, incluindo Salvador, no Distrito Federal e na região norte de Goiás, pois essas regiões tiveram grande crescimento populacional entre as décadas de 1970 e 1980.

Além dos cursos que faziam parte de grandes projetos, destacamos um curso oferecido pela professora Maria Perpétua, assim que ela passou a trabalhar com dedicação exclusiva na UnED Barreiras do CEFET-BA. Para o professor obter tal enquadramento, era necessário desenvolver um projeto de extensão. Ela percebeu que, na região, não havia professores com formação em Matemática, alguns docentes tinham formação superior em Pedagogia, porém havia muitos com formação apenas no curso de Magistério, e estes não trabalhavam os conteúdos de Geometria, tanto nas escolas da rede pública como nas escolas da rede particular. Segundo relatos dos professores, eles alegavam que não dava tempo porque esses conteúdos ficavam no final do livro e assim

³⁰³ Cidade localizada a cerca de 300 km de Barreiras, porém próxima de vários povoados do oeste baiano, como por exemplo, Roda Velha e Luís Eduardo Magalhães.

foi desenvolvido um projeto de capacitação de professores de Matemática da rede pública do município de Barreiras tendo como tema o ensino da Álgebra e ensino da Geometria; explorando metodologias que permitissem aos professores a compreensão de tópicos que estão na intersecção dessas áreas da matemática escolar. Tal projeto foi o ponto inicial para uma extensão em todas as áreas. Segundo a professora Maria Perpétua, os resultados foram positivos visto que se percebeu que os professores cursistas passaram a incluir os conteúdos de Geometria em seus currículos. Quanto aos conteúdos, eram trabalhados os conceitos, demonstrações e desenvolvidas metodologias para o ensino, trabalhando com material concreto, buscando-se uma conexão da Geometria com a Álgebra. Os registros do número de participantes foram para os arquivos inativos do *campus* e a professora Perpétua não conseguiu resgatá-los. Nesse projeto foram atendidos mais de 20 professores da rede municipal.

Sobre a formação de professores nos antigos CEFETs, o trabalho de Fernandes (2011) aborda a questão da institucionalização do curso de Licenciatura do CEFET-MA, na década de 1990. O CEFET-MA e o CEFET-BA são instituições que passaram de Escola Técnica Federal para Centro Federal praticamente na mesma época. A transformação para CEFET ocorreu em 1989 no Maranhão e em 1993 na Bahia. Essa transformação permite a essas instituições a oferta de cursos superiores e pós-graduação e representa o processo de interiorização dessas instituições que, até então, estavam sediadas nas capitais. Em 1999, o CEFET-MA implantou o curso de Licenciatura Plena no ensino de Matemática, que prevê em seu projeto pedagógico licenciar professores para o ensino de Matemática nos ensinos fundamental de 5ª a 8ª série e médio, atendendo às necessidades das prefeituras do Maranhão que desejavam cumprir o art. 62 da Lei nº 9.394/96. Tal artigo prevê que a formação de docentes para atuar na educação básica será feita em nível superior, em cursos de Licenciatura Plena, em Universidades e Institutos Superiores de Educação (BRASIL, 1996; FERNANDES, 2011). Inicialmente o projeto pretendia atender a oito municípios maranhenses; porém, devido à repercussão da nova lei, o projeto foi desenvolvido em 36 municípios, por meio de convênios entre o CEFET-MA e as prefeituras (FERNANDES, 2011). Entretanto, os cursos realizados na UnED Barreiras não estão inseridos em uma política institucional do CEFET-BA. Foram apenas cursos isolados que procuraram desenvolver conteúdos que os professores não trabalhavam nas escolas. Ao contrário do que aconteceu no CEFET-MA, onde o curso foi implantado no *campus* sede – São Luís, a Licenciatura no

CEFET-BA foi implantada primeiramente no interior e, posteriormente, no *campus* Salvador, já sob a vigência da lei que criou os Institutos Federais.

Outro curso para a capacitação dos professores em serviço foi realizado no final dos anos 1990, quando o Instituto Anísio Teixeira (IAT) ofereceu uma formação intensiva para que os professores pudessem trabalhar com os conteúdos presentes na nova organização do ensino médio, que começava a partir da Lei nº 9.394/1996. Muitos dos conteúdos não eram trabalhados nos cursos de Magistério e muito menos nas disciplinas de Matemática do curso de Pedagogia, como por exemplo, Trigonometria. Durante esses cursos, os professores não tiveram acesso a livros didáticos; eram confeccionadas apostilas e listas de exercícios para poder trabalhar com os alunos. Esse curso representou uma formação muito aligeirada, com carga horária inferior a 200 horas, dividida em duas semanas em cada semestre. Com isso, os professores acabavam trabalhando com os conteúdos que sabiam melhor, deixando de lado aqueles que não dominavam, por não terem recebido uma formação que aprofundasse mais os conteúdos. Tudo ficava muito a cargo do professor, que desenvolvia seu autodidatismo buscando por si meios de estar qualificado para o ensino de Matemática.

Como um mecanismo de controle, ao final dos cursos os professores recebiam uma carteirinha, uma autorização provisória para trabalhar como professor de Matemática. Outros cursos nesse modelo de formação foram oferecidos além de Barreiras: em Bom Jesus da Lapa e em Salvador.

O curso de Pedagogia da Uneb, com início em 1987, habilitava os pedagogos para lecionar as disciplinas do 2º grau, conforme previsto em diversos pareceres emitidos entre as décadas de 1970 e 2000, como por exemplo, os documentos do Conselho Federal de Educação (CFE), números 1.304/73, 601/81, 431/83, 375/89, 207/94 e 502/94 e jurisprudências a partir da validade da LDB de 1996. Esse curso não habilitava para uma disciplina específica, mas para lecionar todas as disciplinas do 2º grau³⁰⁴, com as respectivas didáticas e metodologias. As componentes de Matemática foram Matemática Básica, Estatística e Metodologia da Matemática.

Para oferecer as disciplinas de Metodologia da Matemática, foi contratada a professora Ana Maria Porto Nascimento, que trabalhou por quase 20 anos na Uneb e acompanhou algumas mudanças no curso. Também, a partir dos anos 1980, ela foi responsável pela primeira formação em nível de graduação dos professores de Barreiras.

³⁰⁴ Trecho da entrevista com a professora Édula Fernandes Lima.

A professora Ana Maria citou vários egressos do curso de Pedagogia que atuaram por anos no ensino de Matemática, como por exemplo, Maria Helena, Ana Lúcia de Souza Alves, Ailda Sodré, Antônio Alcântara, Edna Fernandes, Carla Dias, que é filha da professora Alzerita.

A Matemática que era trabalhada nesses cursos era aquela voltada para os anos iniciais, onde eram revistos os conceitos matemáticos que o pedagogo deve ensinar para aquele nível de ensino: números, operações, os quatro eixos que estão previstos nos Parâmetros Curriculares e, segundo a professora Ana Maria Porto, eram trabalhados os conceitos fundamentais para cada tema. Alguns problemas que os alunos apresentavam merecem destaque, como por exemplo, o medo que foi criado ao longo do processo de escolarização na disciplina de Matemática. Esse medo era constatado na compreensão das operações, na leitura dos problemas e no entendimento de que raciocínios estavam sendo exigidos naquele problema. Ainda, segundo a narrativa da professora Ana Maria Porto, não adiantava pensar em metodologias de trabalho numa sala de aula se não havia domínio do conteúdo.

Outro ponto que ela destacou foi a falta de identificação com a carreira do magistério, principalmente entre os alunos do curso noturno. Havia poucos alunos que atuavam em sala, e muitos buscavam somente uma formação superior, pois aquele era o único curso noturno na Uneb. Essa impressão é vigente até os dias de hoje nos cursos de Licenciatura nos quais os alunos entram sem a perspectiva de ser professor. Isso faz com que, mesmo com cursos de formação, ainda exista falta de professores, pois esses profissionais não estão indo para a sala de aula. Essa questão cria um novo ponto a ser observado quanto a essa falta de professores, ou seja, ela se dá não pela carência de profissionais licenciados e sim pelo não ingresso ou continuidade na docência.

Fatores distintos acabam corroborando com o cenário. Entre as primeiras turmas formadas em Matemática pela Uneb, a professora Ana Maria Porto contou que muitos alunos foram trabalhar em escritórios de fazenda, no comércio e na Polícia, por acreditarem que nesses cargos seriam mais respeitados do que se atuassem como professores. Outro ponto foi destacado pela professora Elena Brentano ao contar sobre a opinião da direção de uma escola particular da cidade em relação às lacunas que os licenciados apresentam, sobretudo nas questões pedagógicas. Ela afirmou que os alunos têm um bom conteúdo específico da Matemática, mas que não conseguem se adequar às particularidades dos alunos de ensino fundamental e médio e com isso acabam tendo

problemas no relacionamento com os alunos com índices de reprovação e, com isso, ela aponta que os licenciados não estão nas escolas e se questiona sobre o porquê disso.

Da mesma forma, o que chamou nossa atenção nas entrevistas foi que muitas das nossas depoentes também atuaram como formadoras em projetos desenvolvidos a partir dos anos 2000, como por exemplo, a Rede Uneb-2000. Era um curso de Pedagogia que requeria que os professores se deslocassem de Barreiras para as cidades de Cristópolis, Angical, Riachão das Neves e Catolândia. As aulas desse curso ocorriam uma vez por semana, quatro horas inteiras da disciplina. Os conteúdos, segundo a professora Ana Maria Porto, eram trabalhos na perspectiva de como atuar na sala de aula, como ensinar as operações sem aprofundar a parte teórica, como ocorria nos cursos presenciais. No entanto, em alguns casos, a resposta era melhor que a de um licenciando, que muitas vezes entrava no curso sem a intenção de ser professor de Matemática.

Entre nossos depoentes, a trajetória da professora Elena Brentano chamou muito nossa atenção: ela iniciou no Magistério, cursou Pedagogia – por ser a única opção para formação de professores disponível nos anos de 1990, fez cursos de complementação pedagógica oferecidos pelo Instituto Anísio Teixeira (IAT) e realizou uma especialização em Educação Matemática pela PUC-MG, com a intenção de ter uma qualificação que lhe permitisse continuar com as aulas de Matemática, pois como ela explicou a preferência na distribuição de aulas era do docente que tivesse títulos na área que leciona e se, todos tivessem a mesma formação, a preferência era do professor com mais tempo de serviço.

Durante o último curso citado chama atenção as expectativas que a professora Elena despertou na coordenação do curso. Para os professores dessa pós-graduação era esperado que pedagogo ao se aproximar da área da Educação Matemática, teria como objetivo melhorar a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem da disciplina nas escolas, mas a depoente viu neste curso a possibilidade de obter uma titulação mais elevada e que lhe garantisse prioridade na escolha de aulas.

Depois disso, ela iniciou como aluna da primeira turma de Licenciatura em Matemática da Uneb em 2006; porém, em virtude dos problemas estruturais do início do curso e tendo a oportunidade de cursar a Licenciatura na modalidade a distância através do convênio SEC-BA e UNIFACS, optou pela modalidade EaD, pois, na mesma época, ela foi selecionada como professora substituta da Uneb. Assim, em decorrência de sua formação, acabou sendo professora de seus colegas nas disciplinas relacionadas à

área de Educação Matemática, após a saída da professora Ana Maria Porto da Uneb para a UFBA.

O curso a distância da UNIFACS foi destinado aos professores do quadro efetivo do Estado da Bahia que não possuíam a Licenciatura Plena na área em que atuavam. Na região de Barreiras, 11 professores concluíram o curso de Licenciatura em Matemática nessa modalidade. Segundo a narrativa da professora Elena, o curso contava com um material apostilado para as disciplinas, distribuído a cada semestre, e possuía aulas presenciais uma vez por mês, realizadas nas instalações do IAT, em Salvador. Esse programa atendeu professores de todo o estado, e os encontros na sede do IAT eram para monitoria presencial dos conteúdos referentes às listas de exercícios que faziam parte da avaliação e realização de uma prova escrita. Ainda sobre o curso, a professora Elena contou sobre as dificuldades em aprender os conteúdos a distância e disse que, além das monitorias, ela contou muito com a ajuda do professor Samuel Meira, da Uneb, na resolução das listas de exercícios. Também ponderou que nesse tipo de curso houve uma cobrança menor em relação a um curso presencial, pois naquela época, a professora Elena também atuava como docente do curso presencial da Uneb.

Mais recentemente tivemos na região duas turmas do PARFOR mantidas pela Uneb, uma em Barreiras e outra em Cristópolis. Na turma de Barreiras, as professoras Ana Maria e Elena atuaram como docentes. Conforme a professora Ana Maria narrou, muitos dos alunos da turma de Barreiras estão prestes a se aposentar e tiveram nesse curso a oportunidade de cursarem a Licenciatura na área em que atuaram durante anos sem ter formação. Acredita-se que esses professores não atuarão daqui a 10 anos.

Para finalizar, considerando que apresentamos um panorama do cenário de formação dos professores de Matemática na região de Barreiras-BA, antes da institucionalização dos cursos de Licenciatura em Matemática, cabe-nos ressaltar diante dos fatos que: foi de extrema importância o curso de Magistério na formação dos professores e dos cursos que vieram a substituir a formação em nível superior, buscando adequação aos requisitos legais.

6. Palavras finais (por hora)

Ao iniciar esta pesquisa, eu tinha uma visão muito encarcerada do tema; achava que falaria de todos os aspectos sobre a formação de professores de Matemática na região de Barreiras e que isso não renderia mais nenhum projeto de pesquisa. Lançamos uma ideia bastante aberta, ampla, e que revelou aspectos muito singulares em relação a outros projetos desenvolvidos ou em desenvolvimento no projeto de mapeamento do GHOEM.

Constatamos que, na ausência de cursos superiores na área de licenciatura, destacou-se o papel dos cursos da Escola Normal/Magistério para a formação de professores. Depois observamos que esses cursos foram substituídos por cursos da área técnica como formação superior dos professores, até surgir o curso de Pedagogia – que foi ofertado com diversas habilitações, desde magistério para as disciplinas pedagógicas de 2º grau, gestão escolar e anos iniciais.

O que levou os profissionais a atuarem no ensino de Matemática foi a falta de professores na região, o que fez com que, muitas vezes, professores com qualquer formação acabassem atuando no ensino de Matemática. No entanto, eles fizeram cursos de atualização e treinamentos, o que torna necessário corrigir a afirmação de que na região não havia professores formados.

Com esta pesquisa, atualiza-se a ideia de que os professores eram formados inicialmente na Escola Normal para atuar no ensino primário e, posteriormente, nas séries subsequentes do 1º grau, ou Contabilidade para atuar no 2º grau. Depois faziam os cursos e acabavam adequando-se aos requisitos legais para atuar no ensino de Matemática. Geralmente, quem chegou à região com a formação de Magistério e queria atuar como professor, já foi conduzido para as séries mais avançadas para lecionar Matemática. Primeiro eram colocados em situações de sala de aula e só depois é que recebiam treinamentos/formação, dando a impressão de que os professores eram jogados em sala, de acordo com a ideia título da dissertação, “Venha aqui e ensine matemática”, já que você gosta e que depois a formação vai sendo ajustada, parecendo que o professor foi “pego no laço”, em analogia a vaquejadas, tão tradicionais no interior da Bahia, e também do Nordeste brasileiro.

A formação superior na Licenciatura em Matemática era obtida fora da cidade, mas a quantidade de formados nessa área que chegava à região foi muito pouca. Além disso, em muitas escolas, tais licenciados não estão atuando.

Para entendermos o que tem levado os alunos a não atuarem em sala de aula, identificamos o fator de que a docência não é atrativa. Isso se reflete não apenas na ocupação das vagas oferecidas anualmente nos cursos da educação como também na redução de quase 70% dos ingressantes no ensino médio, em relação aos que ingressam no ensino fundamental, o que demonstra que o ensino médio na região ainda necessita de consolidação.

Espera-se que a expansão do ensino cumpra efetivamente o que é recomendado pela LDB de 1996: ações que visem à valorização do magistério. Constata-se que o não cumprimento das recomendações legais, como por exemplo, do ingresso via concurso público, plano de carreira e formação e capacitação continuada, é o que não tem tornado a docência atrativa para os egressos de licenciatura, pois vimos que os cursos não garantem a permanência desses profissionais. Esse é o desafio para os próximos anos e também reverter a desvalorização do salário do professor em relação a outras carreiras de nível superior presentes nos dias de hoje. Observar atentamente a formação, desconstruir discursos de que ser professor é vocação são fundamentais nesse processo.

As questões referentes à remuneração dos docentes chamaram atenção nesta pesquisa: o fato de o docente ter passado meses, ou mesmo anos, sem receber salários. Até os dias de hoje, temos condições precárias de trabalho em muitas escolas, com poucos concursos e muitos professores em regimes de trabalho diferentes dos estatutários; porém, tal situação será revertida nos próximos anos com a aposentadoria e necessidade de renovação do quadro do magistério das redes municipal e estadual.

Uma marca externa ao contexto de instituições e cursos foi a interferência política na estruturação e organização do ensino. Vimos que a história do Colégio Padre Vieira foi marcada por isso. Tal instituição começou como particular, foi vendida para uma fundação – que passou ao estado durante o governo de Antônio Balbino (1955-1959). Depois do estado, passou para o município, que não pagava os professores, e muitos acabaram migrando para outras cidades, com destaque para Brasília, logo após a transferência da capital em 1960. Como a cidade carecia de mão de obra, vimos que foram atraídos muitos professores primários e de ginásio que atuaram principalmente nas cidades-satélites da capital, como Gama e Taguatinga.

Nesse movimento, a escola apresentava problemas de certificação e diplomação dos egressos dos cursos técnicos de 2º grau, o que incluía a Escola Normal e, para obter tal registro, novamente recorria-se aos deputados que, em época de eleição, promoviam tal registro para agradar ao eleitorado. Todavia, as ações dos políticos também tinham alcance na hora de nomear pessoas para cargos, desde cargos efetivos até cargos comissionados como os de diretores. Da mesma forma influenciaram no fechamento de escolas, como o que aconteceu com a Fundação Educacional Custódia Rocha de Carvalho (mantenedora do Padre Vieira), e na criação de uma nova escola municipal com o mesmo nome.

Quanto à formação, mais especificamente para habilitar para o ensino de Matemática, percebe-se o papel dos cursos de treinamento, sejam esses promovidos pela Secretaria Estadual de Educação, pelo antigo CEFET-BA ou por programas governamentais (como, por exemplo, Projetos Rondon, Gestar, Parfor). Esses cursos procuravam trabalhar com os conteúdos que seriam ensinados e, em alguns casos, demandavam iniciativa do professor para que buscassem continuidade em sua formação. O que fica constatado é que mesmo esses cursos envolviam poucos professores, no máximo 30 deles. Também notamos que alguns desses cursos ficaram muito tempo sem ser oferecidos e que estão voltando agora. Destacamos o curso Programa de Aperfeiçoamento para Professores do Ensino Médio, uma parceria do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) com o IFBA-Barreiras, que vem acontecendo desde o 2º semestre de 2013.

Esta pesquisa contribuiu com mais um capítulo para a história da educação Matemática no Brasil, principalmente no campo da formação de professores que ensinaram/ensinam Matemática, enfatizando a diversidade de condições ocorridas especialmente no interior no Brasil. Isso nos levou a desconstruir alguns conceitos, como por exemplo, de que professor sem licenciatura não implica necessariamente professor não formado. Outro conceito é a noção de centro-periferia, já abordada em outros trabalhos do mapeamento; temos que Barreiras ora está na periferia (em relação aos grandes centros), ora está no centro (em relação aos municípios da bacia do Rio Grande).

Ao final desse processo, encontramos as nossas “múmias de Pompeia”.³⁰⁵ Essa metáfora é explicada por Garnica (2010) ao falar que a função da pesquisa em História

³⁰⁵ Cidade italiana destruída com a erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C. A relação com a arqueologia é descrita pelo autor: “durante a erupção os cadáveres soterrados na cidade ficaram sobre uma camada

da Educação Matemática é presentificar ausências e que o trabalho do pesquisador nessa área é semelhante ao do arqueólogo em suas escavações em Pompeia, que ficou soterrada pelas lavas da erupção de um vulcão. Quando eu visitei essa cidade, foi possível observar moldes dos corpos encontrados quando realizaram as primeiras escavações arqueológicas na cidade, no século XVIII. Fazendo uma comparação, podemos concluir que houve professores formados nos primórdios do Padre Vieira, tendo em vista que muitos vieram do Rio de Janeiro, a convite do professor Seabra, e alguns nomes foram mencionados com muito entusiasmo, principalmente pelas professoras Alzerita e Ida.

Tendo expandido e amadurecido a visão sobre o que é formar professores e sobre pesquisa em história da formação de professores, penso em dar continuidade a esse tema. A ideia é investigar as ações do Projeto Rondon, da Escola Normal de Barreiras e dos Estudos Adicionais para a formação de professores no interior da Bahia.

A realização desta dissertação, portanto, fica como um marco sobre os temas nela abordados, os quais merecem ser pesquisados adiante para continuarmos escrevendo a história da formação dos professores de Matemática na região de Barreiras.

úmida de cinzas, moldadas perfeitamente aos corpos. Com o processo de decomposição restaram moldes ocos, detectados nas escavações pelo surgimento de um vácuo em meio ao extrato sólido. Tais cavidades representam uma ausência que indicava a existência prévia de corpos – eram preenchidas com gesso líquido, material que reconstituía os corpos extintos”. (GARNICA, p. 557, 2010).

Referências.

- ALBERTI, V. *Ouvir Contar: Textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.172
- ALBUQUERQUE JR, D.M. *História – A arte de inventar o passado*. Bauru, EDUSC, 2007, 256p.
- ALMEIDA, I.P. *História de Barreiras Resumo Didático Das Origens às primeiras décadas do século XX*. Barreiras, 1998. Gráfica N.S. Aparecida. 44p.
- BAHIA. Secretaria do Planejamento. *Anuário Estatístico da Bahia v.26 - 2012*. Salvador.SEI, 2014. 692p.
- _____. Secretaria do Planejamento. *Anuário Estatístico da Bahia v.27 - 2013*. Salvador.SEI, 2014. 696p.
- BENJAMIN, W. *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994 p.197-221
- BIZZOCCHI, A. *Qual é o correto: “pra ou prá”?* Disponível em: <http://revistalingua.com.br/textos/blog-abizzocchi/qual-e-o-correto-pra-ou-pra-304098-1.asp>. Acesso em 19.ago.2015
- BLOCH, M. L.B, *Apologia da história, ou, O ofício do historiador/* tradução, André Telles – Rio de Janeiro: Zahar, 2001, 160p.
- BORBA, M.C ; SILVA, R.S.R; GADANIDIS, G. *Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: Sala de aula e internet em movimento*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014 150 p.
- BOTH, B.C. *Sobre a Formação de Professores de Matemática em Cuiabá-MT (1960-1980)*, Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014, 402f.
- BRANDÃO, P.R.B. A formação territorial do Oeste Baiano: a constituição do “Além São Francisco”. *GeoTextos*, Salvador, IGEO/UFBA, v.6, n.1, p.35-50, jul.2010
- BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Normal. Decreto-Lei nº 8530, de 02/01/1946, 1946. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 03 jan.2016
- _____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Lei nº 5692/71, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692impressao.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Lei nº 7044/82, de 18 de outubro de 1982. Altera dispositivos da Lei nº 5692/71, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L7044impressao.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Decreto nº 2208/97, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o §2º do art.36 da Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D2208.htmimpressa.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Decreto nº 5154/04, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o §2º do art.36 da Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5154.htm#art9>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Decreto nº 5840/06, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Decreto nº 6096/06, de 24 de abril de 2007. Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/D5840.htm>. Acesso em 03.jan.2016

_____. Casa Civil da Presidência da República. Subchefia de assuntos jurídicos. Lei nº 11.892/08, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm>. Acesso em 03.jan.2016

BRUNER, J. *Fabricando histórias: Direito, literatura, vida*/ Tradução, Fernando Cássio. São Paulo: letra e Voz, 2014, 137p.

CARDOSO, E.S ; ALMEIDA, M.G. O Lugar, A Paisagem e A Cultura Ribeirinha no Rio de Ondas- Barreiras- Bahia. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, IG/UFU, v.14, n.47, p.15-26, set.2013.

CARVALHO, P.R.F. *Barreiras conta sua história*. 2009, Barreiras: Colorpress 208 p.

CURY, F.G *Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado de Tocantins*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011 . 290 f

_____. *Histórias da Formação de Professores em Goiás e no Tocantins, em duas pesquisas empreendidas pelo GHOEM*. In: GARNICA, A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.179-193

_____.; SOUZA, L.A; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática *Bolema*, Rio Claro (SP), v.28, n.49, p.910-925, ago.2014.

DIAS, A.L.M.; LANDO, J.C; FREIRE, I.A. Formação de professores na Bahia: Os cursos de matemática e de didática da faculdade de filosofia (1943-1968). In: BRITO, A.J; FERREIRA, A.C; MIORIM, M.A (Orgs) *Histórias da formação de professores que ensinaram matemática no Brasil*. Campinas: Ilion, 2012, p.115-135.

DOCUMENTA. Brasília: Conselho Federal de Educação, n.264, nov.1982

FAUSTO, B. *História do Brasil* – 14ª ed. São Paulo, Editora: edusp, 2012. 566p.

FERNANDES, D.N *Sobre a Formação do Professor de Matemática no Maranhão: Cartas para uma Cartografia Possível*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2011 . 388 f

_____.; GARNICA, A.V.M *A Formação do Professor de Matemática no Maranhão: Das cartas de uma cartografia possível*, In: GARNICA, A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.153-178

GARNICA, A.V.M. *Cartografias Contemporâneas: Mapear a Formação de Professores de Matemática*, In: GARNICA, A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.39-66

_____. *História Oral e Educação Matemática*, In: BORBA, M.C; ARAÚJO, J.L (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: autêntica, 2013. p.87-109

_____. *Presentificando ausências: A formação e atuação dos Professores de Matemática*, In: CUNHA, A.M.O et ali (Orgs). *Convergências e tensões no campo da formação e da prática docente*. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2010, 693 p.

_____. *Notas sobre Narrativa e Educação Matemática*, In: LOPES, C.E; NACARATO, A.M (Orgs.). *Educação Matemática , Leitura e Escrita - Armadilhas, Utopias e Realidade*. – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009, p. 79-99

_____. Analisando Imagens: um ensaio sobre a criação de fontes narrativas para compreender os Grupos Escolares. *Bolema*, Rio Claro (SP), v.23 n° 35^a, p.75 a 100, abril 2010. (Publicado em CD-ROM)

____ ; FERNANDES, D.N; SILVA, H. Entre a Amnésia e a Vontade de nada Esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Bolema*, Rio Claro (SP), v.25, n.41. p.213-250, dez.2011 (Publicado em CD-ROM)

____; SOUZA, L.A. *Elementos de História da Educação Matemática*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, 384 p.

____; MARTINS, M.E Educação e Educação Matemática em escolas rurais do Oeste Paulista: um olhar histórico. *Zetetiké Revista de Educação Matemática*, Campinas (SP), v.14, n.25, 2006, p.29-64

GOMES, M.L.M. Formação e Atuação de Professores de Matemática, Testemunhos e Mapas, In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.11-37

LEDA, D.B. Universidade Nova/ Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: Mais uma dose da Reforma Universitária? In: 30° Reunião anual da ANPED, 2007, Rio de Janeiro: UERJ. Disponível em: <<http://www.anped11.uerj.br/30/GT11-2936--Int.pdf>>
Acesso em 16.dez.2015

LEMOS, G.L.R. A Escola Normal na Bahia e a Educação Feminina. In: X JORNADA DO HISTEDBR, 2011, Vitória da Conquista-BA. Anais. Vitória da Conquista-BA:UESB, 2011, 15 p. Disponível em:
<
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/zRq4aLpK.pdf>
Acesso em 28.set.2015

MACENA, M.M.M. *Sobre formação e prática de professores de Matemática: estudo a partir de relatos de professores, década de 1960, João Pessoa (PB)*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013 . 369 f

MARTINS-SALANDIM, M.E. *Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: História, práticas e marginalidade, Dissertação (Mestrado em Educação Matemática)* - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007, 265f.

_____. *A interiorização dos cursos de matemática no estado de São Paulo: um exame da década de 1960* Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro,2012 , 377f.

_____; SOUZA, L.A; FERNANDES, D.N História Oral em Educação Matemática: contribuições para um referencial metodológico. In: *Ciências Huma. e Soc. em Revista*. Seropédica, RJ, EDUR, v.32,n.2, jul-dez, 2010.

_____; GARNICA, A.V.M. Um Movimento, suas clareiras e desvãos: A expansão das licenciaturas pelo interior paulista e as concepções sobre formação de professores de matemática, In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.129-151

MORAIS, M.B *Peças de uma história: Formação de professores de Matemática na região de Mossoró(RN)*, Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012, 300f.

OLIVEIRA, F.D. Hemera: sistematizar textualizações, possibilitar narrativas. Tese (Doutorado em Educação para Ciência) - Faculdade de Ciências – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2013 p.15-55

OLIVEIRA, J.L. *Texto acadêmico – Técnicas de redação e de pesquisa científica*. 6 ed.ampliada e atualizada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 224 p.

PACHECO, E.M; PEREIRA, L.A.C; SOBRINHO, M.D. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: Limites e Possibilidades. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v.16, n.30, p.71-88, jan/jun.2010. Disponível em : < <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/viewFile/1429/1065>>. Acesso em 14.dez.2015.

PAMPLONA, L.G. *Barreiras, Bê-A, ... da Barra pra cá!* Barreiras, 2002, 303 p.

RITTER, C. Reflexões Epistemológicas sobre os “Territórios de identidade”. Geografar Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, Curitiba(PR),v.6, n.1, jun 2011, p.95-109. Disponível em: www.ser.ufpr.br/geografar/article/viewFile/21805/14197>. Acesso em 11. Mai.2016.

ROCHA, G. *O Rio São Francisco – Fator Precípua da Existência do Brasil – 4 ed – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004 [original de 1941].*

ROCHA, L.M *Dicionário de Barreirês*. Barreiras: NOVOESTE Editoração e Publicações Ltda, 1996.

ROCHA, L.M.F A Escola Normal na província da Bahia. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008: Aracaju, Sergipe. 19 p. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/10.pdf>. Acesso em 28.set.2015

ROLKOUSKI, E. *Vida de Professores de Matemática – (Im)Possibilidades de Leitura*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2006 . 298 f

SAVIANI, D. História das ideias pedagógicas no Brasil - 4 ed - Campinas, SP, autores associados, 2013 (coleção memória da educação) 474 p.

_____. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro, *Revista Brasileira de Educação*, v.14, n.40, jan/abr. 2009. Disponível em:

< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf> > Acesso em 10 jan.2016

SCHAFFRATH, M.A.S. Escola Normal: O Projeto das elites Brasileiras para a formação de professores. In: I Encontro inter artes, 2009, FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ. Anais. Curitiba, 2009. p.142-152. Disponível em: <http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/I_encontro_inter_arts/20_Marlete_Schaffrath.pdf>. Acesso em 28 set.2014

SILVA, H. *Centro de Educação Matemática (CEM): Fragmentos de Identidade*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2006 . 448 f

SILVA, H ; SOUZA, L.A. A História Oral na pesquisa em Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro (SP), v.20, n.28, set.2007. (Publicado em CD-ROM)

SOUZA, L.A. Narrativas no Trabalho com História Oral. In: Anais do 2º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática: fontes, temas, metodologias e teorias : a diversidade na escrita da história da educação matemática no Brasil. Bauru: Faculdade de Ciências, 2014 1283 p. Disponível em: <http://www2.fc.unesp.br/enaphem/anais>

_____; GARNICA, A.V.M. Movimentos de um Movimento: um estudo sobre os significados atribuídos ao escolanovismo e seus ritmos. *Educação Matemática Pesquisa*, São Paulo, v.14, n.3, p. 481-506, 2012.

TANURI, L.M. História da Formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*. Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação, n.14, mai/jun/jul. 2000 p. 61-88. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05> > Acesso em 28.set.2015

THOMPSON.P . *The Voice of the Past*. Oxford University Press, Third Edition 2000 368p.

VIANNA, C.R Sem Título In: GARNICA,A.V.M (Org.). *Cartografias Contemporâneas- Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil*. Curitiba: Editora Appris, 2014. p.67-85

Anexos.**Anexo 1: Cartas de Cessão.**

Carta Cessão de Direitos

Eu, Elena Maria Brentano, RG 21.511.525-29 declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi no dia 26/11/2014, com duração de 1 hora 28 minutos e 31 segundos e no dia 12/03/2015, com duração de 32 minutos e 35 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



Elena Maria Brentano

Carta Cessão de Direitos

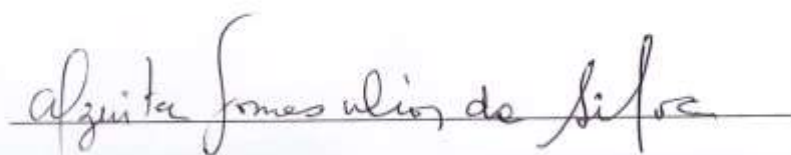
Eu, Ana Maria Porto Nascimento, RG 20.805.921-60, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi no dia 29/11/2014, com duração de 30 minutos e 24 segundos e no dia 23/03/2015, com duração de 42 minutos e 20 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



Ana Maria Porto Nascimento

Carta Cessão de Direitos

Eu, Alzerita Gomes Dias da Silva, RG 1634097, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi no dia 11/03/2015, com duração de 1 hora 37 minutos e 04 segundos e no dia 20/03/2015, com duração de 1 hora 15 minutos e 04 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.



Alzerita Gomes Dias da Silva

Carta Cessão de Direitos

Eu, Ida Coité Rabelo Leite, RG 494.021, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi no dia 16/03/2015, com duração de 1 hora 23 minutos e 28 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Ida Rabelo Coité Leite

Ida Coité Rabelo Leite

Carta Cessão de Direitos

Eu, Maria Perpétua Carvalho da Silva, RG 617.249.04, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi no dia 17/03/2015, com duração de 1 hora 1 minuto e 20 segundos, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

Maria Perpétua Carvalho da Silva

Maria Perpétua Carvalho da Silva

Carta Cessão de Direitos

Eu, Édula Fernandes Lima, RG 1.032.788-69, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi no dia 23/03/2015, com duração de 41 minutos e 37 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.




Édula Fernandes Lima

Édula Fernandes Lima

Carta Cessão de Direitos

Eu, Avany Andrade Porto, RG 00.790.867-99, declaro ceder à Fábio Bordignon, RG 20.809.346-00, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação da entrevista que lhe concedi no dia 24/03/2015, com duração de 29 minutos e 54 segundos e, também, os direitos sobre a textualização (a mim apresentada e por mim conferida e validada) do referido registro oral.

A handwritten signature in blue ink, reading "Avany Andrade Porto", is written over a horizontal line.

Avany Andrade Porto

Anexo 2: Histórico Escolar da Escola Normal de Barreiras.

Documento digitalizado que serviu para compararmos o currículo da Escola Normal, com o currículo proposto pela Lei Orgânica da Escola Normal de 1946.

Alzerita Jones Dias da Silva
Nome do Aluno

19 de abril de 1937 Corumbá Mato Grosso
Data de nascimento Cidade Estado

Pedro Jones
Nome do Pai

F. E. C. D. C. Anna Benedicta Amorim Gomes
Ginásio Padre Vieira Nome da Mãe



Escola Normal de Barreiras
Escola Técnica de Comércio
de Barreiras

Ginásio Padre Vieira
Estabelecimento que expede o certificado de curso ginásial

Barreiras Bahia
Cidade Estado

Fundação Educacional Custódia - Escola de Cervellia
Ginásio Padre Vieira e Escola Normal
de Barreiras - Bahia

CURSO Pedagógico

	Português	Inglês	Matemática	Física	Química	Biologia	Zoologia	Economia e Direito	Desenho	Canto	Ed. Física	Contabilidade	Metodologia	Pedagogia	Ed. Social	Trabalho manual	Psicologia	Logica e Sociologia	Práticas	Global	
1ª Série	835	591	681	801	835	894	140	565	829	929	930										483
Escola Normal de Barreiras		1956		M ^{te} da Conceição Lias da Matt																	
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Inspetor																	
2ª Série	598						656	695		922	432	485	125	929		517					434
Escola Normal de Barreiras		1957		M ^{te} da Conceição Lias da Matt																	
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Inspetor																	
3ª Série							685		904			451	620			552	640				691
Escola Normal de Barreiras		1958		M ^{te} da Conceição Lias da Matt																	
Nome do Estabelecimento		Ano		Nome do Inspetor																	
 Diretor SECRETÁRIO		 Reginaldo Cesar S. Silva Secretário																			